

n. 15 2026/1

FERNÃO

Revista do Núcleo de Estudos e
Pesquisas da Literatura do Espírito Santo

Portfólio **Silvana Pinheiro**



NEPLES



Núcleo de Estudos
e Pesquisas da
Literatura do ES

PROL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

UFES

SUMÁRIO

SUMMARY

Editorial

Editorial

Cláudia Paulino de Lanis Patrício, Maria Mirtis Caser | 4-6

Portfólio

A obra literária de Silvana Pinheiro: lirismo e encantamento

Francisco Aurelio Ribeiro | 7-15

Alguns temas em Silvana Pinheiro: perfil de uma obra em construção

Grace Alves da Paixão, Vitor Siqueira Macieira | 16-44

***femear* com "f" minúsculo: uma reflexão sobre o feminino**

Maristela Rodrigues Lopes | 45-67

Entrevista

Os diferentes papéis e textualidades de Silvana Pinheiro: entrevista literária

Vitor Cei | 68-149

Ficção Inédita

Dois poemas

Silvana Pinheiro | 150-151

Memória

Polêmica no mundo dos insetos (1997)

Ivana Esteves | 152-153

Silvana Pinheiro (1998)

Francisco Aurelio Ribeiro | 154-156

Beija-flor (1999)

A Gazetinha | 157-158

Palavras para crianças (1999)

Projeto *A Gazeta* na Sala de Aula | 159-163

Pelos belos caminhos de Augusto Ruschi (1999)

Renata Rasseli | 164-166

Ruschi em livro infantil (1999)

Sandra Daniel | 167-169

Silvana Pinheiro (2005)

Graça Neves | 170-171

Pinheiro, Silvana (2008)

Francisco Aurelio Ribeiro, Thelma Maria Azevedo | 172-173

Um dedo de prosa – Silvana Pinheiro (2012)

Natália Gadioli | 174-193

Dualidade e transcendência ([2014])

Herbert Farias | 194-199

Apresentação (2014)

Paulo Roberto Sodré | 200-206

Livro de poesias com olhar feminino (2014)

Rafael Moura | 207-208

Silvana Pinheiro lança o livro *femear* na Biblioteca Estadual (2014)

Século Diário | 209-211

Rompendo as fronteiras do estado com Silvana Pinheiro (2018)

Ivana Esteves Passos de Oliveira | 212-217

Orelha de *Próximo passo* (2023)

Alfredo Andrade | 218-219

**Silvana Pinheiro, escritora: "Novas gerações lidam com uma vida irreal"
— Estúdio Tribuna Online #93 (2024)**

Luciano Rangel | 220-238

Saúde&Livros na janela da Paulista: Silvana Pinheiro (2026)

Isabella Fomm | 239-245

Seleta

**Encruzilhadas de poesia e prosa em Hudson Ribeiro:
seleta afro-capixaba**

Luana Gabriela Paslawski, Vitor Cei | 246-271

Resenha Autoral

***[in]porta:nte*, de Aline Prúcoli Souza**

Aline Prúcoli Souza | 272-278

***Mariposa noturna em veranico de maio*, de Anaximandro Amorim**

Anaximandro Amorim | 279-284

***Memorandos para a tribo – poemas*, de Fernando Achiamé**

Fernando Achiamé | 285-291

***Versos de planta entre sonho e miséria*, de José Ruy Pimentel de Castro**

José Ruy Pimentel de Castro | 292-297

***Jardineiro: poemas de despedida*, de Marcus da Costa**

Marcus da Costa | 298-304

Vária

Do sinal de alerta em *Aí de ti, Camburi*, de Andréia Delmaschio

Maria Mirtis Caser, Telma Martins Boudou | 305-325

Universidade Federal do Espírito Santo

Reitor: Eustáquio Vinícius de Castro

Vice-Reitora: Sonia Lopes Victor

Pró-reitoria de Pesquisa e Pós-graduação

Pró-Reitor: Valdemar Lacerda Júnior

Centro de Ciências Humanas e Naturais

Diretora: Luciana Ferrari de Oliveira Fiorot

Vice-Diretor: Rafael da Silveira Gomes

Programa de Pós-Graduação em Letras

Coordenador: Luis Eustaquio Soares

Coordenador-Adjunto: Roberto Ferreira Junior

Núcleo de Estudos e Pesquisas da Literatura do Espírito Santo

Coordenador: Vitor Cei

Coordenadora-Adjunta: Andressa Zoi Nathanailidis

Editor-gerente da *Fernão*

Vitor Cei

Editoras do Número 15

Cláudia Paulino de Lanis Patrício (Universidade Federal do Espírito Santo)

Maria Mirtis Caser (Universidade Federal do Espírito Santo)

Conselho Editorial - Pareceristas

Arlene Batista da Silva (Universidade Federal do Espírito Santo)

Andressa Zoi Nathanailidis (Universidade Federal do Espírito Santo)

Augusto Massi (Universidade de São Paulo)

Benjamin Rodrigues Ferreira Filho (Universidade Federal de Mato Grosso)

Ester Abreu Vieira de Oliveira (Universidade Federal do Espírito Santo)

Fernando Maués de Faria Júnior (Universidade Federal do Pará)

Francisco Aurelio Ribeiro (Academia Espírito-santense de Letras)

João Claudio Arendt (Universidade Estadual do Rio Grande do Sul)

Josina (Jô) Nunes Drumond (Academia Espírito-santense de Letras)

Jorge Luiz do Nascimento (Universidade Federal do Espírito Santo)

José Irmo Gonring (Universidade Federal do Espírito Santo)

Karina de Rezende-Fohringer (Universität Wien)

Keila Mara de Souza Araújo Maciel (Universidade Federal do Sul da Bahia)

Lino Machado (Universidade Federal do Espírito Santo)

Lucas dos Passos (Instituto Federal de Educação do Espírito Santo)

Luis Eustaquio Soares (Universidade Federal do Espírito Santo)

Luiz Antonio de Assis Brasil (Pontifícia Universidade Católica-Rio Grande do Sul)

Maria Amélia Dalvi (Universidade Federal do Espírito Santo)
 Maria Cristina Ribas (Universidade do Estado do Rio de Janeiro)
 Maria José Sabo (Universidad Nacional de Río Negro - Argentina)
 Maria Mirtis Caser (Universidade Federal do Espírito Santo)
 Michele Freire Schiffler (Universidade Federal do Espírito Santo)
 Paulo Dutra (The University of New Mexico)
 Paulo Roberto Sodré (Universidade Federal do Espírito Santo)
 Rafaela Scardino (Universidade Federal do Espírito Santo)
 Rafael Campos Quevedo (Universidade Federal do Maranhão)
 Sérgio da Fonseca Amaral (Universidade Federal do Espírito Santo)
 Vincenzo Arsillo (Università Ca' Foscari – Venezia)
 Wilson Coêlho (Associação Capixaba de Escritores)

A gerência, o conselho e a comissão editoriais deste periódico esclarecem que as ideias e pontos de vista, a revisão textual e as obrigações legais pela autenticidade e originalidade dos textos são de inteira responsabilidade dos/as autores/as, que submeteram seus trabalhos de livre vontade às/aos editoras/es do número.

Catlogação:

Saulo de Jesus Peres – CRB 12/676

Revisão:

Os/as autores/as

Capa da nova série:

Vitor Cei

Fotografia de Silvana Pinheiro na capa:

Vitor Cei

**Fernão – Revista do Núcleo de Estudos e Pesquisas
da Literatura do Espírito Santo**

Núcleo de Estudos e Pesquisas da Literatura do Espírito Santo
Programa de Pós-graduação em Letras
Centro de Ciências Humanas e Naturais
Universidade Federal do Espírito Santo

<<http://periodicos.ufes.br/fernao>>
neples.ppgl@gmail.com

<https://blog.ufes.br/neples/?page_id=222>

Dados Internacionais de Catalogação-na-publicação (CIP)

Fernão [recurso eletrônico] / Universidade Federal do Espírito Santo,
Programa de Pós-graduação em Letras. – ano 8, s. 2, n. 15
(2026) - . – Vitória : Ufes, PPGL, 2019- .
v.
Semestral

Modo de acesso: World Wide Web:
<<http://periodicos.ufes.br/fernao>>

ISSN **2674-6719** (online)

1. Literatura – Periódicos. 2. Crítica – Periódicos. I. Universidade
Federal do Espírito Santo, Programa de Pós-graduação em Letras.

CDU 82(05)

EDITORIAL

EDITORIAL

Com o propósito atualizado de publicar estudos inéditos e editados sobre a literatura proveniente do Espírito Santo, seja a produzida por naturais aqui ou alhures, por naturalizados ou por itinerantes que por aqui passaram ou permanecem por tempo indeterminado, a *Fernão* chega ao seu oitavo ano, segunda série e décimo quinto número.

Uma publicação do Núcleo de Estudos e Pesquisas da Literatura do Espírito Santo (Neples) do Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) do Centro de Ciências Humanas e Naturais (CCHN) da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes), a revista tem contado com colaborações que procuram valorizar e dar visibilidade à produção local em diversas autorias, modalidades, gêneros textuais, temas e formas. Tal objetivo persistentemente empreendido lhe rendeu a classificação B2 pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) do Ministério da Educação (MEC) neste ano.

Seis seções compõem este número. Na *Portfólio*, dedicada à obra literária de Silvana Pinheiro, Francisco Aurelio Ribeiro, em “A obra literária de Silvana Pinheiro: lirismo e encantamento”, observa como a autora lança mão do lirismo para evitar ou contornar o direcionamento ideológico que frequentemente vincula a literatura para crianças e jovens a uma perspectiva pedagógica e panfletária. Em “Alguns temas em Silvana Pinheiro: perfil de uma obra em construção”, Grace Alves da Paixão e Vitor Siqueira Macieira expõem aspectos de uma trajetória em

construção, selecionando textos da autora que trazem, entre outros, os temas do letramento literário, da proteção da natureza, do sentimento de ser mulher, da religiosidade, da maternidade. Maristela Rodrigues Lopes, por sua vez, em “*femear* com “f” minúsculo: uma reflexão sobre o feminino”, considera elementos textuais e extratextuais que constam do livro de poemas *femear* (2014), para refletir a respeito do “feminino”, procurando evitar a associação da obra de Silvana Pinheiro ao que se convencionou denominar “escrita de mulher”.

A segunda seção, *Entrevista*, expõe um perfil detalhado da trajetória literária de Silvana Pinheiro por meio das perguntas de Vitor Cei em “Os diferentes papéis e textualidades de Silvana Pinheiro: entrevista literária”. As respostas, ilustradas por diversas fotografias e documentos do acervo da autora, ajudam o leitor e a leitora a terem uma ideia abrangente do seu percurso diversificado de escritora voltada para o público infantil, juvenil e adulto, seja em prosa, seja em verso.

Na *Memória*, prefácios, orelhas, entrevistas, matérias jornalísticas e verbetes são reunidos, para cobrir o período de 32 anos de atividade literária, marcada pela estreia da autora com a publicação da narrativa premiada para crianças, *História de estrela*, em 1994.

Dois poemas inéditos de Silvana Pinheiro, “escrivãozinho” e “[menos mangue]”, são publicados na seção *Ficção Inédita* deste número, o que permite aos leitores e leitoras perceberem o que a autora tem produzido recentemente e após a edição de sua autologia — isto é, uma antologia preparada pela própria autora — *Próximo passo*, de 2024.

Hudson Ribeiro, autor homenageado no Bravos/as Companheiros/as e Fantasmas: XII Seminário sobre o/a autor/a capixaba, de 2026, foi escolhido por Luana Gabriela Paslawski e Vitor Cei para a seção Seleta. “Encruzilhadas de poesia e prosa em Hudson Ribeiro: seleta afrocapixaba” apresenta uma amostra tanto da poesia como da narrativa ficcional contra-hegemônica do autor, em que se notam, por meio do protagonismo negro, aspectos da realidade de vozes sistematicamente menosprezadas pela história oficial.

Uma autora e quatro autores, de diferentes percursos literários e experiências editoriais, expõem na seção *Resenha Autoral* seu itinerário de escrita criativa e os aspectos de destaque em seus novos livros: os poemas visuais de *[in]porta:nte*, de Aline Prúcoli Souza; os contos de *Mariposa noturna em veranico de maio*, de Anaximandro Amorim; os poemas de *Memorandos para a tribo*, de Fernando Achiamé; os *Versos de planta entre sonho e miséria*, de José Ruy Pimentel de Castro, e os poemas de estreia de *Jardineiro: poemas de despedida*, de Marcus da Costa.

Na nova seção, *Vária*, inaugurada no número passado, publicamos o artigo “Do sinal de alerta em *Ai de ti, Camburi*, de Andréia Delmaschio”, de Maria Mirtis Caser e Telma Martins Boudou, em que se analisam aspectos desafiadores da narrativa delmaschiana, em especial a onomástica e seu papel constitutivo dos sentidos do romance que atualiza um dos temas mais clássicos da literatura ocidental: a triangulação amorosa.

Com essas seções esperamos que o objetivo persistente da *Fernão*, isto é, propor, divulgar e registrar estudos de diversas perspectivas teóricas sobre obras literárias brasileiras realizadas no Espírito Santo ou por capixabas espalhados/as pelo mundo, receba novo fôlego neste primeiro número de 2026.

Boa leitura.

Cláudia Paulino de Lanis Patrício
(Universidade Federal do Espírito Santo)

Maria Mirtis Caser
(Universidade Federal do Espírito Santo)

A OBRA LITERÁRIA DE SILVANA PINHEIRO: LIRISMO E ENCANTAMENTO

THE LITERARY WORK OF SILVANA PINHEIRO: LYRICISM AND ENCHANTMENT

Francisco Aurelio Ribeiro*

Quando escrevo para crianças, sou compreendida, mas quando escrevo para adultos fico "difícil"? Deveria eu escrever para os adultos com as palavras e os sentimentos adequados a uma criança? Não posso falar de igual para igual?

Clarice Lispector

A literatura escrita para crianças, desde a sua origem, talvez, na Antiguidade Clássica greco-latina (se considerarmos as fábulas) ou, na Idade Média (se levarmos em conta os contos maravilhosos ou os contos de fadas), foi sempre marcada pelo desafio de se encontrarem

* Doutor em Literatura Comparada pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

"palavras e sentimentos" adequados que pudessem estabelecer um diálogo salutar escritor/leitor.

A literatura infantil é marcada, sempre, 'a priori', por um adulto (escritor/editor/crítico/pai) que a direciona a uma criança (leitora/receptora) do texto a ela dirigido. Em poucos momentos da história, pôde a criança escolher o que fosse melhor para ela e mesmo o gosto da criança por determinada obra de leitura é, quase sempre, comprometido com uma visão do adulto que a condiciona.

Daí provém o eterno vínculo da Literatura escrita para crianças com o pedagógico, o moralismo e o adultismo. As histórias são escritas, em sua maioria, para transmitir valores, conceitos, lições, visões de mundo que são predominantes em determinadas épocas. Sobretudo em uma literatura infantojuvenil mais recente, há uma intenção clara de utilizá-la como instrumento ideológico ou de afirmação identitária. Parece que os livros escritos para crianças perderam o caráter "de arte" para servir de ensinamento sobre racismo, sexismo, consciência ambiental, dentre outras bandeiras contemporâneas.

Seria possível desvincular da literatura o estético do ideológico? Dever-se-ia diminuir ou extinguir a ligação entre a literatura Infantil e a pedagogia ou a psicologia genética, que determina "estágios evolutivos" e faixas de interesse por determinadas obras literárias? Seria possível fazer uma literatura antirracista sem tornar isso como pressuposto primeiro da criação? Como tomar todas essas bandeiras de uma educação progressista e libertadora sem transformar a literatura em panfleto identitário? É o que vamos procurar mostrar na obra de Silvana Pinheiro, escritora capixaba que há trinta anos publica para leitores, preferencialmente, infantojuvenis, com lirismo e encantamento, fazendo da palavra a obra de arte que a literatura enseja.

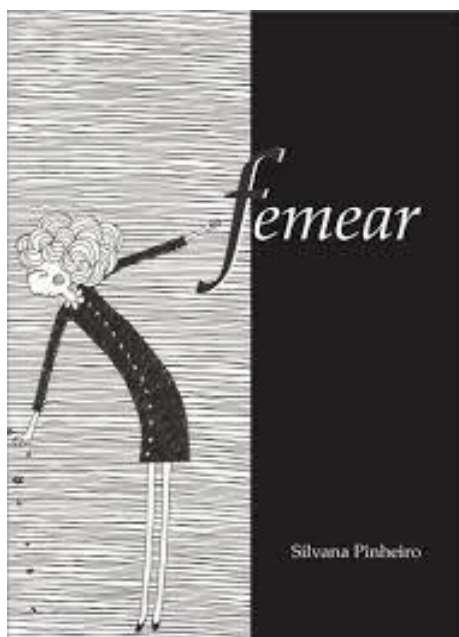
Sabe-se, pela história da recepção dos textos literários, que essa se atualiza de maneiras muito diferentes. Não é possível, em um só momento, produzir-se toda a diversidade das possíveis significações de um texto, já que os sentidos de um texto podem ser realizados sucessivamente, em diferentes leituras e em diferentes momentos do processo de formação de um leitor. As obras de Monteiro Lobato, representante-mor da literatura brasileira produzida para crianças, no passado, hoje é desaconselhada, se não houver uma orientação sobre a linguagem de sua época carregada de preconceitos raciais e sexistas.

Na relação tradicional autor/texto/leitor, o autor projetava uma imagem de si próprio e a duplicava no leitor. Este tornava-se o 'alter ego' do emissor textual, a partir de sinais retóricos que orientavam a reconstrução do texto conforme o desejo ou a intenção do autor ou de uma ideologia. Uma leitura, ou recepção, bem-sucedida, previa consenso entre duas instâncias, a de produção e a de recepção do texto literário. Esse tipo de figura de leitor supunha um sentido independente, exemplar, pré-concebido da obra literária e uma atitude contemplativa, receptiva, alienada, passiva do leitor em relação ao sentido formulado pelo texto. E como se situa a obra literária de Silvana Pinheiro nesse contexto? Averiguemos.

Silvana Pinheiro é mestra e doutora pela Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes), graduada em Letras e Pedagogia, atuava como educadora na Rede Estadual de Ensino, de que se aposentou recentemente, e realiza palestras, cursos e oficinas ligados à formação de mediadores de leitura. É autora, em trinta e um anos de publicação, de quinze obras, de diferentes gêneros literários e em diferentes editoras, em Belo Horizonte (05), São Paulo (04), Rio de Janeiro (01) e Vitória (05). São eles: *História de estrela*, 1994; *O jogo dos sete tempos*, 1995; *De bichos, pequenos e grandes*, 1997; *Houve um beija-flor*, 1998; *Uma luz no fim do beco*, 2001; *Amar o mar*, 2004; *A casa rosa*, 2004; *Vitória, uma ilha cercada de terras*, 2007; *Amigos da Terra*, 2009; *femear*, 2014; *Feita em casa*, 2021; *Sem licença: a poética de Adélia Prado*, 2022; *Notícias para Marina*, 2023;

Das Histórias da Tartaruga, 2024 e *Próximo passo*, 2024. Dos seus quinze livros, a maior parte foi escrita, especificamente, para crianças, e outros para jovens e adultos.

Dentre esses, *femear*, o décimo livro e o primeiro de poesia voltado para o público adulto. Para a escritora, o título do livro traduz a essência da obra: um olhar feminino sobre a vida, os relacionamentos, o mundo: “Uma perspectiva humana, mas com uma ótica feminina”, declara (Pinheiro, 2014). Com 108 páginas, a obra é composta por 35 poemas curtos e longos, em diversa formatação poética (rondó, soneto, poema-minuto) e em variada configuração intertextual (Drummond, Catulo da Paixão Cearense, cantigas populares, Bíblia, Homero).



Capa de *femear*, de Silvana Pinheiro.

Outros são mais informativos, como *Vitória, uma ilha cercada de terras*, com belíssimas ilustrações de Joyce Brandão, em que Silvana conta a história da capital do Espírito Santo, uma das cidades mais antigas do Brasil, uma ilha parte de um arquipélago de pequenas ilhas, que foi, com o tempo, criando pontes e aterros para se unir ao continente. Narrada em primeira pessoa, Vitória,

construída à beira-mar, convida o leitor a entranhar-se a sua história com um convite sedutor: “Sinta-se em mares capixabas e navegue pelos dias antigos desta terra” (2007, p. 3).



Capa de *Vitória, uma ilha cercada de terras*, de Silvana Pinheiro.

Silvana Pinheiro é natural de Vitória, cidade-ilha, cidade-porto, por isso, o mar é tema ou assunto recorrente em sua obra, pois está presente desde a sua primeira obra, *História de estrela*, que era do mar, mas sobretudo em *Amar o mar*, obra poética em que os signos mar/amar são recriados sob diferentes formas. Outras obras mais informativas de Silvana Pinheiro, mas não menos poéticas, são *Houve um beija-flor*, uma recriação poética da vida de Augusto Ruschi (1915-1986), o principal ecologista capixaba e brasileiro, defensor das florestas e dos colibris, e *Amigos da Terra*, em que retoma a vida de Augusto Ruschi e de outros ecologistas capixabas que morreram lutando pela preservação ambiental.

Seu primeiro livro para crianças, publicado em 1994, foi, como mencionado, *História de estrela*, em que a autora apresenta uma história poética, tematizando a fraternidade e conceitos como adaptação, pertencimento, ecossistema marinho, astronomia e propósito de vida, se configurando como um importante instrumento para reflexão e fruição literária das crianças. Como educadora e

poeta, Silvana Pinheiro consegue fazer uma obra literária extremamente rica, em que o conteúdo não se sobrepõe ao estético.



Capa de *História de estrela*, de Silvana Pinheiro.

Trinta anos depois de ter publicado seu primeiro livro infantojuvenil e uma dezena de outros, Silvana Pinheiro volta ao gênero literatura infantil e publica *Das histórias da Tartaruga*, uma fábula sobre a amizade entre os animais, tendo como protagonistas as tartarugas, seres que vivem por muito tempo, e, por isso, aprenderam a ter calma para tudo.



Capa de *Das histórias da Tartaruga*, de Silvana Pinheiro.

A obra fala de tartaruga marinha, tartaruga gigante, cágado, jabuti, todos cheios de histórias para contar. A Tartaruga da história vive se metendo em confusão com o Urubu-rei e com a Lebre, mas é cheia de amigos e adora os pássaros. Das histórias da tartaruga, estas são as mais divertidas! Claro, a autora utiliza o gênero fábula para transmitir ensinamento, como o fizeram Fedro e Esopo, há dois mil e quinhentos anos, mas o trabalho estético com a linguagem, a sensibilidade, o lirismo poético, estão presentes, sem que o pedagógico ou o educativo se sobreponham ao literário.

Sem desvincular o estético do ideológico, Silvana Pinheiro consegue apresentar ao seu leitor, criança, jovem ou adulto, uma obra literária repleta de significados, com palavras e sentimentos adequados ao público a que se destina, adulto ou criança, uma das grandes dificuldades, se não a maior, para quem se propõe escrever para crianças, ou trabalhar com elas, utilizando textos literários, conforme apontado por Clarice Lispector na epígrafe: encontrar "palavras e sentimentos" que tornem o texto literário um diálogo de "igual para igual" entre adultos e crianças.

Silvana Pinheiro é uma educadora-poeta e isso só valoriza sua obra, conforme pudemos apontar, ainda que de forma incipiente. Vários livros seus foram selecionados para compor o acervo de bibliotecas de escolas públicas e particulares do Espírito Santo e de todo o Brasil, o que só confirma sua relevância como escritora do gênero LIJ.

Referências:

PINHEIRO [TAETS], Silvana. *Uma luz no fim do túnel*. Ilustrações de Lastênio Scopel. Vitória: Prefeitura Municipal de Vitória, 2001.

- PINHEIRO, Silvana. *A casa rosa*. Ilustrações de Rosinha Campos. São Paulo: Difusão Cultural do Livro (DCL), 2004.
- PINHEIRO, Silvana. *Das histórias da Tartaruga*. Ilustrações de Carlos Jorge Nunes. Belo Horizonte: Aluar, 2024.
- PINHEIRO, Silvana. Entrevista?
- PINHEIRO, Silvana. *Feita em casa*. Vitória: Edição da Autora, 2021.
- PINHEIRO, Silvana. *femear*. Vitória: Edição da Autora, 2014.
- PINHEIRO, Silvana. *História de estrela*. Ilustrações de Márcia Franco. Belo Horizonte: RHJ, 1994.
- PINHEIRO, Silvana. *Houve um beija-flor*. Ilustrações de Cléria Borges. Vitória: Prefeitura Municipal de Vitória, 1998.
- PINHEIRO, Silvana. *Houve um beija-flor*. Ilustrações de Yuri Lopes. Vitória: Formar, 2018.
- PINHEIRO, Silvana. *O jogo dos sete tempos*. Niterói: Vinde, 1995.
- PINHEIRO, Silvana. *Os bichos, pequenos e grandes*. Ilustrações de Canini. Viçosa: Ultimato, 1997.
- PINHEIRO, Silvana. *Próximo passo*. Vitória: Cândida, 2023.
- PINHEIRO, Silvana. *Vitória, uma ilha cercada de terras*. Ilustrações de Joyce Brandão. São Paulo: Cortez, 2007.
- RIBEIRO, Francisco Aurelio. *A literatura do Espírito Santo: ensaios, história e crítica*. Serra: Formar, 2010.
- RIBEIRO, Francisco Aurelio. *A literatura do Espírito Santo: uma marginalidade periférica*. Vitória: Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo, 1996.
- RIBEIRO, Francisco Aurelio. *Diferença e alteridade na literatura do Espírito Santo: ensaios críticos*. São Paulo: Calêndula, 2024.
- RIBEIRO, Francisco Aurelio. *Ensaio de leitura e literatura infantojuvenil*. Serra: Formar, 2010.
- RIBEIRO, Francisco Aurelio. *Literatura feminina capixaba (1920-1950)*. Vitória: Academia Espírito-santense de Letras, 2003.
- RIBEIRO, Francisco Aurelio; Pinheiro, Silvana. In: _____ (Org.). *Antologia de escritoras capixabas*. Vitória: Ufes, 1998. p. 228.
- RIBEIRO, Francisco Aurelio; AZEVEDO, Thelma Maria (Org.). Pinheiro, Silvana. In: _____. *Dicionário de escritores e escritoras do Espírito Santo*. Serra: Formar, 2008. p. 189.

RESUMO: A partir da obra de Silvana Pinheiro dedicada ao público infantil e juvenil, como *História de estrela* (1994), *Vitória*,

uma ilha cercada por terras (2007) ou *Das histórias da tartaruga* (2024), o artigo procura observar como a autora se apropria do lirismo para evitar ou contornar o direcionamento ideológico que vem frequentemente vinculando a literatura para crianças e jovens a uma perspectiva pedagógica e panfletária.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura brasileira – Espírito Santo. Literatura brasileira para crianças e jovens. Silvana Pinheiro – Narrativas para crianças e jovens.

ABSTRACT: Drawing on Silvana Pinheiro's works for children and young adults, such as *História de estrela* (1994), *Vitória, uma ilha cercada por terras* (2007), and *Das histórias da tartaruga* (2024), this article seeks to examine how the author employs lyricism to avoid or circumvent the ideological orientation that has frequently linked literature for children and young adults to a pedagogical and propagandistic perspective.

KEYWORDS: Brazilian literature – Espírito Santo. Brazilian literature for children and young adults. Silvana Pinheiro – Stories for children and young adults.

Recebido em: 17 de novembro de 2025
Aprovado em: 10 de abril de 2026

ALGUNS TEMAS EM SILVANA PINHEIRO: PERFIL DE UMA OBRA EM CONSTRUÇÃO

SOME THEMES IN SILVANA PINHEIRO: PROFILE OF A WORK IN PROGRESS

Grace Alves da Paixão*
Vitor Siqueira Macieira*

A escritora capixaba Silvana Pinheiro¹ tem formação na área de Pedagogia e de Letras pela Universidade Federal do Espírito Santo, foi pedagoga na rede pública do Estado e hoje, além de dedicar-se à literatura, atua como mediadora de leitura e orientadora familiar (Secult, 2014; Aiolfi, 2020; A Tribuna, 2024). Publicou diversos livros, dentre os quais estão: *História de estrela* (1994); *O jogo dos sete tempos* (1995);

* Doutora em Letras pela Universidade de São Paulo (USP).

* Doutorando em Letras pela Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes).

¹ Também se encontram referências ao seu nome com o sobrenome Taets: Silvana Pinheiro Taets.

De bichos, pequenos e grandes (1997); *Houve um beija-flor* (1998); *Uma luz no fim do beco* (2001); *Amar o mar* (2004); *A casa rosa* (2004); *Vitória, uma ilha cercada de terras* (2007); *Amigos da Terra* (2009); *femear* (2014); *Feita em casa* (2021); *Notícias para Marina* (2023); *Das histórias da Tartaruga* (2024) e *Próximo passo* (2024)².

Em 2011, ao ser anunciada como convidada para o programa “Viagem pela Literatura”³ promovido pela Prefeitura de Vitória no contexto das comemorações dos 460 anos da cidade, foi apresentada da seguinte forma: “Ela ama o mar, entende de bichos (pequenos e grandes) e se inspira na natureza para fazer poemas e escrever histórias para encantar crianças e jovens” (França, 2011). Nesse sentido, podemos vislumbrar uma relação simbiótica com Vitória, que é uma ilha onde o mar e a natureza são quase onipresentes, de modo que a paisagem molda a construção de subjetividades e reverbera na produção literária.

A literatura feita para crianças e jovens marca sua carreira e a projeta localmente (e também em nível nacional) como uma referência em produções que visam a promover o letramento literário desde a infância. Sua produção ficcional e poética, no entanto, não se limita ao universo infanto-juvenil. Focando o público adulto, ela escreve obras de verve criativa e sensibilidade frente a problemas do mundo, em especial, a proteção da natureza.

Sua literatura não pode ser resumida às suas publicações em livro. Ao contrário, vários de seus textos estão divulgados em formato digital, seja em páginas de

² Nesta lista, estão elencadas ficções e poesias. Vale mencionar *en passant* estudos como: o capítulo “Literatura infanto-juvenil: caminhos e conceituações”, que compõe o livro *Leitura e literatura; ensaios*, organizado por Francisco Aurelio Ribeiro em 1997; e a publicação de sua tese de doutorado, a qual versa sobre a poeta Adélia Prado. Trata-se de *Sem licença: a poética de Adélia Prado* (Pinheiro, 2014), lançada pela Caravana.

³ O projeto “Viagem pela Literatura” é realizado desde 1994 pela Biblioteca Municipal Adelphi Monjardim, localizada no centro da capital do Espírito Santo. Trata-se de uma ação da Secretaria de Cultura da Prefeitura que almeja ampliar o acesso à leitura com foco em crianças e adolescentes (Rocha, 2007).

editoras com as quais estabeleceu parcerias, seja em suas redes sociais ou em seu blog⁴. Não sendo nascida em um mundo digital, soube aproveitar os mecanismos da internet para potencializar o alcance de suas produções. Logo, parte importante de sua criação (como poemas, crônicas, reflexões e comentários críticos) é encontrada em páginas eletrônicas.

Neste artigo, pretendemos abordar alguns temas presentes na literatura de Silvana Pinheiro, de modo a corroborar para o delineamento de um perfil de artista, o qual vem sendo construído pouco a pouco, a cada novo passo dado em sua carreira. Sem fixar o olhar em nenhuma obra em específico, lançamos lampejos sobre sua trajetória, identificando nela temas recorrentes, os quais apontam para a expressão de uma mulher que se coloca frente às questões do seu tempo, como um ser sensível, pensante e atuante.

Literatura e letramento

No sentido de delinear o perfil da escritora, vale a pena trazer à tona um breve e amplo olhar sobre suas produções na literatura feita para crianças, a começar por *História de estrela* (Pinheiro, 1994), que veio a público pela editora mineira RHJ⁵, no ano de 1994, depois de ser premiado pela Fundação Ceciliano Abel de Almeida. Com ilustrações de Márcia Franco (que atualmente é professora de Artes Plásticas na Universidade do Estado de Minas Gerais), é uma narrativa poética que conta a viagem de uma estrela cadente que mergulha no oceano à procura da estrela-do-mar (Secult, 2014). A estrela do mar é um personagem que evoca

⁴ O blog de Silvana Pinheiro foi criado em junho de 2012 e recebe o título de "Pingo é" (Pinheiro, 2012), provavelmente em alusão ao ditado popular "Para bom entendedor, pinga é letra". A última publicação data de maio de 2021, o que sugere que deixou de publicar nesse meio desde então.

⁵ A RHJ, cujo catálogo é composto por três selos (RHJ, Baobá e Aluar), foi fundada em 1974, em Belo Horizonte. Tem foco em obras feitas para crianças, jovens e professores, com o propósito de despertar o interesse pela literatura (RHJ, s.d.).

toda a vida marinha e, portanto, dialoga com a constante presença do mar da vida em sua escrita.

O jogo dos sete tempos (Pinheiro, 1995), publicado em 1995, é um texto premiado em primeiro lugar no Concurso de Literatura Infantil promovido pela editora evangélica Vinde Comunicações⁶ um ano antes de seu lançamento, com ilustrações de Marcos Garcia⁷. Nele, acompanha-se a trajetória da personagem Lia em uma aventura pelo castelo do Valente Imortal contra o Valente Engano⁸. *De bichos, pequenos e grandes* (Pinheiro, 1997), a seu turno, foi editado pela Ultimato⁹, no ano de 1997, com ilustrações do desenhista gaúcho Renato Canini, conhecido no Brasil por seu trabalho à frente da HQ do Zé Carioca.

Houve um beija-flor (Pinheiro, 2018) – ilustrado por Yuri Lopes (ilustrador capixaba) e editado em 2018 pela Formar (editora capixaba) – foi publicado primeiramente pela Prefeitura Municipal de Vitória com apoio da Lei Rubem Braga, no ano de 1998 (ilustrado pela ilustradora capixaba Cléria Crema). Trata-se de um texto em prosa poética sobre a vida do naturalista e ambientalista Augusto Ruschi¹⁰. É significativo o fato de a autora trazer à memória a figura de Ruschi: confirma-se sua própria disposição filosófica, qual seja, a defesa da natureza e a educação das novas gerações para um mundo mais sustentável.

⁶ A Vinde Comunicações foi atuante no mercado de livros evangélicos na década de 1990 e manteve ativo o blog da *Revista Vinde*, de 1995 a 2024 (*Revista Vinde*, 1995).

⁷ Acreditamos que se trate do designer gráfico e quadrinista, cuja primeira HQ foi publicada na *Revista Maturi*, na década de 1980, e depois, com com Laércio Cavalcanti e Amadeu Filho, criou o fanzine ACUNHA (Guia dos quadrinhos, 2013).

⁸ Pode ser acessado digitalmente em: <<https://www.calameo.com/books/000803343134efc34ec87>>. Acesso em: 15 fev. 2026.

⁹ Editora evangélica, de Viçosa (Minas Gerais), fundada em 1968, com a publicação *Ultimato*: primeiramente como tabloide e depois, revista. Em sua página oficial, afirma: "Trabalhamos para criar uma mentalidade bíblica e ensinar a arte de encarar os acontecimentos sob uma perspectiva cristã." (Quem somos, s.d.).

¹⁰ Augusto Ruschi (1915-1986) foi um cientista, reconhecido nacional e internacionalmente pela sua produção em torno de aspectos ambientais de ecossistemas brasileiros, motivo pelo qual é considerado o Patrono da Ecologia no Brasil.

Em 2001, publicou *Uma luz no fim do beco* (Pinheiro, 2001), com edição e ilustrações do capixaba natural de João Neiva, Lastênio Scopel, seguindo-se, em 2004, os títulos *Amar o mar* (Pinheiro, 2004a) – ilustrado por Fê – e *A casa rosa* (Pinheiro, 2004b), ambos pela editora paulista DCL, que publica desde sua fundação, em 1966, obras de literatura infanto-juvenil. Nesta última – ilustrada pela pernambucana Rosinha Campos, que é ilustradora e escritora premiada – o foco recai sobre uma residência na Rua da Amizade, onde a passagem de personagens como um relojoeiro, um cientista e um poeta deixou marcas indeléveis ao longo do tempo.

Já em 2007, pela editora paulista Cortez, lançou *Vitória, uma ilha cercada de terras* (Pinheiro, 2007), livro que confere protagonismo à capital capixaba, permitindo que a própria cidade narre sua trajetória em primeira pessoa. A obra foi ilustrada por Joyce Brandão, que é professora de Artes na Ufes.

Notícias para Marina (Pinheiro, 2023) foi publicado em 2023 pela Formar, com ilustrações de Diana Leite Chacon, paulista radicada no Espírito Santo. Na história, Marina ajuda a mãe na reciclagem e ouve a história de um menino que cruzou o mar com garrafas pet. O depoimento da ilustradora em sua rede social diz respeito ao efeito que a história teve sobre si, no sentido de despertar seu olhar para a importância do trabalho dos catadores e recicladores de materiais. Silvana Pinheiro, por sua vez, afirma:

[...] foi uma matéria de jornal sobre a história de um menino marroquino que há dois anos atrás todo mundo acompanhou nas mídias, que ele tentava atravessar o Mediterrâneo para chegar à costa da Espanha. Aquela notícia me impactou muito e o texto nasce daí, mas eu vou enveredando para outras coisas, e o texto acaba abordando como tema principal a questão da reciclagem de materiais (Pinheiro, 2024a).

Nesse relato, vê-se seu olhar sensível sobre as crianças em situação de vulnerabilidade e sobre questões ambientais, caras a quem – como ela – é

profundamente envolvido com o desenvolvimento humano e a proteção do planeta. Em entrevista para *A Tribuna*, ela desfez:

[...] quando você lê, você tem contato com algo que aconteceu com alguém num determinado lugar que talvez a pessoa nunca vai acessar, a não ser por meio do livro. Isso possibilita desenvolvimento da imaginação, aquisição de informações, desenvolve uma série de habilidades neurológicas que estão se perdendo das novas gerações que não vivenciam isso (Pinheiro, 2024a).

A preocupação com a leitura (ou a falta dela) em meio às novas gerações imersas na era digital é perceptível em toda a entrevista e reflete a angústia de alguém que dedicou a vida à Educação e, mais especificamente, à literatura e enfrenta, na atualidade, os desafios de um mundo cada vez mais digitalizado e apressado, o qual diminui tempo de disponibilidade para fruções estéticas.

Das histórias da tartaruga (Pinheiro, 2024b) foi lançado em 2024 pela Aluar, um selo editorial que compõe a RHJ e cuja linha editorial volta-se para a publicação de literatura infanto-juvenil e material de apoio pedagógico a professores da Educação Básica com vistas a dar suporte ao ensino de literatura. As ilustrações são de Carlos Jorge Nunes¹¹. Mais uma vez, ela trabalha com um referencial imagético característico do mar, confirmando assim sua ligação com a vida marinha, o que sugere uma mulher influenciada pela paisagem da terra natal, como vimos.

Sobre sua dedicação à literatura infanto-juvenil, afirma:

[...] Foi a minha porta de entrada. Eu já escrevia, mas não tinha a oportunidade de publicar. A minha ligação com a literatura infantojuvenil veio do trabalho como educadora. Na época eu trabalhava na Secretaria de Educação, eu participava das leituras dos livros para selecionar para escola, e aí eu fui me encantando [...] (Pinheiro, 2024a).

¹¹ O mineiro Carlos Jorge Nunes (1959-2024), além de atuar como cartunista, desenhista e diagramador, escreveu para crianças desde a década de 1980 (Nunes, 2011). O portfólio do ilustrador pode ser encontrado em: <https://issuu.com/cjdesenho/docs/portif_liao_carlos_jorge>. Acesso em: 17 abr. 2026.

O reconhecimento do valor de sua escrita voltada para os pequenos pode ser visto de várias formas e em diferentes aspectos. Um deles diz respeito ao fato de *A casa rosa* ter sido incluído no DVD produzido em 2014 no bojo do projeto “Viagem pela Literatura”, quando foi contado por Fernando Soledade (Viagem, 2014). Outros exemplos podem ser identificados na inserção de seus livros nas escolas.

Em 2019, professoras de crianças entre 4 e 5 anos de idade, do Centro Municipal de Educação Infantil Doutor Thomaz Tommasi, localizado no bairro Joana D’Arc, trabalharam com os alunos a leitura de *História de estrela* e *A casa rosa*. A diretora da unidade declarou: “A nossa intenção é fazer com que as crianças conheçam e saibam que existem autores capixabas e que aprendam com isso a valorizar nossa cultura” (Moreira, 2019). Essa fala indica que, para além do valor literário das obras e do letramento promovido pelo projeto, a noção de representatividade é fundamental para a escolha do repertório, isto é, dar espaço para uma autora capixaba implica valorizar a cultura local. Em 2022, o mesmo foi apresentado às crianças do Centro Municipal de Educação Infantil Maria Inês Gurtler, que fica em Cariacica¹².

Assim, podemos dizer que a literatura de Silvana Pinheiro vem fazendo parte do letramento de crianças, em especial das capixabas, nesses trinta anos de dedicação à literatura infantil. Outro fator que indica seu reconhecimento está na presença de livros de sua autoria nas bibliotecas de várias escolas públicas do Estado. Nesse sentido, vale dar atenção ao relato de Fabiano de Oliveira Moraes (2014, p. 99), que em sua tese de doutoramento acompanhou atividades de crianças do 5º ano na biblioteca escolar e destacou a interação de duas alunas com o livro *Vitória: uma ilha cercada de terras*:

¹² Na página eletrônica de Silvana Pinheiro na plataforma YouTube, há o registro desse projeto em vídeo realizado pela escola. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=TGc-bauXJMA>>. Acesso em: 14 fev. 2026.

Nesse ínterim, Rosana e Lúcia retornavam à mesa com o livro *Vitória: uma ilha cercada de terras*, cartografando (porque apenas entendendo, sem explicar, sem revelar) a cidade onde viviam. Palmilhando as páginas, os monumentos, as paisagens. Rindo e partilhando histórias, narrativas de vida, experiências de mundo.

A interação dessas alunas com essa obra exemplifica como sua produção literária atua na construção da identidade local. Ao longo de três décadas, consolidou uma escrita que une a temática ambiental à valorização do patrimônio capixaba, atendendo a propósitos pedagógicos e à formação estética. Dessa feita, sua trajetória na literatura para crianças é marcada pela capacidade de converter temas como a sustentabilidade e a história regional em repertório de leitura presente no cotidiano escolar, fundamentando o papel da literatura produzida no Espírito Santo dentro e fora das salas de aula.

Natureza e proteção ambiental

O sentimento da natureza é muito presente em sua obra, haja vista suas produções voltadas para o público infantil, sobretudo em *Notícias para Marina*. Entretanto, no universo da literatura infanto-juvenil, especialmente quando se trata de crianças pequenas, já é habitual a exploração dos elementos naturais, isto é, a tradição literária, por meio das fábulas e das histórias da carochinha, consolidou figuras de linguagem como a personificação da natureza, no intuito de produzir a fantasia. Por isso, nas composições voltadas para o público adulto sua sensibilidade para com a natureza é mais perceptível.

Não é à toa que ela publicou *Amigos da Terra: a luta pela preservação da vida e da natureza*, lançado em 2009 pela editora paulista Nova Alexandria, a qual publica obras no campo da literatura e das humanidades em geral. Com caráter biografista, narra-se a trajetória de três capixabas pioneiros na causa ambiental: Maria Stella de Novaes, Augusto Ruschi e Paulo César Vinha. Além de dar

visibilidade a nomes importantes para a história recente da luta pela defesa da natureza em território capixaba e, dessa forma, zelar pela preservação dessa memória, ela assume o lado dos defensores do meio ambiente.

Na observação da natureza, ela tira lições de vida, tal qual evidencia um poema como “Provisão”, lançado em *femear* (Pinheiro, 2014, p. 20).

o riacho segue seu curso
aprendido até sempre
a natureza lentamente
de repente constrói
represa
pouco a pouco
as águas doces
desconhecem diferente trajeto
focalizam a represa
e se acumulam
acumulam
o tanto que não
conseguem passagem
ao velho leito
ao cúmulo de engorda
beirando lago
quando o finalmente caminho
fechado
pode buscar trilha inusitada
águas de riacho
não ficam paradas
fazem sinas
fazem rumos
rumam finas
ao seu destino
provisoriamente
eterno
eternamente
provisório

Deter-se no curso do riacho estabelece um paralelo direto entre os fenômenos naturais e a experiência humana. Ao descrever a água que abre caminho na terra, o poema sugere que o represamento e o desvio não são interrupções, porém etapas inerentes ao fluxo vital. Assim como o riacho busca trilhas inusitadas diante de obstáculos, a trajetória sinuante do poema é apresentada sob a mesma lógica de adaptação, abrindo espaço à reflexão segundo a qual as dificuldades momentâneas são integradas à continuidade da existência. Essa

identificação entre o riacho e o indivíduo que o observa reforça o caráter pedagógico da natureza presente em sua obra. A sucessão de movimentos serve como uma metáfora da resiliência, na qual a condição “eternamente provisória” da vida é aceita como a única constante. Diante da água sempre corrente, o ser humano pode refletir sobre seu percurso sobre a Terra e concluir que ele faz parte de um imenso cosmos e, portanto, sujeito às mesmas transitoriedades de todo elemento vivo.

O eu lírico apenas se fixa no fluxo de água de um riacho e descreve seus movimentos abrindo caminho na terra. Nós, leitores, identificamo-nos com o riacho e nos colocamos em igual condição no fluxo da nossa vida, eternamente provisória. Sem afirmar, a poesia diz que a natureza tem um ensinamento para aqueles que conseguem ler a poesia dos seus elementos.

Não menos importante à temática abordada está o sentimento de ser mulher, cujo trabalho literário culminou em uma série de produções sobre as quais passaremos a olhar com maior detalhamento.

Sentimento de ser mulher

Ser mulher é uma contingência que perpassa muitas das suas produções literárias, o que é mais fortemente trabalhado em *femear*, uma publicação independente do ano de 2014. Trata-se de seu primeiro livro de poesias voltado para o público adulto, composto por trinta e cinco poemas que pretendem traduzir um olhar feminino sobre a vida (Secult, 2014). Na página eletrônica dedicada à literatura produzida no Espírito Santo *Tertúlia capixaba*, Herbert Farias publica uma resenha, ressaltando o diálogo entre sua poética e o texto bíblico, bem como os jogos de luz e sombra e outras dualidades como passado e futuro, natureza e civilização.

Uma epígrafe entre natural e tecida, pairando sobre a poética da criação do mundo, e o percorrendo pelos muitos matizes da construção bíblica, como se a Babel de muitas vozes se alinhasse ao projeto do criador divino e à profecia da sua ausência, alternadamente louvor e denúncia.

No princípio é a gênese, o gênesis enamorado dos primórdios da terra: *femear*, tomado no conjunto, é o percurso poético de fecundação, semeadura e colheita de *flashes* garantidos pelo relâmpago primordial numa terra prenhe de história pautada na narrativa bíblica (Farias, [s. d.]).

De fato, a narrativa bíblica é fundante na formação ética e estética da autora e, portanto, imbricada em suas criações literárias. No entanto, neste tópico queremos destacar outro elemento relevante e também fundante em sua escrita, isto é, a perspectiva do mundo vista a partir do corpo feminino.

No haicai “uma mulher nasce”, publicado em *femear* (Pinheiro, 2014, p. 107),

uma mulher nasce
cresce como a relva
mas tão logo murcha

está presente a tópica poética da efemeridade da vida circunscrita na especificidade do ser mulher, que evoca toda uma vivência para além do fator biológico do ciclo da vida, isto é, a noção construída sócio-historicamente de que a velhice para a mulher é fator negativo. A escolha do verbo “murchar” não é aleatória, ao contrário, traz uma carga semântica específica da feiura de uma fruta ou flor em decomposição.

O poema “Solitude” (Pinheiro, 2015, p. 102), lançado no livro *femear* e posteriormente no sítio eletrônico da editora Ultimato, evoca algo próprio ao universo feminino: a solidão e o medo de “crescer”, ou seja, de se colocar e ter voz em um mundo marcado pelo patriarcalismo. Nesse mundo, “crescer” mais do que o esperado ou permitido traz dor. O eu lírico reporta-se a um ser superior, de modo que os vocábulos Deus, Pai, Cristo, Jesus, Altíssimo e Santíssimo remetem à fé cristã e aludem a vocativos que ocupam o lugar de figuras retóricas

usuais em nossa tradição poética ocidental. Não se trata de um poema religioso, mas reflexivo e crítico:

as mulheres cresceram
ai, meu Deus, como cresceram
em toda parte
com arte, com graça
cresci
ai, meu Pai, como cresci
e ainda tenho medo
mas cresço
apareço
suporto nosso crescimento
e toda a dor
ai, meu Cristo, suportamos
suportamos toda a dor do crescimento
e nossos homens ficaram perplexos
ai, Senhor, como ficaram
e ainda estão
tiraram seus limites, suas fronteiras
nossos limites, nossas fronteiras
içaram nossas âncoras
como içaram...
ai, Jesus, como içaram
a desmargem ficou
ficou a expansão
gritou a desseparação
e agora, José?
e agora, Maria?
o papel se foi
o encaixe ruiu
o deslocamento se fez
e se faz
sempre e ainda
sem divisões
nem subtrações
há somas
multiplicidade
destotalidade
maria se refez, se refaz
e josé?
josé anda perdido
como se quisesse achar
ai, Santíssimo, como anda perdido
não entendeu
que não há o que achar
há que apenas ser
o que for possível
e as mulheres perguntam
ai, Altíssimo, como perguntam
se valeu a pena
valeu a pena

mas se sentem sós
 ai, meu Deus, como se sentem sós
 e ainda crescem
 e eu me sinto só
 ai, como me sinto só

Por meio de um coro de invocações religiosas, a voz lírica descreve o "crescimento" não como um evento harmônico, e sim como um deslocamento que impõe dor e solapamento de fronteiras. A imagem das âncoras içadas sugere uma ruptura definitiva com o estado de imobilidade, lançando a mulher em um campo de "desmargem" e "multiplicidade", onde os papéis tradicionais de gênero perdem sua função de encaixe.

A nova configuração descompassada é acentuada pela intersecção com a poética de Drummond. Ao evocar o questionamento "e agora, José?", o poema aponta para o impasse do homem que busca restabelecer fronteiras em um terreno já transformado pela autonomia feminina. Enquanto no original a pergunta remete ao vazio existencial, aqui ela marca a tentativa inútil de recuperar limites que não existem mais. Ao incluir "Maria" na interrogação, o poema parece sugerir que, embora ambos partilhem o deslocamento, a mulher se refaz no movimento de expansão, e o homem permanece atado à busca por um antigo modelo de ordem. Nesse contexto, também não poderíamos deixar de mencionar que a escolha de tais nomes, além do diálogo com a tradição literária, evoca a simbologia do casal primordial do cristianismo, aqui deslocado de sua estabilidade mítica. Ao situar essas figuras em um contexto de ruptura e "desseparação", o texto poético amplia a possibilidade de leitura, uma vez que até os modelos mais arraigados da estrutura religiosa estão sujeitos ao desgaste do tempo e das novas dinâmicas sociais.

Diante dessa perspectiva, é lícito determo-nos com maior atenção aos aspectos religiosos da sua produção literária.

Religiosidade

Um dado a biografia de Silvana Pinheiro que não pode ser completamente dissociado de sua produção literária está na vivência religiosa em meio ao protestantismo. Dentre os trabalhos realizados, por exemplo, já atuou como roteirista e revisora de materiais da turma do Smilinguido¹³, da editora Luz e Vida. Além disso, podemos encontrar textos de sua autoria (reflexões, crônicas, poemas) em páginas eletrônicas de editoras e revistas evangélicas, como a Ultmato e a *Presentia*¹⁴. O perfil de alguns dos meios junto aos quais atuou indica alguém alinhado ao meio evangélico e essa ligação não pode passar despercebida, uma vez que ela trabalha com imagens, valores, personagens e visões de mundo afinadas com a perspectiva religiosa desses grupos.

Isso indica que sua literatura nunca se limita ao divertimento, ao passatempo ou ao prazer de fantasiar, ao contrário, engloba níveis distintos de instrução, reflexão moral e indução de virtudes. Seus textos, no entanto, não se assemelham em nada a pregações religiosas. Longe disso, sobre um substrato cristão constrói cenas e imagens que ultrapassam a experiência circunscrita em uma vivência religiosa e alcançam significados que fazem sentido para a experiência humana como um todo. Neste artigo, trazemos alguns desses textos para exemplificar tal constatação, sem a perspectiva de tecer análises mais detalhadas.

O primeiro deles é a crônica “Tecendo o arco-íris” (Pinheiro, 2012a), publicada em 2012 na revista *Presentia*. Cria-se uma cena de singeleza e suavidade em que interagem duas crianças, uma idosa e um colibri, colocando-nos em um estado de pausa diante da realidade acelerada e cheia de desventuras: na leitura,

¹³ A turma do Smilinguido diz respeito a personagens infantis criados para divulgação da fé cristã. É possível encontrar informações no site oficial: <<https://smilinguido.com.br/>>.

¹⁴ Tanto a editora Ultmato, já brevemente apresentada neste trabalho, quanto a Luz e Vida e a Presentia têm caráter cristão e missionário e atuaram, cada qual à sua maneira, para a evangelização (Prazer, somos..., s.d.; Desde 2000..., 2025).

contemplamos aquela espécie de idílio. Subliminarmente, a cena retratada traz a reflexão sobre um mundo almejado: é como se o reino dos céus, por alguns instantes, habitasse a Terra.

“O tempo e o vento” é uma crônica que dá voz a uma mulher que alcançou os cinquenta anos de vida e sente os impactos do tempo no corpo feminino. Ela traça um diálogo com Érico Veríssimo em *O tempo e o vento* (1949), que alimenta sua reflexão sobre a fugacidade da vida. No final, conclui:

Ah, é preciso ser sensível ao tempo e ao vento, mesmo quando não sabemos de onde vem o vento, nem para onde vai, com clareza. Não importa. Melhor é deixar-se mover junto às rotas do vento, porque ele se move no tempo e na história (Pinheiro, 2016).

A passagem do tempo e a fugacidade da vida é uma tópica poética e discursiva que acompanha toda a história da literatura, em diferentes culturas. Ao associar o sentimento melancólico da passagem do tempo à condição da mulher e dialogar com Érico Veríssimo, Silvana Pinheiro traz novas conotações para a temática. Dado o caráter religioso do sítio eletrônico em que a crônica foi publicada, não é forçoso inferir que o intertexto passe pelas leituras do *Eclesiastes* e do *Evangelho de João*.

No primeiro, atribuído ao rei Salomão, filho do rei Davi, há reflexões como:

O vento vai para o sul, e faz o seu giro para o norte; continuamente vai girando o vento, e volta fazendo os seus circuitos. (*Eclesiastes* 1:6).

Porque o que sucede aos filhos dos homens, isso mesmo também sucede aos animais, e lhes sucede a mesma coisa; como morre um, assim morre o outro; e todos têm o mesmo fôlego, e a vantagem dos homens sobre os animais não é nenhuma, porque todos são vaidade. Todos vão para um lugar; todos foram feitos do pó, e todos voltarão ao pó (*Eclesiastes* 3:19, 20).

No segundo, o apóstolo exprime: “O vento sopra onde quer, você ouve o barulho que ele faz, mas não sabe de onde ele vem, nem para onde vai; assim é todo o que é nascido do Espírito” (João, 3:8). A metáfora do vento que sopra livremente é utilizada para instaurar a dicotomia entre o corpo que prende e o espírito que flutua nos ares. Ao constatar um corpo que envelhece, a voz feminina da crônica é remetida a um texto da literatura brasileira e a textos bíblicos que a ajudam a compreender a condição humana e a focar no espírito.

O poema “Um certo João” (Pinheiro, 2018), por sua vez, foi lançado primeiramente em *femear* e novamente replicado no site da editora Ultimato, em 18 de dezembro de 2018. Assim, a temática natalina do texto conversa com o clima de festividades religiosas em torno do nascimento de Jesus.

Foi à espera de um certo João,
Certo, ao certo, mas ser todo
Dúvida no útero de um pai.

A gravidez anunciada
Gera o tempo do medo
Placenta nutrindo
Busca de concretude.

Semente temporã, de ventre
Em aridez e estio
No avançar da desesperança?

Como oferecer incenso?
Como segredar poesia,
Imerso em interrogações?

A força do desejo
Esqueceu o intercurso da fé
Que gera a vida
Amorosamente.

Apegou-se ao fórceps da vitória
Sobre a morte da insegurança,
Economia do prazer.

Profecia pariu silêncio,
Mudez assustada
Quietude aprisionante.

Na procura da certeza

Desesperou-se a alegria
Porque a alma talvezava
Gerando túmulos.

Mas criação se fez um dia,
Rompendo manhã,
Interrompendo a voz
Hibernada em caverna,
Perplexo sono invernal.

E você, menino,
Converteu primeiro o pai,
Inaugurando batismos,
Voz do que clama
Da morte para a vida.

No poema, o tema não é o nascimento do Cristo, mas o de João Batista, seu primo, o qual veio ao mundo alguns meses antes do Messias. Segundo o relato bíblico narrado nos Evangelhos, o anjo Gabriel anunciou a Zacarias que sua esposa Isabel ficaria grávida de um menino chamado João. Como ela era estéril e o casal já tinha idade avançada, ele duvidou que esse milagre aconteceria. Por isso, ficou mudo até que a criança nascesse. Essa criança foi precursora do ministério de Jesus.

O foco da composição está justamente em Zacarias, o homem que, mesmo sendo sacerdote do templo judaico, duvidou do poder de Deus. Assim, a poeta lança luz sobre a fragilidade humana, que duvida e perde as esperanças.

A análise desses textos demonstra que sua formação religiosa atua como um repertório simbólico para a investigação de temas universais. Em vez de limitar a narrativa a uma finalidade doutrinária, a autora utiliza passagens bíblicas e conceitos teológicos como chaves de leitura para a condição humana, abordando a finitude, a dúvida e a transitoriedade, por exemplo. Assim, a sua escrita integra o substrato cristão à experiência estética, convertendo referências confessionais em instrumentos de reflexão sobre o tempo e a subjetividade.

Covid-19

Uma das contingências da vida que afetaram substancialmente a sua subjetividade foi a pandemia de Covid-19, vivida entre os anos de 2020 e 2021 de maneira mais agressiva em nosso país. Os estragos foram sem precedentes e potencializados pela má gestão da crise, propositadamente causada por um governo federal liderado pelo presidente de extrema-direita (negacionista e anti-vacina) Jair Messias Bolsonaro. No dia 18 de junho de 2020, ela faz no blog um desabafo em um fluxo de pensamento:

Hoje acordei sem máscaras. Posso. Estou em casa. E minhas máscaras estão contaminadas, como a de todas e todos. Máscaras sujas se lavam em casa, não é mesmo? Ando adoecida pelo meu país, como um todo, como todas e todos. Deu ruim. Erramos, todas e todos. Eu errei. Fiz escolhas equivocadas e deixei que outras e outros me impusessem as suas. Precisamos de meia volta, todas e todos, sem militarismos, volver, sim, à sanidade, à civilidade. Todas e todos. De todas as etnias, de todas as tribos, de direita, de centro, de esquerda, de cima, de baixo. Mas quem está em baixo sente mais a queda de todos. Uso as marcações de gênero no texto daqui pra frente apenas no masculino. Não porque as mulheres não errem, mas porque nossa raiz menos humana assume uma voz de homem. Cristãos e ateus, acadêmicos e não acadêmicos, teólogos e leigos, estamos com o dedo em riste, cheios de julgamentos. Quem está há mais tempo na história, quem chegou agora. Todos se acham no direito de pensar os desfechos e apontar o dedo, ironicamente ou não, até de brincadeira. Às vezes em nome da paz, inclusive. Precisamos chorar. Todos. Olhar para nós mesmos. Aquele que não tem erros nisso tudo, atire a primeira pedra. Nossos olhares estão plenos de perversidade, indistintamente. Nossas melhores intenções se resumem a tirar algum proveito do momento e salvar a pele. E eu me incluo. Nossa história comum carece de um final mais feliz, só possível, se cada um olhar pra dentro de si e chorar. Chorar nossas mazelas. Talvez assim possamos, todas e todos – retomo as marcações de gênero – chorar até com os que choram. Há muita gente morrendo. E há muitos que até já cheiram mal. Está na hora de encontrar recomeços pessoais, quiçá, coletivos. Quem sabe possamos sair um após o outro, uma após a outra, em silêncio reverente, para encontrar um espaço, onde, curvados sobre nós mesmos, contemplemos um deus-homem escrevendo na areia (Pinheiro, 2020b).

Nessas linhas, delineia-se um ser humano em profunda angústia diante das mortes. Longe de apontar culpados, procura registrar uma voz coletiva que se responsabiliza e procura sentido para o caos vivido.

Em julho do mesmo ano, ela publica, no blog da editora Ultimato, o poema “Na minha rua” (Pinheiro, 2020c):

Minha rua está em busca de novas faces
 Olhos andam soltos em vigilância
 Expressões semicobertas a propósito
 De um vírus entre humanos.
 Sob tiras de panos
 Bocas quase caladas
 Desconfiadas
 Narinas de poucos ares.
 Que novas caras virão das
 Máscaras da minha rua?
 Que outras máscaras
 Nos trarão novos olhares?
 Minha rua não mostra suas faces
 Exibe panos multicores somente
 Desejo de algum ar de singularidade
 Que encobre rostos e dores.

Utilizando a rua como espaço que deflagra as mudanças comportamentais provocadas pela pandemia, o poema registra o impacto visual e social da Covid-19. Destaca-se a fragmentação do rosto humano sob o uso das máscaras, onde elementos como “olhos soltos”, “bocas caladas” e “narinas de poucos ares” sinalizam o estado de vigilância e restrição. A presença do vírus é apresentada como o agente que impõe o semicobramento das expressões, substituindo a identidade individual por uma barreira de proteção que altera a dinâmica de convivência e o reconhecimento do outro. A reflexão avança para o caráter ambíguo das “máscaras da minha rua”, questionando se a proteção física encobre também novas formas de subjetividade e distanciamento. Ao final, o poema sugere que o isolamento e o ocultamento das faces deixam a rua em um estado

de busca, no qual a desconfiança e o desejo de novos olhares convivem sob a superfície do que é exibido.

Maternidade

A maternidade é outro elemento que atravessa sua escrita. Ela traduz suas vivências e sentimentos em textos carregados da experiência do maternar. O texto "Com a bola na mão"¹⁵, dirigido a seu filho, é um exemplo disso:

Hoje sou eu quem quica a bola da vez, filho. À medida que ela bate no chão e volta às minhas mãos, refaço idas e vindas, ataques e defesas de um jogo que começou a dezenove janeiros atrás.

Lembro de você enterrado em uma cesta, em rede líquida e maternal, ultrapassando em muito o ritmo das batidas do meu coração, correndo entre os caminhos do meu ventre. Quando achava que estava aqui, você já aparecia ali.

E assim irrequieto, acabou dando mais passes do que devia no cordão que nos unia, quase estourou o tempo. Deu trabalho na hora de irromper quadra a fora, pra vida. Já nasceu chorando seus direitos. Mas como o mundo é redondo, do jeito que você gosta, se sentiu em casa e repousou quase quietinho na esfera da minha barriga, às quatro horas da manhã de um dia festivo. Dois pontos: coragem.

Lembro de como sua agilidade e impermanência eram presentes em tudo. Ninguém conseguia bloquear suas jogadas. Colocar fralda e roupa em você era um jogo rápido. Uma mão equilibrando uma bola, e a outra arremessando logo outra, pra não deixar o ritmo cair. Até pra mamar, você era voraz e insaciável, arremessando sobras de leite pra todo lado, e eu, na minha pouca esperteza, não tinha como me defender. Dois pontos: identidade.

Lembro de como você escolhia se lançar pelas janelas da sala no maternal, ao invés de entrar pela porta, como todos os outros jogadores. E a professora já nem achava ruim, até gostava, porque você driblava todo mundo com esse sorriso franco, até estranhos na rua. Você sempre foi mesmo de encantar qualquer torcida. Dois pontos: carisma.

¹⁵ "Com a bola na mão" foi publicado no blog online da editora Ultimato, sem data explicitada (<<https://ultimato.com.br/sites/blogdaultimato/2015/05/06/com-a-bola-na-mao/>>) e também foi publicado no blog da autora em 11 de junho de 2020, com a informação de que havia sido escrito em 2012 (<<https://pingoeblog.blogspot.com/2020/06/com-bola-na-mao.html>>).

Lembro de sua mania de voar no garrafão de portas de armários, árvores, muros e eu sempre lhe dava assistência nas bolas que cresciam na testa, na nuca, na sobancelha, no pé. Mas você logo saía ventando com outras bolas na mão, pra se posicionar em novas tabelas. Dois pontos: superação.

Sabe uma lembrança que quica baixinho aqui e agora no peito: seu cuidado com os companheiros de time mais frágeis e especiais. Cedia a vez, dava muitas assistências e por isso sempre foi amigo de tantos. Todo mundo gritava seu nome e esperava de você essas jogadas fenomenais. Dois pontos: bondade.

Lembro também que sua adrenalina e raiva quicavam tão forte quanto o sorriso, quando entrava numa disputa de bola ou os juizes da vida estavam equivocados. O único jeito era lhe dar um tempo até a bola baixar e você dar conta de me ouvir por alguns segundos, pra logo sair quicando alegre outra vez. Mais dois pontos: sensibilidade.

Você sempre quicou alegre com tudo na vida, filho. Sua alegria contagiava times e torcidas e atrai pontos e mais pontos no jogo. Seus pontos já chegam a dez. Você é dez, mesmo. Mas vai aumentar o scout, tenho certeza.

Hoje, você anda quicando bolas pelo Brasil afora, e eu fico mais aqui na arquibancada. O cordão que nos une está cada vez mais extenso, mas ainda ouço forte a cada dia os quiques do seu coração bem pertinho do meu, sempre muito mais veloz e acelerado. Eu, na minha calma, assisto a seus jogos e lhe vejo como um vencedor. Você é um campeão, mesmo. Tenha certeza disso, mesmo quando no fim de um jogo o placar não for a favor.

Agora, lhe devolvo a bola. Sai quicando na vida, filho. A bola é sua (Pinheiro, 2012b).

No texto, as palavras de uma mãe que lida com o crescimento de um filho na fase de deixar o lar e assumir a vida adulta, numa linguagem que mistura termos do jogo de basquetebol (atividade desenvolvida pelo jovem) com memórias afetivas da infância do garoto, de modo que por vezes o movimento da bola repercute o movimento do menino e outras vezes a bola é metáfora da vida que o jovem adulto precisará administrar com a destreza de um jogador.

No poema "Colheita" (Pinheiro, 2020a), escrito em 2012 e publicado no seu blog em maio de 2020, está registrada a memória característica do universo maternal à medida que traz o gozo do olhar para a própria cria e deslizar os dedos pelos cabelos da criança. Misturam-se imagens dos cabelos dourados e soltos com

imagens de campos de trigo a balançar ao vento. O olhar é de “mãe admirada”, uma fêmea mamífera a olhar a criação como quem assume a postura do criador.

Campos de trigo balançam
é a sua cabeleira de ouro
nos primeiros dias de maio
ao vento de sentimentos
que persistem em trazer
o som de um riso tímido.

Vales se cobrem de trigo
exultam e cantam de alegria
quando a memória traz
os movimentos de suas madeixas
aos embalos de meu colo
de mãe admirada.

Planícies florescem em trigo
espigas imaginárias no tempo
ao som de seus dedos em cordas
dueto com tons amarelo
de arco-íris em cascata
jorrando de sua cabeça
áurea e florida.

Chão se esvazia do trigo
colhido a dedo
deixa brancas colinas
ausentes de sua presença
topázio
cristais amarelos
transparentes
topo de um corpo esguio.

Restam sementes
ardem os seios
que amamentaram
seu templo ainda delicado
e sem pelos
apenas penugens douradas
brotando na fronte
e a imagem do trigo
ao vento é ímã
ao meu pensamento.

Na peça poética, entrelaçam-se sensações evocadas da memória de momentos da mãe com a sua cria: o colo, o acariciar dos cabelos, a dor do amamentar. A imagem de um bebê sem pelos, coberto de penugem, mistura-se à de uma criança de farta cabeleira dourada. E essa evoca pedras preciosas como o topázio

e cristais amarelos. Os sons trazidos à tona remetem ao vento balançando plantações de trigo, a risos e a cantos de alegria. Desse modo, o poema tenta registrar por meio de conexões imagéticas e sonoras um sentimento de amor maternal que não pode ser expresso em palavras.

A crônica “Maria e o aprendizado da desimportância” (Pinheiro, 2014a) parte de uma figura bíblica, isto é, Maria a mãe de Jesus e foi publicada em um site cristão de vertente protestante. Portanto, apresenta um forte elemento religioso. Porém, a reflexão vai além, no sentido de que se mira a experiência narrada nos Evangelhos para compreender a própria realidade:

Entre tantos artigos da internet sobre o Dia das Mães, li uma frase: “A boa mãe torna-se desnecessária”. Frase de efeito atribuída ora a um psicanalista, ora a um monge. Autoria na internet é difícil precisar. Mas, a citação me faz refletir sobre o papel de mãe e minha relação com meu filho, hoje um lindo homem.

Faz-me pensar também sobre uma figura especial, exemplo de mãe. E de mulher e seguidora de Jesus: Maria. Penso que Maria soube encarnar a desnecessidade materna.

Isso poderia não ter acontecido, uma vez que foi designada para cuidar, no ventre e na vida, do “Deus Conosco”. Carregar alguém especial dentro de si e dar de seu próprio corpo, ainda mais ao Deus-Homem, pode criar uma inimaginável sensação de indispensabilidade. Não é à toa que Maria exultou em canção: “O meu coração louva ao Senhor... Ele se lembrou de mim...”. Todavia, ela experimentou o aprendizado de tornar-se desnecessária.
[...]

Com ela, aprendo da arte de tornar-se insignificante para ser mais humana. Com ela, reflito sobre o quanto preciso deixar meu filho ser mais ele mesmo, ao mesmo tempo em que me permito a alegria de contemplá-lo sendo tudo o que pode ser, mesmo sem mim.

A compreensão da figura de Maria diante da missão do seu filho Jesus parte de uma mulher criada no meio evangélico, onde não existe o culto mariano característico da tradição cristã católica: isso é importante de ser ressaltado na análise do texto. Importa ressaltar também o caráter pedagógico do texto, não à maneira de um manual de instruções, e sim enquanto reflexão subjetiva de um sujeito, a qual pode ser compartilhada com uma comunidade, a saber: um

conjunto de mães que também almejam aprender qual é o seu papel diante da difícil tarefa de educar um filho.

Comentários finais

A trajetória literária de Silvana Pinheiro revela-se como um percurso de maturação constante, em que a formação pedagógica, humana e religiosa, bem como a sensibilidade poética se fundem para interpretar a realidade capixaba e as complexidades da vida contemporânea. Sua produção, embora fortemente alicerçada sobre o universo infanto-juvenil, também alcança o público adulto por meio de crônicas, poesias, sejam publicadas em livro ou em meio digital. Essa versatilidade permite que a autora transite entre o lúdico e o reflexivo.

Os temas identificados — a natureza, a religiosidade, a condição feminina e a maternidade, sem esquecer do impacto da Covid-19 — não se apresentam como compartimentos isolados, mas como eixos que se entrecruzam sob uma perspectiva humanista. A paisagem do Espírito Santo, marcada pela onipresença do mar e pela memória ambiental, fornece o substrato para uma ética de preservação que atravessa suas produções. Paralelamente, a herança protestante oferece o repertório simbólico necessário para investigar a finitude e a espiritualidade, convertendo preceitos teológicos em chaves de leitura universais sobre a fragilidade e a resiliência humana.

A análise da produção mais recente, marcada pelas contingências da pandemia de Covid-19 e pelas reflexões sobre o “femear” e o maternar, sugere uma escrita que não se furta ao enfrentamento das questões do seu tempo. Da mudez imposta pelas máscaras sociais à aceitação da “desnecessidade” materna, ela utiliza a palavra como ferramenta de deslocamento e reconstrução. Ao unir o rigor da experiência educativa à suavidade da prosa poética, sedimenta um legado que valoriza a cultura local enquanto dialoga com dilemas existenciais

globais. Este breve panorama de sua trajetória corrobora a imagem de uma artista em construção.

Longe de querer esgotar possibilidades de abordar a obra de Silvana Pinheiro, este trabalho pretende abrir caminhos sobre uma vasta produção literária que merece receber incursões mais detidas, de modo a revelar outras leituras e delinear melhor os contornos de uma trajetória que já se faz longeva nas veredas da literatura.

Referências:

AIOLFI, Ricardo. *Biblioteca on-line traz dica de leitura de Silvana Pinheiro*. Prefeitura de Vitória, 11 ago. 2020. Disponível em: <<https://www.vitoria.es.gov.br/noticia/biblioteca-on-line-traz-dica-de-leitura-de-silvana-pinheiro-41403>>. Acesso em: 11 fev. 2026.

A TRIBUNA. *Quem é Silvana Pinheiro*, 23 set. 2024, p. 5. Disponível em: <<https://pt.scribd.com/document/772690960/Vitoria-ES-a-Tribuna-230924#content=query:silvana%20pinheiro,pageNum:5,indexOnPage:0,bestMatch:false>>. Acesso em: 11 fev. 2026.

FARIAS, Herbert. Dualidade e transcendência. In: NUNES, Pedro J. (Ed.). *Tertúlia capixaba*, Vitória, [s. d.]. Disponível em: <https://www.tertuliacapixaba.com.br/paraler/dualidade_e_transcendencia.html>. Acesso em: 13 fev. 2026.

FRANÇA, Brunella. *Encontro com a escritora Silvana Pinheiro Taets e contação de histórias na Fafi*. Prefeitura de Vitória, 12 set. 2009. Disponível em: <<https://www.vitoria.es.gov.br/noticia/encontro-com-a-escritora-silvana-pinheiro-taets-e-contacao-de-historias-na-fafi-6760>>. Acesso em: 11 fev. 2026.

GUIA dos quadrinhos, Marcos Garcia, 2013. Disponível em: <<http://www.guiadosquadrinhos.com/artista/marcos-garcia/11164>>. Acesso em 17 fev. 2026.

LIMA, Paulo Nailson A. (Ed.). Desde 2000, foram seis anos publicação impressa e 18 anos na internet. *Presentia*, [Recife], 09 maio 2025. Disponível em: <<https://presentiaonline.blogspot.com/2025/05/desde-2000-foram-seis-anos-publicacao.html#more>>. Acesso em: 14 fev. 2026.

LUZ e vida. *Prazer, somos a Editora Luz e Vida*. In: LUZ E VIDA. [s. l.]: Luz e Vida, [s. d.]. Disponível em: <<https://www.editoraluzevida.com.br/>>. Acesso em: 13 fev. 2026.

MORAES, Fabiano de Oliveira. *Currículo-fabulação: a curiosa metamorfose de Francis Tracart*. 2014, 138 f. Tese (Doutorado em Educação) — Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2014. Disponível em: <https://sappg.ufes.br/tese_drupal//tese_8088_2014_Tese_Fabiano_Moraes.pdf>. Acesso em: 14 fev. 2026.

MOREIRA, Renata. *Alunos de Cmei fazem casa rosa e leem livros para homenagear escritora capixaba*. Prefeitura de Vitória, 28 ago. 2019. Disponível em: <<https://www.vitoria.es.gov.br/noticias/alunos-de-cmei-fazem-casa-rosa-e-leem-livros-para-homenagear-escritora-capixaba-36873>>. Acesso em: 11 fev. 2026.

NUNES, Carlos Jorge. *Desenhos, desenhos e mais desenhos*, Belo Horizonte, 2011. Disponível em: <<http://carlosjorgeilustrador.blogspot.com/2019/>>. Acesso em 17 fev. 2026.

PINHEIRO, Silvana. *A casa rosa*. São Paulo: DCL, 2004b.

PINHEIRO, Silvana. Provisão. In: _____. *femear*. Vitória: Edição da autora, 2014. Disponível em: <<https://pingoeblog.blogspot.com/2018/05/provisao.html>>. Acesso em: 18 fev. 2026.

PINHEIRO, Silvana. *Amar o mar*. São Paulo: DCL, 2004a.

PINHEIRO, Silvana. Colheita. In: _____. *Blog Pingo é*, Vitória, 04 maio 2020a. Disponível em: <<https://pingoeblog.blogspot.com/2020/05/colheita.html>>. Acesso em: 14 fev. 2026.

PINHEIRO, Silvana. Com a bola na mão. *Ultimado online*, Viçosa, , 2012b. Disponível em: <<https://ultimato.com.br/sites/blogdaultimato/2015/05/06/com-a-bola-na-mao/>>. Acesso em: 14 fev. 2026

PINHEIRO, Silvana. *Das histórias da tartaruga*. Belo Horizonte: Aluar, 2024b.

PINHEIRO, Silvana. *De bichos pequenos e grandes*. Viçosa: Ultimato, 1997.

PINHEIRO, Silvana. Escritora Silvana Pinheiro: “Novas gerações lidam com uma vida irreal”. Entrevista concedida a Luciano Rangel. *A tribuna*, Vitória, 29 set. 2024a. Disponível em: <<https://tribunaonline.com.br/cidades/escritora-silvana-pinheiro-novas-geracoes-lidam-com-uma-vida-irreal-200981>>. Acesso em: 11 fev. 2026.

PINHEIRO, Silvana. *História de estrela*. Belo Horizonte: RHJ, 1994.

PINHEIRO, Silvana. Hoje acordei sem máscaras. In: _____. *Blog Pingo é*, Vitória, 18 jun. 2020b. Disponível em: <<https://pingoeblog.blogspot.com/2020/06/hoje-acordei-sem-mascaras.html>>. Acesso em: 14 fev. 2026.

PINHEIRO, Silvana. *Houve um beija-flor*. Vitória: Formar, 2018.

PINHEIRO, Silvana. Maria e o aprendizado da desimportância. *Ultimato online*, Viçosa, 09 maio 2014a. Disponível em: <<https://www.ultimato.com.br/conteudo/maria-e-o-aprendizado-da-desimportancia>>. Acesso em: 14 fev. 2026.

PINHEIRO, Silvana. Na minha rua. *Ultimato online*, Viçosa, 13 jul. 2020c. Disponível em: <<https://ultimato.com.br/sites/blogdaultimato/2020/07/13/na-minha-rua/>>. Acesso em: 14 fev. 2026.

PINHEIRO, Silvana. *Notícias para Marina*. Vitória: Formar, 2023.

PINHEIRO, Silvana. *O jogo dos sete tempos*. Niterói: Vinde Comunicações, 1995.

PINHEIRO, Silvana. O tempo e o vento. *Ultimato online*, Viçosa, 07 mar. 2016. Disponível em: <<https://www.ultimato.com.br/conteudo/o-tempo-e-o-vento>>. Acesso em: 14 fev. 2026.

PINHEIRO, Silvana. *Pingo é*, Vitória, 2012. Disponível em: <<https://pingoeblog.blogspot.com/>>. Acesso em: 14 fev. 2026.

PINHEIRO, Silvana. *Sem licença*: a poética de Adélia Prado. Belo Horizonte: Caravana, 2014.

PINHEIRO, Silvana. Solitude. *Ultimato online*, Viçosa, 04 mar. 2015. Disponível em: <<https://www.ultimato.com.br/conteudo/solitude>>. Acesso em: 14 fev. 2026.

PINHEIRO, Silvana. Tecendo o arco-íris. *Presentia*, [Recife], 21 jul. 2012a. Disponível em: <<https://presentiaonline.blogspot.com/2012/07/cronica-tercendo-o-arco-iris.html>>. Acesso em: 11 fev. 2026.

PINHEIRO, Silvana. *Uma luz no fim do beco*. Vitória: 2001.

PINHEIRO, Silvana. Um certo João. *Ultimato online*, Viçosa, 18 dez. 2018. Disponível em: <<https://www.ultimato.com.br/conteudo/um-certo-joao>>. Acesso em: 14 fev. 2026.

PINHEIRO, Silvana. *Vitória, uma ilha cercada de terras*. São Paulo: Cortez, 2007.

RHJ. *A RHJ Livros*. In: RHJ. Belo Horizonte: RHJ, [s. d.]. Disponível em: <<https://rhjlivros.com.br/institucional/>>. Acesso em: 17 fev. 2026.

ROCHA, Elizeti Terezinha Caser. *Leitura e cidadania*: a experiência de Goiabeiras Monografia (Aperfeiçoamento/Especialização em Ciências Sociais) — Departamento de Ciências Sociais, Universidade do Espírito Santo, Vitória, 2007.

ROCHA, Elizeti Terezinha Caser (Coord.). *Viagem pela literatura*: histórias infanto-juvenis. Vitória: Biblioteca Municipal Adelpho Poli Monjardim; Secretaria Municipal de Cultura; Prefeitura Municipal de Vitória-ES, 2014. 1 DVD.

SECULT - Secretaria da Cultura do Estado do Espírito Santo. *Escritora Silvana Pinheiro lança livro de poesias*. *Secult*, Vitória, 18 ago. 2014. Disponível em: <<https://secult.es.gov.br/escritora-silvana-pinheiro-lanca-livro-de-poe>>. Acesso em: 11 fev. 2026.

ULTIMATO online. *Quem somos*. [Recife]: Ultimato, [s. d.]. Disponível em: <<https://www.ultimato.com.br/editora/quem-somos#extras>>. Acesso em: 14 fev. 2026.

ULTIMATO online. Morre “pai” do Zé Carioca e ilustrador de único livro infantil da Ultimato. *Ultimato*, Viçosa, 13 out. 2013. Disponível em: <<https://www.ultimato.com.br/editora/conteudo/morre-pai-do-ze-carioca-e-ilustrador-de-unico-livro-infantil-da-ultimato>>. Acesso em: 11 fev. 2026.

REVISTA Vinde. *O sistema de franquias facilita a montagem de lojas da rede Vinde*, 1995. Disponível em: <<https://revistavinde.blogspot.com/1995/12/visao-nacional.html>>. Acesso em 17 fev. 2026

VERÍSSIMO, Érico. *O tempo e o vento*. Porto Alegre: Continente, 1949.

RESUMO: Objetiva apresentar alguns temas na obra da autora Silvana Pinheiro, por meio de comentários sucintos acerca de composições de sua autoria, no sentido de dar a ver aspectos de uma trajetória em construção. Para tanto, selecionamos textos da autora que trazem os temas: letramento literário; proteção da natureza; sentimento de ser mulher; religiosidade; Covid-19; e maternidade. Além de seus livros, foram realizadas incursões em sítios eletrônicos, como páginas eletrônicas de editoras, revistas online e blogs, nos quais encontramos publicações suas. O trabalho permitiu vislumbrar uma autora multifacetada, que faz seus textos dialogarem com suas vivências pessoais, alinhando literatura e vida. Diante da falta de trabalhos críticos sobre a autora, o presente artigo recorreu mormente a pistas encontradas em notícias de jornais e notas de imprensa que apresentam, ainda que muito brevemente, seu trabalho. Passar pela obra da autora em perspectiva ampla permitiu observar traços da expressão de uma mulher escritora que se coloca frente às questões do seu tempo, como um ser sensível, pensante e atuante.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura brasileira — Espírito Santo. Literatura espírito-santense — Silvana Pinheiro. Silvana Pinheiro — Temário. Silvana Pinheiro — Perfil literário.

ABSTRACT: This study aims to present several themes found in the literary work of the Espírito Santo-based author Silvana Pinheiro. Through succinct commentary on her compositions, it seeks to reveal aspects of a trajectory built over the last thirty years. To this end, we selected texts covering the following themes: literary literacy, environmental protection, the experience of being a woman, religiosity, Covid-19, and motherhood. In addition to her books, research was conducted on electronic sites—such as publishers' pages, online magazines, and blogs—where her publications were found. This work allows a glimpse of a multifaceted author who brings her texts into dialogue with her personal experiences, weaving together literature and

life. Given the lack of critical studies on the author, this article relied primarily on clues found in newspaper reports and press releases that introduce her work, albeit briefly. Examining the author's work from a broad perspective reveals the traits of a female writer who confronts the issues of her time as a sensitive, thinking, and active being.

KEYWORDS: Brazilian literature — Espírito Santo. Literature from Espírito Santo — Silvana Pinheiro. Silvana Pinheiro — Writing themes. Silvana Pinheiro — Literary profile.

Recebido em: 9 de março de 2026
Aprovado em: 10 de abril de 2026

FEMEAR COM “F” MINÚSCULO: UMA REFLEXÃO SOBRE O FEMININO

FEMEAR WITH A LOWERCASE “F”: A REFLECTION ON THE FEMININE

Maristela Rodrigues Lopes*

“**Quando uma mulher escreve, ela traz muito de outras mulheres**”

Q Em 1897 foi fundada a Academia Brasileira de Letras (ABL), mas apenas 80 anos depois, em 1977, uma mulher ocupou pela primeira vez uma cadeira: a jornalista e escritora cearense Rachel de Queiroz. Em 2025, portanto 48 anos passados desde a assunção da autora de *O Quinze* (1930), Ana Maria Gonçalves tornou-se a primeira mulher negra eleita imortal pela ABL. Atualmente, além da recém-chegada autora, a instituição conta somente com mais cinco mulheres: Ana Maria

* Doutora em Letras pela Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes).

Machado (2003), Rosiska Darcy de Oliveira (2013), Fernanda Montenegro (2022), Lilia Schwarcz (2024) e Miriam Leitão (2025). Enfatizar essas informações, o que também pode ser interpretado como o desejo de tornar mais plural a ABL (ou qualquer outra academia de Letras), trata-se de deixar evidente a existência de mais um espaço majoritariamente masculino (e branco), e essa constatação não pode ser ignorada a partir do momento em que se propõe refletir sobre a visibilidade das mulheres escritoras, a exemplo de Silvana Pinheiro. Portanto, o caso da ABL – assim como o da Academia Espírito-Santense de Letras (AEL), em que apenas um quarto das cadeiras é ocupado por mulheres¹ — é só mais um exemplo da ainda desproporcional ocupação da mulher em espaços como esse.

Entretanto, quando uma instituição, como a Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes), se engaja no sentido de recuperar o legado de mulheres autoras ou de trazer ao público a produção atual desse grupo, presta um serviço inestimável à memória, à cultura e, em particular, à literatura. Das treze edições da revista *Fernão – Revista do Núcleo de Estudos e Pesquisas da Literatura do Espírito Santo* (Neples) —, sete delas foram dedicadas à autoria feminina: Bernadette Lyra (2019), Elisa Lucinda (2020), Andréia Delmaschio (2021), Ester Abreu Vieira de Oliveira (2022), Mara Coradello (2023), Elizabeth Martins (2024) e Neida Lúcia Moraes (2025). Agora, em 2026, a homenageada será Silvana Pinheiro. Logo, a iniciativa desse periódico em trazer autoria diversificada em termos de gênero aponta para a necessidade de se pluralizar o campo literário e, assim, torná-lo mais democrático.

Silvana Pinheiro é da capital Vitória e, por isso, como escritora, faz parte do grupo de autores capixabas sobre os quais pesquisadores têm se debruçado e realizado pesquisas de suma importância, tais como o *Mapa da literatura brasileira feita no*

¹ Embora seja minoritária a presença da mulher na AEL, ainda assim é um número superior ao da ABL. Informação disponível em: <https://www.ael.org.br/patronos_e_academicos/pagina_1.html>. Acesso em: 11 fev. 2026.

Espírito Santo (2019), em que Reinaldo Santos Neves atualiza o *Panorama das letras capixabas* (1982), de José Augusto Carvalho. Essa iniciativa de Neves, entre outras possibilidades, permite verificar até que ponto esteve presente a autoria feminina na historiografia da literatura capixaba. O livro está dividido em seis partes que compreendem o período que vai do século XVI à atualidade. Nesse recorte, fica evidente a escassa presença de autoras mulheres, principalmente quando se consideram os primórdios, em que se constata sua ausência. Aqui, pretende-se, em linhas gerais e de modo conciso, apenas mostrar como, paulatinamente, a mulher escritora foi tomando visibilidade no contexto da literatura produzida no Espírito Santo.

Na primeira parte do Mapa, “Do século XVI ao Poema mariano”, não foi identificado o nome de nenhuma mulher autora. Já na segunda, “O século XIX”, figura o nome de Adelina Tecla Correia Lírio (c. 1863-1938), cuja importância “está em que, sendo mulher, foi pioneira em publicar poemas de sua autoria em jornais, o que fez a partir de 1881” (Neves, 2019, p. 33). Ainda nesse recorte temporal, aparece também a primeira mulher capixaba a reunir em livro seus poemas: Maria Antonieta Tatagiba (1895-1928) que, em 1927, publicou sua única obra: *Frauta agreste*, “que se destaca, pelo domínio tanto da técnica como da emoção, entre os livros de poesia escritos no Espírito Santo na primeira metade do século” (Neves, 2019, p. 34)². Na terceira parte, “De 1901 a 1950”, sobressaem os nomes de: Haydée Nicolussi (1905-1970)³, que publicou um único livro, *Festa na sombra* (1943), não teve nenhum voto no concurso da *Tribuna*

² Reinaldo Santos Neves (2019, p. 34) cita Mendes Fradique (1928) que, numa crônica, critica a indiferença da crítica nacional em relação à *Frauta agreste*, de Tatagiba: “Maria Antonieta morreu num recanto de província, longe do cartaz da livraria, longe do bracejamento dos ‘après-midi’, longe da intriga dos grupinhos literários; morreu para as bandas da terra simples, entre a paisagem que tão bem cantou em sua *Frauta agreste* [...]”.

³ Segundo Neves (2019, p. 50), Haydée Nicolussi foi uma “figura apaixonante, que trocou Vitória pelo Rio de Janeiro no início dos anos 30, colaborou no *Diário de Notícias*, em *O Jornal*, em *A Noite*, no *Diário da Noite* e em *O Estado de São Paulo*, traduziu Bukarin e Gladkov, e acabou presa pelo Estado Novo: Graciliano Ramos cita o seu nome numa passagem das *Memórias do cárcere*”.

*Ilustrada*⁴ e também não pôde votar; Virgínia Tamanini, Maria José Albuquerque de Oliveira e Arlette Cypreste de Cypreste, as quais, em 1947, na *Quinzena de Arte Capixaba*, foram eleitas as melhores poetisas do Espírito Santo, o que foi uma novidade na época (Neves, 2019, p. 51). Na quarta parte, “De 1951 a 1978”, destacam-se os nomes de Marly de Oliveira, autora de *Cerco de primavera* (1957), o primeiro de mais de uma dezena de títulos; Kátia Bento, autora de *O azul das montanhas ao longe* (1968), entre outras obras; Virgínia Tamanini escreveu *Karina* (1964)⁵; Margarida Pimentel publicou os romances *Apenas um homem* (1965) e *Adulterio sem flagrante* (1968), além de *Vento macho* (1967), um livro de crônicas; Neida Lúcia Moraes, autora de *Olhos de ver* (1968), entre outros romances⁶; Carmélia Maria de Souza, “que publicava em jornais textos em que alternava a melancolia e o deboche” e cujas crônicas fizeram dela “uma das grandes vozes a surgir no final dos anos 50 e a consolidar-se na década seguinte (NEVES, 2019, p. 74)⁷. Na quinta parte, “A modernidade”, temos Bernadette

⁴ Em 1941, João Calazans, assessorado por Eugênio Sette, promoveu um concurso para eleger o “príncipe dos poetas capixabas” no veículo “A Tribuna Ilustrada” (também conhecido como “A Tribuna – Suplemento”), que foi um suplemento dominical do jornal *A Tribuna* (Neves, 2019, p. 45-46). No regulamento desse concurso, constam os nomes dos homenageados para denominar os prêmios. Todos são homens: 1.º Virgílio Vidigal; 2.º Ulisses Sarmento; 3.º Jonas Montenegro; 4.º Aristides Freire; e 5.º Vieira da Mota (p. 46). Conforme Neves (2019, p. 46), “a relação dos poetas elegíveis incluía 51 nomes, entre os quais dez mulheres. A relação dos intelectuais votantes incluía 147 nomes, dentre eles 42 dos 51 poetas elegíveis. Não foram considerados intelectuais votantes os poetas Arlete Cypreste, Climério Borges da Fonseca, Grinalson Medina, Hercília Valverde, Haydée Nicolussi, Leonor Pereira, Lourdes Cupertino de Castro, Luís Moreira e Violeta Costa”. Nesse episódio, chama a atenção não só o número reduzido de mulheres elegíveis (apenas dez), mas também a quantidade daquelas que foram impedidas de votar. Resultado do concurso: “Narciso Araújo, com 4.423 votos; Ciro Vieira da Cunha, com 3.767; João Bastos, com 3.145; Newton Braga, com 2.365; e Willis Cunha, com 906 votos” (Neves, 2019, p. 48). Os vencedores foram todos homens.

⁵ Nessa obra, “a autora valeu-se de todo um acervo de informações familiares sobre a imigração italiana em terras do Espírito Santo para compor esse romance, que se tornou imediatamente um clássico capixaba, tendo tido onze edições até 1985 e, em 1980, uma tradução para o italiano pelo Museo degli Usi e Costume della Gente Trentina S. Michele All’Adige, Trento” (Neves, 2019, p. 71-72).

⁶ De acordo com Neves (2019, p. 73), “o grande acontecimento dos anos 60, portanto, é a redescoberta do romance. O autor capixaba perde, por assim dizer, o medo desse gênero literário, desmistifica-o e dessacraliza-o”.

⁷ Esta é a apreciação que Francisco Aurelio Ribeiro faz da obra de Carmélia Maria: “Vivendo intensa e apaixonadamente a contestação da juventude dos anos 60, Carmélia personifica o espírito dessa geração de transição dos ‘anos dourados’ do pós-guerra aos ‘anos rebeldes’ dos revolucionários de 68. [...] Suas crônicas refletem o lado sobretudo humano da vida, que estava sendo massacrado pela tecnocracia que se implantava num país dominado pelos militares e pela

Lyra, Lacy Ribeiro, Deny Gomes, Regina Herkenhoff Coelho, Wanda Santos, Márzia Figueira, Marilena Soneghet Bergmann, Alda Estellita Lins, Vera Moll, Elisa Lucinda⁸, Viviane Mosé, Magda Lugon e Anne Ventura. Por fim, na sexta parte, "A atualidade", o que corresponde aos três primeiros anos do século XXI⁹, Neves conclui com Cristina Lugão Porcaro, Mara Coradello e Sônia Bonzi. Como se percebe nesse breve rememorar, apesar de minoritária, houve uma participação crescente da mulher no cenário da literatura feita no Espírito Santo. Esse *Mapa* é, pois, um registro que, por sua relevância, merece atualização, a fim de abranger mais nomes, tais como o de Silvana Pinheiro. Ademais, uma versão desse produto, em que o foco recaia sobre a mulher autora nesse contexto capixaba, indubitavelmente, será um filão promissor.

Mediante essas considerações iniciais, infere-se que a literatura produzida por mulheres é, antes de tudo, um ato de resistência. Resistir, nesse caso, também denota afirmar uma existência, o que adquire ainda mais relevância principalmente quando se considera a ocupação de espaços, quer sejam políticos, quer sejam artístico-culturais. Assim sendo, depois de assegurados outros direitos, como o direito à educação, existir no campo literário, não como um assunto a ser tratado, mas como voz autoral, trata-se de uma conquista fundamental, uma vez que as mulheres, por muito tempo consideradas como o segundo sexo, não só pluralizam esse espaço marcadamente masculino, mas também porque trazem consigo, numa espécie de irmandade atemporal, as experiências de outras iguais. Dessa forma, mulheres, a partir de variadas

cultura norteamericana. Carmélia escrevia com a paixão, o coração, mais do que com a razão. Suas crônicas não são só jornalísticas, mas, principalmente, repletas de sentimento de abandono, ódio, amor, compaixão" (Ribeiro, 1998 apud Neves, 2019, p. 74)

⁸ Sobre a poética de Elisa Lucinda, o mesmo Francisco Aurelio Ribeiro escreve: "A melhor poesia erótica feminina, ou poesia-fêmea, é a de Elisa Lucinda, poeta e atriz. Seu primeiro livro, *Aviso da lua que menstrua*, 1990, é um escândalo, pela liberação total do verbo, da paixão e da tesão, que os homens e as mulheres, estas subjugadas por eles, esconderam durante tantos anos [...] Seus poemas retratam o cotidiano mais intimista da mulher esposa, mãe, amante, num realismo gritante de um eu exclusivamente mulher" (Ribeiro, 1996 apud Neves, 2019, p. 118).

⁹ Para o autor de *Mapa da literatura feita no Espírito Santo*, os três primeiros anos do século XXI não foram tão produtivos: "Já lá se foram os três primeiros anos do século XXI. Foi um triênio meio magro para a literatura feita no Espírito Santo" (Neves, 2019, p. 123).

experiências, encontram-se entremeadas na escrita da mulher que produz literatura. Possivelmente seja essa a mesma percepção da gaúcha Mar Becher (2026), autora de *Noite devorada* (2025) e vencedora na categoria poesia da premiação anual promovida pela Associação Paulista de Críticos de Arte (APCA): “Eu sinto que quando uma mulher escreve, ela também traz muito de outras mulheres e traz muito da história da mulher na cultura” (Becher, 2026). Assim, para Becher, ao se apropriar dos lugares culturalmente ocupados pelas mulheres, a mulher escritora reverbera uma história que a antecede.

De modo similar ao entendimento da poeta Mar Becher, a escritora capixaba Silvana Pinheiro, na dedicatória de *femear* (2014), assim se expressa: “Ofereço este livro às mulheres que passaram por mim e deixaram sementes que teimam germinar. Cada intenção de escrita traz seus olhares. Cada verso, suas palavras. Cada poema lhes faz retrato. E contemplo tudo isso com gratidão reverente” (Pinheiro, 2014, p. 7). Esse é, pois, o reconhecimento de como as experiências das mulheres interconectam-se e projetam-se numa espécie de conexão histórica, espacial e cultural, o que nos leva a acreditar numa literatura que ultrapassa a individualidade e que se torna polifônica, no sentido de permitir a ressonância de vozes e de experiências antecessoras.

A autora de *femear*, que reconhece ter sido influenciada por outras mulheres, é mestre em Estudos Literários e doutora em Letras pela Ufes. Além de poeta, educadora e autora de livros infantojuvenis, tais como *História de estrela* (RHJ) e *Amar o mar* (DCL), também é autora do livro de ensaios *Sem licença: a poética de Adélia Prado* (Caravana). *femear* é o seu primeiro livro de poesia destinado ao público adulto. Segundo declaração da autora, quando convidada a participar do projeto “O escritor e sua obra” na Biblioteca Pública do Espírito Santo em 2015, o título é a tradução da essência da obra, ou seja, trata-se de “uma perspectiva humana, mas com uma ótica feminina” (Pinheiro, 2015)¹⁰.

¹⁰ Conforme consta na nota de divulgação do evento publicada no site da SECULT (Secretaria de Cultura) do Espírito Santo, Silvana Pinheiro foi convidada para falar sobre sua trajetória na literatura, momento em que *femear* foi debatido. Disponível em: <https://secult.es.gov.br/o->

Portanto, este artigo visa refletir sobre o “feminino” a partir desse viés expresso pela autora. Para isso, são considerados nesta análise não só elementos internos à obra, mas também externos, tais como a epígrafe (*feminina mente*), a dedicatória, a “Apresentação” de Paulo Roberto Sodré e a resenha “Dualidade e transcendência” de Herbert Farias. Todo esse conjunto instiga-nos a construir uma argumentação capaz de não reduzir *femear* a “escrita de mulher”. Procedese assim em busca dessa “ótica feminina”, como prenuncia Silvana Pinheiro, mesmo compreendendo o conselho de Ana Cristina Cesar (1979, p. 33): “Diante de um livro de versos, não olhemos quem o escreveu, abandonemo-nos ao prazer”.

***feminina mente*: assim foram lançadas as sementes**

Silvana Pinheiro abre o livro com uma epígrafe formada pela palavra “femininamente” decomposta (*feminina mente*). Ao separar o radical (feminin-) do sufixo (-mente), a autora parece evidenciar a duplicidade de ideias, beirando a ambiguidade: trata-se de uma obra feminina, porque escrita por uma mulher, ou de uma obra escrita à maneira feminina? Ao propor esse jogo, talvez não intencional, Pinheiro fomenta uma reflexão em torno das discussões sobre uma literatura produzida por mulheres. Em contextos semelhantes, pesquisadoras e críticas literárias, a exemplo de Elódia Xavier, apontam para o desconforto causado pela carga semântica do termo “feminino”: “Uma longa tradição o tem como sinônimo de delicado, superficial e sentimentalóide; basta lembrar que este epíteto, justaposto a certos periódicos — revista feminina — dá bem a medida da superficialidade das matérias publicadas” (Xavier, 1991, p. 11). Entretanto, para desfazer equívocos, a pesquisadora enfatiza que “quando um livro é de

escritor-e-sua-obra-com-silvana-
 pinheiro#:~:text=O%20livro%20de%20poemas%20'Femear,populares%2C%20B%C3%ADblia%2C%20Homero). Acesso em: 24 fev. 2026.

autoria feminina, significa, apenas, que foi escrito por uma mulher”. Para além dessa questão semântica, Elódia Xavier constatou, na leitura das narrativas produzidas a partir da década de 1960, a existência de características comuns na literatura produzida por mulheres:

A condição da mulher, vivida e transfigurada esteticamente, é um elemento estruturante nesses textos; não se trata de um simples tema literário, mas da substância mesma de que se nutre a narrativa. A representação do mundo é feita a partir da ótica feminina, portanto, de uma perspectiva diferente (para não dizer marginal), com relação aos textos de autoria masculina. Não existe “discurso masculino”, porque não existe “condição masculina”. A mulher, vivendo uma condição especial, representa o mundo de forma diferente (Xavier, 1991, p. 11).

Exposto o pensamento de Elódia Xavier, parece-nos que, quando Silvana Pinheiro afirma ter escrito seu livro sob uma “ótica feminina”, ela também se refere a essa “perspectiva diferente” porque se trata de uma mulher, cuja experiência é muito particular em relação à do homem. Nesse sentido, vale lembrar duas observações de Virginia Woolf: “Que as experiências têm grande peso sobre a literatura é algo incontestável” (2021, p. 107) e “[...] é provável que, tanto na vida quanto na arte, os valores de uma mulher não sejam os valores de um homem” (2021, p. 111). Assim sendo, quando uma mulher escreve literatura, o faz a partir do lugar que ela ocupa.

Ainda de acordo com Elódia Xavier (1991), ao considerar elementos internos ao texto, um dos traços dessas narrativas de autoria feminina é apresentar a mulher como foco central e ser escrita na primeira pessoa, muitas vezes num tom confessional tão marcante, que chega a causar confusão: não se sabe se é a narradora ou se é a autora, se é ficção ou se é autobiografia. Outras peculiaridades são a natureza introspectiva, a valorização do passado (a memória como artifício para o autoconhecimento e para a busca da identidade), a duplicidade, a ambiguidade, entre outras. Quanto à linguagem, a pesquisadora ressalta que “quando uma mulher articula um discurso este traz a marca de suas experiências, de sua condição; práticas sociais diferentes geram discursos diferentes” (Xavier, 1991, p. 13). Diante dessas considerações, é importante

ressaltar que Xavier está referindo-se aos textos em prosa, mas as suas constatações também servem para se pensar a poesia.

Aprofundando-nos na questão do feminino em relação à literatura produzida por mulheres, recorre-se ao pensamento de Imaculada Nascimento que, em “Escrita feminina: excesso inquietante”, por meio de símiles, evidencia o caráter intrigante e insubordinado desse conceito, que surge personificado:

Diz-se que o feminino só se permite observar precariamente, apenas entrever. Talvez como se olhássemos uma Pompeia devastada em ruínas à procura de algo que diga sobre o passado de seus habitantes. No entanto, o feminino, entre os escombros nos observa, nos olha e nos seduz de modo tão insistente que a ele não conseguimos nos furtar. E seguimos procurando capturar o feminino, que desliza incapturável como o andar da Grádiva, rebelde à imobilização (Nascimento, 2019, p. 438).

Ao fazer essa abordagem, Imaculada Nascimento reporta-se a Ana Cristina Cesar, que deixou importante contribuição sobre a “escrita feminina” no contexto dos anos 1970, em que esse assunto também era pauta. Nascimento refere-se ao texto “Riocorrente, depois de Eva e Adão”, publicado por Cesar em 1982 no jornal *Folha de São Paulo*. Nele, a poeta e ensaísta faz as seguintes indagações: “Como fechar, convenientemente, o problema do feminino no texto literário — deslindando-o inclusive da palavra mulher? Onde ancorar esse conceito? Não seria melhor deixá-lo à deriva, errante conforme nos sopra o que há de feminino na linguagem?” (Cesar, 1993 apud Nascimento, 2019, p. 438). Como se pode constatar, parece que não é tão simples chegar a um consenso em relação ao que se costuma denominar “escrita feminina” e “literatura de mulher”: Seriam a mesma coisa? Sob essa perspectiva, Nascimento (2019, p. 440) considera o seguinte:

Há alguns que tentam ver a ideia do feminino em poesia feita por mulher, culminando na confusa ideologia do eterno feminino que transfigura a vida em canto. Talvez se possa dizer que, neste caso, a feminização é temática. Outros tentam não ver diferença alguma porque há homens que também escrevem assim, como o próprio Carlos Drummond de Andrade que, em alguma parte da obra, marcou sua poesia com uma dicção de nobreza e lirismo e pudor que caracterizam

o que me ocorre como “escrita feminina” no sentido de “escrita de mulher”.

A pesquisadora ainda observa que “há aqueles que tomam como objeto de investigação uma estética caracterizada por algo da ordem de um ‘excesso’ em torno do feminino que não se deixa apreender ou localizar” (Nascimento, 2019, p. 440). Mas, afinal, de que se trata esse “excesso”? Como exemplo de uma literatura que assim se insinua, citam-se Florbela Espanca, Maura Lopes Cançado, Lilian Hellman, Clarice Lispector e até mesmo Guimarães Rosa. Ainda sob esse viés, Nascimento volta a Ana Cristina Cesar ao retomar “Excesso inquietante”, uma resenha de Cesar sobre o romance *As mulheres de Tijucopapo*, de Marilene Felinto, publicada em 1982 no jornal *Leia Livros* e republicada em 1993 em *Escritos no Rio*. Segundo Cesar (apud Nascimento, 2019, p. 441-442),

Tanto a charada quanto o medo estão presentes no livro de estreia de Marilene Felinto, *As mulheres de Tijucopapo*. Sem evitar cair no lugar-comum, é bom que se reconheça logo que este é um livro “de mulher”, que dá pano para manga para a questão do feminino. É um livro que conta, *femininamente*, a história de um retorno às origens: um retorno mítico de São Paulo para o Recife natal.

Ao utilizar o advérbio de modo, assim como o fez Silvana Pinheiro em sua epígrafe, a resenhista de *As mulheres de Tijucopapo* assim esclarece:

Femininamente significa aqui: de forma descontínua, desnivelada, expondo com intensidade muito sentimento em estado bruto. Significa também: dirigindo-se eternamente a um interlocutor, falando sempre *para alguém* como numa carta imensa. Mas ao mesmo tempo esse feminino transborda um excesso inquietante. Ao longo do livro trava-se uma luta com esse feminino excessivo, com esse a-mais, porque o excesso se situa à beira de uma amedrontada indefinição, à beira de uma impossibilidade de afirmar, afirmar-se, dar forma, acabar-se (Cesar, 1993 apud Nascimento, 2019, p. 442).

Se por um lado parece que Ana Cristina Cesar propõe uma definição do feminino a partir da leitura que fez do romance, por outro lado demonstra como é escorregadio esse conceito ao se referir a um “feminino excessivo”. Não há, pois, uma definição precisa diante da ambiguidade que aí se apresenta. Imaculada

Nascimento, desde o início de “Escrita feminina: excesso inquietante”, já anunciava quão difícil é capturar o feminino, cujo olhar

[...] nos atrai, nos seduz como um tecido esgarçado, lacunar e, por isso, tão difícil falar dele bem como identificar uma escrita que às vezes se quer “escrita feminina” porque não se trata de escrita de autoria feminina — ou escrita de mulher. Os dois termos se confundem (Nascimento, 2019, p. 448).

A pesquisadora ainda chama a atenção para a necessidade de se compreender o que diferencia o feminino da mulher, pois segundo ela, são duas noções que se tangenciam. No entanto, ressalta: “em relação ao texto de ‘escrita feminina’ — que não necessariamente só uma mulher consegue fazer — não há exatamente semelhança, não há um tangenciamento” (p. 448). Assim, conclui:

Leio a “escrita feminina”, não pelo viés daquela que acontece pela temática, detectada no enunciado, mas pelos sub-reptícios gestos de enunciação que o texto deixa entrever. Porque o “feminino” resiste e, portanto, é na superfície — podemos dizer até que por meio de um mapeamento, de uma cartografia do texto que o “feminino” se permite ver (Nascimento, 2019, p. 448).

Já que o feminino nos escapa ao ponto de não conseguirmos defini-lo com mais precisão, importa refletir sobre ele em termos mais diretos. Em “Literatura e mulher: essa palavra de luxo”, ensaio publicado na revista *Almanaque 10: Cadernos de Literatura e Ensaio*, pela Brasiliense, em 1979, Ana Cristina Cesar (1979, p. 32) o principia fazendo as seguintes indagações:

— Haverá uma poesia feminina distinta, em sua natureza, da poesia masculina? E no caso de existir essa poesia especial, dever-se-á procurar nela caracteres tais como uma sinceridade levada até o exibicionismo, uma sexualidade que nada mais é do que o desejo de se fazer amar pelos leitores? Poder-se-ia dizer que o homem é mais intelectual ou então se aprofunda mais? Será preciso ligar o sentido da experiência interior a um caráter essencialmente feminino? Poder-se-ia dizer que o apegamento ao real seja uma das características do homem em oposição à mulher?

Em seguida, a ensaísta sugere ao leitor fazer uma enquete “tipo Globo Repórter” e sair à rua perguntando às pessoas comuns: “o que é poesia; o que é mulher; e mulher fazendo poesia, fala de quê” (Cesar, 1979, p. 32). Possivelmente, segundo Cesar, as respostas refletiriam o que diz o senso comum sobre o poético e o feminino:

Surgirão algumas imagens que se convencionou chamar da natureza e considerar belas. O cancionero popular. Perfume, pérola, flor, madrugada, mar, estrela, orvalho, pólen, coração. Tépidos, macios, sensíveis. E em aparente contradição: inatingível, inefável, profundo. A velha contradição que os românticos não conseguiram resolver. Mulher é inatingível e sensual ao mesmo tempo. Carne e luz. Poesia também. O poético e o feminino se identificam (Cesar, 1979, p. 32).

Afastando-se do contexto popular, Ana Cristina Cesar passa a discorrer sobre a poesia de Cecília Meireles e Henriqueta Lisboa, a partir de seus respectivos livros: *Flor de poemas* e *Miradouro e outros poemas*. Nota-se em suas observações que, desde o título dos prefácios (“Poesia do sensível e do imaginário” e “Do real ao inefável”) à leitura dos poemas pela crítica, “a apreciação erudita da poesia dessas duas mulheres se aproxima curiosamente do senso comum sobre o poético e o feminino. Ninguém pode ter dúvidas de que se trata de poesia, e de poesia de mulheres” (Cesar, 1979, p. 32-33). Em sua análise, Cesar (1979, p. 34) vai chegar à conclusão de que ambas as poetisas “acabaram definindo a ‘poesia de mulher’ no Brasil”. É importante observar aqui que a conotação dada à “poesia de mulher” soa pejorativo, pois essa semântica faz referência a um tipo de poesia que se enquadra nos moldes de um feminino nada disruptivo, mas atrelado a construções socioculturais que indicam qual deve ser o lugar da mulher no campo literário e qual deve ser o tipo de literatura que ela deve produzir.

Ainda sobre as autoras supracitadas, Ana Cristina Cesar (1979, p. 34) prossegue referindo-se à “marca feminina que elas deixaram” e, daí, destaca “a nobreza e o lirismo e o pudor que devem caracterizar a escrita de mulher” para, em seguida, indagar: “O que eu quero saber é por que as poetisas brasileiras têm optado por essa via, e não por outra. Por que mulher quando escreve se atrela a esse tipo

de produção?” (p. 34). Em contrapartida, Cesar (1974, p. 35) aponta Adélia Prado como “raro exemplo de outra via, de uma produção alternativa de mulher em relação à via Cecília/Henriqueta. Dentre as que não são de nova geração, Adélia é das poucas que não se filia à Irmã Maior [Henriqueta]”. Conforme sua hipótese, Adélia Prado segue por outro caminho porque “supera a feminização do universo imagético pela feminização temática. Ser mulher é tema e motivo de sua produção” (p. 35).

***femear* com “f” minúsculo**

O título do livro de Silvana Pinheiro grafado com a inicial minúscula, assim como todos os títulos dos poemas e as iniciais dos versos, pode ser lido como um gesto de insubordinação, uma contraposição ao personalismo e ao individualismo ou, numa abstração mais abrangente, uma contraposição ao “homem com ‘h’ maiúsculo”. Assim sendo, *femear* com “f” minúsculo é subterrâneo, é o fio que nos escapa, mas que nos conduz nessa busca pelo feminino. Quando se procede à sua leitura, constatam-se, desde a sua “Apresentação”, vestígios de uma autora que aplica a tradição literária em sua escrita, tanto na forma quanto no conteúdo. Desse modo, encontram-se no cerne do livro variados temas e variadas formas poéticas, indo do haicai ao soneto, por exemplo.

A “Apresentação” de *femear* foi escrita por Paulo Roberto Sodré que, além de professor, também   escritor e ensaísta. Segundo o autor de *Poemas de p , poalha e poeira* (2009), “*femear* apresenta uma poeta atenta   tradição literária, de que recolhe, além de formas e versos, a t pica conhecida desde os antigos líricos gregos e medievais: o *locus amoenus*, a passagem do tempo, a aflição amorosa, o sentimento de exílio, o desconcerto do mundo” (Sodré, 2014, p. 9). Essas considerações de Sodré, apesar de ele (além da forma) se referir a uma abordagem temática, não vinculam os temas ao fato de a autora ser mulher, mas

sim à sua habilidade de aplicar em sua escrita a tradição literária. No entanto, na sequência, Sodré faz referência à “feminilidade” e à “natureza feminina”:

O livro se abre e se fecha com poemas-minuto, em brevíssima, mas densa ponderação sobre a feminilidade: voz que ilumina e vibra como “trovão” (no poema de abertura), ser que nasce como relva, mínima planta, e “logo murcha”. Essa vibração e esse abatimento, aparentemente contraditórios, definem a visada que Silvana Pinheiro flagra e pontua na natureza feminina, aqui, mais que um ponto de olhar feminista, pura humanidade (Sodré, 2014, p. 9).

Nessa leitura Sodré está referindo-se a estes poemas: um haikai principia o livro (“risca-se um relâmpago / frágil bordado no céu / entanto, trovão”), e outro o encerra (“uma mulher nasce / cresce como a relva / mas tão logo murcha”)¹¹. Como o ensaísta reconhece, parece haver um paradoxo quando confrontados os dois textos. Se colocados lado a lado, haverá uma correspondência, um paralelismo: “risca-se um relâmpago” / “uma mulher nasce” /; “frágil bordado no céu” / “cresce como a relva” /; “entanto, trovão” / “mas tão logo murcha”. De fato, os últimos versos opõem-se semanticamente. Porém, o que chama a atenção na leitura de Sodré é que, possivelmente, ele é levado pela consciência de que a autora é uma mulher e procura se desvencilhar da armadilha de uma visão estereotipada sobre literatura de autoria feminina. Por isso, refere-se a uma “densa ponderação sobre feminilidade” e, correndo grande risco de resvalar no discurso da existência de uma essência da mulher, emprega a expressão “natureza feminina” para dizer que, na verdade, se trata de “pura humanidade”¹².

¹¹ Observa-se, na métrica, que a primeira composição poética obedece às regras tradicionais de um haikai (que Sodré denomina poema-minuto): 5 sílabas poéticas no primeiro verso, 7 no segundo e 5 no terceiro. No entanto, na segunda composição, todos os versos possuem 5 sílabas cada, o que transparece a liberdade da autora nesse fazer poético. Quanto aos recursos estilísticos adotados no segundo verso de cada haikai, nota-se que no primeiro poema é uma metáfora (“frágil bordado no céu”), e, no segundo, uma comparação (“cresce como a relva”), o que sinaliza para um paralelismo tanto na forma quanto na semântica, pois a ideia da transitoriedade está tanto no relâmpago, que aparece como um frágil bordado, quanto na relva, que nas leituras bíblicas é usada com frequência como metáfora para a brevidade e fragilidade da vida.

¹² Não é demasiado lembrar as palavras de Simone de Beauvoir (1967, p. 9): “Ninguém nasce mulher: torna-se mulher. Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado que qualificam de feminino”. Por isso, assim como

Em outra passagem, Sodré (2014, p. 10) procura associar o que é feminino ao humano: “E são a brevidade e a rapidez os aspectos femininos — e humanos — que reaparecem no poema-minuto final com matiz barroco”, ou seja, nascer, crescer como a relva e, em seguida, murchar diz respeito ao ciclo de vida de todo ser humano, o que não se restringe apenas à mulher:

Diferenciando a afirmação a respeito do que é humano normalmente por meio da palavra homem, Silvana Pinheiro se refere à humanidade por meio da palavra mulher, atualizando a percepção do que é próprio dos seres, homem e mulher: “nascer”, “crescer”, “murchar” (Sodré, 2014, p. 10).

Se por um lado Sodré procura afastar-se do risco de associar a poesia de Silvana Pinheiro a uma “poesia feminina”, como aquela criticada por Ana Cristina Cesar, por outro, procura desconstruir a ideia de humanidade que esteve, desde sempre, associada ao homem, e não à mulher. Por isso, sua leitura aponta para a ideia de que no verso “uma mulher nasce” o eu poético refere-se não à mulher, mas à humanidade (homem e mulher)¹³. E, assim, mais adiante Sodré (2014, p. 12) conclui: “Embora o título *femear* e alguns poemas possam conduzir o leitor à ideia de uma poesia ‘feminina mente’ engajada, o livro na verdade se oferece a uma diversidade de temas e de tons (e mesmo de vozes líricas [...]), que reorienta a leitura inicial.”

Já em “Dualidade e transcendência”, Herbert Farias ([s.d.], p. 1), depois de fazer alusão ao poema inicial (o haicai), compreende que “*femear*, tomado no conjunto, é o percurso poético de fecundação, semeadura e colheita de *flashes*

demonstrado por Sodré em sua “Apresentação”, o uso do termo “feminilidade” e da expressão “natureza feminina” requer cuidado, pois são uma construção sociocultural que contribuiu para a existência do *Outro*: “A mulher determina-se e diferencia-se em relação ao homem e não este em relação a ela; a fêmea é o inessencial perante o essencial. O homem é o Sujeito, o Absoluto; ela é o Outro” (Beauvoir, 1970, p. 10).

¹³ Em contraponto à leitura de Sodré, acredita-se que seja mais produtivo a voz poética referir-se à mulher, e não a essa ideia de humanidade como ele propõe, uma vez que essa compreensão, de certa forma, “apaga” a mulher como temática de sua própria produção.

garantidos pelo relâmpago primordial numa terra prenhe de história pautada na narrativa bíblica”. A partir daí, Farias realiza uma leitura sensível, minuciosa e cíclica, percorrendo os poemas do livro e os interconectando poeticamente a partir de elementos inerentes a eles. Ao fim desse percurso, conclui:

Tensionado entre opostos, o verbo de *Femear* se despede do leitor com a breve transição entre semeadura e fenecimento – “uma mulher nasce [...] mas tão logo murcha”. Fiel à sua humanidade, no entanto, a criação de Silvana Pinheiro não acena com o paraíso. Prefere refletir brevemente, em verbo dinâmico e aerado, sobre existência, história e fé, e com os olhos na transcendência, não abandona o chão dos muitos passos (Farias, [s.d.], p. 3).

Como se percebe, Herbert Farias, mais do que Sodré, também procura não vincular a poética de Silvana Pinheiro ao feminino ou à mulher. Todavia, convém ressaltar de sua apreciação da obra a religiosidade — “*Femear* é assumidamente pautado no paradigma bíblico” ([s.d.], p. 2) —, a dualidade — “Silvana Pinheiro expõe em *Femear* um mundo frequentemente regido pela dualidade” ([s.d.], p. 2) — e a transcendência. Diante desses aspectos constatados por Farias, fica a hipótese: não seria essa a manifestação do feminino, compreendido a partir da “ótica feminina” a que se referiu a autora em uma de suas declarações? Por mais que ela assuma uma “perspectiva humana” e aborde temas considerados universais, ela fala a partir da experiência vivida pelas mulheres, o que pode reverberar na predominância desses elementos que funcionam como excessos, como um “a-mais”, se aproximarmos essa leitura da análise de Ana Cristina Cesar. Nesse sentido, não se trata de buscar uma poesia feminina, como já nos alertava a autora de “Literatura e mulher: essa palavra de luxo”:

No fundo, a ideia de procurar uma poesia feminina é uma ideia de homens, a manifestação, em alguns críticos, de um complexo de superioridade masculina. Precisamos abandoná-la, pois a sociologia nos mostra que as diferenças entre os sexos são mais diferenças culturais, de educação, do que diferenças físicas (Cesar, 1979, p. 33).

Assim sendo, especificidades que funcionam como transbordamentos na poesia de Silvana Pinheiro merecem a atenção nesta titubeante busca pelo feminino. Nessa perspectiva, a dualidade, traço já constatado por Herbert Farias, é, de fato, predominante e, por isso, requer atenção. Em “a água do rio” (Pinheiro, 2014, p. 18-19), antíteses vão desaguando umas nas outras até, finalmente, resultar em “a água do rio é conservação / mas traz um novo rio / que é sempre o mesmo” (p. 19). Esses versos lembram a filosofia de Heráclito de Éfeso com a ideia da fluidez (“um novo rio”), o constante devir; a água do rio ser “conservação” talvez seja a ideia da permanência suscitada pela noção de leito, que é o que mantém a forma do rio; ser “sempre o mesmo” sinaliza para a ideia de que “conservação” e “mudança” não se contradizem. Aí está a dualidade: conservar o fluxo é o que garante a mudança. Similarmente também ocorre dualidade em “provisão” (p. 20-21): “águas de riacho / não ficam paradas / fazem sinas / fazem rumos / rumam finas / ao seu destino / provisoriamente / eterno / eternamente / provisório”. Mais uma vez, permanência e devir não se anulam nos versos finais do poema.

Em “no meio do caminho” (Pinheiro, 2014, p. 25), a dualidade também se faz evidente: “nunca me esquecerei desses desrestringimentos / um tanto ignorados / pelas minhas pernas cansadas / desconstruindo bifurcações / nunca me esquecerei de que há sempre / dois caminhos / no meio do caminho”. Num diálogo intertextual com o poema “No meio do caminho”, de Carlos Drummond de Andrade, o eu poético encontra-se na condição de fazer escolhas diante da pluralidade de caminhos. Paradoxalmente, o neologismo “desrestringimentos” contrapõe-se a “pernas cansadas” (existe a liberdade, mas há também uma limitação); “nunca me esquecerei” e “um tanto ignorados” também se contrapõem (muitas vezes ignoramos determinadas experiências, mas estas permanecem na memória como a “pedra” do poema de Drummond); “desconstruindo bifurcações” enfatiza a necessidade de análise e reflexão no sentido de tomar decisões diante da duplicidade de opções; enfim, a existência de “dois caminhos / no meio do caminho” reforça a dualidade da existência.

Também vale enfatizar na poética de Silvana Pinheiro a intertextualidade, que é mais um traço marcante, igualmente constatado por Sodré (2014, p. 9): “Composto por trinta e cinco poemas curtos e longos, em diversa formatação poética (rondó, soneto, poema-minuto) e em variada configuração intertextual (Drummond, Catulo da Paixão Cearense, cantigas populares, Bíblia, Homero)”. Nesse viés, ressalta-se o pensamento de Julia Kristeva (1974, p. 63), segundo o qual o espaço textual é definido a partir de três dimensões: “o sujeito da escritura, o destinatário e os textos exteriores (três elementos em diálogo)”. Daí, depreende-se, então, que a palavra poética, por sua vez, define-se de duas formas na trama textual: “a) *horizontalmente*: a palavra no texto pertence simultaneamente ao sujeito da escritura e ao destinatário, e b) *verticalmente*: a palavra no texto está orientada para o *corpus* literário anterior ou sincrônico” (Kristeva, 1974, p. 63). Kristeva (1974, p. 67) ainda afirma, considerando pressupostos de Mikhail Bakhtin:

O dialogismo bakhtiniano designa a escritura simultaneamente como subjetividade e como comunicatividade, ou melhor, como *intertextualidade*; face a esse dialogismo, a noção de “pessoa-sujeito da escritura” começa a se esfumar, para ceder lugar a uma outra, a da “ambivalência da escritura”.

Portanto, sob esse entendimento, conclui-se que a linguagem poética é ambivalente, o que “implica a inserção da história (da sociedade), no texto, e do texto na história” (Kristeva, 1974, p. 67), e também é dupla: “o diálogo e a ambivalência levam a uma conclusão importante. A linguagem poética no espaço interior do texto, tanto quanto no espaço dos *textos*, é um ‘duplo’” (p. 68). Sendo assim, a adoção da intertextualidade é uma estratégia importante para as mulheres escritoras¹⁴, não só porque elas têm a possibilidade de produzir novos

¹⁴ Assim como Silvana Pinheiro dialoga com Drummond, um de nossos poetas canônicos, o mesmo fizeram, entre outras, as autoras Adélia Prado e Beatriz Nascimento: esta, no poema “Insegurança” (dedicado ao poeta mineiro), retoma “No meio do caminho” (principalmente) e demonstra gradativamente, por meio do eu poético, que cada pedra encontrada no caminho fez com que ela, mulher, se sentisse insegura; aquela, em “Com licença poética”, ao dialogar com o “Poema de sete faces”, subverte a lógica de que a mulher é um ser passivo e afirma sua força e

significados, mas também porque podem dialogar com o cânone literário ou subverter e/ou reescrever textos pautados no patriarcado, de modo a criar uma literatura em que a voz autoral fala do lugar de sua experiência como forma de resistir às opressões e às tentativas de silenciamentos.

Feminino, para além da ideia de uma “escrita de mulher”

Ainda sob o efeito catártico provocado pela leitura de *femear*, com seus neologismos e imagens poéticas¹⁵, faz-se necessário afirmar que o feminino em Silvana Pinheiro não se coaduna com uma escrita pejorativamente feminina, que reduz a literatura produzida por mulheres a um sentimentalismo imaturo e artificial. Pelo contrário, o feminino em Pinheiro é inquieto, criativo, aberto ao diálogo e ciente da dualidade da vida. Sob este viés, já no final do livro, no poema “solitude” (Pinheiro, 2014, p. 102-105), acompanhado da ilustração de Priscila Sathler¹⁶, a voz poética reconhece que “as mulheres cresceram” e que ela própria cresceu (“cresci” / “ai, meu Pai, como cresci”), mas ainda tem medo e, mesmo assim, persiste: “e ainda tenho medo” / “mas cresço” / “apareço” / “suporto nosso crescimento” / “e toda a dor” / “ai, meu Cristo, suportamos” / “suportamos toda a dor do crescimento” (p. 102).

Mais adiante, quando num diálogo intertextual a mesma voz indaga “e agora, José? / e agora, Maria?” (Pinheiro, 2014, p. 104), também responde dando a

sua capacidade inventiva: “Vai ser coxo na vida é maldição pra homem. / Mulher é desdobrável. Eu sou”.

¹⁵ Entre outros neologismos e imagens poéticas, são dignos de nota: “colhentes”, “gravidar sementes”, “desquerer indesejante”, “desejo desexperimentado”, “desmargem”, “desseparação”, “destotalidade”, “sua ausente presença”, “lavro-me / palavro-me”, “há um silêncio berrando”.

¹⁶ Na ilustração, uma mulher se curva e, ao seu redor há trechos do poema: “suportamos toda dor do crescimento” / “com arte, com graça” / “mas cresço” (Pinheiro, 2014, p. 103). Quanto a essa curvatura do corpo, não se sabe se essa posição é uma reverência ou se é a sugestão de que ela (a mulher), ereta, não caberia na página por ter “crescido” tanto. Isso significa que, mesmo subterraneamente e apesar dos sofrimentos, a mulher cresce, não se submete a limitações.

entender que algo novo aconteceu e acontece, mas nem todos conseguem se encontrar nesse caminho dos (re)começos: “maria se refez, se refaz / e josé? / josé anda perdido / como se quisesse achar / ai, Santíssimo, como anda perdido / não entendeu / que não há o que achar / há que apenas ser / o que for possível” (p. 104) — Talvez josé precise desse momento de solitude.

Por fim, as mulheres perguntam: “ai, Altíssimo, como perguntam / se valeu a pena” (Pinheiro, 2014, p. 105), e como se respondesse à indagação, a voz lírica responde a partir de uma perspectiva coletiva e individual: “valeu a pena / mas se sentem sós / ai, meu Deus, como se sentem sós / e ainda crescem / e eu me sinto só / ai, como me sinto só” (p. 105). Aqui vale destacar a dualidade estabelecida entre o título (“solitude”) e a ideia de solidão expressa no final do poema: solitude e solidão opõem-se semanticamente. Nesse sentido, estar só consigo mesma, momento tão necessário para o processo de amadurecimento e de fortalecimento pessoal, é também atravessado pela dor, o que resulta nesse estado de solidão.

Ademais, considerada a experiência de homens e mulheres, a solitude pode ser encarada a partir de diferentes perspectivas. Talvez mais do que o homem, a mulher precise deste momento de solitude, de modo a favorecer sua introspecção, seu autoconhecimento e sua criatividade, historicamente ignorados. Talvez tenha sido esse o momento desejado por Virginia Woolf às mulheres escritoras. Talvez seja esse o momento sonhado pela mulher que faz literatura. Se assim o for, o haicai final pode ser lido de outra maneira: nascer, crescer e murchar, mais do que a representação do ciclo a que a humanidade está sujeita, representa a dualidade, característica marcante da vida das mulheres que, apesar das adversidades, suportam “toda a dor do crescimento” nesse estado de solitude.

Referências:

BEAUVOIR, Simone. *O segundo sexo: a experiência vivida*. Tradução de Sérgio Milliet. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1967. v. 2.

BEAUVOIR, Simone. *O segundo sexo: fatos e mitos*. Tradução de Sérgio Milliet. São Paulo: Difusão Europeia do livro, 1970. v. 1.

BECKER, Mar. "Quando uma mulher escreve, ela traz muito de outras mulheres", afirma Mar Becker, vencedora do APCA em poesia. Entrevista concedida a Lucas Salum. *Brasil de Fato*, 4 fev. 2026. Disponível em: <<https://www.brasildefato.com.br/podcast/bem-viver/2026/02/04/quando-uma-mulher-escreve-ela-traz-muito-de-outras-mulheres-afirma-mar-becker-vencedora-do-apca-em-poesia/>>. Acesso em: 11 fev. 2026.

CESAR, Ana Cristina. Literatura e mulher: essa palavra de luxo. In: ALMANAQUE 10: cadernos de literatura e ensaio. São Paulo: Brasiliense, 1979. p. 32-36. Disponível em: <<https://acervos.ims.com.br/index.php/Detail/objects/3128>>. Acesso em: 10 fev. 2026.

ESTADÃO. *Ana Maria Gonçalves faz história e é eleita a primeira mulher negra na Academia Brasileira de Letras*. *Estadão*, São Paulo, 10 jul. 2025. Disponível em: <<https://www.estadao.com.br/cultura/literatura/ana-maria-goncalves-faz-historia-e-e-eleita-a-primeira-mulher-negra-na-academia-brasileira-de-lettras/>>. Acesso em: 10 fev. 2026.

FARIAS, Herbert. Dualidade e transcendência. NUNES, Pedro J. (Coord.). *Tertúlia: livros e autores do Espírito Santo*. Disponível em: <https://www.tertuliacapixaba.com.br/paraler/dualidade_e_transcendencia.htm>. Acesso em: 10 fev. 2026.

KRISTEVA, Julia. *Introdução à semanálise*. Tradução de Lúcia Helena França Ferraz. São Paulo: Perspectiva, 1974.

NASCIMENTO, Imaculada. Escrita feminina: excesso inquietante. In: DUARTE, Constância Lima et al. *Mulheres em letras: diáspora, memória, resistência*. Viçosa: Ed. das Autoras, 2019. p. 438-449.

NEVES, Reinaldo Santos. *Mapa da literatura brasileira feita no Espírito Santo*. 2. ed. Vila Velha; Vitória; Cariacica: Estação Capixaba; Neples; Cândida, 2019. (Série Estação Capixaba, v. 20). Disponível em: <<https://blog.ufes.br/neples/files/2019/10/Mapa-da-literatura-brasileira-feita-no-ES-de-Reinaldo-Santos-Neves.-1.pdf>>. Acesso em: 10 fev. 2026.

PINHEIRO, Silvana. *femear*. Vitória: Ed. da Autora, 2014.

PINHEIRO, Silvana. O escritor e sua obra com Silvana Pinheiro. Vitória: Secretaria da Cultura do Espírito Santo, 2015. Disponível em: <<https://secult.es.gov.br/o-escritor-e-sua-obra-com-silvana-pinheiro>>. Acesso em: 24 fev. 2026.

SODRÉ, Paulo Roberto Sodré. Apresentação. In: PINHEIRO, Silvana. *femear*. Vitória: Ed. da Autora, 2014. p. 9-14.

WOOLF, Virginia. As mulheres e a literatura. In: WOOLF, Virginia. *A arte do romance*. Tradução de Denise Bottmann. Porto Alegre: L&PM, 2021. p. 103-115.

XAVIER, Elódia. Reflexões sobre a narrativa de autoria feminina. In: _____ (Org.). *Tudo no feminino: a mulher e a narrativa brasileira contemporânea*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1991. p. 9-16.

RESUMO: O presente artigo objetiva refletir sobre o "feminino" a partir de elementos textuais e extratextuais concernentes a *femear* (2014), livro de poemas da escritora capixaba Silvana Pinheiro, a fim de evitar a associação da obra ao que se convencionou denominar "escrita de mulher". Para tanto, recorre-se, principalmente, às contribuições de Ana Cristina Cesar (1979), Elódia Xavier (1991) e Imaculada Nascimento (2019). Contrapondo-se a uma escrita feminina, no sentido pejorativo, a poética de Pinheiro não só herda princípios da tradição literária, mas também apresenta particularidades, como a predominância da dualidade e da intertextualidade, sendo, provavelmente, traços da ótica a partir da qual a autora escreve. Espera-se, pois, que o nome de Silvana Pinheiro tenha mais visibilidade no contexto da literatura produzida no Espírito Santo, haja vista a importância desse gesto para o reconhecimento da autoria feminina no campo literário.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura brasileira produzida por mulheres – Espírito Santo. Literatura produzida por mulheres – Silvana Pinheiro. Silvana Pinheiro – *femear*.

ABSTRACT: This article aims to reflect on the "feminine" based on textual and extratextual elements concerning *femear* (2014), a book of poems by the writer Silvana Pinheiro from Espírito Santo, in order to avoid associating the work with what has been conventionally called "women's writing." To this end, it mainly draws on the contributions of Ana Cristina Cesar (1979), Elódia Xavier (1991), and Imaculada Nascimento (2019). Contrasting with a feminine writing, in the pejorative sense, Pinheiro's poetics not only inherits principles from the literary tradition but also presents particularities, such as the predominance of duality and intertextuality, which are probably traits of the perspective from which the author writes. It is hoped, therefore, that Silvana Pinheiro's name will gain more visibility in the context of literature produced in Espírito Santo, given the importance of this gesture for the recognition of female authorship in the literary field.

KEYWORDS: Brazilian literature produced by women – Espírito Santo.
Literature produced by women – Silvana Pinheiro. Silvana Pinheiro –
femear.

Recebido em: 19 de março de 2026
Aprovado em: 10 de abril de 2026

OS DIFERENTES PAPEIS E TEXTUALIDADES DE SILVANA PINHEIRO: ENTREVISTA LITERÁRIA¹

THE DIFFERENT ROLES AND TEXTUALITIES OF SILVANA PINHEIRO: LITERARY INTERVIEW

Vitor Cei*

A escritora e educadora Silvana Pinheiro nasceu em 24 de junho de 1965, às 17h, em Vitória (ES), embora sua família morasse na Prainha, em Vila Velha (ES). Depois de viver parte da infância e o início da juventude em Brasília (DF) e Juiz de Fora (MG), voltou a Vitória. Atualmente, ainda reside na capital do Espírito Santo.

Em 1987, Silvana Pinheiro graduou-se em Pedagogia pela Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes). Posteriormente, concluiu licenciatura plena em Letras e especializações em Conciliação e Mediação de Conflitos, Revisão de Texto e

¹ O presente trabalho foi realizado com apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação do Espírito Santo (Fapes) – Bolsa Pesquisador Capixaba (Processo 573/2023).

* Doutor em Estudos Literários pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

Educação Pré-Escolar, bem como o mestrado e o doutorado em Estudos Literários pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Ufes.



Silvana Pinheiro (Fotos de Vitor Cei).

Na trajetória de vida e na produção intelectual de Silvana Pinheiro, literatura e educação são paralelas que se cruzam há mais de três décadas. Conforme a própria autora relatou em entrevista concedida a Luciano Rangel (2024), sua escrita literária para crianças decorreu de sua atuação como leitora e educadora, no contexto de seu trabalho na Secretaria de Educação do Estado do Espírito Santo (Sedu-ES). Entre 1986 e 1997, ela atuou como professora do 1º ao 4º ano do ensino fundamental, técnica da equipe de Educação Infantil e chefe do Departamento de Apoio Técnico-Pedagógico, assessorando pedagogicamente escolas estaduais e municipais, elaborando subsídios curriculares e participando de processos de leitura e seleção de livros destinados às escolas capixabas.

Sua experiência profissional inclui, também, atuação em cursinho comunitário e escolas privadas de educação básica, como professora e pedagoga na Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio. Nos dois últimos anos, como educadora na rede pública, fez parte da equipe da Ação Psicossocial e Orientação Interativa Escolar (Apoie) da Sedu, no apoio às escolas da rede.



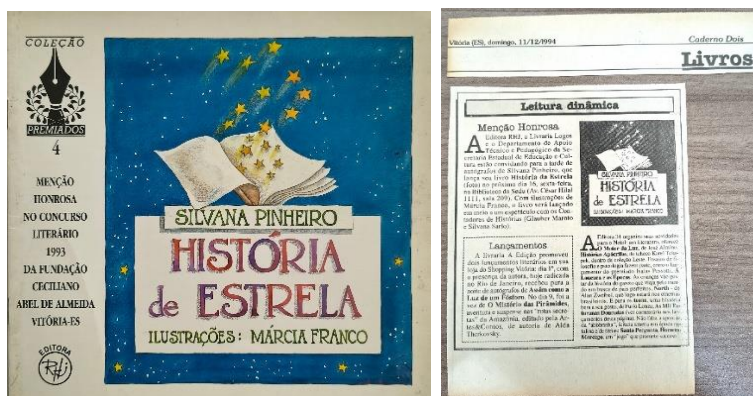
Silvana Pinheiro atuando na Biblioteca da Sedu-ES (Acervo de Lúcia Marotto).

No ensino superior, foi monitora na Ufes e professora do curso de Pedagogia das faculdades Novo Milênio (2001–2006), Unicidade (2002–2003) e Fabavi (2007–2008), ministrando disciplinas nas áreas de educação, linguagem, alfabetização e literatura infantil e juvenil. Também foi membra da Rede Brasil de Alfabetização; integrou o Comitê Estadual do Programa Nacional de Incentivo à Leitura (Proler) da Fundação Biblioteca Nacional no Espírito Santo; coordenou o programa Pró-Leitura/ES, do Ministério da Educação (MEC), parceria Brasil/França; e coordenou a Associação dos Escritores e Ilustradores de Literatura Infantojuvenil (Aeilij) no Espírito Santo.



Silvana Pinheiro em encontro com estudantes da Seme Vitória, acompanhada pelo músico Rogério Pinheiro, em evento promovido pelo Projeto Viagem pela Literatura da Prefeitura Municipal de Vitória, em 2008 (Acervo da autora).

Em 1993, Pinheiro recebeu menção honrosa no Concurso de Literatura Infantil da Fundação Ceciliano Abel de Almeida (FCAA) pelo seu primeiro livro, *História de estrela*. Em 1994, este foi publicado pela editora RHJ, de Belo Horizonte (MG), com ilustrações de Márcia Franco. O poema narrativo, voltado à reflexão e à fruição literária de crianças em processo de alfabetização, foi sua porta de entrada no sistema literário nacional.



Capa de *História de estrela*, livro de estreia de Silvana Pinheiro, e matéria sobre a publicação.

Desde então, Silvana Pinheiro publicou mais de vinte volumes e obteve reconhecimento em diferentes momentos de sua trajetória literária, com premiações e distinções em concursos literários de âmbito regional e nacional. Em 1995, foi vencedora do Concurso Literário promovido pela Editora Vinde Comunicações (RJ), com *O jogo dos sete tempos*.

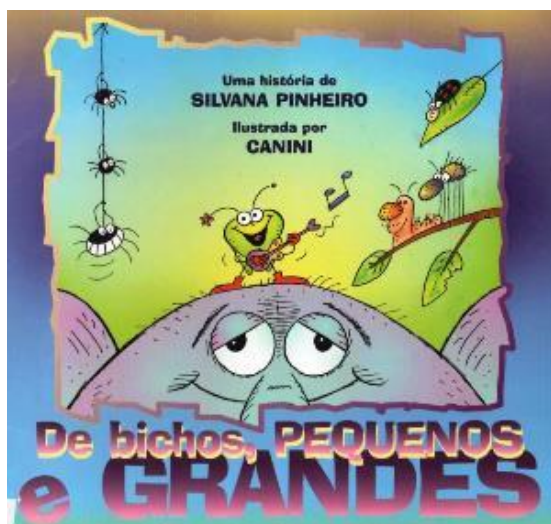
No ano de 1999, seu livro *Houve um beija-flor*, publicado pela Lei de Incentivo Rubem Braga, da Prefeitura de Vitória, foi incluído no *17º Brazilian Book Magazine* da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ), que destaca os autores e autoras, além de ilustradores e ilustradoras, mais relevantes.

Em 2013, foi finalista do Prêmio Barco a Vapor, das Edições SM, com *Baú de brinquedos*. Em 2014, seu conto “Quando as palavras não vêm” figurou entre os finalistas do Prêmio Nacional de Artes da Estância Turística de Tupã, promovido pela Secretaria Municipal de Cultura de Tupã. Em 2018, seu poema “Paneleira” foi finalista da 7ª edição do Concurso Semente Literária – Lei João Bananeira II, da Secretaria Municipal de Cultura de Cariacica. E agora recebe um portfólio neste número da revista *Fernão*.



Capa da *Brazilian Book Magazine*, da FNLIJ, e página em que se refere *Houve um beija-flor...*, de Silvana Pinheiro.

Para crianças, depois de *História de estrela* (RHJ, 1994), e *O jogo dos sete tempos* (Vinde Comunicações, 1995), já mencionados, publicou *De bichos, pequenos e grandes* (Ultimato, 1998), com ilustrações de Canini; *Houve um beija-flor* (PMV, 1998; Formar, 2018), com ilustrações de Cléria Borges na 1ª edição e Yuri Lopes na 2ª edição; *A casa rosa* (DCL, 2004), ilustrada por Rosinha Campos; *Amar o Mar* (DCL, 2004), seu primeiro livro de poemas para crianças, ilustrado por Fê; *Uma luz no fim do beco*, de 2001, publicado em parceria com o Movimento Capixaba de Voluntários, com ilustrações de Lastênio Scopel; *Vitória, uma ilha cercada de terras* (Cortez, 2007), ilustrada por Joyce Brandão; *Das histórias da tartaruga* (Aluar, 2023), ilustrado por Carlos Jorge Nunes, e *Notícias para Marina* (Formar, 2023), ilustrado por Diana Leite Chacon.





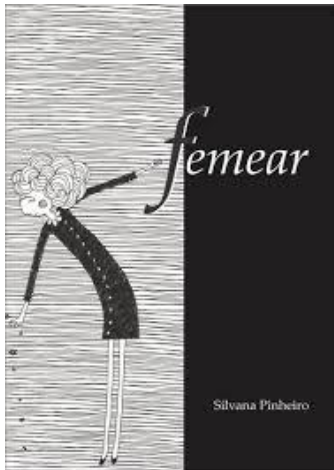
Capas de alguns dos livros para crianças e jovens de Silvana Pinheiro.

Destacam-se também os volumes que escreveu para a coleção *Histórias para os Dedoches da Turma do Smilingüido* (Editora Luz e Vida, 2002) e seus roteiros de histórias em quadrinhos, publicados na revista *Smilingüido e sua turma* (Luz e Vida, 2006).



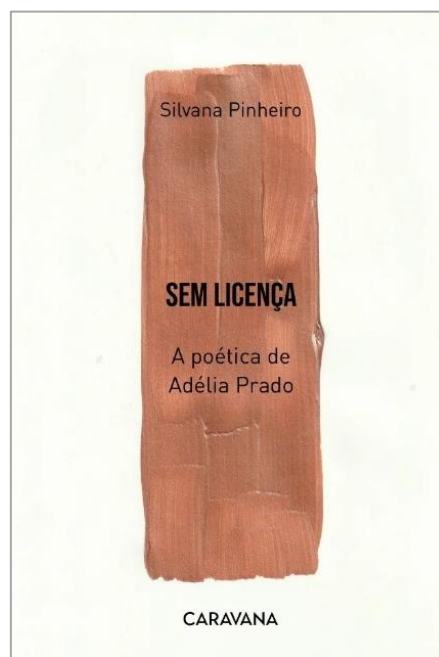
Revista *Smilingüido e sua turma*, com roteiro de Silvana Pinheiro.

Vinte anos depois da estreia, o décimo livro escrito por Silvana Pinheiro foi o primeiro de poesia voltado para o público adulto. *femear* (Edição da autora, 2014) apresenta um olhar feminino sobre a vida, os relacionamentos e o mundo, em formas de rondó, soneto e poema-minuto. Desde então a poesia tem se tornado cada vez mais presente em sua obra, com outros dois títulos mais recentes: *Feita em casa* (Edição artesanal da autora, 2021) e a antologia *Próximo passo* (Cândida, 2024) em variado diálogo intertextual com nomes da poesia brasileira, como José Paulo Paes e Adélia Prado. À poeta mineira, ela dedicou ainda sua tese de doutorado, revisitada no livro *Sem licença: a poética de Adélia Prado* (Caravana, 2021).



Capas dos livros de poemas de Silvana Pinheiro.
Abaixo, a autora em lançamento de seu *Próximo passo*.





Capa de *Sem licença: a poética de Adélia Prado*, ensaio de Silvana Pinheiro.

Outra faceta do trabalho de Silvana Pinheiro é a educação ambiental, à qual dedicou o livro *Amigos da terra: a luta pela preservação da vida e da natureza* (Nova Alexandria, 2009), publicado no período em que atuou como educadora ambiental vinculada à Secretaria Municipal de Meio Ambiente, na Gerência de Educação Ambiental de Vitória.



Capas das edições de *Amigos da terra*, de Silvana Pinheiro.

Na entrevista online estruturada respondida por e-mail em 13 de abril de 2026, Silvana Pinheiro comenta sobre sua trajetória literária desde sua formação leitora e sua estreia com *História de estrela* (1994), examinando os modos como sua produção se desenvolveu ao longo de mais de três décadas. O diálogo contempla seu trânsito entre diferentes gêneros, formas e públicos, com atenção especial à literatura infantil, juvenil e, mais recentemente, adulta, bem como às relações entre criação literária, experiência docente, crítica acadêmica e formação de leitores. Também são discutidos o projeto ético-estético da autora, a recepção de sua obra, o diálogo entre texto verbal e ilustração e os desafios contemporâneos da literatura em contextos regionais, nacionais, internacionais e digitais. A entrevista ainda problematiza temas como democratização do acesso à leitura, literatura na escola, opressões de gênero, censura, violações ao direito à literatura e à democratização do acesso à leitura literária, compondo um panorama crítico da atuação da autora no campo literário e educacional brasileiro contemporâneo.

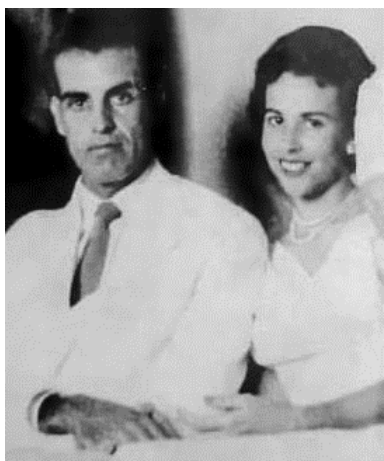


Silvana Pinheiro (Acervo da autora).

Como e quando a leitura e a literatura entraram em sua vida?

A leitura e a literatura ingressaram na minha vida ainda bem pequena, por meio de uma sensibilidade quase inata para a palavra escrita, herdada de meu contexto familiar de origem, envolto em manifestações musicais e oralidade.

Desde pequena, fui acostumada a ouvir histórias, especialmente as narrativas bíblicas, e cresci em meio a uma família e uma comunidade religiosa muito ligadas à música. Neste contexto, convivi com a palavra cantada e narrada. Por parte de pai, tive grande influência na prática do canto, de muitas formas, individualmente, em corais, em grupos musicais. Por parte de mãe, que também escrevia poesias e gostava de declamá-las, herdei a afeição pelas dimensões da partilha oral dos textos escritos e me acostumei a ouvir a palavra vestida de oralidade. Foi assim, então, que a minha sensibilidade para a palavra cresceu.



Geraldo Gomes Pinheiro e Maryse de Athayde Pinheiro, pais de Silvana Pinheiro, e registros da infância da autora (Acervo pessoal).

Lembro-me de um fato, ainda bem criança, com meus cinco anos, talvez, quando ganhei o meu primeiro livro de história, do qual não me recordo o título. Era um livro, traduzido, imagino, um livro infantil, com poucas palavras e muitas imagens, para uma criança em aprendizado de ler a palavra, *stricto sensu*

falando. Trazia a história de uma menina com o seu ursinho de pelúcia, um amigo especial. E aquele livro se tornou para mim um ursinho de pelúcia também, um brinquedo que eu carregava para todo canto, debaixo do braço, e colocava sob o travesseiro antes de dormir. Foi assim que me afeiçoei ao objeto livro: pela via da convivência com esse livro de história e com as escrituras bíblicas, livros bem presentes em minha casa.



A menina Silvana Pinheiro
e capa do provável livro que deu origem à tradução
que acompanhou a autora na infância.

Outro episódio marcante nesse sentido se deu por volta dos 10 anos. A escola pública onde eu frequentava tinha um trabalho bonito de incentivo à leitura. Eu morava em Brasília nessa época e cursava o ensino regular em um turno e, em outro, a escola chamada Parque. Nessa Escola Parque, eram oferecidas atividades, não do currículo básico comum: atividades como música, literatura etc. Havia uma boa biblioteca, fazíamos atividades diversas ali. Lembro-me, por essa ocasião, das aulas de música também. Minha turma compôs canções para concorrer no festival de fim de ano da escola. E por duas vezes tivemos bons resultados no festival. Então, escrever letras de músicas e poesias musicadas começou ali, naquela experiência. A partir disso, além de conviver com as canções compostas pelo meu pai e por outros membros de sua família, passei a

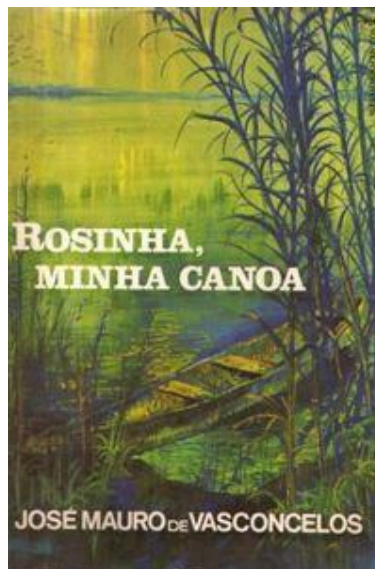
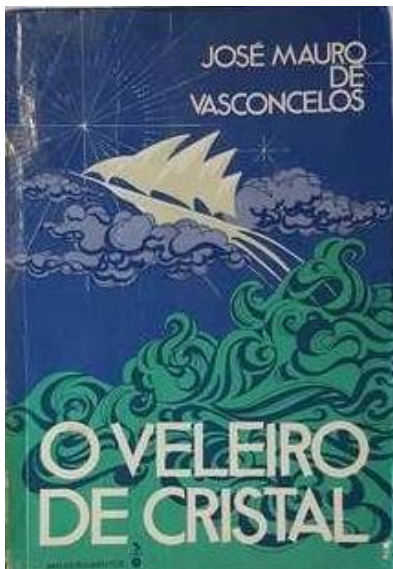
me interessar pela obra de muitos compositores do cancioneiro brasileiro também.



Registros da vida estudantil de Silvana Pinheiro, em Brasília (Acervo da autora).

Recordo-me ainda de que, nessa mesma época, minha escola recebeu em seu auditório, a visita de um grande escritor, José Mauro Vasconcelos, e tive contato com os livros dele. Não comecei com o *Meu pé de laranja lima*. Meu primeiro contato com sua obra foi por intermédio de *O veleiro de cristal* e de *Rosinha, minha canoa*, dois livros que me marcaram muito.

José Mauro de Vasconcelos



Autógrafo de José Mauro de Vasconcelos (Foto sem crédito), recebido por Silvana Pinheiro na escola, e capas dos livros do autor admirado.

E outra memória dessa segunda metade do ensino fundamental tem relação com a convivência com professores que incentivavam muito a leitura. Lembro da coleção Vagalume, da Editora Ática, e de ter lido *Éramos seis*, *O escaravelho do diabo* e outros livros.



Livros da Coleção Vagalume
que incentivaram a leitura de Silvana Pinheiro.

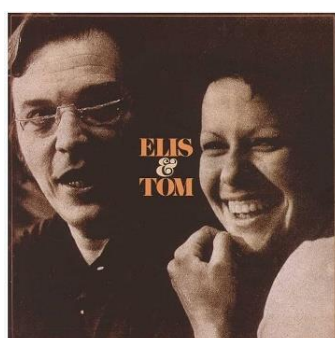
No Ensino Médio, passei a ter professores ainda mais críticos, e isso também coincidiu com o período de abertura política no país. Tive um professor de Língua Portuguesa que apreciava conversar sobre livros e literatura. Naquele momento comecei a me interessar pela obra de Jorge Amado, o baiano que narrava sobre a condição dos negros na Bahia e a respeito da realidade do trabalho nas lavouras de cacau, além de toda a questão cultural relacionada a isso, bem como das contradições pós abolição da escravatura, na primeira metade do século XX. Então, li a obra de Jorge Amado, fiz outras leituras também, mas, sobretudo, a obra dele me marcou muito nessa fase.

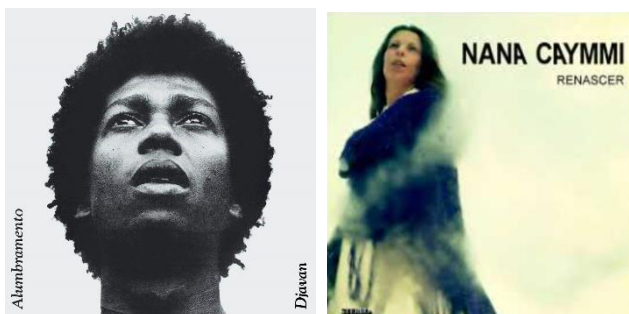




Edições dos livros de Jorge Amado (Foto sem crédito) nos anos 1970 e folder do Círculo de Leitura conduzido por Silvana Pinheiro, admiradora da obra do autor baiano.

E por conta mesmo da inclinação para a musicalidade, ouvia muita música popular brasileira, Chico Buarque, Vinícius de Moraes, Tom Jobim, Francis Hime, Edu Lobo, os grandes, Caetano, Gil, Betânia, Gal, Elis, Djavan, Nana, compositores e intérpretes, expoentes da nossa música, que me encantaram nessa fase, nesse momento da juventude. Não era muito ligada à produção internacional, a não ser a música clássica, porque estudava também piano.





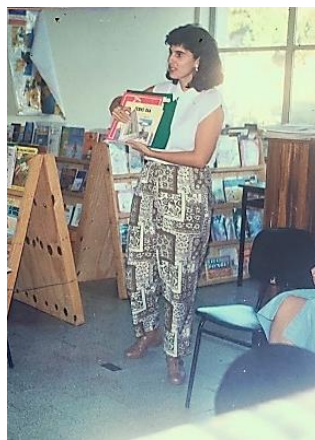
Alguns intérpretes e compositores
que encantaram a juventude de Silvana Pinheiro.

Durante todo esse período, do Ensino Fundamental até o final do Ensino Médio, até quando comecei a ingressar no mercado de trabalho, já aos meus 17 anos, quando comecei a lecionar, escrevia poesia, ocasionalmente alguma crônica, alguma história. Fazia isso como um hobby.



Silvana Pinheiro na sua formatura de normalista, em Juiz de Fora (MG), em 1982.

Até que, já formada em Pedagogia, Orientação Educacional, como professora e pedagoga, fui trabalhar na Secretaria Estadual de Educação, na equipe de Educação Infantil, e uma das nossas atribuições era selecionar livros para as escolas, ainda chamadas Jardins de Infância. Então, comecei a ler muito, lia todos os livros que chegavam para a equipe, encaminhados por editores, para seleção e compra. Devorava aquilo tudo.



Sede da Secretaria de Estado da Educação do Espírito Santo (Foto sem crédito), em Vitória, onde Silvana Pinheiro atuou intensamente na equipe de Educação Infantil (Acervo da autora).

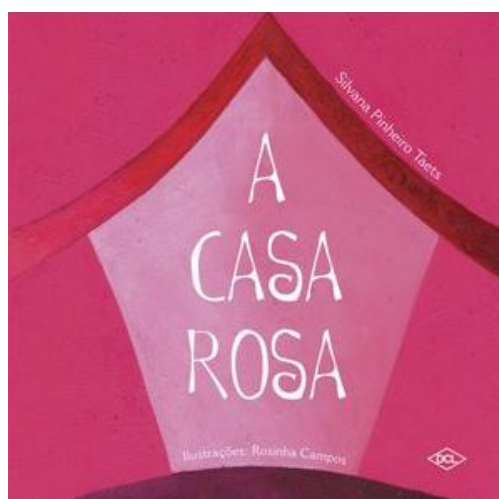


Nessa mesma época, meus filhos nasceram e, com filhos pequenos, meu olhar ficou ainda mais voltado para a infância.



Silvana Pinheiro com seus filhos na infância e atualmente.
Ao lado direito, seus pets (Acervo da autora).

Comecei a produzir histórias com mais intencionalidade, pensando em publicação. O primeiro conto infantil, em prosa poética, foi *A casa rosa*, escrito sem a intenção de ser um livro de história, mas em resposta a um amigo, que frequentava a nossa casa e fez um soneto falando de amizade, em tom bastante pessimista. Fiz uma história em resposta a ele, usando a metáfora da casa, falando de relacionamentos e fluxos da vida. Depois que o texto passou por algumas revisões e olhares críticos, muitos anos depois, foi publicado pela editora DCL de São Paulo, em 2005, recebendo uma roupagem editorial destinada às crianças e tornando-se um livro infantil, embora o texto não tenha nascido com esse destino.

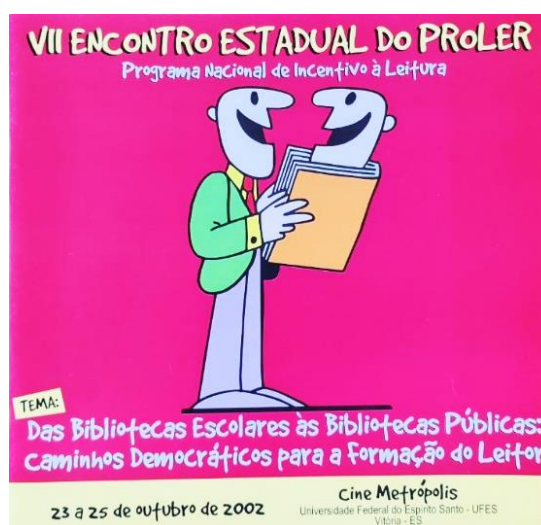
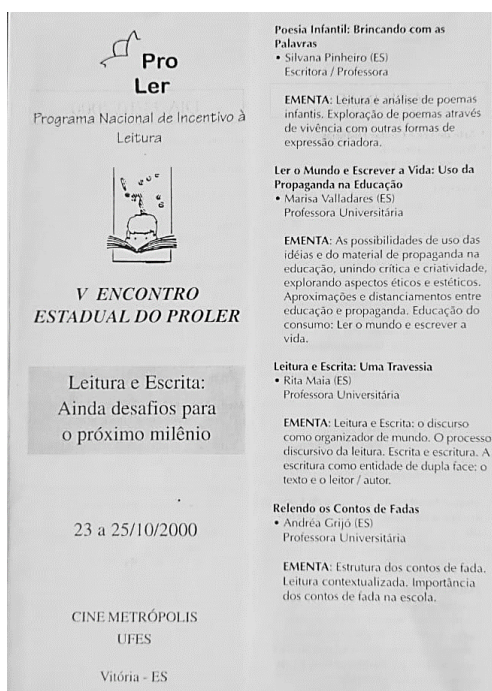
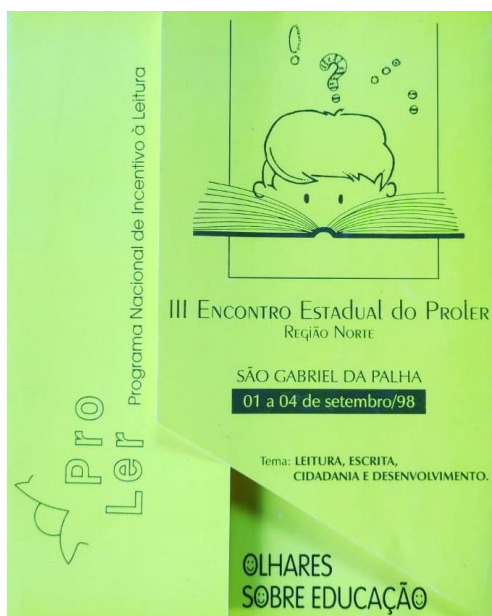


Capa de *A casa rosa*, de Silvana Pinheiro.

Outra experiência de trabalho que foi fortemente influenciadora para a minha produção para crianças foi participar do Comitê Estadual do Proler, da Biblioteca Nacional. O comitê do Espírito Santo, formado a partir de 1992, existiu durante alguns anos. Fiz parte dele, junto com Francisco Aurelio, Rita Maia, Lúcia Maroto, Neila Geaquinto, Paulo Sodré, Sérgio Blank, Silvana Sampaio e outros, alguns de forma mais assídua, como foi o meu caso, e outros que contribuíram em momentos pontuais.



Logomarca do ProLer e fachada da Biblioteca Nacional (Foto sem crédito), no Rio de Janeiro. Abaixo, folders e cartaz de divulgação das atividades do ProLer em cidades capixabas.



Eram escritores, poetas, contadores de histórias, bibliotecários, livreiros, promotores culturais, professores etc. Esse ambiente rico em interação e partilhas foi muito determinante na construção do meu trabalho também.



Em São Mateus, ES, uma das sessões concorridas do Proler: a contação de história (Foto de Paulo Roberto Sodré).

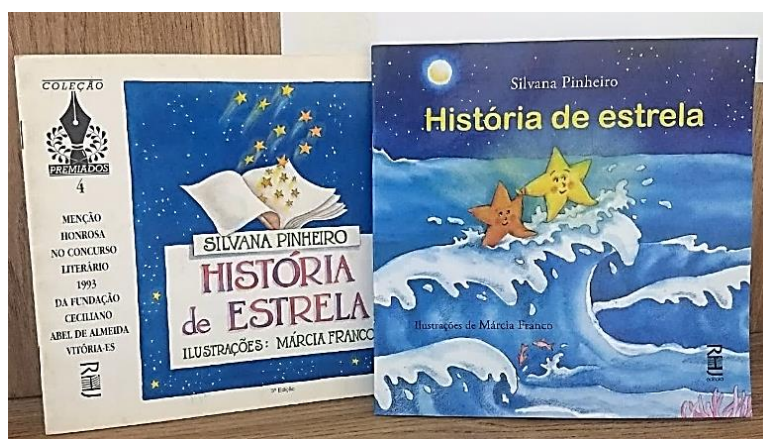


Silvana Pinheiro com o/as companheiro/as de promoção da leitura: Neila Geaquinto (À esquerda) e Lúcia Maroto. Abaixo, com Rita Maia e Francisco Aurelio Ribeiro (Fotos sem crédito).



Após mais de três décadas como escritora, como você define sua trajetória literária desde o primeiro livro, *História de estrela* (RHJ, 1994)? Houve um momento inaugural ou o caminho se construiu gradualmente?

No início da década de 90, meu envolvimento com a promoção da leitura, incentivado pelas ações do Proler, se desdobrou naturalmente para a construção de oportunidades de publicação. Nessa época, houve um concurso literário da Fundação Ceciliano Abel de Almeida, vinculada à Ufes, trazendo também a categoria de livros infantis. Concorri com um texto produzido especialmente para o concurso, intitulado *História de estrela*, e o texto recebeu menção honrosa, o que se constituiu uma porta para que a editora RHJ, de Belo Horizonte, na época representada aqui pelo Silvio Folli, da Livraria Logos, desejasse publicar a obra na Coleção Premiados. O texto recebeu a ilustração de Márcia Franco, uma ilustração sensível, com traços que comunicam bem com o público infantil. Foi assim que nasceu, em 1994, minha primeira publicação, e estreei também como autora de textos de ficção para crianças.



Capas das duas edições de *História de estrela*, de Silvana Pinheiro.

Minha trajetória a partir disso se construiu de forma gradativa, com o permanente interesse pela leitura, pela música, tendo contato com a obra de diferentes autores, com os livros de Literatura Infantil, e por conta do meu trabalho em educação e de promoção da leitura. Passei a escrever ainda mais

intencionalmente, com o objetivo de me comunicar com esse público específico. Comecei a produzir histórias e a participar de concursos, e a partir da boa colocação dos meus textos nesses certames, algumas oportunidades de publicação se apresentaram.



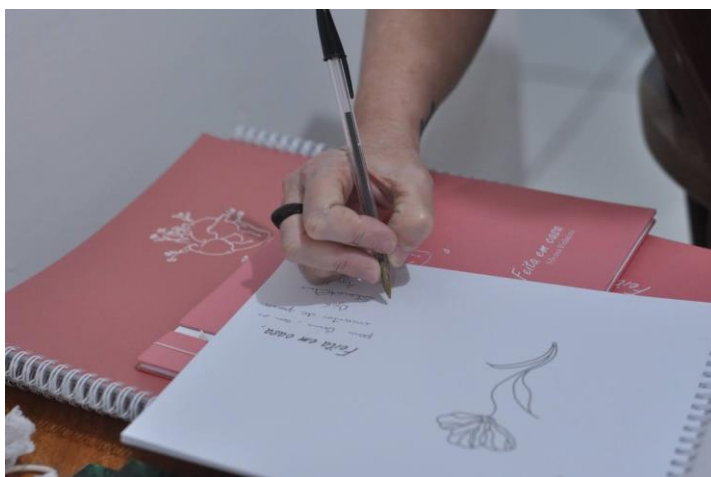


Fotos de Silvana Pinheiro (Acervo da autora).

Sempre me pergunto: “Quando nasce uma escritora? Quando publica? Quando escreve?”. Depois de trinta anos, essa questão ainda se desbobra em mim. Volta e meia me pergunto se sou escritora porque publico ou já publiquei, ou porque escrevo ou já escrevi, ou porque sou lida... Quando nos tornamos escritores, não é? O ato de criar com palavras e divulgá-las para que outros as acessem por meio da leitura está sujeito a muitos e variados atravessamentos, pessoais, contextuais, ideológicos e editoriais. Ser escritora é uma condição complexa.



Fotos de Silvana Pinheiro adolescente (Acervo da autora).





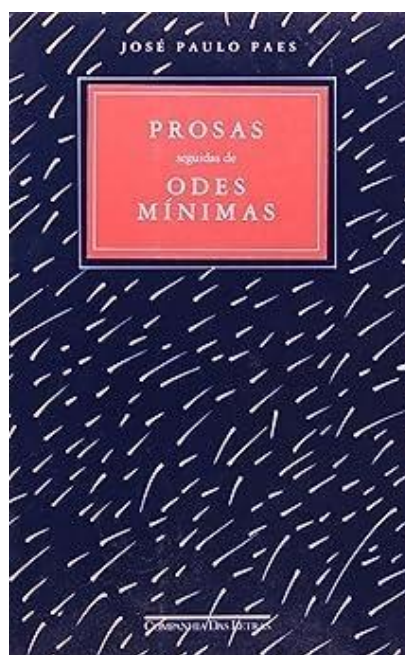
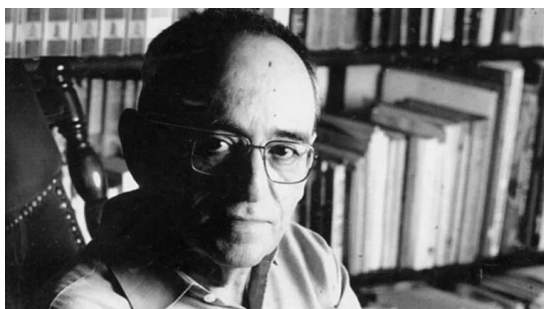
Silvana Pinheiro em diversos lançamentos de seus livros (Acervo da autora).



Fotos de Lucas Pinheiro Taets.

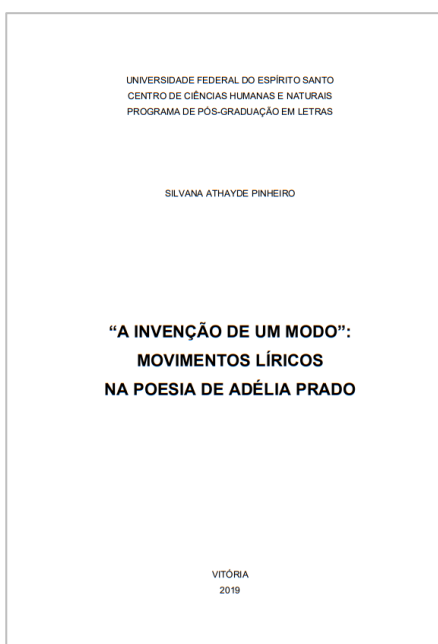
Depois desse momento inicial de publicações, cada vez mais foi despertada em mim a necessidade de estudo sobre o campo da literatura. Minha formação inicial era em Pedagogia, Orientação Educacional. Meu Mestrado em Letras, com a dissertação *Na trilha do humor de José Paulo Paes: ri melhor quem ri no mínimo* (2000), foi em decorrência dessa necessidade crescente, da convivência com a

leitura e a escrita e a participação em projetos de promoção da leitura, institucionais e voluntários, como o Proler, da Biblioteca Nacional, e o Pró-Leitura, do MEC, em parceria com o governo da França, que coordenei aqui no Espírito Santo.



José Paulo Paes (Foto sem crédito), cujas *Prosas seguidas de odes mínimas* foram assunto da dissertação de mestrado de Silvana Pinheiro.

No contexto do Mestrado, enfrentei algumas dificuldades por não ter a graduação em Letras, pois me faltavam alguns repertórios sistematizados nesse campo de estudo. Decidi fazer a graduação em Letras também, em uma faculdade particular, para sistematizar um pouco mais os meus estudos e leituras, o que já fazia por conta própria. Depois de 10 anos, entrei novamente na seleção para o Doutorado em Letras na Ufes. Estudei e me preparei um ano para isso, passei, continuei estudando e, enfim, isso tudo foi me permitindo expandir meus conhecimentos sobre a literatura.



Folha de rosto da tese de doutorado de Silvana Pinheiro, sobre a poesia de Adélia Prado, e banca composta por Augusto Massi, Telma Boudou, Renata Bomfim e Maria Amélia Dalvi (Acervo da autora).

É perceptível, então, que minha trajetória não foi linear, tem uma irregularidade, percalços, desafios, e ainda é irregular, porque tenho variados interesses como objetos de leitura e pesquisa. Sou meio cigana nesse aspecto e aprendi a conviver com isso também. Todos esses repertórios acumulados, de diferentes áreas, da literatura, da educação e de outras, influenciaram e influenciam o meu texto, a minha escritura e a própria construção de mim mesma, humana e mulher, nos diferentes papéis que se manifestam no meu cotidiano.

Considero-me ainda aprendiz e tateando no campo da escrita e da literatura. Na leitura e estudo, é bom saber que existe um mundo de livros a meu dispor. Na escrita, no momento me vejo em uma pausa na produção, necessária, acredito,

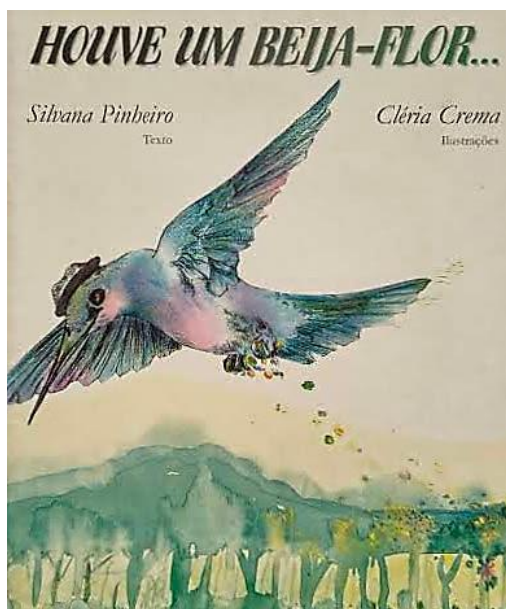
para um assentamento de muitas bagagens acumuladas nessa trajetória, que me levam hoje a estar num lugar de mais amadurecimento, pessoal e no trabalho também. Encontro-me em um tempo de virada de chave, em muitas áreas da minha vida. A pausa é necessária, saudável, bem-vinda. Talvez para a geração de algo novo. Há um poema de Adélia Prado que me encanta e dialoga bem com isso, quando diz: “[...] Eu sempre sonho que uma coisa gera / nunca nada está morto. / O que não parece vivo, aduba. / O que parece estático, espera.” (PRADO, 2015, p. 22). Também tenho esse sonho em relação à literatura.

Você transita por diversas formas e gêneros literários, escrevendo para públicos distintos. Como é seu processo criativo na escrita literária para crianças e adultos? Quais são as opções formais e temáticas que orientam seu método de escrita e seu projeto ético-estético?

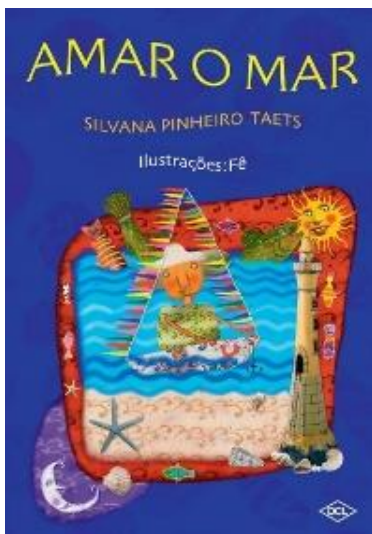
Meu projeto estético-literário, em um primeiro plano, apresenta essa variação em termos de abrangência dos gêneros literários, pois transito entre as narrativas (sejam em prosa poética ou não) e os poemas destinados a crianças e adolescentes, bem como, caminho na produção poética para o público em geral. No entanto, um denominador comum e presente em boa parte dos meus livros é a poesia, enquanto trabalho com e a partir da palavra, como unidade de significação.

Neste sentido, essa característica se apresenta nos textos narrativos, como prosa poética, e na construção dos poemas também. Nos livros de poemas, tanto o *Amar o mar*, para crianças, quanto os demais para o público em geral, essa característica aparece na estrutura dos versos, no ritmo, na musicalidade, característica também marcante nos meus textos. Especificamente no trabalho com a palavra e o verso em suas concretudes, utilizo com recorrência a decomposição e a recomposição de palavras, o jogo com significantes e significados etc.

Em termos de temáticas, meus textos para a infância apresentam uma ligação com os elementos naturais e, indiretamente, com a questão ambiental e os seus desafios de preservação. Mas como toda a realidade onde estamos imersos é também cultural, esse olhar foi se apropriando cada vez mais das dimensões socioambientais. E essa relação, na vida e na literatura, amadureceu com o tempo, embora estivesse presente de forma rudimentar desde as primeiras publicações. Nas últimas, percebo isso ainda mais presente, inclusive pela própria experiência de ter trabalhado como Educadora Ambiental durante um tempo da minha história na Educação, o que me rendeu um olhar sensível para essa temática. Para mim, os ambientes naturais e toda expressão significativa do mundo sociocultural, não só em relação à escrita, são fontes de projeção de muito do que há dentro de mim, com uma grande carga de energia simbólica. Por vezes, isso se transforma em texto escrito.



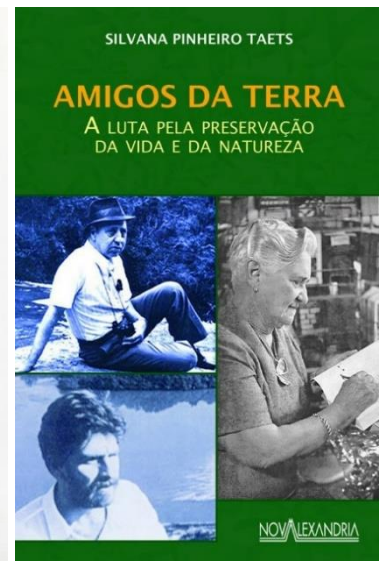
Capa de *Houve um beija-flor...*, de Silvana Pinheiro, livro sobre a trajetória do naturalista Augusto Ruschi (Foto de Ricardo Azoury).



Registros da atuação de Silvana Pinheiro
na divulgação de obras sensíveis a questões ambientalistas (Acervo da autora).



Sumário	
<i>Algumas palavras antes da leitura</i>	07
<i>Maria Stella de Novaes</i>	
Início de conversa.....	11
Sobre dona Stellinha.....	13
O trabalho.....	17
Não sem luta.....	22
<i>Augusto Ruschi</i>	
Agora, sobre Ruschi.....	31
Para além de Santa Teresinha.....	35
Sua paixão pelos beija-flores.....	44
Traços de família.....	48
Batalhas ecológicas.....	51
Doenças abatem a ave rara.....	56
<i>Paulo César Vinha</i>	
Sobre Paulo César Vinha.....	69
Os anos de estudo.....	71
As questões ambientais e políticas.....	75
Os últimos anos.....	80
A morte.....	82
<i>Para saber mais</i>	87
<i>A autora e o ilustrador</i>	88





Encontro com leitores e lançamento do livro:

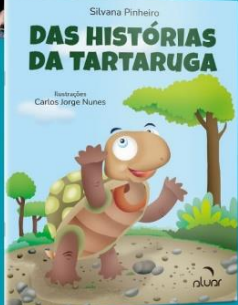


20/07, das 14:00 às 15:30

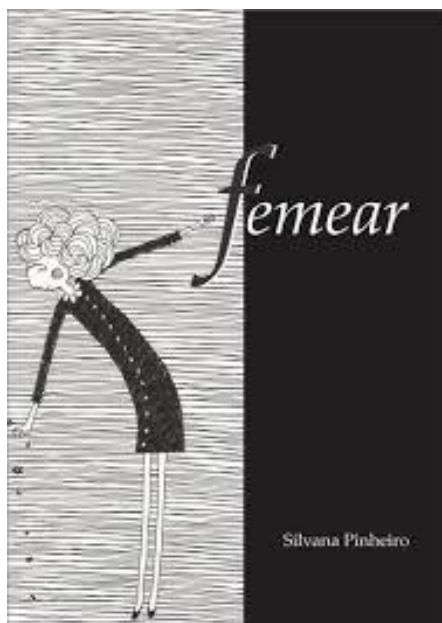
Silvana Pinheiro

DAS HISTÓRIAS DA TARTARUGA

Ilustrações: Carlos Jorge Nunes



E são sempre emergentes também as temáticas relativas às mulheres e toda a existencialidade submersa a essa condição: desafios, problemáticas, a evolução sócio-histórica das mulheres e seus diferentes papéis na sociedade. São aspectos que não têm como se ausentarem daquilo que escrevo, porque também me constituem.





EM "FÊMEAS", SILVANA PINHEIRO aborda diferentes assuntos, do relacionamento a conflitos.

Livro de poesias com olhar feminino

A escritora Silvana Pinheiro lança hoje "Fêmeas" e comemora 20 anos do seu primeiro livro, na Biblioteca Pública Estadual

Renata Moura

A análise humana respaldada por um viés feminista é tema do 10º livro que a escritora apresenta Silvana Pinheiro, de 49 anos, lançou hoje, às 19 horas, na Biblioteca Pública Estadual, em Vitória, o livro "Fêmeas".

Embora a palavra já existia como verbo no sentido de "andar como as fêmeas", a autora, que é Mestre em Estudos Literários, estabelece que o título seria um neologismo a partir da ideia de zilhado de animais com feminilidade.

"A palavra semente, na sua origem, tem sua ligação com o masculino. Eu quis trazer esse novo significado para o olhar feminino. Não só os diferentes temas de relacionamentos a conflitos. A ideia de ser feminino, o livro aborda o humano", pondera.

O novo trabalho da escritora traz 35 poemas curtos dispostos em 108 páginas. Silvana, que já lançou trinta e cinco livros, diz que o livro foi escrito em um momento de transição na literatura infantojuvenil – entre os trabalhos foram bastante desafiadores –, celebra e tem lá, disse como um marco.

"Nos últimos anos, tenho recebido mais livros para jovens adultos. Criei a publicação. O "Fêmeas" é a síntese dos últimos anos de produção. Eu já vinha produzindo, mas a publicação destacou. É algo que quero comemorar", afirma.

A escolha por versos em formato de poesia foi algo natural à escritora. Sua formação literária teve o acompanhamento do pai, que era músico, e do mãe, que também escrevia poemas. "A preferência está na violência, de ter um olhar, uma sensibilidade contra a guerra".

Além de lançar "Fêmeas", Silvana comemora, hoje à noite, os 20 anos de sua primeira obra, "Histórias da Tartaruga". "Não pra que é tão difícil publicar, me considero muito viciosa", finaliza.

SERVIÇO

"Fêmeas"

• O 10º livro da escritora Silvana Pinheiro, lançado hoje, às 19 horas, na Biblioteca Pública Estadual, em Vitória, custa R\$ 23,00.

• O livro pode ser adquirido na Biblioteca Pública Estadual, Rua João Batista Pereira, 303, Praia de São Vitoria.

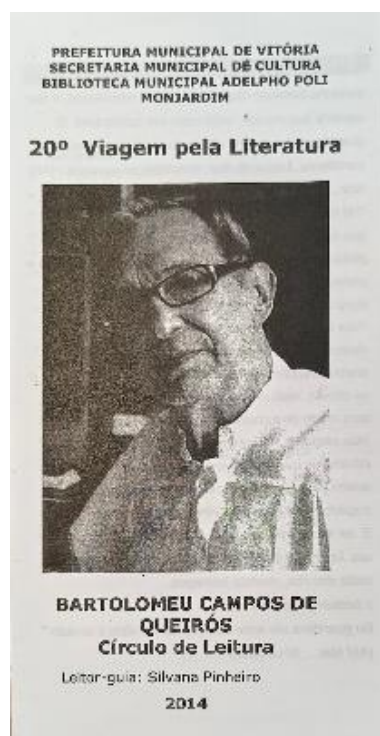
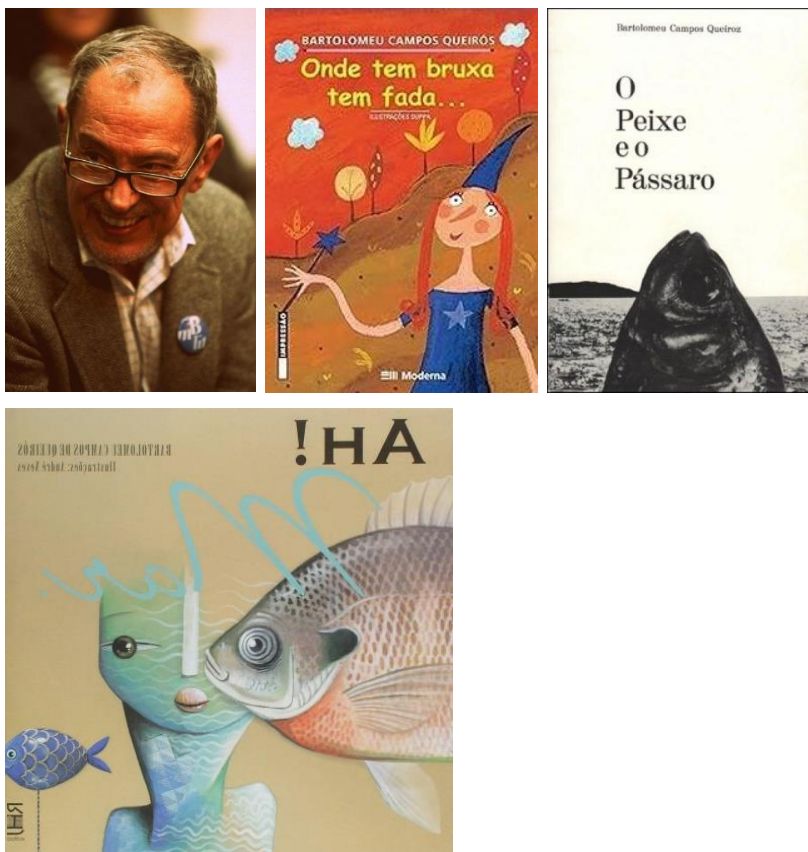
• ENTRADA: Grátis.

• INFORMações: 3257-0340



Livros de Silvana Pinheiro sobre o tema da feminidade (Fotos sem crédito).

Outra característica atuante em meus poemas é a intertextualidade com as produções dos autores que aprecio e/ou estudei, como Adélia Prado e José Paulo Paes, objetos de estudo no Doutorado e no Mestrado, respectivamente. Bartolomeu Campos de Queiroz, poeta mineiro que escreveu para crianças, teve forte influência na construção de minhas incursões pela prosa poética também. E percebo que algumas pessoas aproximam meus versos da escrita de Cecília Meireles. Considero que podem ter razão, os textos dela povoaram meu desenvolvimento como leitora. Acredito que isso seja até, de certa forma, involuntário, de tanto que fazem parte de mim. Mas sei que tenho uma dívida com ela.



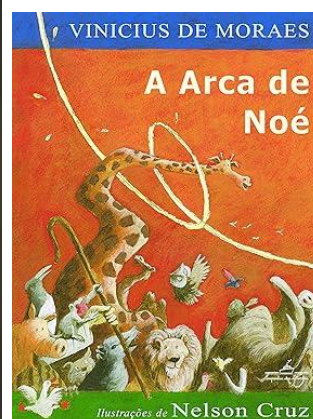
O escritor Bartolomeu Campos de Queirós, uma das admirações literárias de Silvana Pinheiro, capas de alguns de seus livros e folder do Círculo de Leitura sobre o mineiro, conduzido por ela (Foto sem crédito).

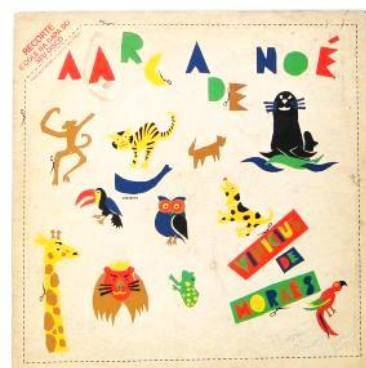
Amei demais os poemas de *Ou isto ou aquilo*. Isso impregnou minha escrita com uma musicalidade entranhada. Só posso agradecer me compararem a essa grande poetisa.



Cecília Meireles e capa de *Isto ou aquilo*, referências marcantes na textualidade de Silvana Pinheiro (Foto sem crédito).

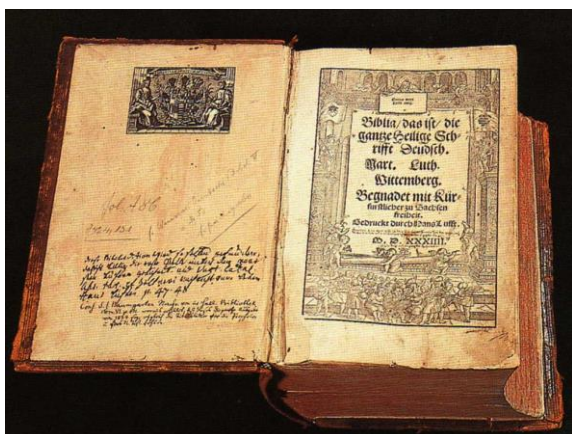
E Vinícius de Moraes também tem o dedo de *A arca de Noé* nos meus versos para crianças. Sou realmente muito culpada de brincar demais com a obra desses autores durante a minha infância, recitando-os, cantando aqueles versos. Foi uma febre, mesmo.





Vinicius de Moraes e capa de *A arca de Noé*, em livro e em vinil, marcos na leitura e na textualidade de Silvana Pinheiro (Foto sem crédito).

Outra fonte de diálogo intertextual muito marcante é o texto das escrituras bíblicas, vetero e neotestamentárias. A Bíblia é um livro que me acompanha desde tenra idade. Faz parte das minhas leituras diárias e estudo. É impossível que não apareça em significantes e significados de minha produção poética.

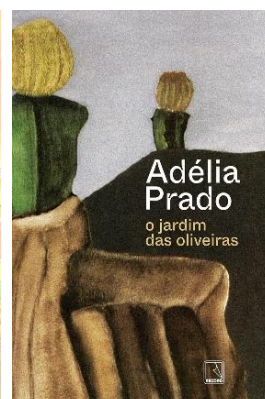
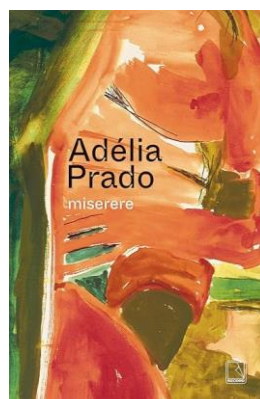


Exemplar da *Bíblia* de Lutero, de 1534, base do cristianismo protestante, cujos temas são recorrentes na textualidade de Silvana Pinheiro (Foto sem crédito).

Sua tese de doutorado localiza a obra de Adélia Prado entre os discursos poéticos da contemporaneidade brasileira, identificando os modos como seus versos são recebidos pela crítica. Sob esse viés, o que você diria sobre a sua própria obra literária? Concorda que há, em sua

poética, uma “pulsão criativa” e um “lirismo meditativo”, se me permite a analogia com os movimentos líricos fundamentais identificados por Augusto Massi na obra adeliana?

Penso que talvez haja certa identificação, sim, sobre o meu fazer poético com o trabalho de Adélia Prado. Muito mais pela via temática e semelhante diálogo intertextual com as escrituras bíblicas, talvez, e reflexões sobre a espiritualidade e a relação com o ambiente natural, bem como relativa a aspectos éticos das mulheres. Sou uma leitora assídua de sua obra, antes mesmo de vir a estudá-la. E isso motivou também o desejo de pesquisar sobre sua produção poética no Doutorado.



Capas dos livros de Adélia Prado,
poeta fundamental na textualidade de Silvana Pinheiro.

Talvez o fator de maior identificação ética, e de viés crítico também, nos textos e na vida, seja algo que para Adélia é muito importante existencialmente e para mim também: a fé no Evangelho de Jesus de Nazaré. Ela vem de uma matriz cristã católica, e eu, originalmente, sou de origem protestante, embora cultive o diálogo com diferentes frentes religiosas, não somente da fé cristã. Percebo que isso enseja atitudes comparativas, embora o meu texto apresente escolhas formais bem distintas em relação à obra adeliana.



Afresco de Giotto di Bondone (século XIV), *Entrada triunfal de Jesus em Jerusalém*, base do cristianismo, um dos temas de relevo na poesia de Silvana Pinheiro.

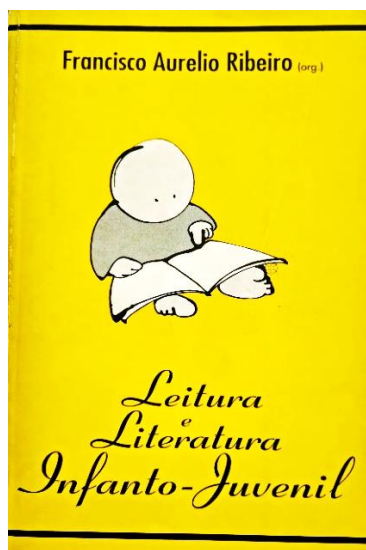
Assim, admito, tanto na minha realidade, quanto na dela (embora nem de longe compare minha produção com a obra de Adélia), as similaridades dizem mais respeito a aspectos temáticos, que perpassam nossos textos e nossas vidas, nem sempre compreensíveis e apreciáveis por quem não vivencia as mesmas experiências existenciais. Penso que, na compreensão de alguns, talvez os vieses cristãos de nossos versos se emaranhem com os descaminhos históricos do Cristianismo e seus adeptos no mundo, que admito, são reais e de consequências nefastas. A meu ver, Adélia sofreu resistências críticas ao seu fazer poético, em especial, no início de sua carreira, também por conta desses aspectos, principalmente. Da mesma forma, em menor escala, proporcional ao reconhecimento da obra, meu trabalho talvez suscite percepções semelhantes,

por conta de minhas buscas pessoais, não só na literatura, mas na vida, de me mover como seguidora de Jesus Cristo, aprendizado permanente, em que me vejo ainda com muito chão para caminhar.

Lamento que para alguns a dimensão da espiritualidade não caiba como tema dos fazeres poéticos. Essa é uma questão ampla, complexa e controversa. Digo isso não só em relação às expressões da religiosidade cristã, mas de outras manifestações de espiritualidade, que, parece-me, ao longo dos séculos em nosso país, ainda foram ainda mais alvos de preconceitos, como as expressões de matriz africanas e indígenas, por exemplo.

Hoje, seu trabalho possui amplo reconhecimento, como comprova este portfólio da revista *Fernão* dedicado ao estudo de sua obra literária. Como você avalia a recepção e o reconhecimento de sua obra? E como compreende o contexto amplo de recepção de seus textos desde os anos 1990 — literário, cultural, intelectual, linguístico, socioeconômico e político?

A esse respeito, o que posso dizer é que tive oportunidades de publicação, o que no contexto da época em que comecei a produzir, nos anos 90, não era uma coisa simples, sobretudo aqui no nosso estado, pois praticamente não tínhamos editoras, ou tínhamos pouquíssimas, para nichos bem específicos. Tive esse privilégio e muitos apoios, que valem a pena nominar: do Professor Francisco Aurelio, por exemplo, que foi um grande impulsionador da literatura infantil no Espírito Santo, para muitas pessoas e para mim também; também dos coletivos de que fiz parte, como o Proler e o Pró-Leitura, a Aeilij, a Rede de Alfabetização e outros.



Francisco Aurelio Ribeiro (Foto de Leonardo Sá) e capa de *Leitura e literatura infanto-juvenil*, um dos livros por ele organizado em que se estuda e divulga a literatura para crianças e jovens no estado e no Brasil.



Silvana Pinheiro, no evento Café Literário do SESC Glória, em Vitória, 2007, com Rita Maia e Francisco Aurelio Ribeiro (Acervo da autora).

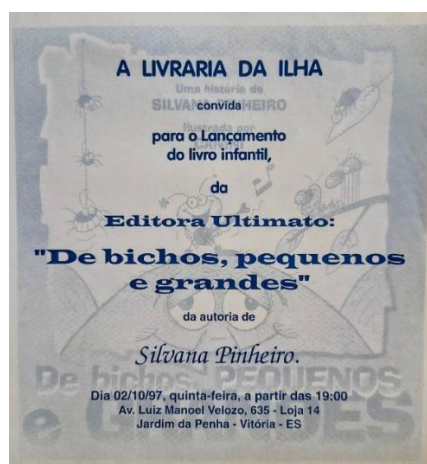


Cartão da Aeilij, de que Silvana Pinheiro participou.

E obtive impulsos de divulgação por parte de livreiros, das livrarias Logos, A Edição e Livrarias da Ilha e do Estudante.



Silvana Pinheiro no lançamento do seu *De bicho, pequenos e grandes*, na Livraria da Ilha, em Vitória, 1997. À direita, Danilo Vieira, dono da livraria (Acervo da autora). Ao lado, o marcador de livro e, abaixo, o convite para o lançamento.



Tenho como elemento facilitador de divulgação também o fato de ser uma pessoa ligada à educação e reconhecida pelo meu trabalho nesse campo, que é o de maior recepção dos textos para crianças, adolescentes e jovens. Conquistei muitas entradas em escolas, pelo acesso a esse meio, aos sistemas públicos de ensino, aos professores e demais profissionais de educação, o que viabilizava a divulgação. E tudo isso com muita dedicação e seriedade com meu trabalho, muito desejo de ver meus livros conhecidos pelas crianças, e não sem os desafios que toda mulher enfrenta.

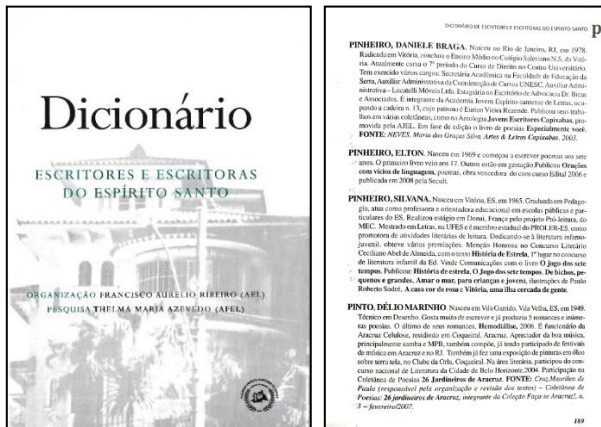


Silvana Pinheiro atuando em diversas instituições de ensino públicas e privadas para divulgação da leitura e dos seus livros (Acervo da autora).

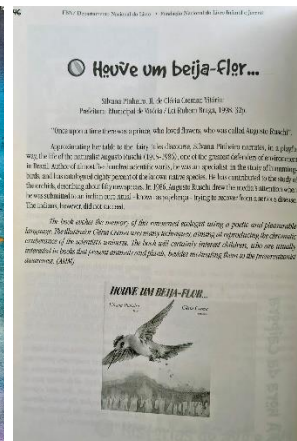
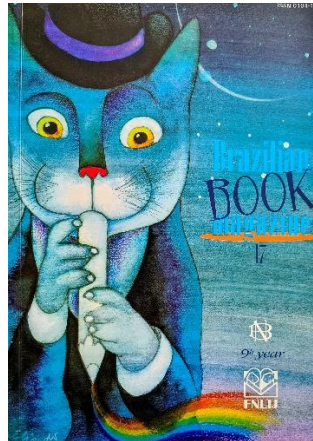
Considero, ainda, que esse conjunto de entradas e apoios contribuíram para a construção de um público leitor, que hoje já é adulto. Volta e meia encontro alguém que teve oportunidade de se formar como leitor também por meio dos meus livros. Isso é uma grande alegria e realização.

Percebo que, em geral, e em nosso estado, de modo específico, meu trabalho é apreciado, citado, reconhecido, valorizado, em sua singularidade e características peculiares. Tudo isso me faz olhar para minha trajetória com gratidão. No mais, são as mal traçadas letras, como é para muita gente. Como diz um amigo, somos imperfeitos, nos relacionando com gente imperfeita, em um mundo imperfeito. Poder conquistar o respeito ao meu trabalho, a despeito dos desafios do percurso, desafios em mim mesma e nos contextos de vivências pela vida afora, é uma alegria e um presente que recebo da existência com gratidão.

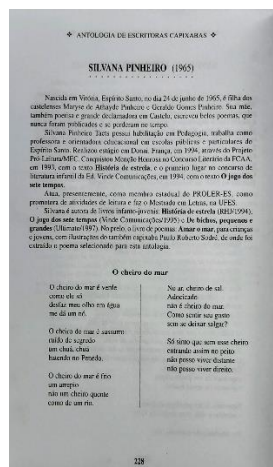
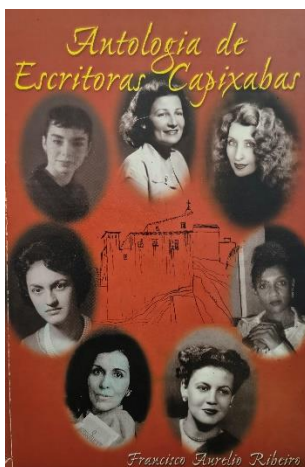




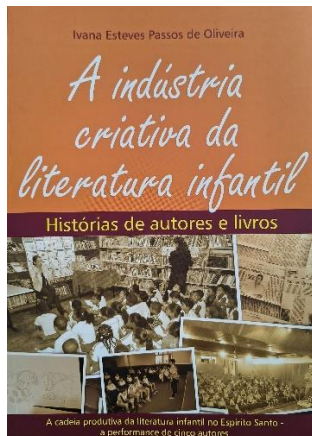
Verbete sobre Silvana Pinheiro no *Artes e letras capixabas*, de Graça Neves, e no *Dicionário escritores e escritoras do Espírito Santo*, de Francisco Aurelio Ribeiro e Thelma Maria Azevedo.



Capa da *Brazilian Book Magazine*, da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLJI), e página em que se reporta o livro *Houve um beija-flor*, de Silvana Pinheiro.



Capa da *Antologia de escritoras capixabas*, de Francisco Aurelio Ribeiro, e página dedicada à obra de Silvana Pinheiro.



4.3. Rompendo as fronteiras do Estado com Silvana Pinheiro

"O escritor de livro infante no Espírito Santo hoje para publicar, não precisa desenvolver mais para distribuir".
Silvana Pinheiro

Silvana Pinheiro é natural de Vitória, capital do Espírito Santo. Mestre em Teoria Literária pela UFES, graduada em Letras e Pedagogia, atua como educadora na Rede Estadual de Ensino e como prestadora de serviços em palestras, cursos e oficinas ligadas à formação de escritores de literatura, além de escrever livros. Muitas de seus livros já foram selecionados para compor o acervo de livros de política e paratextos de livros no Brasil. Recentemente, também recebeu de destaque em quadros e textos autôctones, conferidos a crianças e jovens. Ainda, livros de sua autoria, sua comunidade em direção a se tornarem obras de referência e registro. Hoje, compõe o livro publicado, com a intenção de educar e formar.

Com sua obra, Silvana Pinheiro de estreia (1994), no gênero infantil, pela editora RDT (RDT), com ilustrações de Márcio Trancoso. O livro, dois anos depois (1996), foi exposto, pela Editora Vinte e Duas Letras (EDV), com ilustrações de Márcio Trancoso. Em 2000, foi publicado pela Editora RDT, com ilustrações de Márcio Trancoso. Em 2001, foi publicado pela Editora RDT, com ilustrações de Márcio Trancoso. Em 2002, foi publicado pela Editora RDT, com ilustrações de Márcio Trancoso. Em 2003, foi publicado pela Editora RDT, com ilustrações de Márcio Trancoso. Em 2004, foi publicado pela Editora RDT, com ilustrações de Márcio Trancoso. Em 2005, foi publicado pela Editora RDT, com ilustrações de Márcio Trancoso. Em 2006, foi publicado pela Editora RDT, com ilustrações de Márcio Trancoso. Em 2007, foi publicado pela Editora RDT, com ilustrações de Márcio Trancoso. Em 2008, foi publicado pela Editora RDT, com ilustrações de Márcio Trancoso. Em 2009, foi publicado pela Editora RDT, com ilustrações de Márcio Trancoso. Em 2010, foi publicado pela Editora RDT, com ilustrações de Márcio Trancoso. Em 2011, foi publicado pela Editora RDT, com ilustrações de Márcio Trancoso. Em 2012, foi publicado pela Editora RDT, com ilustrações de Márcio Trancoso. Em 2013, foi publicado pela Editora RDT, com ilustrações de Márcio Trancoso. Em 2014, foi publicado pela Editora RDT, com ilustrações de Márcio Trancoso. Em 2015, foi publicado pela Editora RDT, com ilustrações de Márcio Trancoso. Em 2016, foi publicado pela Editora RDT, com ilustrações de Márcio Trancoso. Em 2017, foi publicado pela Editora RDT, com ilustrações de Márcio Trancoso. Em 2018, foi publicado pela Editora RDT, com ilustrações de Márcio Trancoso. Em 2019, foi publicado pela Editora RDT, com ilustrações de Márcio Trancoso. Em 2020, foi publicado pela Editora RDT, com ilustrações de Márcio Trancoso. Em 2021, foi publicado pela Editora RDT, com ilustrações de Márcio Trancoso. Em 2022, foi publicado pela Editora RDT, com ilustrações de Márcio Trancoso. Em 2023, foi publicado pela Editora RDT, com ilustrações de Márcio Trancoso. Em 2024, foi publicado pela Editora RDT, com ilustrações de Márcio Trancoso. Em 2025, foi publicado pela Editora RDT, com ilustrações de Márcio Trancoso.

A obra integra a coleção de 1996, e 2001, 2002, 2003, 2004, 2005, 2006, 2007, 2008, 2009, 2010, 2011, 2012, 2013, 2014, 2015, 2016, 2017, 2018, 2019, 2020, 2021, 2022, 2023, 2024, 2025.

Capa de *A indústria criativa da literatura infantil*, de Ivana Esteves, e página dedicada ao percurso de publicações de Silvana Pinheiro.

27 junho a 6 de julho/2003
Shopping Vitória - Vitória - ES

Bienal Capixaba Do Livro

Tema: Leitura, Memória e Cidadania

SEMINÁRIO

OPINIAS

MINI-CURSOS

05 a 15/07/2006

Local: Shopping Praia de Costa

Programação Paralela:

- Oficinas
- Palestras
- Mesas Redondas
- Debates
- Lançamentos de Livros
- Sessão de Autógrafos
- Teatro de Fantoques
- Contação de Histórias

PALESTRAS E MESAS REDONDAS

Oficinas

PALESTRAS E MESAS REDONDAS

Café com Letras

Silvana Pinheiro

Escritora destaque desta quinta-feira, dia 23/10.

Arte ao vivo de Pamela Reis e musicalidade de Marcus Trancoso

O Shopping Norte Sul recebe nesta quinta-feira, dia 23/10, a escritora Silvana Pinheiro, que já é parceira do evento e se apresenta desde o início do projeto cultural Mestre em Estudos Literários da UFES, graduada em Letras e Pedagogia, atua na Rede Estadual de Ensino e presta serviços em palestras, cursos e oficinas ligadas à formação de mediadores de leitura, Silvana vai apresentar seu novo livro, *Fêmea*.

Ela também é autora dos livros "Amigos da Terra", Vitória, uma ilha cercada de terras; "Amor ao Mar"; "A Casa Rosa" e "História de Estrela" são de sua autoria e alguns fazem parte do acervo de escolas por todo o país. Também escreve roteiros de histórias em quadrinhos e diversos materiais voltados para o público infantojuvenil.

Teremos a apresentação do Grupo Marias. Também a artista plástica Pamela Reis traz seus quadros para embelezar o encontro e conta com a participação especial de cinco artistas do Centro de Vitória da Terceira Idade e o músico Marcus Trancoso.

ENTRADA FRANCA

Patrocinadores das letras

Salão do Livro CAPIXABA

LIVRO

“Feita em Casa”

SILVANA PINHEIRO

Capitania dos Portos/ES
(Ao lado da Praça do Papa)

**Dia: 23
às 14h**









Folders e *cards* de eventos culturais com a participação de Silvana Pinheiro.

[illegible]

4C2. ROTEIRO

TERÇA-FEIRA, 10 DE AGOSTO DE 2011 A GAZETA

BALADA

Terceirêja na São Firmino

A dupla Brando & Rianey promete agitar o São Firmino Boteguin com o melhor do sertanejo, a partir das 22h. Nos intervalos, o DJ Thales Gonzales anima a casa.

São Firmino Terceirêja Rock do Fim de Semana, 20h. Vendas: Wilton Aguiar, 39.20 (Navegante) e #15 30 (Interativo). **Interfone** 4611 3201-6500.

INTERIOR

Festival de Teatro de Guaçuí

A décima quinta edição do festival acontece até sábado, no Teatro Municipal de Guaçuí. Três peças serão apresentadas hoje, como "Anjos e Abacates" (foto), do Repertório Artes Cênicas e Cia.

Cinefixa a programação na grade aberta. Insc. Ingressos: R\$ 5 e R\$ 12,00, no local.

LITERATURA

Silvana Pinheiro lança livro em Vitória

Às 19h, a escritora Silvana Pinheiro lança "Femeas", sua primeira obra de poesias para adultos. O livro é composto por 35 poemas e será vendido por R\$ 25.

No Diálogo Público Estadual. Rua João Batista Pereira, 155, Praia do Sol, Vitória. Entrada gratuita.

[illegible]

DE FEMINIL **SILVANA PINHEIRO** escreve sobre a importância da leitura feminina, da literatura e da mulher

Livro de poesias com olhar feminino

A escritora Silvana Pinheiro lança hoje "Femur" e comemora 20 anos de sua primeira obra, na Biblioteca Pública Estadual

Renata Moura

A escritora Silvana Pinheiro está com 20 anos de carreira e 20 livros publicados. Hoje, ela comemora o aniversário de sua primeira obra, o livro de poesias "Femur", lançado em 1994. A escritora lançou o novo livro, "Femur", na Biblioteca Pública Estadual, em São Paulo, no dia 15 de maio. O livro é composto por 100 poemas e é dedicado às mulheres. Silvana Pinheiro é uma escritora brasileira, nascida em 1974, em São Paulo. Ela é autora de vários livros de poesias, contos e romances. Seu primeiro livro, "Femur", foi publicado em 1994, pela editora Companhia das Letras. O livro é composto por 100 poemas e é dedicado às mulheres. Silvana Pinheiro é uma escritora brasileira, nascida em 1974, em São Paulo. Ela é autora de vários livros de poesias, contos e romances. Seu primeiro livro, "Femur", foi publicado em 1994, pela editora Companhia das Letras. O livro é composto por 100 poemas e é dedicado às mulheres.

"Femur"

O livro "Femur" é composto por 100 poemas e é dedicado às mulheres. Silvana Pinheiro é uma escritora brasileira, nascida em 1974, em São Paulo. Ela é autora de vários livros de poesias, contos e romances. Seu primeiro livro, "Femur", foi publicado em 1994, pela editora Companhia das Letras. O livro é composto por 100 poemas e é dedicado às mulheres.

[illegible]



Publicações com notícias e matérias sobre a literatura de Silvana Pinheiro.



Participação de Silvana Pinheiro em eventos culturais (Acervo da autora).



Prints da entrevista de Silvana Pinheiro a Natália Gadioli no programa *Um dedo de prosa*.

Por outro lado, reconheço que todas as conquistas são também fruto de um privilégio, que advém de minha origem de classe e por ser branca. Se para mim foi e ainda é desafiador publicar, sei que muitos talentos não tiveram chances educacionais, culturais e editoriais como as minhas, por suas condições de etnia e classe. O que é lamentável.

Realmente é um caminho de enfrentamento de muitos percalços: publicar, divulgar, vender e se manter no mercado editorial brasileiro, em especial, no Espírito Santo, ainda hoje. Felizmente, nos últimos anos, temos muito mais oportunidades de financiamento e outras, que tornam o meio editorial mais democrático em oportunidades, ainda que não proporcionais aos desafios do mercado.

Além disso tudo, o meu trabalho alcança também um nicho específico que é o meio cristão protestante, minha origem religiosa, onde construí também apoios e parcerias. Parte do meu trabalho teve uma boa entrada nesse campo, especialmente fora daqui do estado.

Então, eu diria que o alcance do meu trabalho perpassa muitas pessoas, cenários e instituições, de vários espectros e campos, daqui e de fora do nosso estado, relacionadas às escolas, públicas e privadas, em todos os níveis de ensino, onde atuei como formadora de leitores e de outros formadores; às bibliotecas públicas, particulares e comunitárias; às livrarias; às Academias de Letras; à Universidade e outras instituições de Ensino Superior, onde lecionei; às comunidades de fé etc. Em todos esses lugares, construí convivências e oportunidades de divulgação dos meus livros.

Dessa forma, considero que o reconhecimento vem de muito trabalho e da qualidade do meu fazer literário também, sempre em construção, bem como das oportunidades bem aproveitadas de convivência em diferentes campos de saberes, não sem o enfrentamento de muitos obstáculos. Em tudo, aprendi muito. E, vale lembrar, tirei muito dinheiro do bolso para isso. Investi eu mesma no meu trabalho literário, como vários autores locais e por aí a fora, quando me faltaram oportunidades de publicação. Posso dizer que doeï muitos dos meus livros. E vendi alguns. Poucas vezes em quantidade desejável. E nunca tive a ilusão de viver da venda de livros. Por isso, sempre dividi meu tempo como escritora e outras atividades profissionais.

Na entrevista concedida a Luciano Rangel (2024), você afirmou que a sua ligação com a literatura infanto-juvenil veio do trabalho como educadora. Em que medida a crítica, a teoria e as trocas propiciadas nos espaços escolares e acadêmicos influenciam seu processo criativo e seu trabalho de escrita literária para crianças, jovens e adultos?

Acredito que minha convivência no meio acadêmico, seja na área da educação, seja na literatura ou em outras áreas de interesse em que tive ou não formação específica, mas se constituíram campos de estudo pessoal ainda hoje, enriqueceram muito o meu processo criativo, em termos de temáticas, reflexões e indagações que me atravessam existencialmente. E continuam a influenciar.



Prints da exibição do programa *Tribuna Online Studio* #93, com a entrevista de Silvana Pinheiro a Luciano Rangel.

Aprecio o estudo científico, sempre, e o diálogo com os ambientes escolares e acadêmicos, desde que sejam engendrados de forma respeitosa e honesta, pois os bancos escolares também podem ser ambientes desafiadores, atravessados por muitas variáveis econômicas, sociais, culturais e pelas relações de poder que o saber impõe às convivências. Tudo isso é fato, faz parte do enfrentamento de discursos de muitas ordens e perpassa o meu trabalho literário de uma forma ou de outra.

No caso da literatura para a infância e a juventude, meu maior acesso a ela foi pela via dos programas de incentivo à leitura, ligados sempre, como não pode

deixar de ser, às maiores instituições responsáveis pela formação de leitores no país, que são as escolas e os diferentes sistemas de ensino, sobretudo porque, para a grande maioria da população brasileira, a possibilidade de acesso ao livro é via escola pública. Nesse contexto, com todos os programas que a circundam, conheci e estudei a obra e a produção dos grandes escritores e ilustradores do Brasil e do mundo, evidentemente numa época em que o número deles era mais fácil de acompanhar. Com a democratização de espaços para autores, ilustradores, editoras e produções culturais para a infância, e estando fora do espaço institucional onde os livros circulam, tenho mais dificuldade de me manter atualizada sobre o que é produzido nessa área, ainda que busque espaços para isso.

Assim, compreendo que quem deseja escrever para crianças deve se alimentar da leitura de bons textos escritos para esse público, não só de autores que trataram de temas de suas próprias infâncias, mas que buscam dialogar com as infâncias da atualidade. Porque não há uma infância idealizada, existem muitas infâncias concretas, em diferentes espaços e tempos. Nesse sentido, para uma mulher que foi criança nos anos 70 do século passado dialogar com a infância da primeira metade do século XXI é um desafio enorme. Mas o trajeto é possível. Espero ainda empreender esforços e livros nessa direção.

Vale dizer, ainda, que tenho uma tendência a dispersar muito as minhas leituras e reflexões, os meus estudos em diferentes áreas, de diferentes saberes. Se atuasse no meio acadêmico, hoje, talvez o foco no campo da literatura fosse mais consequentemente construído, pois isso facilita acompanhar o desenvolvimento científico na crítica, na teoria, no campo específico de atuação. Não é a minha realidade, que é pulverizada de estudos e leituras em muitos campos. E sou uma só: um espaço presente de existencialidade, para recepcionar tudo isso e transformar em maneiras singulares de expressão, também na literatura para a infância, na poesia e em e outras expressões criativas.

O Espírito Santo e o Brasil, de modo geral, enfrentam o desafio da democratização do acesso à literatura e às artes, o que implica, por consequência, a necessidade educativa de formar leitores. Considerando sua vasta experiência como professora, técnica pedagógica e escritora, como você avalia o papel das instituições públicas e privadas nessa tarefa educativa? Quais são os principais desafios para a formação de um público leitor, tanto para escritores estreantes quanto para escritores veteranos?

Penso que, em pleno final do primeiro quarto do século 21, ainda enfrentamos muitos desafios em relação à Educação de um modo geral e à formação de leitores em particular. E para mim é difícil constatar isso, porque trabalhei 32 anos em educação, sou aposentada há quatro anos, e percebo que ainda temos tanto por avançar na formação de um país leitor.

Não trago essa afirmativa aqui como um olhar pessimista, embora não seja possível não ter um certo pessimismo, porque percebo, em torno do campo educacional e da produção de materiais educativos e culturais para a infância, muitas das mesmas discussões e questões com as quais eu me debatia nos diferentes coletivos de que participei nos anos 1980, 1990, 2000. Isso é desanimador.

Por outro lado, hoje temos muito mais editoras, muita gente escrevendo e encontrando formas de publicar, muitos editais de cultura e variadas formas de acesso aos livros. Mas, infelizmente, ainda que no atual governo seja perceptível o incentivo à cultura de um modo geral, percebo que, na última década, perdemos muito daquilo que havíamos conquistado para a Educação em geral, pós Constituição de 1988, com muito empenho e dedicação. Então, olho para a realidade da escola, seja pública ou particular, e presencio certa paralisação nas mesmas questões. Parece-me que lidamos com os mesmos desafios de há

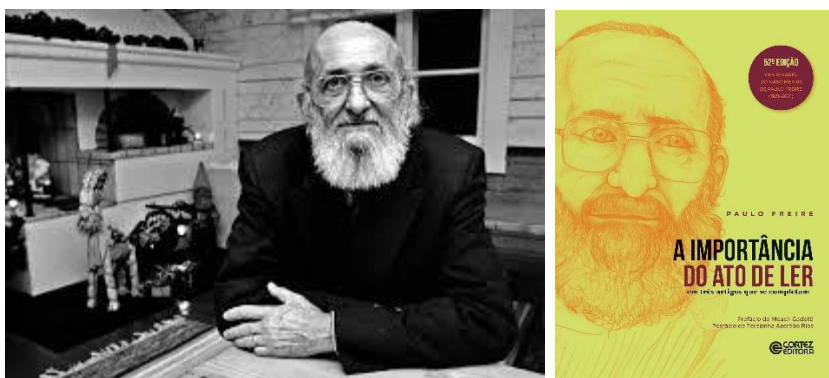
décadas. Temos, então, muito a avançar, não só celebrando a democratização do acesso à escola, que já superamos de alguma forma. Hoje temos uma população brasileira que tem acesso, mas poderíamos estar muito mais à frente em termos de qualidade da educação, principalmente falando de escola pública.

Aqui não vai uma crítica generalizante. É evidente que temos bons projetos institucionais, bons projetos escolares e de professores, que dentro desse contexto tentam fazer um bom trabalho e fazem. São eles que heroicamente fazem a diferença. Mas precisamos de políticas públicas eficazes que não sejam abaladas por mudanças de projetos partidários ou de governos, que subsistam a essas contingências, que tenham uma intenção de ultrapassar as barreiras locais e de tempo e que permaneçam e se atualizem. Inclusive, esse é um bom momento para se falar nisso, quando estamos próximos às novas eleições. É preciso ouvir candidatos que tenham essa preocupação, de não deixar apenas seus nomes em algum projeto personalista, mas que realmente possam estabelecer bases duradouras, para que, talvez, daqui a uma geração de crianças e jovens, possamos ter uma realidade diferente.

Vejo com preocupação também, não só no Brasil, mas no mundo todo, que há um retrocesso nesse sentido, um crescimento cada vez maior da desigualdade social e econômica e uma busca de retroceder em relação à conquista de direitos, que deveriam nortear todas as sociedades humanas do nosso planeta. Vivemos um tempo de banalização das conquistas de direitos históricos e uma certa volta a um tempo de violência, de defesa de interesses cada vez mais particulares, de corporações pautadas na valorização da ganância, do poder, do lucro, em detrimento do crescimento das populações como um todo e do respeito, especialmente, àquelas parcelas das populações que são mais vulnerabilizadas por nossas escolhas na história.

Ainda que pareça uma visão pessimista, o que desejo é não alimentar um olhar ingênuo sobre a realidade que vivemos. Ainda assim, escolho diariamente me

apoiar numa condição de esperança e, aqui, cito Paulo Freire, a quem reverencio, um grande educador brasileiro, que influenciou e influencia a minha visão de mundo, não só na educação. Reitero que, na verdade, busco a condição de esperar, que é mais do que simplesmente a expressão de um sentimento ou uma sensação, mas uma escolha de ação, em pequenos atos da vida, dos estudos, do trabalho e daquilo que crio como expressão, seja na literatura ou não.



Paulo Freire, referência para Silvana Pinheiro, e capa de um de seus livros (Foto da Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação).

Como você lida com o eventual uso paradidático de seus textos literários? O que você diria a professores e estudantes que leem seus livros em sala de aula?

Lido bem, em parte, talvez pelo fato de vir do contexto da Educação. Não acredito que os textos literários se apresentam no mundo de forma isolada de outras realidades da vida, inclusive dos processos educativos e como fonte de diversão. Secundariamente, eles sempre ensinam e divertem. Então, se são usados também para fins paradidáticos ou de entretenimento, é uma implicação menor.



Registro da atuação de Silvana Pinheiro
em escolas e eventos (Acervo da autora).

Minha questão é anterior: como é feita a mediação em relação ao livro que chega à escola? Porque até chegar às mãos das crianças e adolescentes, há inúmeros mediadores: escritores, ilustradores, editores, distribuidores, divulgadores, sistemas de ensino, bibliotecários e profissionais da educação. A utilização como recurso em áreas diversas, em si mesmas, não é o maior problema. Precisamos, sim, de uma política eficiente de propagação do livro e da leitura que dissemine concepções claras do que seja um texto literário, inclusive na formação dos profissionais da escola básica, para que a mediação junto aos leitores em formação seja competente, sem imposição de valores ideológicos.

Embora – não cabe aqui ingenuidade – todo ato de mediação em si é ideológico, mas a construção do objeto livro e seu acesso nos espaços escolares precisam ser norteados pela não imposição de valores ideologicamente alienantes. Como Paulo Freire afirmava, tudo isso depende de uma condição primeira: a serviço de quem está colocada tal tendência ideológica? Da humanização dos atores da escola ou de sua alienação? E é possível estabelecer uma mediação de leitura como ato educativo que não seja atravessada por uma imposição de significados, mas permeada pelo diálogo. Assim, relembro também com satisfação o princípio do diálogo socrático, que é a possibilidade de fazer com que o outro construa um sentido, no caso, para o texto literário e para a vida, que seja a partir de suas

próprias necessidades e condições como sujeito leitor, buscando construções pessoais e coletivas, com respeito às suas condições concretas de vida, seu momento sócio-histórico, econômico e cultural.

Acredito nisso. Acredito que a educação é um espaço de diálogo, portanto, cabe ao mediador da leitura dos textos literários, e de qualquer recurso de conhecimento, se colocar à serviço da humanização e do desenvolvimento integral daquele com quem interage como aprendiz.



Estudantes apresentando trabalho oral sobre *História de estrela*, de Silvana Pinheiro (Acervo da autora).

Então, para mim, o uso paradidático ou o uso como entretenimento é uma questão menor. É impossível que os livros de literatura infanto-juvenil não ocupem um espaço paradidático, por exemplo, uma vez que o acesso ao livro para nossa população, para a grande maioria das crianças brasileiras, é por meio da escola. Seria uma ilusão não considerar que ele vai estar vinculado às questões curriculares.



Lançamento do livro *Houve um beija-flor...*, de Silvana Pinheiro, em 1999 (Acervo da autora).

Por outro lado, como autora, às vezes fico surpreendida com leituras reducionistas em relação aos meus livros. Se alguém se aproxima de um livro meu, como *Amar o mar*, *Houve um beija-flor*, ou mesmo o mais recente, que tem um viés ambiental mais claro, *Notícias para Marina*, e os define com uma tarja, uma legenda, uma rubrica, categorizando-o apenas como um texto ambiental, isso me incomoda. E o fato é que esse enquadramento começa desde a elaboração do catálogo da editora, e, também, antes disso, na maioria dos editais e programas que selecionam os livros para as escolas. Quando chega à escola, essa condição é consequente.



Capas de alguns livros literários de Silvana Pinheiro com tema ambientalista.

Por isso, a formação dos profissionais que fazem a mediação da leitura nas salas de aula precisa ser muito eficiente, para que, quando o livro chegar ao contexto escolar, mesmo trazendo um enquadramento inicial, o trabalho de leitura possibilite também o questionamento desses reducionismos, em grande parte, propositais.

Seus livros infanto-juvenis são realizados em coautoria com diversos ilustradores e ilustradoras, revelando distintas composições entre o verbal e o não verbal. Como você pensa e cria as relações entre essas

duas linguagens? Como se estabelece o diálogo com seus ilustradores e ilustradoras? De que modo as ilustrações influenciam sua aproximação ao objeto literário — ou vice-versa?

Bem, uma vez que a minha inserção na produção de livros se deu por meio da produção de livros infanto-juvenis, sempre me afeiçoei às discussões sobre a questão da ilustração pertencente a esse tipo de publicação, que se constitui um objeto composto de diferentes linguagens, verbal e não verbal. E ambas têm força. No entanto, em um primeiro plano, a linguagem não verbal tem mais força, porque aparece ao leitor de imediato, desde o primeiro contato com o livro.

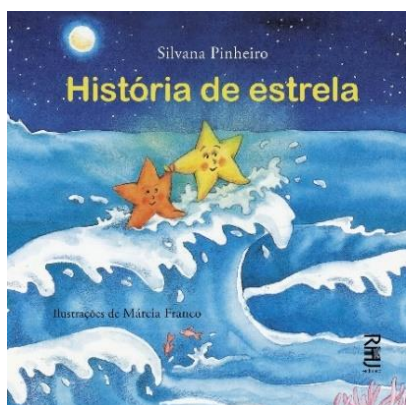
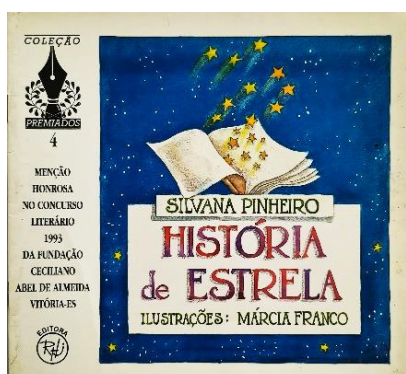


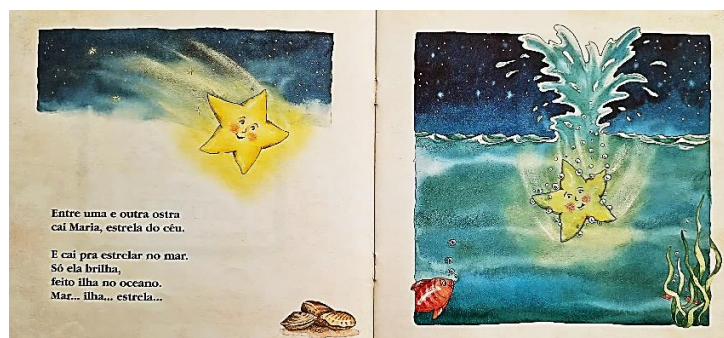
Silvana Pinheiro em visita a um salão de livro infantojuvenil, em Paris, França, em 1994 (Acervo da autora).

Nesse sentido, entendo que esse objeto cultural requer realmente uma preocupação com sua construção e com o diálogo entre essas duas linguagens. Isso também é uma discussão antiga e histórica em relação à literatura infanto-juvenil, e essa preocupação deveria estar muito presente para aqueles que são responsáveis pelos projetos editoriais dos livros para crianças e para os mediadores de leitura.

No meu caso, em especial, na maioria dos livros que publiquei e ainda circulam, a escolha dos ilustradores ou ilustradoras não foi determinada por mim, mas pela editora. Na medida que entregamos um texto a um produtor editorial, vendemos os direitos sobre o texto para a editora e delegamos o direito da organização do projeto editorial a ela também.

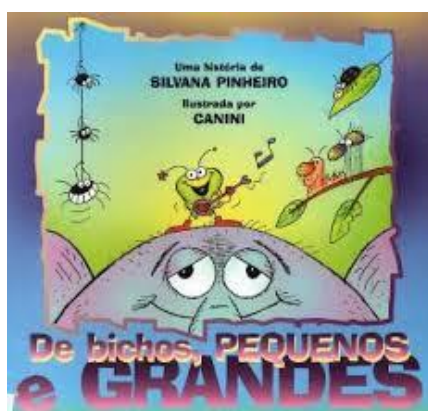
Desde o início da minha trajetória de publicação, me deparei com essa realidade, já com o primeiro livro, *História de estrela*, da RHJ, na experiência com a Márcia Franco, como ilustradora. Tive bons resultados editoriais, fui beneficiada com competentes criadores de ilustrações para os meus livros.



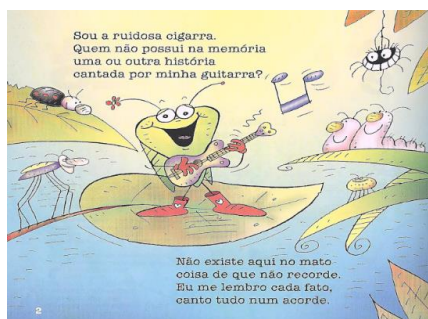


Capa e ilustrações de Márcia Franco
para *História de estrela*, de Silvana Pinheiro (Foto sem crédito).

Tive, por exemplo, no contexto editorial cristão, um livro ilustrado por Canini, da Editora Ultimato. Canini foi um grande cartunista, conhecido em todo o Brasil, que ofereceu ao meu livro *De bichos, pequenos e grandes* uma ilustração de que gostei muito.



Capa e ilustrações de Renato Canini (Foto sem crédito) para *De bichos, pequenos e grandes*, de Silvana Pinheiro.

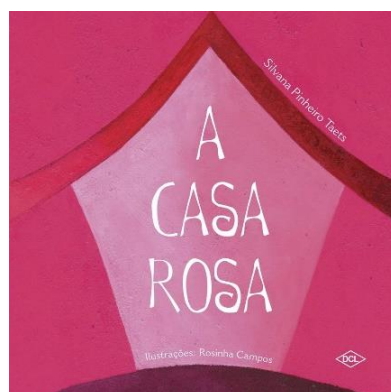




Também tive oportunidades semelhantes com os livros publicados pela DCL: *Amar o mar* e *A casa rosa*, respectivamente ilustrados por Fê, à época, da *Folhinha de São Paulo*, e Rosinha Campos, conhecida ilustradora também em todo o país.

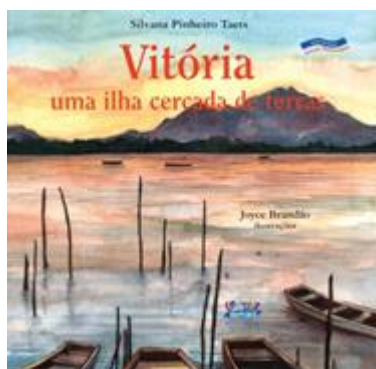


Capa e ilustrações de Fê para *Amar o mar*, de Silvana Pinheiro (Foto sem crédito).

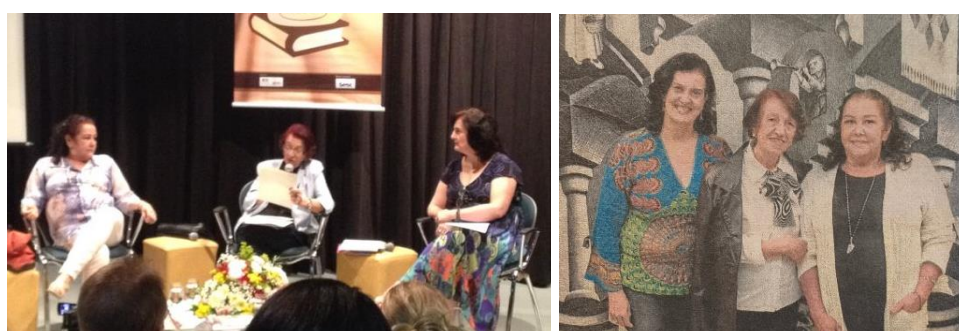


Capa e ilustrações de Rosinha Campos para *A casa rosa*, de Silvana Pinheiro (Foto sem crédito).

Outro livro meu, esse, sim, paradidático, publicado pela Editora Cortez, *Vitória uma ilha cercada de terras*, recebeu uma bonita ilustração em aquarela, da Joyce Brandão, quando ainda professora do Centro de Artes da Ufes.



Capa de *Vitória, uma ilha cercada de terras*, de Silvana Pinheiro, ilustrado por Joyce Brandão (Foto sem crédito).

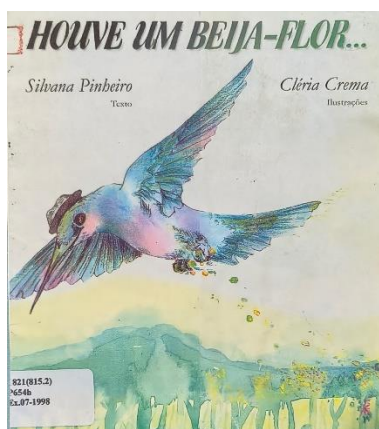


A ilustradora Joyce Brandão (à esquerda), Neila Geaquinto e Silvana Pinheiro, no evento Café Literário do SESC Glória, em Vitória, 2014.

Em todos esses casos, não fui eu quem escolhi o profissional para ilustrar, com exceção da Joyce, indicada por mim. E, mesmo nesse caso, a decisão final sempre coube à editora quanto ao projeto editorial como um todo. Não decidi sobre as definições gráficas, nem sobre as técnicas de ilustração utilizadas pelos profissionais escolhidos. Em alguns poucos casos, como esse da Joyce, pude ser envolvida em um diálogo sobre alguns aspectos do trabalho de ilustração, muito mais por iniciativa dela.

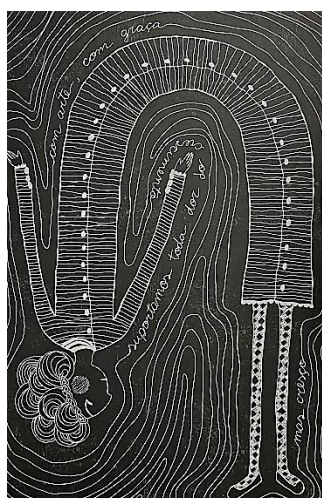
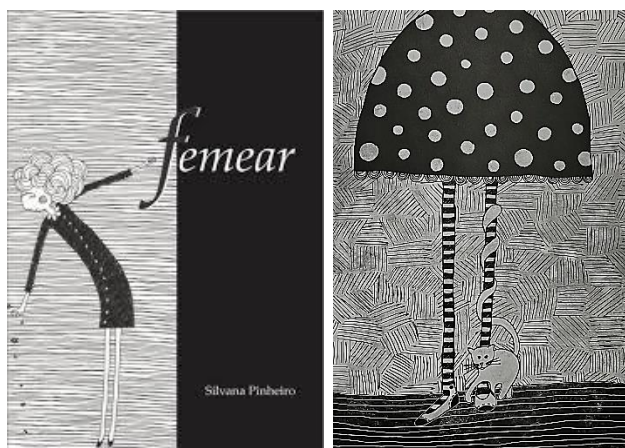
Em determinados momentos, fui feliz por contar com ilustrações que apreciei ou aprecio; em outros, só pude acolher as escolhas editoriais e dos ilustradores, mesmo não satisfeita com o resultado. É sempre um risco. De qualquer forma, compreendo que, no que se refere ao projeto gráfico e às ilustrações, esse é um campo vasto de estudo, que requer profissionais preparados para o trabalho.

Em alguns momentos, também, eu mesma me propus a fazer o trabalho editorial, com recursos próprios, livros que patrocinei ou foram patrocinados por leis de incentivo fiscal, como a Lei Rubem Braga, quando da primeira edição de *Houve um beija-flor*. Nesse caso, escolhi uma ilustradora capixaba, Cléria Crema, propus técnicas de ilustração, padrões do projeto gráfico etc. E a Cléria fez uma bonita ilustração, dentro das condições financeiras e da pouca experiência que tínhamos naquele momento. E o livro ficou bom, logo se esgotou e teve boa aceitação.



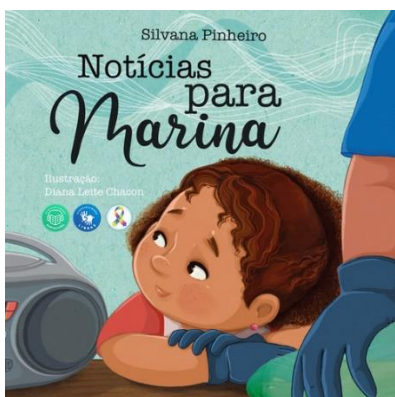
Capa de *Houve uma vez um beija-flor...*, de Silvana Pinheiro, ilustrado por Cléria Crema (Foto de Mônica Sant'Anna).

Vivenciei algo semelhante quando produzi meu primeiro livro de poemas, *Femear*. Assumi o projeto editorial, junto com meu irmão, Rogério Pinheiro, contando com a bonita ilustração em preto e branco de Pri Sathler. Em ambas as situações, tive bons resultados e fiquei satisfeita com todo o processo.



Capa de *femear*, de Silvana Pinheiro, ilustrado por Pri Sathler (Foto sem crédito).

Em relação ao meu último livro para a infância, *Notícias para Marina*, editado por uma editora local, a Formar, pude escolher a ilustradora e acompanhar bem de perto todo o processo de ilustração. Fiquei feliz com a experiência e o resultado. Eu e Diana Chacon vivemos um diálogo feliz. Foi enriquecedor discutir as ilustrações, propor detalhes, ser ouvida por ela, também ouvir e ver suas leituras sobre o meu texto, transformadas e expressas ali nas ilustrações. Foi uma experiência bonita. De fato, antes mesmo dos editores, neste caso, Diana foi a primeira leitora do meu texto.



Capa de *Notícias para Marina*, de Silvana Pinheiro, ilustrado por Diana Leite Chacon (Foto sem crédito).

Hoje, entendo que, cada vez mais, o mercado editorial exige profissionalização e competência técnica em todos os processos da feitura de um livro. Se eu puder me ocupar somente do texto, que para mim já é muito, me dou por satisfeita. A ilustração tem um papel muito relevante para o objeto livro destinado a crianças, adolescentes e jovens. Não tenho formação nessa área e competência para discutir hoje tantos aspectos que pesquisas específicas trazem a respeito, mas tenho curiosidade e desejo de que meus livros recebam uma boa produção nesse sentido.

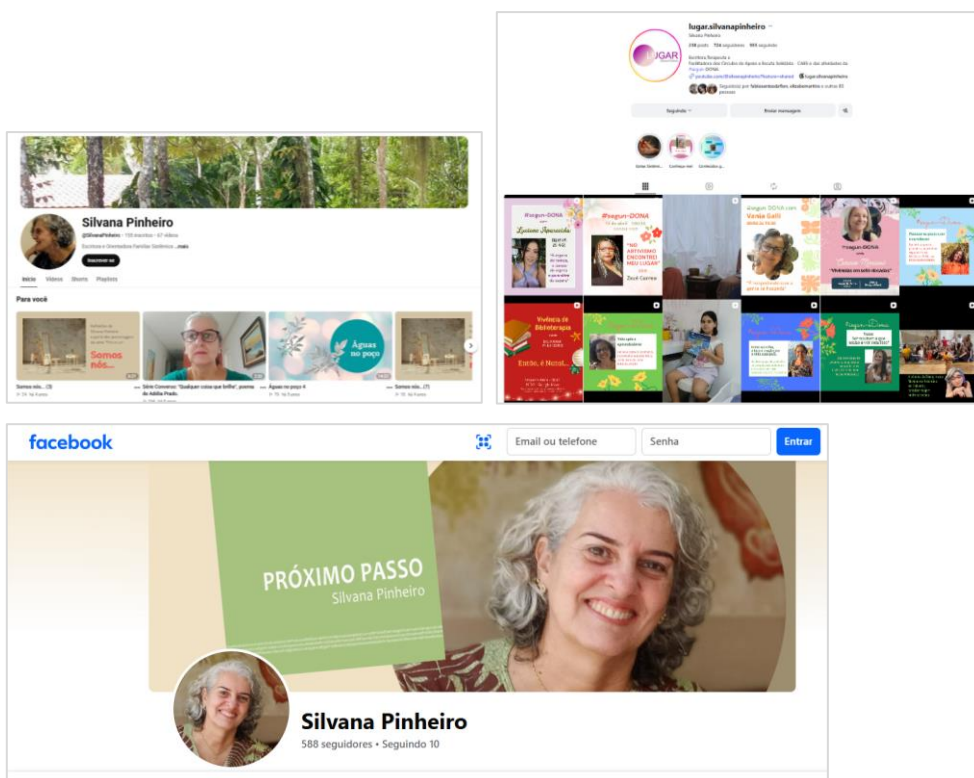
Penso também que os mediadores de leitura da Escola Básica precisam receber alguma formação quanto a isso, para que a ilustração também seja objeto de uma leitura intencional, que permita expandir a interação com o livro em geral e com o texto escrito em particular.

Outro aspecto que se coloca quanto a isso na ordem do dia, é a questão da Inteligência Artificial, que aceleradamente ocupa os lugares de criação e substitui aos poucos o papel de vários produtores de arte ligados ao livro. É um fenômeno em expansão, que precisa ser estudado, a partir de diferentes variáveis, e que deveria se colocar como objeto de atenção de todos nós que nos relacionamos ao livro. E, nesse caso, me preocupa não só o lugar da feitura da ilustração, mas a própria produção do texto verbal, sujeita aos mecanismos da IA.

Você tem perfis em redes sociais como Instagram e Facebook. Como avalia sua participação e a de outros escritores contemporâneos no ciberespaço? Quais possibilidades e desafios as tecnologias digitais apresentam para a criação e a recepção de sua obra, em comparação com a era analógica?

Em primeiro lugar, considero que a realidade das redes sociais e as tecnologias digitais é irreversível, factual, própria do nosso tempo, e é preciso nos

adaptarmos a isso. Percebo que a sabedoria se coloca em que essas tecnologias estejam a nosso serviço e não o contrário. E lamento que isso também não seja uma realidade para a grande maioria de seus usuários. Hoje somos impulsionados a consumir informações de todo o tipo, e quem define isso são os algoritmos. Há uma subjugação de nossas dimensões mais humanas, como a capacidade de escolher, colocadas à mercê dos interesses das chamadas *big-techs* e seus servidores em todo o mundo.



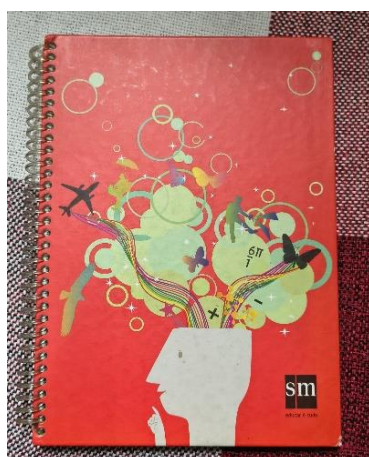
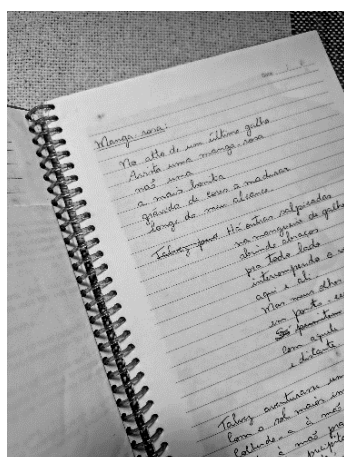
Prints das redes sociais de Silvana Pinheiro:
YouTube, Instagram e Facebook.

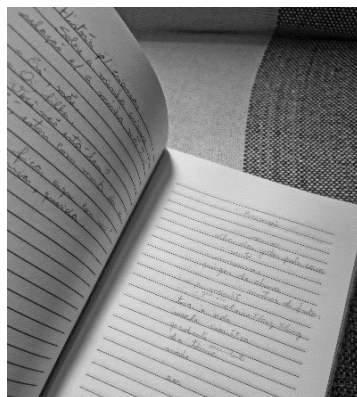
Fico bastante incomodada quando percebo essa realidade, na minha própria experiência, e, sobretudo, pensando nas novas gerações, observando o quanto estamos vivendo escravizados e conduzidos ideologicamente no trato com as novas tecnologias, o que requer de cada um de nós permanente ampliação de informações e, principalmente, consciência a respeito.

Mas não temos apenas perdas dessa ordem. Por outro lado, em algumas áreas, como a Medicina, por exemplo, processos como os da inteligência artificial são determinantes para o avanço de novos procedimentos destinados à melhoria da qualidade de vida dos seres humanos. Sempre dançamos entre dois lados das mesmas moedas. Ainda assim, somos assaltados pela velocidade das mudanças que essa nova realidade produz na vida das pessoas e no trabalho dos escritores.

O mundo da informação hoje é veloz e requer substituição igualmente rápida, para além de nossa condição de reter na memória. E em movimento contrário a essa ordem de coisas, a literatura pede uma certa vagarosidade, para degustação e descoberta de possíveis significados presentes em um tipo de linguagem rica em significação. É uma via de contramão do mundo virtual. Ajustar-se à velocidade imposta pela internet, sem perda da qualidade da linguagem é um desafio permanente, para escritores e leitores.

Eu me considero uma pessoa que tem uma condição de relação com o texto escrito ainda bastante analógica. Prefiro ler livros de papel. Adoro uma livraria de rua. Registro anotações em cadernos. E gosto de escrever a lápis.



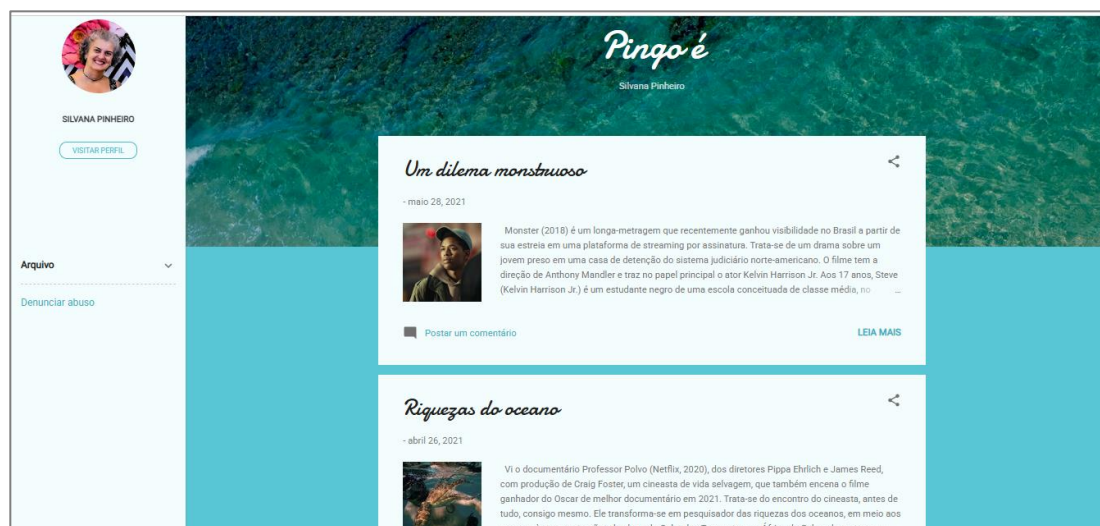


Capas de cadernos e páginas manuscritas de Silvana Pinheiro (Fotos de Paulo R. Sodré).

Além disso, me perco de forma considerável, no meio de muitos estímulos virtuais, muitos posts, muitos recados, muitos vídeos. Esse contexto gera em mim ansiedade. Então, o diálogo com as realidades digitais é bastante desafiador para alguém como eu.

Ao longo da minha jornada como escritora, fiz algumas incursões nesse plano: criei páginas nas redes sociais e um blog onde publiquei muitos dos meus escritos. Em alguns momentos fui feliz, em outros, não. Exatamente pelas limitações que já citei e porque a internet hoje é um campo de guerra entre discursos que me incomoda e afeta muito. E talvez não tenha muito desejo de me inserir nesse campo de disputas narrativas. Mas, de qualquer forma, qualquer produtor de cultura hoje precisa manejar minimamente o ambiente digital para divulgar o seu trabalho. Esse é um espaço indispensável para qualquer um se ver

colocado no mercado. Então, o que posso dizer diante de tudo isso? Essa é uma realidade em que muitos escritores conseguem ter maior desenvoltura e outros tem mais dificuldades, como eu. Um desafio a ser enfrentado sempre.



Print do blog *Pingo é*, de Silvana Pinheiro.

Outro aspecto a considerar é que nesse contexto digital, outros atravessadores se colocam no lugar da mediação entre aquele que escreve e aquele que lê, ou um potencial leitor. Para avançar na divulgação de um trabalho e atingir um público específico, precisamos da presença de outros mediadores, além dos editores, ilustradores e divulgadores presenciais. Precisamos de profissionais que dominem os aparatos dos ambientes digitais e saibam impulsionar um produto editorial. Ainda não consegui me organizar para trilhar essa via. Confesso que tenho resistências. Por isso talvez não amplie muito o alcance do meu trabalho. Acabo tentando fazer isso com meus poucos recursos no domínio do ambiente virtual.

Diante do panorama da literatura atual — regional, nacional e internacional —, o que você observa? Quais escritores e escritoras você tem lido e com quem busca dialogar? Comente sobre suas principais

inquietações e estímulos em relação à produção literária contemporânea.

Falar do panorama da literatura contemporânea, seja regional, nacional ou internacional, é quase uma impossibilidade, pois estamos tratando de um campo tão vasto, com tantas nuances e entradas, que tenho dificuldade de achar uma trilha por onde enveredar, sem o risco de ser reducionista. Mas o que percebo é que há um movimento mais presentificado, já de alguns bons anos, de uma maior valorização de identidades específicas, que se desdobram em nichos temáticos de implicação mais social, ligados a etnias, condições de gênero e outras. Vemos uma produção literária que se coloca mais a serviço de demandas sociais. Aliás, na história da literatura esse é um viés que se renova ciclicamente. Por sinal, condicionado por uma discussão antiga: existe uma literatura que não se coloque a serviço de algo para além dela mesma?

Então, não vejo nenhum problema em como isso se apresenta hoje. Olho como um fenômeno a ser observado e compreendido, como qualquer outro. Vejo uma tendência na literatura que reflete o que está presente na sociedade e traz implicações sobre essa mesma sociedade. Literatura e sociedade se retroalimentam de pautas que são do nosso tempo e se transformam mutuamente.

Sobre minhas leituras nesse campo, continuo lendo poetas do meu interesse particular, como autores clássicos e poetas de minha predileção. Nunca é excessivo citar Adélia Prado, por exemplo, e outros. E busco acompanhar um pouco autores que atualmente se destacam mais na literatura nacional. Em especial, tenho lido mais a produção de mulheres e cito, como exemplo Conceição Evaristo. É difícil acompanhar tudo. Há uma amplitude enorme de gente produzindo muita coisa boa.



Conceição Evaristo,
uma das escritoras destacadas por Silvana Pinheiro (Foto de Leo Martins).

Prefiro mencionar também aqui autoras locais que li recentemente. Apreciei a leitura de *Urupema*, de Andréia Delmaschio, publicado pela Nova Alexandria, um romance que trata de narrativas sobre imigrantes europeus, tema muito propício sobre a formação da gente capixaba, com uma atitude muito respeitosa por parte da autora, com contrapontos críticos muito propícios, abordando também outras temáticas e questões sobre a memória e sobre como ela nos compõe e nos escapa.



Capa de *Urupema*, de Andréia Delmaschio,
escritora apreciada por Silvana Pinheiro (Foto sem crédito).

Li recentemente também a coletânea de contos de Bernadete Lyra, lançada no ano passado pela a lápis, *Ooparts*, uma reunião de seus escritos nesse gênero,

com toda a pujança de seus textos, humanos em múltiplas facetas e irônicos. Uma leitura convidativa.



Bernadette Lyra (Foto sem crédito)
e capa de seu livro de contos, *Ooparts*, referido por Silvana Pinheiro.

E, para além das leituras no campo da literatura de ficção, degusto outros livros atualmente, da área de desenvolvimento humano e saúde mental, da filosofia, das ciências das religiões e outros. Ler para mim é um grande prazer e uma prática que se insere em muitos momentos do meu dia a dia. Leio alguns ao mesmo tempo, conforme a necessidade e o desejo do instante. Tenho esse defeito.

Historicamente, observa-se o silenciamento das vozes e a repressão dos corpos das mulheres e de outras minorias. Como o machismo, a misoginia e outras formas de opressão presentes na sociedade impactam o seu trabalho e a sua escrita?

Sendo uma mulher de 60 anos, já vivi muitos ciclos da existência. Posso dizer que, ao longo da minha história de desenvolvimento, desde a infância, adolescência e juventude; na experiência de um casamento de vinte e cinco anos; nas vivências da maternidade; enfrentando a realidade do divórcio; como

trabalhadora da educação e como escritora, convivi com atitudes machistas e misóginas e muito preconceito, ao longo da vida, porque esta é uma questão estrutural de nossa sociedade. Mulheres e homens estão imersos nessa realidade.



Fotos de Silvana Pinheiro
(A primeira é de Mônica Sant'Anna; as outras, sem crédito).

Enfrentei e ainda enfrento tentativas de opressão e subjugação em relação ao meu estar no mundo e às minhas formas singulares de expressão, inclusive aquilo que produzo literariamente. Como uma figura que tem certa publicidade, de uma forma ou de outra, me encontro em lugares de alguma evidência e estou inserida

em um campo de discursos que ainda é muito violento em relação às mulheres em geral.



Retrato de Silvana Pinheiro por Andressa Berger (Acervo da autora).

Hoje, cada vez mais, por meio do estudo, do diálogo com outras mulheres e de meus próprios processos terapêuticos, tenho me apropriado de uma maior consciência do quanto isso foi presente em minha história e como ainda sou marcada por essa condição de gênero, do ponto de vista dos preconceitos que a abarcam. Inclusive em permanente revisão de minhas próprias atitudes alimentadoras dessa condição de violência.

É uma pena que isso ainda aconteça, não apenas comigo, mas com as mulheres em geral. E o que estamos vivenciando no momento ainda é agravador. Há um retrocesso em relação às condições das mulheres no mundo. Quando poderíamos imaginar que, em pleno século 21, estaríamos lidando com o questionamento sobre a pertinência do trabalho fora de casa para mulheres e outras questões que já superamos há mais de século? Como é possível acreditar que, em 2026, nossas representantes mulheres, em diferentes espaços políticos, seriam alvo de tanta violência e discriminação? O que falar diante do aumento progressivo do número de feminicídios no Brasil e no mundo? São fatos em franca escala de

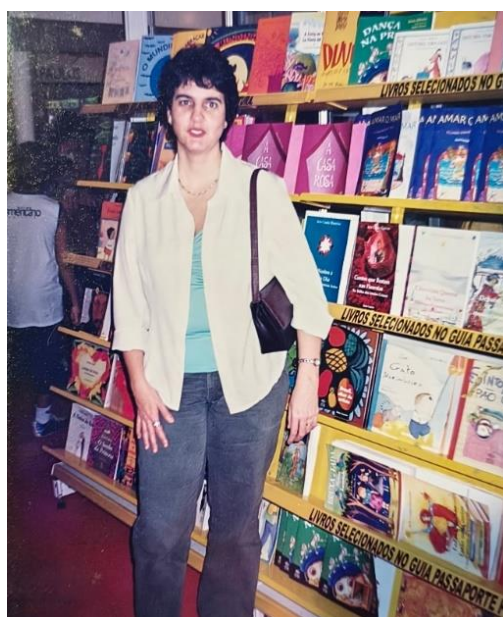
agravamento. E o sobressalto decorrente dessa escalada de violências atinge todas as áreas da nossa vida como mulheres.

Só quem é mulher sabe o quanto somos atingidas por olhares e comentários, pequenos gestos ameaçadores, que implicam em uma luta e um alerta permanente contra inibições e silenciamentos, em todos os espaços que ocupamos. Comigo isso aconteceu e acontece ainda, também na literatura. O que posso dizer é que cada vez tenho mais consciência disso e, tendo consciência, desenvolvo habilidades e recursos para lidar com essa realidade. Felizmente hoje podemos falar mais abertamente sobre isso e vamos angariando vozes de mulheres e homens que se levantam contra esse estado de coisas.

Nos últimos anos, o crescimento da extrema direita na sociedade brasileira tem intensificado debates sobre o lugar da arte, com destaque para forças interessadas em controlar e censurar manifestações artísticas e culturais. Nesse contexto, observa-se uma série de violações ao direito à literatura e à democratização do acesso à leitura literária. Como você avalia esse cenário? E quais são suas expectativas quanto ao desfecho do atual estágio político e cultural do Brasil e do mundo?

É mesmo uma realidade lamentável. Vivemos, em todos os âmbitos da organização social, uma crescente polarização e intensificação de forças conservadoras, buscando retrocessos e desvalorizando toda forma de manifestação artística e cultural. No entanto, não é de se surpreender que isso aconteça, porque todas as vezes que as sociedades, em diferentes lugares e épocas, se depararam com autoritarismos, desmandos, ditaduras, opressões e escravidões, um dos primeiros atos na direção de controle e cerceamento de liberdades e direitos foi a censura a toda manifestação artística e cultural. Isso é um fato historicamente comprovado.

É preciso “estar atento e forte”, para não deixarmos de ocupar os espaços necessários na contramão dessa realidade, na promoção de ideias que nos emancipem como humanos. E, se por um lado há essa avalanche de ações conservadoras, por outro, vemos um crescimento e uma riqueza de toda sorte de manifestações culturais, com a possibilidade de maior expansão e divulgação da cultura e das artes, de muitas formas, por muitas vozes.



Silvana Pinheiro no lançamento de *Amar o mar* na Bienal do Livro infantil de 2004 (Acervo da autora).

Nesse sentido, minhas expectativas ainda são esperançosas, sem deixarem de ser realistas. Acho que corremos um grande risco, é verdade, no Brasil e no mundo, de enfrentarmos tempos ainda mais difíceis, de muito autoritarismo, de muito cerceamento de toda forma de expressão e liberdade humana, mas opto

por me alimentar da esperança de que possamos, juntos e cada um em seu espaço particular e âmbito de ação, contribuir para que os desfechos desse século em curso não seja esse.



Silvana Pinheiro na Ufes (Fotos de Vitor Cei).

Referências:

PINHEIRO, Silvana. *Próximo passo*. Vitória: Cândida, 2024.

PINHEIRO, Silvana. *Das histórias da tartaruga*. Ilustração de Carlos Jorge Nunes. Belo Horizonte: Aluar, 2023.

PINHEIRO, Silvana. *Notícias para Marina*. Ilustração de Diana Leite Chacon. Vitória: Formar, 2023.

PINHEIRO, Silvana. *Feita em casa*. Ilustração de Ju Furtado. Vitória: Edição da Autora, 2021.

PINHEIRO, Silvana. *Sem licença: a poética de Adélia Prado*. Belo Horizonte: Caravana, 2021.

PINHEIRO, Silvana. *Houve um beija-flor...* Ilustração de Yuri Lopes. 2. ed. Vitória: Formar, 2018.

PINHEIRO, Silvana. *Amar o mar*. Ilustração de Fê. 2. ed. São Paulo: DCL, 2015.

PINHEIRO, Silvana. *femear*. Ilustração de Pri Sathler. Vitória: Edição da Autora, 2014.

PINHEIRO, Silvana et al. *Smilingüido e sua turma em quadrinhos*. Recife: Luz e Vida, 2006.

PINHEIRO, Silvana. *História de estrela*. Ilustração de Marcia Franco. Belo Horizonte: RHJ, 1994.

PRADO, Adélia. *Poesia reunida*. Rio de Janeiro Record, 2015.

RANGEL, Luciano. Escritora Silvana Pinheiro: "Novas gerações lidam com uma vida irreal". *Tribuna Online*, Vitória, 24 set. 2024. Disponível em: <<https://tribunaonline.com.br/cidades/escritora-silvana-pinheiro-novas-geracoes-lidam-com-uma-vida-irreal-200981>>. Acesso em: 13 abr. 2026.

TAETS, Silvana Pinheiro. *Amigos da terra: a luta pela preservação da vida e da natureza*. São Paulo: Nova Alexandria, 2009.

TAETS, Silvana Pinheiro. *Vitória, uma ilha cercada de terras*. Ilustração de Joyce Brandão. São Paulo: Cortez, 2007.

TAETS, Silvana Pinheiro et al. *Dia a dia com Smilingüido e sua turma em quadrinhos*. Curitiba: Luz e Vida, 2005.

TAETS, Silvana Pinheiro. *A casa rosa*. Ilustração de Rosinha Campos. São Paulo: DCL, 2004.

TAETS, Silvana Pinheiro. *Amar o Mar*. Ilustração de Fê. São Paulo/SP: DCL, 2004.

TAETS, Silvana Pinheiro. *De bichos, pequenos e grandes*. Ilustração de Canini. Viçosa: Ultimato, 1998.

TAETS, Silvana Pinheiro. *Houve um beija-flor...* Ilustração de Cléria Crema. Vitória: Lei Rubem Braga, 1998.

TAETS, Silvana Pinheiro. *O jogo dos sete tempos*. Ilustração de Marcos Garcia. Rio de Janeiro: Vinde Comunicações, 1995.

DOIS POEMAS¹

TWO POEMS

Silvana Pinheiro*

escrivão

mudei
o escritório

arte de arr
hum
ação

parede branca

pré ocupada

espaço

¹ Textos inéditos de Silvana Pinheiro, gentilmente cedidos para este número da *Fernão*.

* Doutora em Letras pela Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes). Autora de *História de estrela*, 1994; *O jogo dos sete tempos*, 1995; *De bichos, pequenos e grandes*, 1997; *Houve um beija-flor*, 1998; *Uma luz no fim do beco*, 2001; *Amar o mar*, 2004; *A casa rosa*, 2004; *Vitória, uma ilha cercada de terras*, 2007; *Amigos da Terra*, 2009; *femear*, 2014; *Feita em casa*, 2021; *Sem licença: a poética de Adélia Prado*, 2022; *Notícias para Marina*, 2023; *Das Histórias da Tartaruga*, 2024 e *Próximo passo*, 2024.

de mais

vazio

adiante
de mim

móvel ali
móvel aqui
móvel

tudo era

outra vez

voz

[menos mangue]

menos mangue
nosso mangue

ela manga
ele manga
eles também
elas talvez

Não mangues disso!

eu não

POLEMICA NO MUNDO DOS INSETOS¹

CONTROVERSY IN THE WORLD OF INSECTS

Ivana Esteves*

“Quem é o mais justo que sabe o bem viver e de Deus está mais perto?”. A questão compõe a história de *De bichos pequenos e grandes*, um conto infantil, lançado hoje, às 19 horas, na Livraria da Ilha, em Jardim da Penha.

A autoria do livro é da capixaba Silvana Pinheiro, orientadora educacional e escritora de livros infantis, em sua terceira produção literária. A obra apresenta em suas 16 páginas, com ilustrações de Canini, publicada pela editora Ultimato, uma polêmica estabelecida no mundo dos bichos pequenos – os insetos, para saber quem está mais perto de Deus. Foram citados mosquitos, abelhas, formigas e, é claro, o louva-a-deus.

¹ ESTEVES, Ivana. Polêmica no mundo dos insetos. *A Gazeta*, Caderno Dois, Vitória, 2 out. 1997.

* Doutora em Letras pela Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes).

De bichos pequenos e grandes pode ser adquirido, inicialmente, na Livraria da Ilha, pelo preço de R\$5,80.



Capa do livro *De bichos grandes e pequenos*, de Silvana Pinheiro, e recorte da matéria de Ivana Esteves sobre o seu lançamento.

SILVANA PINHEIRO (1965)¹

SILVANA PINHEIRO (1965)

Francisco Aurelio Ribeiro*

Nascida em Vitória, Espírito Santo, no dia 24 de junho de 1965, é filha dos castelenses Maryse de Athayde Pinheiro e Geraldo Gomes Pinheiro. Sua mãe, também poetisa e grande declamadora em Castelo, escreveu belos poemas, que nunca foram publicados e se perderam no tempo.

Silvana Pinheiro Taets possui habilitação em Pedagogia, trabalha como professora e orientadora educacional em escolas públicas e particulares do Espírito Santo. Realizou estágio em Donai, França, em 1994, através do Projeto Pró-Leitura/MEC. Conquistou Menção Honrosa no Concurso Literário da FCAA, em 1993, com o texto *História de estrela*, e o primeiro lugar no concurso de literatura infantil da Ed. Vinde Comunicações, em 1994, com o texto *O jogo dos sete tempos*.

¹ RIBEIRO, Francisco Aurelio. Pinheiro, Silvana. In: _____ (Org.). *Antologia de escritoras capixabas*. Vitória: Ufes, 1998. p. 228.

* Doutor em Literatura Comparada pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

Atua, presentemente, como membro estadual do PROLER-ES, como promotora de atividades de leitura e faz o Mestrado em Letras, na UFES.

Silvana é autora de livros infanto-juvenis: *História de estrela* (RHJ/1994); *O jogo dos sete tempos* (Vinde Comunicações/1995) e *De bichos, pequenos e grandes* (Ultimato/1997). No prelo, o livro de poemas: *Amar o mar*, para crianças e jovens, com ilustrações do também capixaba Paulo Roberto Sodré², de onde foi extraído o poema selecionado para esta antologia.

O cheiro do mar

O cheiro do mar é verde
como ele só
desfaz meu olho em água
me dá um nó.

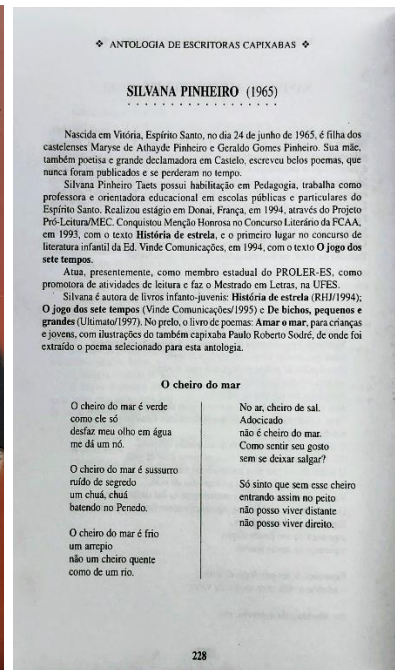
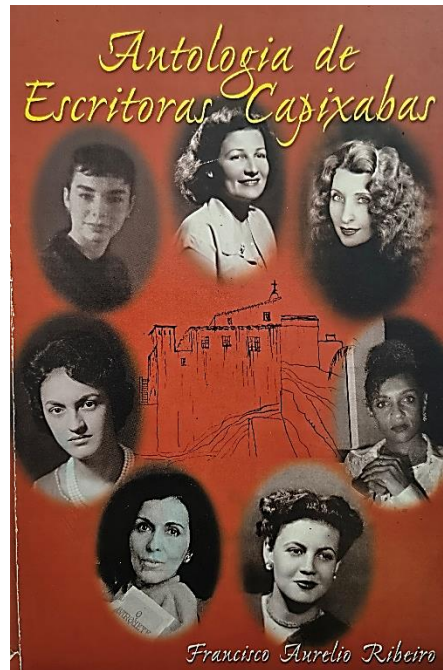
O cheiro do mar é sussurro
ruído de segredo
um chuá, chuá
batendo no Penedo.

O cheiro do mar é frio
um arrepio
não um cheiro quente
como de um rio.

No ar, cheiro de sal.
Adocicado
não é cheiro do mar.
Como sentir seu gosto
sem se deixar salgar?

Só sinto que sem esse cheiro
entrando assim no peito
não posso viver distante
não posso viver direito.

² O projeto com as ilustrações de Paulo Roberto Sodré não foi concluído. O livro foi publicado com outro ilustrador.



Capa da *Antologia de escritoras capixabas*, de Francisco Aurelio Ribeiro,
e a página dedicada à obra de Silvana Pinheiro.

BEIJA-FLOR¹

HUMMINGBIRD

A Gazetinha*

Carpinteiros e marceneiros andam sempre às voltas com uma figura chamada madeireiro. Como no livro *Houve um beija-flor*, escrito pela capixaba Silvana Pinheiro e ilustrado por Cléria Crema.

Em forma de poesia, Silvana conta a vida do naturalista Augusto Ruschi, que desde menino amava as flores e os beija-flores.

Até que um dia soube de um madeireiro mal-intencionado, que planejava cortar o velho jequitibá-rosa, “o mais florido de bromélias e orquídeas que se podia ver”. Furioso, Ruschi impediu a agressão.

¹ A GAZETINHA. Beija-flor. *A Gazeta*, Vitória, 27 fev. 1999.

* Suplemento infantil de *A Gazeta*, um dos mais antigos do país, distribuído normalmente nos sábados.



Capa do livro *Houve um beija-flor...*, de Silvana Pinheiro,
e recorte da matéria de *A Gazetinha*.

PALAVRAS PARA CRIANÇAS¹

WORDS FOR CHILDREN

Projeto A Gazeta na Sala de Aula*

Acapixaba Silvana Pinheiro Taets, 34 anos, é educadora. Educa crianças através de suas histórias. Seja em prosa ou verso, suas palavras adentram o mundo infantil. Seu último livro, *Houve um beija-flor...*, lançado em março deste ano, é uma prova de sensibilidade e homenagem a Augusto Ruschi. Não que ela seja uma inveterada defensora do meio ambiente, mas, sensível ao tema e certa de que o Espírito Santo tem a sua dívida para com a brava luta do “príncipe” Ruschi em favor da natureza, Silvana buscou na mitologia do sapo (causador da morte do biólogo) a linguagem para falar com as crianças. Apegadíssima à terra capixaba, Silvana já viveu em Brasília e Juiz de Fora, mas se rendeu às belezas capixabas e retornou ao estado aos 17 anos, para não sair mais.

¹ PALAVRAS para crianças. *A Gazeta na sala de aula – Informe*, Prova dos Nove, Vitória, jul. 1999.

* Equipe do Projeto A Gazeta na Sala de Aula.

Como surgiu a vontade de escrever?

Vem de família. Minha mãe, a escritora Maryse Athayde Pinheiro, sempre gostou de ler, de poesias. Isso influenciou muito desde a minha meninice, quando acompanhei vários recitais que ela fazia. Comecei a escrever também. Principalmente poesias. Muitas. Teve uma que fiz aos dez anos, a pedido de uma professora, que me marcou muito. Ela chamava-se “Árvore”. Engraçado que minha professora não acreditou que eu tivesse escrito sozinha... Passei por muitas fases: de poesia, de crônica, de peças de teatro. Sempre tive o apoio dos professores e da minha mãe. Na verdade, ela tinha um pouco de medo de eu enveredar por essa área, mas incentivava assim mesmo. Uma amiga, a Diana, também gostava de escrever e “trocávamos figurinhas” sobre o que produzíamos.

Quando decidiu se tornar escritora? Por que dedicou-se à literatura infantil?

Eu sempre desejei ser escritora, mas no fundo eu sabia que precisava ter uma outra profissão. Fiz o Normal, formei-me em Pedagogia, com especialização em Orientação Educacional, e estou cursando o Mestrado em Letras, na Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes). Desde os 17 anos trabalho com crianças, como professora, orientadora. Já coordenei o Departamento de Pedagogia da Secretaria Estadual de Educação (Sedu). Passei um bom tempo da minha vida investindo no lado profissional e deixei os livros de lado... Mas quando chegou o meu primeiro filho, muito desejado, o André, em 1991, resolvi retomar a escrita. Eu estava muito “contaminada” pela infância, através do meu trabalho como professora, do meu filho... Também li muitos livros para crianças e comecei, então, a produzir.

Quais os livros que já publicou? Qual sua fonte de inspiração?

A fonte de inspiração varia muito, cada livro acontece diferente, pode vir de uma charge, uma história, um fato do dia a dia, a fala de alguém, uma reportagem e até de uma música. Escrevi meu primeiro livro publicado, *História de estrela*, em 1992. A obra recebeu Menção Honrosa no Concurso Literário da Fundação Ceciliano Abel de Almeida, na categoria Infanto-Juvenil, em 1993. No ano seguinte foi publicado pela Editora RHJ, de Minas Gerais, na Coleção Premiados. Para escrever, fui inspirada por uma tirinha da Mafalda, em que ela admirava uma estrela do céu e outra do mar. O segundo livro, *O jogo dos sete tempos*, editado em 1995, também pela RHJ, trata de um tema da atualidade: jogos de computador. Procurei mesclar fantasia e tecnologia e, por conta da trama de mistério, baseei-me no livro do Apocalipse. Em 1997, veio o *De bichos pequenos e grandes*. A ideia de escrevê-lo surgiu quando reparei no nome de um bichinho, o louva-deus. Pesquisei muito sobre ele e criei um tema a partir disso. E, finalmente, em março deste ano, lancei meu novo livro *Houve um beija-flor...*, resgatando a memória do capixaba Augusto Ruschi. Li a biografia dele, achei que o estado tinha uma grande dívida com sua luta pela natureza e resolvi criar uma história de ficção, sob o aspecto mitológico que envolve o sapo. Recebi o apoio da Lei Rubem Braga e consegui publicá-lo no Espírito Santo.

Como é ser escritora no Espírito Santo? Há incentivos para a produção literária no estado?

Toda a área cultural do estado ainda precisa crescer muito. Os capixabas esperam pelos estados vizinhos, que detêm forte programação cultural. Meu grande público leitor está nas escolas. É a escola que adota os livros infantis, que os sugere como leitura em sua biblioteca. Tenho, por exemplo, um livro com 16 poesias sobre o mar, denominado *Amar o mar*, que está para ser publicado. Meu irmão, inclusive, musicou as poesias e temos um projeto de lançar o livro junto com o CD. Mas ainda estamos buscando patrocínio.

Qual a importância da literatura infantil na formação do leitor?

É fundamental. Todos os textos são importantes. Desde um bilhete, uma carta, até jornais e revistas. Mas um texto literário é, por excelência, uma proposta mais aberta, possibilitando ao leitor criar em cima do que lê. É muito importante o contato com livros desde criança, nem que seja só de imagens. Mais do que o hábito, desenvolve-se o prazer de ler. Acima de tudo, ler porque gosta. Ninguém nasce gostando de ler, é necessário desenvolver. E o grande veículo para essa propagação é a escola, através da adoção de livros, das bibliotecas. E, na sala de aula, o professor deve estar muito atento aos valores que ele vê. As crianças acabam sendo avaliadas apenas pelo sucesso acadêmico e, às vezes, têm habilidades em outras áreas que não são desenvolvidas e ficam esquecidas. O aluno depende do olhar sensível do professor, que contribui de forma clara para o seu desenvolvimento.

Quadro & Giz

Poetas preferidos: Cecília Meireles e Carlos Drumond de Andrade.

Escritores infantis: O mineiro Bartolomeu Campos e o paulista José Paulo Paes. "Este último é um ícone para mim. Tem um significado especial como influência para minhas obras".

Leitura: "Não abro mão da leitura diária da Bíblia, mas considero a poesia o texto por excelência".

Sonho: "Vivo muito no presente e acho que cada dia vale a pena viver. Mas em termos de planos, quero ver meus dois filhos (André e Lucas, de 8 e 6 anos, respectivamente), crescidos e realizados".

Música: MPB e instrumental. "Toco violão e teclado e sempre escuto CDs em casa".

Qualidade em alguém: Sinceridade.

Defeito em alguém: Indiferença pelo outro.

[illegible]

Recorte da entrevista de Silvana Pinheiro
à equipe do Projeto A Gazeta na Sala de Aula (Acervo da autora).

PELOS BELOS CAMINHOS DE AUGUSTO RUSCHI¹

ALONG THE BEAUTIFUL PATHS OF AUGUSTO RUSCHI

Renata Rasseli*

Era uma vez um príncipe, amante das flores, que virou sapo... Assim é a história de *Houve um beija-flor...*, livro infantil com texto da escritora Silvana Pinheiro e ilustrações de Cléria Crema, que será lançado amanhã, das 14 às 18 horas, na Sociedade de Ensino Geração, Santa Lúcia, com o apoio do projeto “A Gazeta na Sala de Aula”. Ao contrário das histórias dos clássicos infantis, a obra muda de rumo: em vez do sapo virar príncipe, é o príncipe que vira sapo, em memória à causa da morte do cientista Augusto Ruschi.

Houve um beija-flor... é um texto infanto-juvenil, escrito em prosa poética, sobre a vida do renomado cientista Augusto Ruschi, filho de terras capixabas, e

¹ RASSELLI, Renata. Pelos belos caminhos de Augusto Ruschi. *A Gazeta*, Caderno 2, Vitória, 5 mar. 1999.

* Jornalista.

mundialmente reconhecido. O objetivo da autora, ao escrever o livro, foi o de possibilitar às crianças, de uma forma lúdica e prazerosa, o contato com a história de Augusto Ruschi e de sua luta em defesa do meio ambiente, fatos memoráveis da história recente do Espírito Santo e do Brasil.

“O livro pode ser um elemento motivador da consciência preservacionista, além de proporcionar o prazer da leitura”, destaca Silvana. Além disso, a obra resgata ficcionalmente a história de Ruschi e preenche uma lacuna na literatura para crianças e jovens sobre o cientista.

A programação da tarde de autógrafos contará com exposição das ilustrações do livro, exposição dos materiais informativos sobre a vida e a obra do cientista Augusto Ruschi com a presença de membros da Fundação Augusto Ruschi, espaço para produção de atividades plásticas, playground, além de pipoca, refrigerante, picolé, algodão doce para a garotada.

Já a ilustradora Cléria Crema investiu na pesquisa da vida e obra de Ruschi para fazer as ilustrações do livro em sua homenagem. Apaixonada por beija-flores, a artista leu e “respirou” o texto de Silvana, para realizar o seu trabalho, que resultou em ilustrações com cara de pintura em aquarela.

Herói — Para o presidente da Academia Espírito-santense de Letras, Francisco Aurelio Ribeiro, Silvana Pinheiro e Cléria Crema recriam, em texto e imagem, para o leitor de qualquer idade, mas, principalmente para as crianças e jovens de hoje, em prosa e aquarela, a vida de um herói capixaba, Augusto Ruschi, e sua luta pela defesa do meio ambiente, e pela preservação das florestas e de seus animais. Segundo ele, o livro foi escrito com o mesmo amor e sensibilidade que movem os heróis, é um alerta para todos nós e um testemunho de amor à vida. É obra indispensável e, por isso, deve ser lido por todos, para perpetuar a lição do mestre. Beneficiado pela Lei Rubem Braga, o livro conta com o apoio da Cesan, da Fundação Augusto Ruschi e do projeto “*A Gazeta* na Sala de Aula”.



Recorte do jornal *A Gazeta* com matéria de Renata Rasseli sobre *Houve um beija-flor...*, de Silvana Pinheiro (Acervo da autora).

RUSCHI EM LIVRO INFANTIL¹

RUSCHI IN A CHILDREN'S BOOK

Sandra Daniel*

Silvana Pinheiro inspirou-se na vida do cientista capixaba para escrever seu novo livro, *Houve um beija-flor...*

Augusto Ruschi é o tema de *Houve um beija-flor...*, o novo livro da escritora capixaba Silvana Pinheiro. O lançamento acontece no próximo dia 6.

Escrito em prosa poética e destinado ao público infantil, *Houve um beija-flor...* é ilustrado com aquarelas de Cléria Crema.

O livro é inspirado na vida de Ruschi (a Fundação que leva o nome do cientista foi uma das patrocinadoras da obra, financiada por meio da Lei Rubem Braga).

¹ DANIEL, Sandra. Ruschi em livro infantil. *A Tribuna*, Letras, Vitória, 28 fev. 1999.

* Jornalista.

De forma abreviada (e dando aos acontecimentos contornos mágicos), a autora fala do interesse de Ruschi pela natureza e, também, de sua morte trágica por envenenamento (contaminado por um sapo peçonhento, o cientista adoeceu seriamente e não conseguiu se recuperar).

“Sempre gostei de escrever, mas é interessante que passei a me dedicar à literatura infantil depois do nascimento de meus filhos”, conta Silvana. “Mas, quando escrevo, não me preocupo com a faixa etária”.

Silvana, que também promove sessões de contadores de histórias, tem três livros publicados: *História de estrela* (1994), *O jogo dos sete tempos* (1995), *De bichos, pequenos e grandes* (1997).

Ela acredita que a literatura infantil ainda é marginalizada. “A literatura infantil é tida como uma espécie de literatura menor. Muitos pais até compram livros infantis, mas não acham que estão presenteando seus filhos com um tipo de arte. Para algumas pessoas, literatura infantil é apenas diversão. No máximo, destacam o valor pedagógico da obra”.

É por isso, acredita, que muitos autores — como ela — ainda sejam vistos apenas como educadores (e não como escritores). “Tem gente que acha que o autor de livros infantis é alguém que escreve historinhas para os próprios filhos”.

Silvana, que tem Silvia Orthof, José Paulo Paes, Bartolomeu Campos Queiroz entre seus escritores preferidos, dá algumas dicas a quem pretende presentear uma criança com um livro:

“Na ausência da criança, é importante que a pessoa que esteja comprando goste do que está levando para casa pelo valor literário da obra, sem ficar se perguntando se aquilo é educativo ou não. Mas o melhor é deixar a criança solta

na livraria para que ela escolha à vontade. Contar histórias também ajuda a despertar o interesse pela leitura”.



Recorte da matéria de Sandra Daniel sobre o lançamento de *Houve um beija-flor...*, de Silvana Pinheiro.

SILVANA PINHEIRO¹

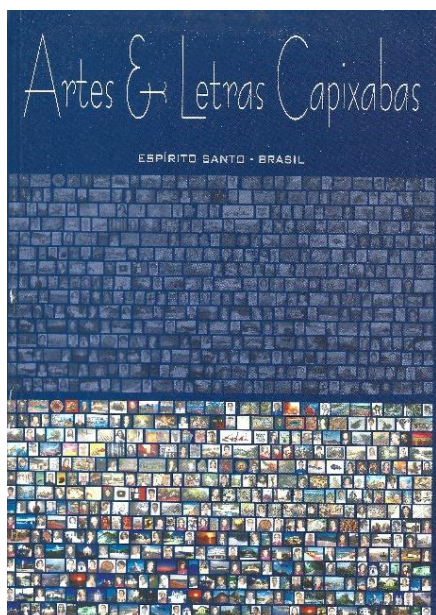
SILVANA PINHEIRO

Graça Neves*

Graduada em Pedagogia; atua como professora e orientadora educacional em escolas públicas e particulares do ES. Realizou estágio em Donai, França (1994), pelo projeto Pró-Leitura, do MEC. Atualmente faz Mestrado em Letras na UFES, e é membro estadual do PROLER-ES, como promotora de atividades de leitura. Dedicando-se à literatura infanto-juvenil obteve várias premiações: Menção Honrosa no Concurso Literário da Fundação Ceciliano Abel de Almeida (1993), com o texto *História de estrela*, 1º lugar no concurso de literatura infantil da Ed. Vinde Comunicações (1994) com o livro *O jogo dos sete tempos*. Publicou: *História de estrela*, *O jogo dos sete tempos* e *De bichos, pequenos e grandes*. No prelo, o livro de poemas: *Amar o mar*, para crianças e jovens [...].

¹ NEVES, Graça. Silvana Pinheiro. In: _____ (Coord.). *Artes & letras capixabas*. Vitória: Artgraf, 2005. n.p.

* Escritora, autora de *Graça, que graça! A vida* (1990), *Coral dos ventos* (1996), *Variações sobre o mesmo tempo* (1996), *Sibila e a escala musical* (1996), *Viveiro do silêncio* (2001), entre outros. Membro da Academia Espírito-santense de Letras.



Silvana Pinheiro

Graduada em Pedagogia, atua como professora e orientadora educacional em escolas públicas e particulares do ES. Realizou estágio em Dorcas, França (1985), nos Países Baixos, no MEC. Atualmente faz Mestrado em Letras na UFES, e é membro estadual do PROLETRAS, como promotora de atividades de leitura. Dedicando-se à literatura infantil criou vários personagens. Atuou como professora no Colégio Literário da Faculdade Guilhermino Rubião-Arteses (1988), como coordenadora da escola. Tem lugar no concurso de literatura infantil do ES. Venceu o Concurso de Contos e Poemas de 1994, com o livro "O cheiro do mar e o vento". Também venceu o concurso de 1995, com o livro "O cheiro do mar e o vento".

Recebeu em 1985, ES
em 05/06/1985

Recebeu em 1995, ES
em 06/24/1995

A pedagoga graduada, Pinheiro, é a professora e orientadora educacional em escolas públicas e particulares do ES. Ela fez estágio em Dorcas, França (1985), nos Países Baixos, no MEC. Atualmente faz Mestrado em Letras na UFES, e é membro estadual do PROLETRAS, como promotora de atividades de leitura. Dedicando-se à literatura infantil criou vários personagens. Atuou como professora no Colégio Literário da Faculdade Guilhermino Rubião-Arteses (1988), como coordenadora da escola. Tem lugar no concurso de literatura infantil do ES. Venceu o Concurso de Contos e Poemas de 1994, com o livro "O cheiro do mar e o vento". Também venceu o concurso de 1995, com o livro "O cheiro do mar e o vento".

O CHEIRO DO MAR

O cheiro do mar é vento
como ele só
dentro em, não tem água
por cá um rio.
O cheiro do mar é sussurro
nada de ninguém
em cima, eu vou
baixando no mar.
O cheiro do mar é frio
um abraço
não um cheiro quente
como de um rio.
Não, cheiro do mar
abracado
não, cheiro do mar
Como saber se, posso
sem me deixar enganar?
Se soube que sou esse cheiro
abracado, como no porto
não posso, não costume
não posso, não costume.

THE SMELL OF THE SEA

The smell of the sea
is given as only a cat do
it doesn't me back
and winds me into a knot
The smell of the sea is a murmur
the sound of a secret
"What", "What"
busting the forests risk
The smell of the sea is given as empty
cold
not warm like that of the river
in the sea the smell of sweetened
salt.
Is not the smell of the sea
How do you feel its smell
without becoming lost?
I say, but that's what this smell
permeating my breast
I cannot live far
I can't properly live.

Gracia Neves - 2006
Rua Maria Imaculada, 251, 1º andar
Jardim Caiçara - 28.030-113 Vitória - ES
Tel. (51) 3337-1822

Capa de *Artes & letras capixabas*, de Graça Neves, e página com o verbete sobre Silvana Pinheiro.

PINHEIRO, SILVANA¹

PINHEIRO, SILVANA

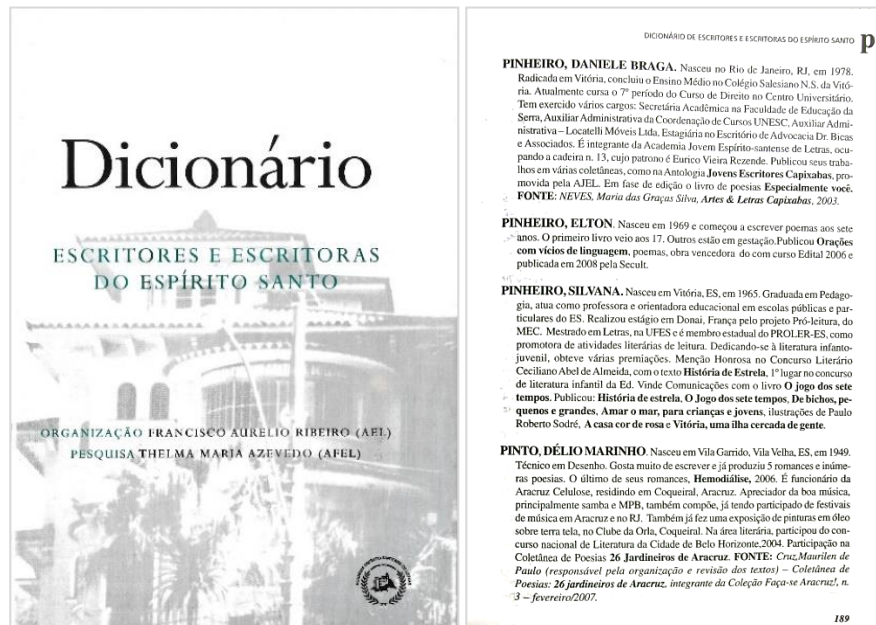
Francisco Aurelio Ribeiro*
Thelma Maria Azevedo*

Nasceu em Vitória, ES, em 1965. Graduada em Pedagogia, atua como professora e orientadora educacional em escolas públicas e particulares do ES. Realizou estágio em Donai, França, pelo projeto Pró-Leitura, do MEC. Mestrado em Letras, na UFES e é membro estadual do PROLER-ES, como promotora de atividades literárias de leitura. Dedicando-se à literatura infanto-juvenil, obteve várias premiações. Menção honrosa no Concurso Literário Ceciliano Abel de Almeida, com o texto *História de estrela*, 1º lugar no concurso de literatura infantil da Ed. Vinde Comunicações com o livro *O jogo dos sete tempos*. Publicou: *História de estrela*, *O jogo dos sete tempos*, *De bichos, pequenos e grandes*, *Amar o mar*, para crianças e jovens, [...], *A casa cor de rosa* e *Vitória, uma ilha cercada de gente*.

¹ RIBEIRO, Francisco Aurelio; AZEVEDO, Thelma Maria. Pinheiro, Silvana. In: _____; _____ (Org.). *Dicionário escritores e escritoras do Espírito Santo*. Vitória: Academia Espírito-santense de Letras; Formar, 2008. p. 189.

* Doutor em Literatura Comparada pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

* Membro da Academia Feminina Espírito-santense de Letras (Afel).



Capa do *Dicionário escritores e escritoras do Espírito Santo*,
de Francisco Aurelio Ribeiro e Thelma Maria Azevedo,
e página do verbete sobre Silvana Pinheiro.

UM DEDO DE PROSA: SILVANA PINHEIRO¹

A LITTLE PROSE: SILVANA PINHEIRO

Natália Gadioli*

Natália Gadioli (NG): Olá², está no ar mais uma edição do nosso programa Um Dedo de Prosa. E quem está com a gente aqui hoje é a escritora capixaba Silvana Pinheiro Taets³, que escreve muitos livros infantis, infantojuvenis. Com oito livros publicados entre prosas e poesias, Silvana Pinheiro é uma apaixonada pela literatura infantil. Mas além do trabalho dedicado às obras literárias, Silvana é educadora, faz roteiros de histórias em quadrinhos e dá palestras, cursos e oficinas na formação de mediadores de leitura. Seja muito bem-vinda, Silvana, ao nosso programa Um Dedo de Prosa.

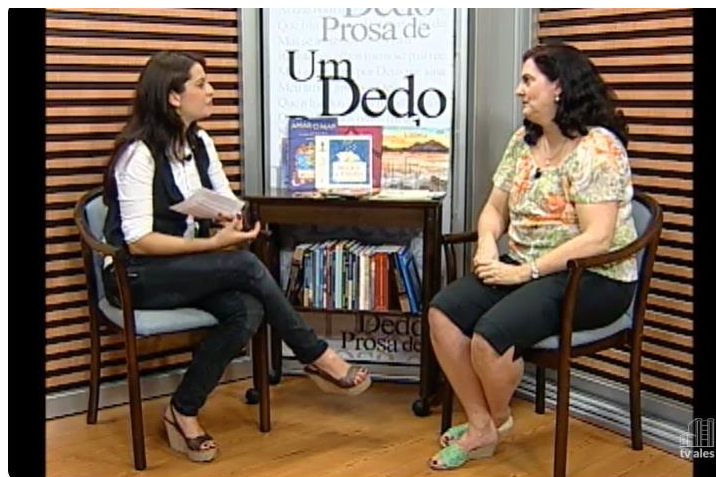
¹ TV ASSEMBLEIA Legislativa do Estado do Espírito Santo. *Um dedo de prosa: Silvana Pinheiro*. Entrevista a Natália Gadioli. Vitória, 23 jan. 2012. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=zPKWdcYWOWs&t=250s>>. Acesso em: 27 mar. 2026.

* Jornalista.

² Transcrição da entrevista realizada pelo Neples. Para dar ao texto maior legibilidade, optamos por excluir, em geral, as diversas marcas próprias da conversa coloquial, como expressões expletivas ("né?", "assim", "então", "Aham", "Hum", "sabe?" etc.); frases repetidas ou fragmentadas pela hesitação, dúvida ou gagueira eventual.

³ A entrevista original refere-se à autora como Silvana Pinheiro Taets. A pedido dela mesma, omitimos o último sobrenome, usado na época, de maneira a garantir o registro com o qual prefere ser identificada atualmente em sua biografia, em especial, a literária [N. do E.].

Silvana Pinheiro (SP): Obrigada, Natália. Um prazer estar aqui.



Um Dedo de Prosa Silvana Taets



Assembleia Legislativa do ES
33,6 mil inscritos



5



Compartilhar



Print da entrevista de Silvana Pinheiro
a Natália Gadioli no programa *Um dedo de prosa*.

NG: Silvana, vamos começar falando um pouquinho sobre isso mesmo. O seu trabalho, principalmente, é voltado para esse público infantojuvenil. Tem algum motivo especial para você trabalhar com esse público? Ou foi uma coisa que foi acontecendo espontaneamente: você começou a escrever os textos voltados para crianças e para jovens?

SP: Olha, o que aconteceu é que eu sou educadora também. Trabalho desde os 17 anos, eu trabalho com Educação, com educação infantil, ensino fundamental, e eu trabalhei muito tempo com a formação de professores também, para atuar com esse público infantil, trabalhando com eles sobre a formação de leitores, alfabetização e formação de leitores. E eu tive muito contato com o livro infantil nessa época, quando eu comecei a produzir livros mesmo, histórias para serem publicadas. Eu acabei me interessando cada vez mais por ler esse tipo de material, e a minha produção começou a caminhar para aí. Coincidiu na época também que eu estava iniciando minha produção maternal; estavam nascendo os meus filhos. Eu acho que por conta também do contato com eles como crianças, acabou a minha produção literária se direcionando para esse público.



Silvana Pinheiro e a infância dos seus filhos,
inspiradores da sua literatura para crianças (Acervo da autora).

NG: Como é que é escrever para crianças e para jovens? Tem uma linguagem muito específica também, não é? É mais difícil? Você também tem outras linhas de textos, mas tendo esse público como principal, qual é a diferença? Escrever para esse público tem o que de diferente?

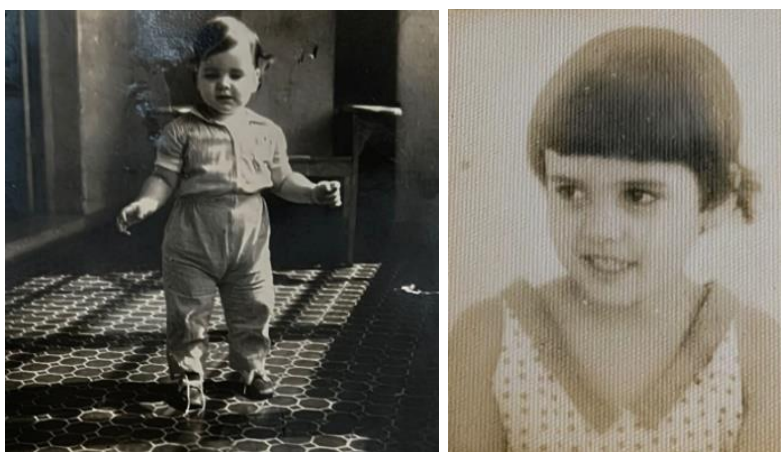
SP: Olha, nós temos que ter uma preocupação; quem escreve para esse público, infantojuvenil, tem que ter uma preocupação com a linguagem. Mas ao mesmo tempo, uma linguagem que não seja uma linguagem infantilizada, porque os meninos não querem ser tratados como muito “infantis”; eles querem ser respeitados na inteligência que eles têm. Eles são muito inteligentes. Às vezes eu vou às escolas para dialogar com os meninos, eu vejo, assim, quantas perguntas interessantes que eles fazem. Como que eles às vezes alcançam coisas da leitura do livro que eu nem imaginava. Então, a gente tem que fazer isso, mas sem menosprezar esse público. Escrever para a criança tem uma linguagem específica, mas sem menosprezar a capacidade de inteligência que ele tem, para dialogar com esse texto que ele vai conhecer. Então isso acaba sendo muito difícil, porque você tem que se policiar em muitos sentidos. É um desafio; escrever para crianças não é fácil, é um desafio.

NG: Mas é um público que dá uma boa resposta.

SP: Dá, dá uma boa resposta. Quando não gosta não gosta também, não é? Eles são muito honestos; quando eles curtem o que você escreve, eles manifestam isso com muita sinceridade, mas também quando eles não gostam de alguma coisa, eles falam. Isso é muito bom, porque você está lidando com um leitor sincero, que não está só te elogiando. Ele faz questionamentos, ele faz críticas ao seu trabalho... Lidar com o público infantil é interessante.

NG: Nesse mundo cada vez mais virtual, com a internet, as crianças de hoje já “nascem com computador”, e sempre muito envolvidas com isso, sempre online, não é? Como é que é trabalhar para esse público infantojuvenil, para os jovens também, obviamente. Dessa forma é mais difícil conseguir levar o livro até esse público?

SP: É, é mais difícil, porque a nossa tendência — de quem escreve para crianças — é tentar falar pra criança que a gente foi; e eu fui criança há 40 anos atrás.



Silvana Pinheiro na infância (Acervo da autora)



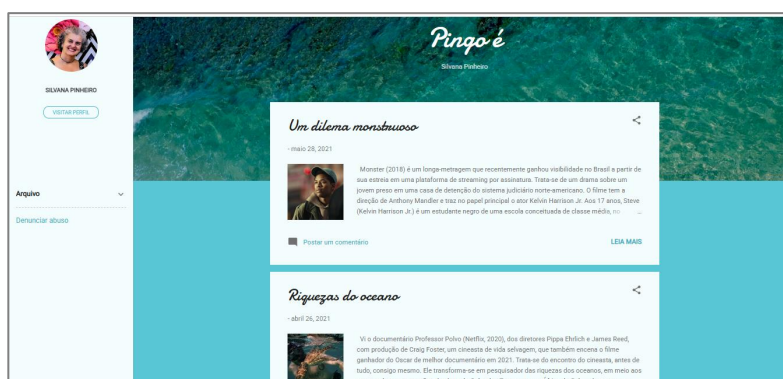
Então, escrever para criança hoje é [escrever para] uma outra criança. Eu tenho que estar, eu tenho que buscar estar atenta com a realidade que eles estão vivendo hoje, com o linguajar deles, com o próprio suporte a que eles estão muito mais acostumados daqui para a frente. A tendência é cada vez mais eles quererem ler na tela do computador, em outras telas menores que vão surgindo. Assim, eu não digo que o livro vai acabar, de maneira nenhuma, mas tem que também se entrar nesse mundo que é deles. Eu mesma já entrei; livros meus que estão esgotados eu já os postei na internet com livre acesso, até para eles poderem ter, conhecer esse livro dessa forma que hoje comunica muito mais com eles.

NG: Você vê, então, como uma alternativa também esse espaço ou, na verdade, como uma soma?

SP: É um acréscimo. Eu não vejo que essas linguagens são concorrentes entre si. Eu não vejo que a internet concorre com o livro. Se o pai e a escola, que trabalham na formação do menino desde pequeno, ensinarem a leitura, incentivarem a leitura, essa criança vai crescer, lendo o livro, vai crescer lidando bem com a internet, vai ler na internet. Eu não vejo como coisa concorrente com a outra, não. Eu acho que tudo depende de como se encaminha isso quando a criança é pequena. E a base da formação do leitor, ela vem é dessa idade pequenininha. Criança não vai gostar de ler depois que ela já está no ensino fundamental lá pela oitava série. Ela tem que ser formada como leitor desde antes de saber ler a palavra escrita. Mesmo quando ela só lê a imagem, que ela

pega o livrinho e vira a folha e só lê o desenho que está ali, ela tem que ser formada a partir daí.

NG: Você inclusive também aderiu ao meio virtual, tem um blog, onde você coloca suas produções literárias. Esse blog, na verdade, você também trata de outros assuntos. Aí, já não é mais tão voltado para esse público.



Print do blog *Pingo é*, de Silvana Pinheiro.

SP: É, não é. Nesse blog eu até dou notícias, porque eu vou muito a escolas; então, às vezes, eu coloco lá pequenas notícias da minha ida e contato com leitores que leem os meus livros. Tem um espaço para eu mostrar os meus livros e tal, mas é um texto, é um blog literário mesmo. Lá eu posto poemas, crônicas literárias. E é um público diversificado; tenho tido muito bons retornos, pessoas que têm frequentado o blog, têm lido, conhecido as coisas que eu escrevo, e que acabam realmente não sendo esse público infantojuvenil. Uma outra linha de produção, e que eu espero também publicar outras coisas para um público que não seja só infantojuvenil.

NG: Então, saindo um pouquinho aí do mundo virtual, voltando para o mundo mais “palpável”, quando foi que você começou a pensar em publicar livros, mostrar para o mundo, para as pessoas, o seu trabalho? Porque você, já desde adolescente, disse que já fazia seus textos, já escrevia independente da escola...

SP: Isso.

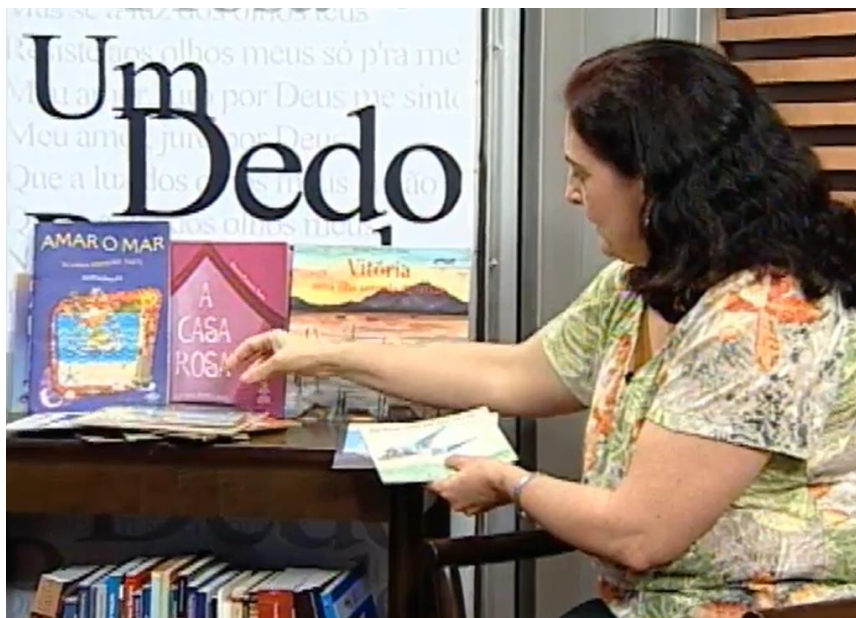
NG: Mas quando foi que você começou a despertar para produzir mesmo para fora, para outras pessoas terem acesso ao seu trabalho?

SP: Então, eu sempre gostei muito de ler e escrever, desde pequena mesmo, e tinha esse sonho, tinha vontade de ser escritora. Eu pegava os livros de escritores que eu gostava muito ou tinha um contato às vezes na escola com algum escritor — porque na época eu tive essa oportunidade também —, e eu ficava sonhando de ser isso. Mas você cresce, você vai estudar, faz a faculdade, começa a trabalhar e casa e tem filho... Você acha que é uma coisa meio irreal, fora da vida prática; parece, não é? Ser artista em qualquer área parece que não... ainda mais no Brasil, em que você tem muita dificuldade de realmente mostrar, às vezes, o seu trabalho. Mas quando eu comecei a trabalhar com muitos livros na formação de professores, eu comecei a produzir e comecei a mandar para concurso, comecei a mandar para editora, e aí foi saindo... O primeiro livro, ele saiu porque foi fruto de um concurso literário; ele foi premiado no concurso e uma editora de Minas Gerais se interessou por publicar o material. Daí, quando você já tem um livro publicado, você começa a abrir caminhos para publicar outros. A publicação do primeiro livro no Brasil é uma coisa, para o escritor, muito difícil. Mas isso já foi... eu já tinha 29 anos; já era casada há muito tempo, já tinha meus filhos, já tinham nascido. Então, eu comecei a encarar isso como uma possibilidade. Não posso dizer, assim, de “viver de literatura”, porque viver de literatura no Brasil é uma coisa muito difícil, mas de encarar como uma atividade produtiva, no sentido de produção minha mesmo...

NG: Não só como hobby, não é?

SP: Não só como hobby, não só como gosto de escrever. Foi mais a partir dos 25 anos por aí...

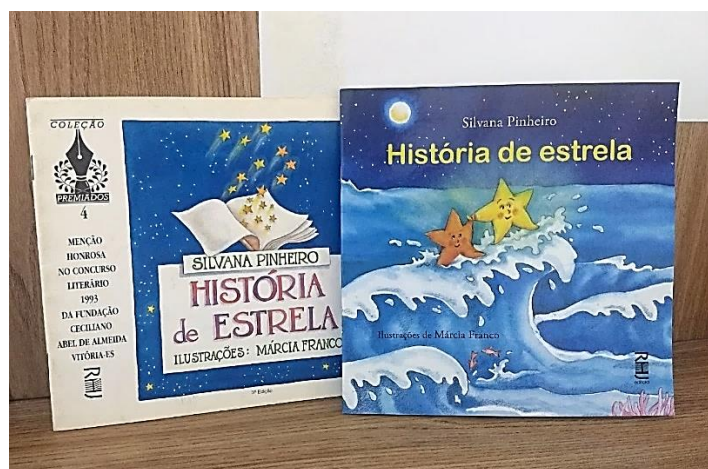
NG: Vamos aproveitar então para falar um pouquinho do seu trabalho, das suas obras. São oito livros publicados.



Livros de Silvana Pinheiro
expostos no programa *Um dedo de prosa* (Print da exibição do programa).

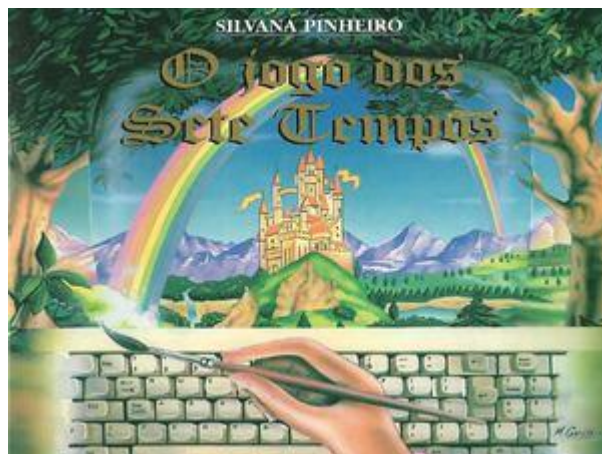
SP: São oito livros.

NG: E você trouxe alguns para a gente. O primeiro, *História de estrela*.



Capas das edições de *História de estrela*,
primeiro livro de Silvana Pinheiro (Print da exibição do programa).

SP: É, o primeiro foi esse que eu falei, que foi fruto de um concurso; primeira publicação. Depois, tive outro de outro concurso também, que é esse *O jogo dos sete tempos*. É a história de uma menina que entra num computador.



Capa de *O jogo dos sete tempos*, de Silvana Pinheiro.

Depois, teve esse aqui [*Houve um beija-flor*], foi da Lei Ruben Braga, que também foi selecionado para fazer parte de uma coleção... é sobre a vida do Augusto Ruschi, para crianças, que é um cientista capixaba. Praticamente nós não temos produção sobre ele para esse público, mas hoje, infelizmente, está esgotado, não consegui reeditar.



Print do programa *Um dedo de prosa* quando a autora Silvana Pinheiro mostra a edição esgotada de *Houve um beija-flor*.

NG: É um livro, esse aí traz uma história...

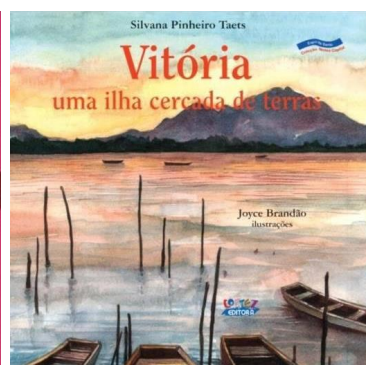
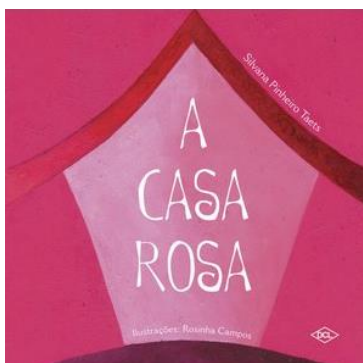
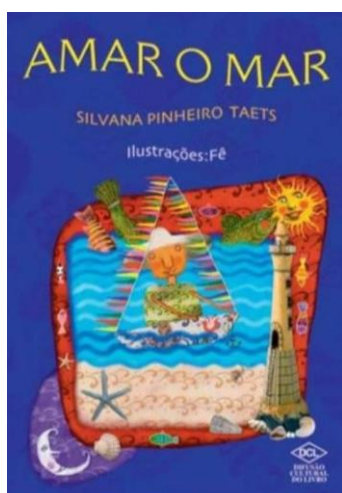
SP: Uma biografia...

NG: É biografia, história do Espírito Santo...

SP: Escrita de uma forma poética, meio fantasista, tem coisas de mentirinha, coisas de verdade, não é? Mas é um livro meio biográfico sobre ele.

NG: Didático também, não é?

SP: Meio didático, no sentido de motivar a pessoa a conhecer mais sobre a vida dele. E aí outros livros; depois veio *Amar o mar*, que é um livro de poemas; *A casa rosa*, que é um dos livros mais bem aceitos por públicos de modo geral. E o último livro que é esse aqui, *Vitória, uma ilha cercada de terras*, o último livro que eu publiquei. Alguns desses têm ilustrações também de artistas capixabas; outros foram feitos por editoras de fora, com outros ilustradores de outros estados.



Capas dos livros de Silvana Pinheiro.



A autora Silvana Pinheiro comentando seu livro *Amar o mar*, numa escola de educação infantil de Vitória, no Espírito Santo (Acervo da autora).

NG: Em geral, você costuma tratar de temas semelhantes. Tem uma linha que você segue nos seus livros? Tem uma relação? Como é que é isso? Você procura trabalhar... tem alguma coisa que te atraia mais a escrever sobre, mesmo que seja para as crianças?

SP: É, tem duas linhas fortes que talvez eu identificaria. Uma é em relação à forma. Minha produção, de um modo geral, ela é muito carregada de poesia. A linguagem poética é muito presente nos meus textos, mesmo naqueles que são narrativos. Então, isso é uma marca de identidade forte. E eu caminhei muito na linha... muitos dos meus livros têm uma relação também, muito, com a natureza, com o meio ambiente; tem um pouco dessa temática forte, mas não todos. *A casa rosa*, por exemplo, é uma coisa completamente diferente; não tem a ver com uma questão ambiental; é muito mais uma linha, talvez, de uma literatura mais psicológica. Então, não tem nada a ver. *O jogo dos sete tempos*, uma narrativa que tem mais um pouco de suspense. Tem uma tendência para escrever sobre a questão ambiental, porque eu gosto muito, já até trabalhei como educadora ambiental, mas não é uma linha única.

NG: Mas aí a gente tem bastante variedade tanto em conteúdo, em tema, quanto em forma, não é? Você escreve poemas, narrativas...

SP: Sim.

NG: Bastante variado.

SP: É. Na verdade, de poemas eu só tenho um livro, mas eu tenho *A casa rosa*, que é um livro altamente... é uma narrativa, mas é todo escrito em forma de poesia. O que a gente chama de prosa poética em literatura. Então, a poesia, a linguagem poética é uma marca muito presente nos meus textos, em todos os livros.

[...]⁴

NG: Eu gostaria de saber também, Silvana, se esse contato com os jovens, com as crianças, ele te inspira no seu dia a dia, ajuda no seu processo criativo; se você também escreve nos seus livros de forma didática, se isso também tem uma relação pelo fato de você ser uma educadora.

SP: É, a minha preocupação não é tanto didática, não, porque eu procuro escrever literatura mesmo. Com exceção desse último livro, que ele é, talvez fosse mais paradidático — porque é a história de Vitória para crianças, chama *Vitória, uma ilha cercada de terras* —, os outros livros não têm uma preocupação de estar muito presos à realidade; é mais a imaginação mesmo, a poesia. Agora, sem dúvida alguma, a relação, a convivência com crianças e jovens e com as famílias deles faz a gente pensar sobre a vida, sobre os relacionamentos, e vêm as ideias, vêm inspirações, digamos assim, para a gente poder tratar determinados temas. Então, sem dúvida alguma, isso de alguma forma influencia, mas não no sentido do trabalho educacional, porque o meu trabalho não é educativo, ele é um trabalho literário.

⁴ Os colchetes indicam cortes na transcrição da entrevista, porque se trata de intervalo, propaganda ou repetição da apresentação inicial sobre a autora (N. do E.).

NG: Entendi. Eu vi também nas minhas pesquisas que você trabalha dando cursos, palestras, oficinas para formar mediadores de leitura. Como é que seria isso? Qual o objetivo desse trabalho? É um trabalho que você faz extra, que você oferece pela sua experiência e por querer também trabalhar na formação de leitores. É isso?

SP: Eu, como educadora, percebo que especialmente a escola no nosso país, um país em que a grande maioria da nossa população tem ainda muita dificuldade de acesso ao livro. Isso tem melhorado cada vez mais; a gente tem tido mais bibliotecas; as escolas estão investindo mais em leitura de alguma forma, mas ainda temos muito a crescer. O papel da escola na formação de leitor — o leitor que goste de ler, que aprecie a leitura, que não só leia porque a escola pede, mas porque tem prazer de ler —, a formação desse leitor, ela precisa ser uma formação embasada, intencional. Então, o meu trabalho basicamente é com professores, para que eles possam também formar leitores. Esse é um trabalho que eu faço já há muito tempo, e não sou só eu; tem vários profissionais que lidam com a literatura no estado, que têm investido também nesse campo, de a gente pensar a questão da leitura no nosso país, a importância disso, o quanto as novas gerações precisam ser incentivadas a ler.

NG: Incentivadas a ler também produções capixabas?

SP: Principalmente. A gente tem que valorizar aquilo que é nosso; a gente tem que conhecer tudo, tem que conhecer a literatura mundial, tem que conhecer a literatura brasileira de modo geral, mas é importante conhecer as coisas que são da nossa terra. E nós temos muito bons escritores, escritores que estão no nível de qualquer escritor importante do nosso país. Só que a gente, às vezes, tem pouca oportunidade, no nosso estado, de dar visibilidade às coisas que são produzidas aqui. Os nossos escritores aqui têm mais dificuldade de ter essa visibilidade, principalmente a nível nacional. Nós temos poucos escritores que

conseguiram esses espaços. Mas a qualidade não falta; só precisamos ter oportunidades de publicar mais. E de novas gerações de escritores aparecerem. De novas editoras aparecerem. Isso é uma coisa necessária.

NG: Esse foco, esse público infantojuvenil, como que você vê aqui no estado? Há espaço para novos escritores? A produção tem sido constante ou ainda precisa de mais incentivo? Como é que está esse meio aqui? Como é que está o processo?

SP: É, nós temos bons escritores de literatura infantojuvenil que publicam aqui, publicam fora daqui com editoras de fora. A nossa dificuldade realmente são editoras que produzam, porque produzir um livro para criança não é só o texto; é a imagem também; é um conjunto de textos verbais e não verbais. A produção disso requer especialização; a gente está competindo com gente do Brasil todo que tem editoras que produzem de forma belíssima os seus livros. Então, não dá para produzir de qualquer jeito; tem que produzir de uma forma profissional. E eu acho que tem um mercado muito grande aqui no estado para isso, de investimento nesse sentido, de se criarem editoras que se especializem nisso, que tenham profissionais que conheçam o ramo editorial para crianças e jovens, que pesquisem, que estudem isso e produzam coisas boas. Às vezes, nós temos excelentes textos, mas a produção editorial deles fica a desejar, porque a gente não tem ainda essa condição de produzir dessa forma. Temos muito a crescer ainda...

NG: Eu estou te perguntando também essas coisas, porque você também é uma estudiosa de literatura. É Mestre em Estudos Literários. Acredito que tenha um conhecimento também de como está isso aqui no estado, a produção capixaba. E depois que consegue uma editora, consegue colocar o livro, sair dali só do plano, do planejamento, consegue aquele material, a distribuição fica também comprometida? Onde que as pessoas podem divulgar seus livros e mostrar seu trabalho?

SP: Pois é, a grande maioria dos escritores capixabas produz os seus próprios livros por falta de editora. Hoje já tem melhorado, é verdade. Não podemos também dizer que não tem nenhum avanço; temos muitos avanços, mas a maioria dos livros produzidos, são produzidos pelo próprio autor. É o autor que escreve, é o autor que corre atrás, que produz, que edita, que vende, que distribui, que divulga, enfim, ele tem que correr atrás de todos os espaços. A gente não tem muito essa estrutura. Então, muitas vezes, tem bons livros que ficam guardados, ficam sem saída, porque o autor não dá conta de fazer essa... afinal de contas, ele, a habilidade dele é escrever; não é fazer outras coisas. Quando você tem uma editora por trás, que garante a distribuição, que garante a divulgação, isso é um ponto muito importante para o seu trabalho poder ser visto.

NG: Agora, vamos voltar um pouquinho e falar de você. Eu vi que tem uma outra curiosidade. Além do trabalho literário, você também escreve roteiros para história de quadrinho. Como é que é isso? Para onde você escreve? Que tipo de texto é esse? Também para crianças, não é?

SP: Eu produzo roteiros para histórias em quadrinhos, também para outros materiais mais educativos. Tem uma editora, em especial, do Paraná, Editora Luz e Vida, que eu tenho produzido, nos últimos anos, material para essa editora. Para eles eu produzi, por exemplo, roteiros para histórias de dedochê, teatro de dedochê...

NG: Dedochê é o...

SP: É o fantoche de dedo...

NG: É o teatro de fantoche no dedinho...

SP: É. Então, eles têm um conjunto de dedoche da turma do Smilingüido, um personagem bastante conhecido. Eles me pediram para fazer roteiros para essa turma. Eu fiz também histórias em quadrinhos durante seis anos. Hoje a revistinha em quadrinho não continua a ser editada, mas volta e meia eles me pedem algum material. Fiz roteiro para um CD, para eles, um CD que era história e música. Então, roteiros de materiais educativos eu também faço, já fiz para eles e para outras instituições também.



Capa de *Smilingüido e sua turma*, de cujos roteiros Silvana Pinheiro participou.

NG: Aqui no estado você também trabalha com isso? Porque você disse que manda para essa editora do Paraná e é uma distribuição nacional, não é? A gente tem aqui também esse trabalho do Smilingüido, que é bastante conhecido. Mas aqui no estado você também trabalha com isso?

SP: Não, aqui no estado não produzi nada nesse sentido ainda. Meu contato tem sido com instituições de fora daqui.

NG: Você tem algum plano ou ainda não? Pensa que pode ser uma possibilidade?

SP: É, pode ser uma possibilidade. É o que eu te falei: nós, infelizmente — nessa área da produção de materiais para crianças, sejam literários ou educativos —, ainda estamos engatinhando. Eu gostaria muito de ver isso acontecer. Eu não sou uma pessoa empreendedora nesse sentido; eu sou artista. Então, eu dependo de que outros profissionais suscitem essas produções, mas tenho muita vontade de ver isso crescer no estado.

NG: E sobre os seus trabalhos atuais, tem alguma coisa aí na manga que está para sair? Algum projeto novo? Algum livro novo?

SP: É, tem um livro para uma editora de São Paulo, que se chama *Amigos da terra*. É um livro juvenil, para jovens, que aborda a história de três ambientalistas capixabas: uma precursora [Maria Stella de Novaes] e dois ambientalistas, o Augusto Ruschi e o Paulo César Vinha. Esse livro já está no forno, já está pronto para sair; qualquer hora ele aparece.



Capas das edições de *Amigos da terra*, de Silvana Pinheiro.

Eu estou trabalhando também num livro de poemas, mas não para crianças.

NG: Mas a sua ideia é continuar trabalhando com esse público também, o infantojuvenil, ou você pretende em algum momento mudar um pouco o seu foco?

SP: É, eu percebo que a minha produção tem se direcionado para um público não só infantojuvenil. A maior parte das coisas que eu tenho escrito hoje não é para o público infantojuvenil, mas eu não abro mão de, surgindo oportunidades e surgindo ideias, investir nesse lado que eu gosto muito.

NG: Tem alguma outra realização que você ainda não conseguiu efetivar e você gostaria, algum sonho, algum plano na área literária que você tem em mente para longo prazo, médio ou longo prazo?

SP: Eu tenho uma produção também de contos, histórias, mas não para crianças. Ele é um livro que eu estou construindo já há algum tempo e ele é lento. Ele vai demorar algum tempo ainda. E eu tenho muita vontade de ver esse livro publicado com uma boa edição... E, quem sabe, continuando, chegar até a escrever romances... Tenho vontade.

NG: Tem vontade também de investir só na carreira de escritora depois?

SP: Ah, tenho! Quem sabe, quando eu aposentar como educadora, eu vou ficar por conta disso? Muito bom.

NG: Agora que também encontrou um caminho, uma forma também de trabalhar melhor, já dá para dar continuidade.

SP: É, dá para dar continuidade.

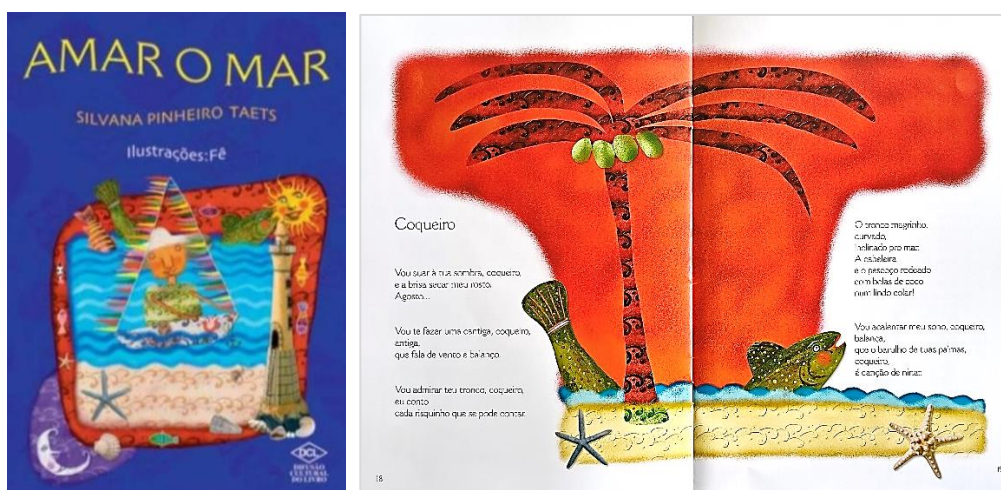
[...]

NG: Então, Silvana, muito obrigada. Sucesso com seus novos projetos, e continue escrevendo para a gente, para as crianças, para as nossas crianças, formando pequenos leitores.

SP: Está joia! Obrigada pelo convite, um prazer estar aqui com vocês!

[...]

Eu vou ler então um trecho do livro *Amar o mar*, com ilustrações de Fê, da editora DCL. É um livro de poemas. Eu vou ler o poema “Coqueiro”.



Vou suar à tua sombra, coqueiro,
e a brisa secar meu rosto.
Agosto...

Vou te fazer uma cantiga, coqueiro,
antiga,
que fala de vento e balanço.

Vou admirar teu tronco, coqueiro,
eu conto
cada risquinho que se pode contar.

O tronco magrinho,
curvado,

inclinado pro mar.
A cabeleira
e o pescoço rodeado
com bolas de coco
num lindo colar!

Vou acalantar meu sono, coqueiro,
balança,
que o barulho de tuas palmas,
coqueiro,
é canção de ninar.



Prints do programa *Um dedo de prosa* com Silvana Pinheiro.

DUALIDADE E TRANSCENDÊNCIA¹

DUALITY AND TRANSCENDENCE

Herbert Farias*

“**R**isca-se um relâmpago / frágil bordado no céu / então, trovão.” É esse prelúdio de luz, estrondo e leveza que inaugura o cultivo e a textura de *Femear*, nova criação poética de Silvana Pinheiro. Uma epígrafe entre natural e tecida, pairando sobre a poética da criação do mundo, e o percorrendo pelos muitos matizes da construção bíblica, como se a Babel de muitas vozes se alinhasse ao projeto do criador divino e à profecia da sua ausência, alternadamente louvor e denúncia.

No princípio é a gênese, o gênesis enamorado dos primórdios da terra: *femear*, tomado no conjunto, é o percurso poético de fecundação, semeadura e colheita de *flashes* garantidos pelo relâmpago primordial numa terra prenhe de história

¹ FARIAS, Herbert. Dualidade e transcendência. In: NUNES, Pedro J. (Coord.). *Tertúlia*: livros e autores do Espírito Santo. Vitória: Edição do Autor, -2005. Disponível em: <https://www.tertuliapixaba.com.br/paraler/dualidade_e_transcendencia.html>. Acesso em: 2 maio 2026.

* Escritor.

pautada na narrativa bíblica. Esse empreendimento de deitar na terra o verso demiúrgico se inicia pelos poemas “amena” e “provisão”, cujo predomínio das águas marca o provisionamento cuidadoso da gestação da vida. Em “amena”, a frágil criatura marinha, diáfana, quase invisível, celebra a delicada sobrevivência nesse mundo de verbo e história. E em breve a correnteza condutora de “a água do rio” surge tão inusitada quanto antiga, no movimento antitético de “[...] um novo rio / que é sempre o mesmo”, e que persiste nas águas incessantes de “provisão”: o movimento incansável do riacho, sua natureza transiente, se estende no trajeto simultaneamente misterioso e previsível. É então que surge, nessa natureza pendular e dialética, o homem, com a dura obrigação de sobreviver: o “sonho no olhar do garimpeiro / ...que brota das águas do rio” é a chance remota de riqueza no poema “garimpo, enquanto em “ao vento” essa luta pela vida assume tom mais pragmático, obrigado à persistência, à continuidade do esforço: “grãos caem / sob o leve peso / de sua essência / de serem colhidos / ainda uma outra vez”.

Mas o homem tangido pelo trabalho não se furta à dúvida ao perseguir o pão: os versos de “no meio do caminho” comungam com o cenário das escolhas, mas também com a pluralidade da trilha única, num somatório de experiências que se oferecem ao olhar da opção assumida. Como se pode conferir, Silvana Pinheiro expõe em *Femear* um mundo frequentemente regido pela dualidade. A colheita passada e futura de “respigadeira” é outra amostra dessa poética cindida em jogos de luz e sombra, passado e futuro, natureza e civilização, espera e prazer, entre outros. Não por acaso em “sombra” a luz desenha o ser, que colhe na onipresença o conforto de se saber desvendado.

Femear é assumidamente pautado no paradigma bíblico, mas no poema “de que cor são seus olhos?”, talvez o ponto culminante do livro, quando a autora se ausenta momentaneamente dessa influência, a cor, sensação específica diferenciadora, é signo de paixão, subitamente irmanada à especificidade do desejo segundo Roland Barthes: “Encontro pela vida milhões de corpos; desses milhões posso desejar centenas; mas dessas centenas, amo apenas um. O outro

pelo qual estou apaixonado me designa a especialidade do meu desejo.” Esse objeto da paixão nunca se deixa encobrir pelo tempo: “inda hoje é assim / na pele de cada objeto de desejo desexperimentado, / você me queima, / quando me queima de dia / o mar em corpo é água viva / e se me queima de noite / sua imagem é açoite / incandescente”. Um somatório de desejo em meandros e refrações, a sublimação do prazer postergado, transcrito no mapa do poema, na cartografia aquecida: “meus versos se alimentam / do prazer que adio em você / do sofrer sua distância / do sorver seus olhos / incendiando meus ouvidos / té atingir meu equilíbrio / e nunca a palavra em mim / esteve tão quente”.

O homem que nos versos de “carranca” desafia a incerteza das correntes, num instante sabedor de que é preciso afrontar as emergências, ladeia o menino de “cronicidade”, cujo ajuntamento de areia e conhecimento corre em paralelo com o brinquedo da linguagem: “este instante é seu / é tempo de digitalizar trajetos / o meu é de lhe deixar / não traçar fins / e contemplar seu crescimento / conter meus grãos / sem deixá-los entornar / e atrapalhar o que está / acontecendo / contecendo / tecendo / sendo”. A sina desigual do espírito infantil lamenta, mas insiste em “onde as crianças dormem”, num gesto melancólico e profético da multiplicidade do signo infância sob a deformação do capital. A pena de Silvana Pinheiro ora margeia a narrativa e o discurso bíblicos, ora os situa no centro do próprio verso/verbo. A luz novamente celebrada em “ode ao meu olho esquerdo” surge como efeito da cura pelo agente divino, e essa interpretação é quase inescapável. Mas não é descabido especular que o narrador de *Eclesiastes* inspira de perto a enunciação de “Manga-rosa”, expressão do tempo contado e colecionado na antecipação do gozo, uma idade de desejos e esperas que se compraz na degustação do futuro aguardado, *femeado* com ânsia. A celebração da criação bíblica e da redenção cristã não afasta percalços da cultura, antes denuncia a civilização que fragmentou os homens e seus olhares, na dinâmica fronteira do “muro com paixões” da cidade cindida, onde homens-universo palmilham a experiência da diáspora cotidiana, sonhando com o reencontro malgrado os anseios frustrados, mas recorrentes, da profecia e do desejo que abastecem a esperança.

Se a urbe é seccionada em guetos, o bucolismo é destronado em “luar do sertão”, tão expulso do cenário quanto o autóctone destituído da paz das referências: “parte o ser tão sem frescor / corta a morte para andar autor / e surgir em parques termos / florescer como enxerto”. Logo adiante, “Há tempo pra tudo”, prossegue Silvana, mesmo para a palavra debruçar-se sobre si mesma nessa reverberação explícita de Eclesiastes, ocorrência deliberada do reencontro com o sagrado na palavra meditativa, num cultivo à profecia que se indigna em “Desassossego poético”, repercutindo Provérbios 1:20-33 ao parodiar poeticamente o caminho da sabedoria, tão onipresente quanto negligenciada, lamentando a indignância dos planos humanos, tão pouco afeitos à vida: “[...] lastimo a paralisia que lhes abate / a desgraça que incorpora seus ouvidos / o véu que embaralha seus olhos / o fruto de suas rígidas maquinações [...]”.

Nesse *continuum* profético, a voz poética se embrenha nas redes contemporâneas de tantos enleios e enganos, encontrando a captação de uma transcendência. É “ao deus desconhecido” que convém, segundo esse eu lírico alternadamente devoto e profético, tributar alguma verdade relacional. Deus desconhecido celebrado no pão, no vinho e na água, ícones de conagração em “universos de comunhão”, diversidade de instâncias do acontecimento cristão da revivência. “As imperfeições de Deus”, na sequência, constrói-se nos barroquismos de um sujeito relegado à pequenez da humanidade, buscando inutilmente esquadriñar a vastidão incompreensível do seu criador, constantemente desconcertado com as supostas incongruências do caráter divino. “Lamentações” atualiza a degradação da Jerusalém de Jeremias, fazendo ressurgir na urbe contemporânea o dano e o abandono dos flagelados, pois “há um silêncio berrando / sitiando a cidade / balas achadas ao vento / alvos descêntricos / acertam ruína / destruição”.

Tal presença bíblica reina verso afora ou num enclave, como nos dois últimos versos de “dignidade”. Especularmente, em “diálogo com um amigo de jó”, a inquirição do homem dependente da divindade se torna lúdica nos dois últimos versos: “guerreiro com guerreiro fazem zigue zigue zá”. Nem se trata da

suavização da peleja do homem consigo e com Deus, mas da tradução sumária dessa dialética para o registro lúdico que, no entanto, não desfaz o conflito. Atar o destino dos expatriados modernos aos deserdados de Sião do Salmo 137 é o que faz “canções do exílio”, numa comunicação com a transcendência frequentemente renovada, embora interrompida “na ilha”, ambiente poético de uma solidão quase audível, mas incapaz de fazer cessar a tessitura da rede vital, que dia e noite dribla o vazio, marcando no tempo a resistência.

Se “a mão no tabuleiro” tece a trajetória humana num jogo dialético de negociações (sempre a dualidade), ou numa dança sem encobrimento, sempre renovável, essa vivência no plano da história individual se confessa mais de perto em “Cesto de junco”: o referente dessa saga é um sobrevivente identificado com o Moisés bíblico, personagem errante que se afasta do triunfo da corte e dos cuidados garantidos rumo à identidade no distanciamento. Esse confronto liminar com a identidade é prenúncio de nova história a ser escrita no ocaso da palavra, quando o último verso silencia.

O sujeito poético de “aos seus pés” repercute a mulher que unge publicamente os pés de Jesus com perfumes e entrega, num gesto que não renega a rubrica erótica da cena: “envolvo minhas mãos / em sua pele e plantas / de pés cansados / vai o tempo / acaricio recantos / amacio um canto / um gemido / e a dor de todo o meu pranto / com o sabor de seus pés / sofrimentos”. Esse conúbio entre os ardores da fé e da sensualidade, na voz da mulher que parece, pelo menos nesse instante de entrega e gozo, ter encontrado seu par e seu quê, ecoando *O êxtase de santa Tereza, de Bernini*, contrasta com o último poema de *femear*, “solitude”, de inquietação pela indefinição de papéis entre as contradições da sociedade: um canto de solidão de quem busca referências, o deslugar como subproduto da emancipação: “maria se refez, se refaz / e josé? / josé anda perdido / como se quisesse achar [...] não entendeu / que não há o que achar / há que apenas ser / o que for possível / e as mulheres perguntam [...] se valeu a pena [...] mas se sentem sós [...]”.

Tensionado entre opostos, o verbo de *Femear* se despede do leitor com a breve transição entre semeadura e fenecimento – “uma mulher nasce [...] mas tão logo murcha”. Fiel à sua humanidade, no entanto, a criação de Silvana Pinheiro não acena com o paraíso. Prefere refletir brevemente, em verbo dinâmico e aerado, sobre existência, história e fé, e com os olhos na transcendência, não abandona o chão dos muitos passos.



Print do comentário de Herbert Farias sobre *femear*, de Silvana Pinheiro, no site *Tertúlia*, de Pedro J. Nunes.

APRESENTAÇÃO¹

INTRODUCTION

Paulo Roberto Sodré*

Um livro de poemas em que uma posição, uma atitude, uma leitura, uma manifestação exprimam-se todos em *femear* é a proposta de Silvana Pinheiro, autora conhecida principalmente por sua dedicação à literatura para crianças e jovens. Composto por trinta e cinco poemas curtos e longos, em diversa formatação poética (rondó, soneto, poema-minuto) e em variada configuração intertextual (Drummond, Catulo da Paixão Cearense, cantigas populares, *Bíblia*, Homero), *Femear* apresenta uma poeta atenta à tradição literária, de que recolhe, além das formas e versos, a tópica conhecida desde os antigos líricos gregos e medievais: o *locus amoenus*, a passagem do tempo, a aflição amorosa, o sentimento de exílio, o desconcerto do mundo.

O livro se abre e se fecha com poemas-minuto, em brevíssima, mas densa ponderação sobre a feminilidade: voz que ilumina e vibra como “trovão” (no

¹ SODRÉ, Paulo Roberto. Apresentação. In: PINHEIRO, Silvana. *Femear*. Vitória: Edição da autora, 2014.

* Doutor em Literatura Portuguesa pela Universidade de São Paulo (USP).

poema de abertura), e ser que nasce como relva, mínima planta, e “logo murcha”. Essa vibração e esse abatimento, aparentemente contraditórios, definem a visada que Silvana Pinheiro flagra e pontua na natureza feminina, aqui, mais que um ponto de olhar feminista, pura humanidade.

O norte desse livro, ilustrado por Priscila Sathler cuja grafia torna delicada a tensão muitas vezes dolorosa dos poemas, pode ser percebido logo no poema-minuto que abre *Femear*:

risca-se um relâmpago
 frágil bordado no céu
 entanto, trovão

No centro do texto, a metáfora “bordado” alude a um dos símbolos do afazer feminino durante séculos, cristalizado literariamente na incansável lida tapeceira da esposa de Ulisses, Penélope (aliás, aludida no poema “na ilha”), cujos fios teciam sua fidelidade e sua espera pelo aventureiro rei de seu corpo e destino. Se relâmpago e trovão funcionam como imagens naturais a indicar simbolicamente uma expressão *humana*, o “bordado” (que se compara ao risco do relâmpago) redimensiona essa expressão: é, antes, *feminina*. O adjetivo que acompanha “bordado” igualmente acentua a perspectiva da mulher na percepção masculina conservadora: “frágil” é outro termo imposto às mulheres durante séculos (a despeito de Hipólita, de Ruth, de Morgana, de Diadorim), mas relativizado no poema: se o *bordado* de luz é *frágil*, porque breve e rápido, é também “trovão”.

E são a brevidade e a rapidez os aspectos femininos, e humanos, que reaparecem no poema-minuto final, com matiz barroco:

uma mulher nasce
 cresce como a relva
 mas tão logo murcha

Diferenciando a afirmação a respeito do que é *humano* normalmente por meio da palavra *homem*, Silvana Pinheiro se refere à *humanidade* por meio da palavra *mulher*, atualizando a percepção do que é próprio dos seres, homem e mulher: “nascer”, “crescer”, “murchar”. Essa leitura do poema final é efeito da percepção de outro poema em que essa diferença, marcadamente feminista, se desenvolve, “solitude”:

as mulheres cresceram
 ai, meu Deus, como cresceram
 em toda parte
 com arte, com graça
 cresci
 ai, meu Pai, como cresci
 e ainda tenho medo
 mas cresço
 apareço
 suporto nosso crescimento
 e toda a dor
 ai, meu Cristo, suportamos
 suportamos toda a dor do crescimento
 e nossos homens ficaram perplexos
 ai, Senhor, como ficaram
 e ainda estão
 [...]

e agora, José?
 e agora, Maria?
 o papel se foi
 o encaixe ruiu
 o deslocamento se fez
 [...]

maria se refez, se refaz
 e josé?
 josé anda perdido
 [...]

e as mulheres perguntam
 ai, Altíssimo, como perguntam
 se valeu a pena
 valeu a pena
 mas se sentem sós
 ai, meu Deus, como se sentem sós
 e ainda crescem
 e eu me sinto só
 ai, como me sinto só

Alterados e atualizados os papéis que cada ser procura acatar e desenvolver, não obstante a perplexidade dos homens (o “josé” bíblico e drummondiano) e a “solitude” das mulheres (a maria do *Novo Testamento* e a da canção de Milton Nascimento e Fernando Brant, “Maria, Maria”), a poeta joga com referências culturais e literárias para tratar do impasse gerado na luta pelos territórios masculinos e femininos, sobretudo a partir dos anos de 1960. As interjeições próprias de uma prece (“ai, meu Deus”, “ai, meu Pai”, “ai, Altíssimo”) se juntam às ponderações existenciais de Drummond (“e agora, José?”) e de Fernando Pessoa (“valeu a pena [se a alma não é pequena]”) para a composição de um poema em que a conquista feminina coletiva (“e as mulheres perguntam / ai, Altíssimo, como perguntam / se valeu a pena / valeu a pena”) é cantada e igualmente lamentada (“mas se sentem sós / ai, meu Deus, como se sentem sós / e ainda crescem / e eu me sinto só / ai, como me sinto só”), já que o sucesso da vitória das mulheres, em sua busca por espaço identitário, é matizado pela melancolia devido a um dos resultados dessa mesma conquista: a solidão de homens e mulheres (“ai, meu Deus, como se sentem sós”). O poema ilustra a habilidade de Silvana Pinheiro em fabricar um poema que oscila entre a observação do individual e do coletivo. Em outros termos, inicialmente voltado para o coletivo feminino (“as mulheres cresceram / ai, meu Deus, como cresceram”), o poema deságua no individual e confessional (“e eu me sinto só / ai, como me sinto só”), o que revelaria o estado de cada e toda mulher, segundo a visão da autora.

Embora o título *Femear* e alguns poemas possam conduzir o leitor à ideia de uma poesia *feminina mente* engajada, o livro na verdade se oferece a uma diversidade de temas e de tons (e mesmo de vozes líricas: a de Madalena [em “aos seus pés”]; a de Moisés [em “cesto de junco”]; a de um mestre de cerimônia circense [em “chula de reverso”]), que reorienta a leitura inicial. Isso porque interessa à autora veicular a palavra lavrada em subjetividade, sonoridade e intertexto, que submete e secunda qualquer propósito proselitista (exceção feita, talvez, ao poema “desassossego poético” ou “onde as crianças dormem”):

busco-me palavra
 a palavra em mim se busca
 só nos diremos
 se
 lavro-me
 palavro-me

O intuito da poeta de buscar-se e tornar-se *palavra* – que, por sua vez, busca seu sentido na própria poeta, por meio da expressão literária –, se materializa na fabricação de ritmos e imagens que Silvana Pinheiro espalha por seus poemas. O jogo de palavra, ora inesperado (“Um muro murmura comunhão”; “certo, ao certo, mas ser todo”; “há um tom anzol neles”), ora previsível (“de quem não toca o que é terno / eterno”; “que amassa a massa”); as imagens (“se deslumbram / com aquele clarão doce”; “sacudi do pé a poeira e o palácio”), as reiteraões de versos, de palavras em forma de anáfora (“a água do rio é novidade / mas é mesmice / a água do rio é mesmice / mas é diferença”), os neologismos (“colhente”, “escurar”, “talvezava”), as rimas não sistemáticas, mas em associação de ideias-sons ao longo do poema (“e bom siso / aviso aos navegantes / navegar é preciso / em rumo impreciso / caminhando para o mar”), tudo compõe o jogo lírico de que a autora se serve para tratar das faces do mundo e, especialmente, das faces da tradição literária, de que “canções do exílio” é um dos exemplos bem conseguidos tanto de uma (as faces do mundo: o sentimento de exílio) como de outra (as faces da tradição literária: a atualização de famosos poemas):

junto aos rios de nosso exílio
 sentamos e choramos
 a falta de nossa terra
 que pesava sobre o peito
 nos salgueiros
 penduramos instrumentos
 tamareiras
 esconderam nossos cantos
 onde canta o sabiá?
 não gorjeia, já não canta
 também não pode voar [...]

Retomando o tópico do exílio, enraizada na passagem bíblica do Salmo CXXXVII (“1. Às margens dos rios de Babilônia nós nos assentávamos e chorávamos, lembrando-nos de Sião. 2. Nos salgueiros que lá havia pendurávamos nossas harpas, 3. pois aqueles que nos levaram cativos nos pediam canções [...]”), Silvana Pinheiro revisita em seus versos também a redondilha “Sôbolos rios que vão”, de Luís de Camões, incrustando habilmente neles a imagem do canto do sabiá de Gonçalves Dias em sua matricial “Canção do exílio”, de que derivarão várias releituras, desde Casimiro de Abreu, Oswald de Andrade, a Mario Quintana, de algum modo igualmente atualizadas, as releituras, em seu poema.

Talvez se possam detectar no livro três aspectos predominantes que, no conjunto, se relacionam em mosaico harmonioso: as reflexões (filosóficas, sociais, religiosas), o afeto (amoroso, familiar), as referências culturais (literárias [escrita e oral], pictóricas, fotográficas). Atenta, Silvana Pinheiro sabe que literatura se faz em ressonância de textos de variados signos e de variada procedência, o que a areja e atualiza-a, e o que torna *Femear* um ancoradouro luminoso de cirandas, salmos, pinturas, canções, revistos pela óptica refinada da poeta.

Silvana Pinheiro canta, e como Cecília Meireles, pensa: “E a canção é tudo”²; ela sabe que, como Adélia Prado, “A poesia é pura compaixão”³, e que, ademais disso, vive a poeta “sob um poder / que às vezes está no sonho, / no som de certas palavras agrupadas, em coisas que dentro de mim / refulgem como ouro”⁴. E, como se à janela de Cora Coralina, *palavra-se* de paisagem e de ternura, para recolher do mundo os passos femininos de seus poemas.

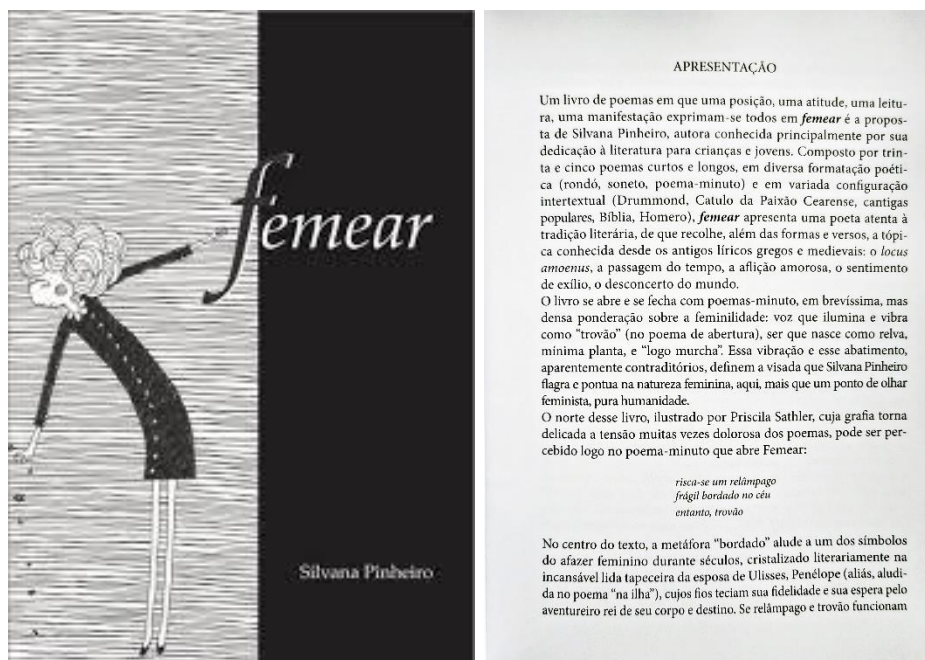
Todos esses aspectos – aqui brevemente levantados apenas para o ensejo de

² MEIRELES, Cecília. Motivo. In: _____. *Viagem. Vaga música*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982. p. 14.

³ PRADO, Adélia. *Poesia reunida*. São Paulo: Siciliano, 1991. p. 165.

⁴ Ibid., p. 217.

uma apresentação, nunca suficientemente capaz de apurar o teor de um livro de poesia –demonstram a competência poética de Silvana Pinheiro, hábil em captar nas “mangueiras”, nos “olhos”, nos “riachos” e nos “exílios” do mundo o fruto e a pepita, “cascalhos [que] guardam a chance de um brilho”, que a autora procura lhes garantir em seus versos fêmeos, e, antes, decididamente humanos.



Capa de *femear*, de Silvana Pinheiro,
e página inicial da "Apresentação", de Paulo Roberto Sodré.

LIVRO DE POESIAS COM OLHAR FEMININO¹

POETRY COLLECTION FROM A FEMALE PERSPECTIVE

Rafael Moura*



escritora Silvana Pinheiro lança hoje *femear* e comemora 20 anos do seu primeiro livro, na Biblioteca Pública Estadual.

A análise humana respaldada por um viés feminino é tema do 10º livro que a escritora capixaba Silvana Pinheiro, de 49 anos, lança hoje, às 19 horas, na Biblioteca Pública Estadual, em Vitória. Trata-se da obra *femear*.

Embora a palavra já exista como verbo (no sentido de “andar com as fêmeas”), a autora, que é Mestre em Estudos Literários, estabeleceu que o título seria um neologismo a partir da ideia da mistura de semente com feminilidade.

“A palavra semente, na sua origem, tem sua ligação com o masculino. Eu quis trazer esse novo significado para o olhar feminino. Falo sobre diferentes temas,

¹ MOURA, Rafael. Livro de poesias com olhar feminino. *A Tribuna*, AT2, Vitória, p. 8, 19 ago. 2014.

* Jornalista.

de relacionamentos a conflitos. Antes de ser feminino, o livro aborda o humano”, ponderou.

O novo trabalho da escritora traz 35 poesias curtas dispostas em 108 páginas. Silvana, que já havia trilhado um caminho na literatura infantojuvenil — seus outros trabalhos foram basicamente destinados a esse público —, celebra o livro inédito como um marco.

“Nos últimos anos, venho fazendo mais livros para jovens adultos. Custei a publicar. O *femear* é a síntese dos últimos anos de produção. Eu já vinha produzindo, mas a publicação demarca. É algo que quero enveredar”, frisou.

A escolha por textos em formato de poesia foi algo natural à escritora. Sua formação literária teve o empurrãozinho do pai, que era músico, e da mãe, que também escrevia poesias. “A preferência está na vivência, de ter um olhar, uma sensibilidade com a palavra”.

Além de lançar *femear*, Silvana comemora, hoje à noite, os 20 anos de sua primeira obra, *História de estrela*. “Num país que é tão difícil publicar, me considero muito vitoriosa”, finalizou.



Recorte do jornal *A Tribuna* com matéria de Rafael Moura sobre o lançamento de *femear*, de Silvana Pinheiro (Acervo da autora).

SILVANA PINHEIRO LANÇA O LIVRO *FEMEAR* NA BIBLIOTECA ESTADUAL¹

SILVANA PINHEIRO LAUNCHES HER BOOK *FEMEAR* AT THE STATE LIBRARY

Redação de *Século Diário**

Silvana Pinheiro vai lançar seu novo livro de poesias, *Femear*, nesta terça-feira (19), na Biblioteca Pública Estadual, em Vitória. Essa é a décima obra da escritora, o primeiro de poesia voltado para o público adulto.

O lançamento do novo livro acontece vinte anos após a publicação da primeira obra de Silvana Pinheiro. De lá pra cá, ela trilhou uma história na literatura, atingindo especialmente o público infanto-juvenil. *Femear* é o seu segundo livro de poemas.

¹ REDAÇÃO. Silvana Pinheiro lança o livro *femear* na Biblioteca Estadual. *Século Diário*, Cultura, Vitória, 18 ago. 2014. Disponível em: <<https://www.seculodiario.com.br/cultura/silvana-pinheiro-lanca-o-livro-femear-na-biblioteca-estadual/>>. Acesso em: 2 maio 2026.

* Redação do jornal online *Século Diário*.

Para a escritora, o título do livro – *Femear* – traduz a essência da obra: um olhar feminino sobre a vida, os relacionamentos, o mundo. “Uma perspectiva humana, mas com uma ótica feminina”, declara. Com 108 páginas, a obra é composta por 35 poemas.

Sobre a autora

Silvana Pinheiro sempre leu e escreveu muito. Em 1994, lançou o primeiro livro, *História de Estrela*, fruto de uma premiação literária pela Fundação Ceciliano Abel de Almeida/ES. Além dos livros, participou por um tempo como roteirista e revisora de materiais da turma do Smilingüido, da Editora Luz e Vida/PR.

A escritora tem oito livros infanto-juvenis publicados e outras publicações para a Editora Luz e Vida. E ela mantém um blog, onde publica crônicas e poemas e fala da sua relação com o trabalho literário.

São de autoria de Silvana Pinheiro os livros *História de estrela*, *O jogo dos sete tempos*, *De bichos, pequenos e grandes*, *Houve um beija-flor...*, *Uma luz no fim do beco*, *A casa rosa*, *Amar o mar*, *Vitória – uma ilha cercada de terras*, *Instantes haicaíferos: haicais e fotos da autora* (publicação online) e *Amigos da terra: a luta pela preservação da vida e da natureza*.



Cultura

Silvana Pinheiro lança o livro *Femear* na Biblioteca Estadual

Por: **Redação**
18 de agosto de 2014
Atualizado em 18 de agosto de 2014









Silvana Pinheiro vai lançar seu novo livro de poesias, *Femear*, nesta terça-feira (19), na Biblioteca Pública Estadual, em Vitória. Essa é a décima obra da escritora, o primeiro de poesia voltado para o público adulto.

O lançamento do novo livro acontece vinte anos após a publicação da primeira obra de Silvana Pinheiro. De lá pra cá, ela trilhou uma história na literatura, atingindo especialmente o público infanto-juvenil. *Femear* é o seu segundo livro de poemas.

Para a escritora, o título do livro – *Femear* – traduz a essência da obra: um olhar feminino sobre a vida, os relacionamentos, o

Print da matéria do *Século Diário* sobre *femear*, de Silvana Pinheiro.

ROMPENDO AS FRONTEIRAS DO ESTADO COM SILVANA PINHEIRO¹

BREAKING STATE BORDERS WITH SILVANA PINHEIRO

Ivana Esteves Passos de Oliveira*

O escritor de livros infantis no Espírito Santo luta para publicar, luta para divulgar e luta para distribuir.

Silvana Pinheiro

Silvana Pinheiro é natural de Vitória, capital do Espírito Santo. Mestre em Estudos Literários pela UFES, Graduada em Letras e Pedagogia, atua como educadora na Rede Estadual de Ensino e como prestadora de serviços em palestras, cursos e oficinas ligadas à formação de mediadores de leitura,

¹ OLIVEIRA, Ivana Esteves Passos de. Rompendo as fronteiras do estado com Silvana Pinheiro. In: _____. *A indústria criativa da literatura infantil – Histórias de autores e livros: a cadeia produtiva da literatura infantil no Espírito Santo – a performance de cinco autores*. Vitória: Diálogo Comunicação e Marketing, 2018. p. 106-109.

* Doutora em Letras pela Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes).

além de revisora textual. Muitos de seus livros já foram selecionados para compor o acervo de escolas públicas e particulares de todo o Brasil. Escreve também roteiros de histórias em quadrinhos e outros materiais endereçados a crianças e jovens. Ávida leitora desde nova, sua caminhada em direção a se tornar escritora não surpreendeu a ninguém. Hoje computa 9 livros publicados, com destinação a crianças e jovens.

Com suas obras infantis *História de estrela* (1994), na quinta edição, pela Editora RHJ (BH), com ilustrações de Márcia Franco; *O jogo dos sete tempos* (1995), já esgotado, pela Editora Vinde Comunicações (RJ), com ilustrações de Marcos Garcia; *De bichos, pequenos e grandes* (1997) pela Ultimato Editora, de Viçosa, com ilustrações de Canini; *Houve um beija-flor* (1999), já esgotado, pela Lei Rubem Braga e edição independente, com ilustração de Cléria Crema; *Uma luz no fim do beco* (2001), já esgotado, com edição do Movimento Capixaba de Voluntários, um livro sob demanda, ilustrado por Lastênio Scopel; *A casa rosa* (2005), Editora DCL (SP), com ilustrações de Rosinha Campos, e *Amar o mar* (2005) pela Editora DCL (SP), ilustrado por Fê; *Vitória – uma ilha cercada de terras* (2007), pela Editora Cortez (SP), ilustrado por Joyce Brandão, e *Amigos da Terra* (2012), pela Editora Nova Alexandria (SP), Silvana Pinheiro se insere no universo de poucos escritores de livros direcionados a crianças produzidos no Espírito Santo a conseguir ultrapassar as fronteiras do estado, publicando em editoras nacionais.

A escritora integrou, na década de 1990, o PROLER-ES, projeto em prol do estímulo à leitura do Ministério da Educação. Dedicando-se à literatura infantojuvenil, obteve várias premiações. Dentre elas, Menção Honrosa no Concurso Literário da Fundação Ceciliano Abel de Almeida (1993), com o texto *História de estrela*; 1º lugar no Concurso de Literatura Infantil da Ed. Vinde

Comunicações (1994), com o livro *O jogo dos sete tempos*. Ademais, também integrou o catálogo da FNLIJ, na Feira de Bolonha².

Como mediadora de leitura e integrante de um grupo de contadores de histórias, Silvana está sempre muito próxima dos professores e das escolas, o que lhe propicia oportunidades de prospecção de suas obras. Como analisa a escritora,

As escritas para o público infantil e juvenil alcançam esse público, principalmente por meio de projetos das escolas públicas e particulares, em alguns casos adquiridos pelo próprio poder público. Sou a minha principal divulgadora, numa ação boca a boca e via e-mails e redes sociais (Informação verbal)³.

Apesar dessas facilidades, a escritora reclama a ausência de uma editora dedicada à publicação de livros infantis no Espírito Santo. Ela considera uma enorme lacuna não se ter no estado uma editora com produtores de visão editorial. Isso porque,

Uma vez criada, a obra literária, pela materialização do pensamento e pelas ideias do autor, poderá ser publicada, tornando-se acessível ao conhecimento dos interessados. [...] A publicação de uma obra e a consequente distribuição de seus exemplares é precedida por um trabalho minucioso feito por profissionais contratados pela editora para a análise estrutural da obra, a linguagem utilizada pelo autor, a verificação ortográfica e gramatical do texto, a obtenção de autorizações, caso sejam utilizadas no livro as obras protegidas de terceiros (ilustrações, fotografias, poemas, entre outros) (FRANCEZ; COSTA NETTO; D'ANTINO, 2009, p. 47-48).

Apesar de já ter atuado em algumas dessas frentes, como produtora das publicações da Turma do Smilinguido, para a Editora Luz e Vida/PR [...], Silvana não concorda que o autor tenha que correr atrás de buscar recursos, produzir, publicar, divulgar e vender seus livros.

² A Feira do Livro Infantil e Juvenil de Bolonha (Bologna Children's Book Fair) é uma feira literária realizada anualmente em Bolonha e dedicada à literatura infantojuvenil. Reúne editores, agentes literários, bibliotecários, autores e ilustradores de todo o mundo.

³ PINHEIRO, Silvana. *Respostas de Silvana Pinheiro*. 2015. Entrevista concedida a Ivana Esteves, Vitória, 11 a 25 de maio de 2015.

Durante as entrevistas, realizadas em sua residência, Silvana criticou a ausência de investimento dos governos em livros infantis de autores capixabas e reclamou o fato de as escolas particulares adotarem muito pouco os livros dos escritores que produzem literatura para crianças no estado. Como Francisco Aurelio [Ribeiro], Silvana reclama que está cada vez mais difícil editar fora do Espírito Santo. Uma saída encontrada pela escritora para expressar sua escrita e apresentar seus livros tem sido a internet, onde ela tem uma página com suas obras. A escritora afirma que está cansada do protagonismo na produção, divulgação e comercialização de seus livros:

Sempre archei com meus lançamentos aqui, às vezes com apoios de livreiros e representantes amigos. Está faltando no Espírito Santo editoras, com profissionais da área gráfica especializados nesse tipo de produção. E também uma atuação mais positiva dos poderes públicos locais na formação de leitores nas escolas, por meio de formação em serviço dos mediadores de leitura e na facilitação do acesso dos estudantes aos livros, por meio principalmente de bibliotecas bem equipadas, com acervos de qualidade e bibliotecários preparados, o que hoje ainda não é uma realidade (Informação verbal)⁴.

Silvana, que, em 1994, lançou seu primeiro livro, *História de estrela*, a partir de uma premiação literária da Fundação Ceciliano Abel de Almeida/ES, da UFES, se incomoda com a raridade de concursos literários no Espírito Santo nos últimos tempos. De acordo com Silvana, os concursos trazem um retorno positivo de divulgação, o que impacta na distribuição. Ela aprecia os concursos literários face ao fato de não sofrerem a contaminação do mercado.

Importante ressaltar que o fato de ter seus livros publicados por editoras nacionais, como a DCL, a Cortez e a RHJ, não a deixou de braços cruzados. Além de participar ativamente de eventos literários em ambientes de educação formal, como o escolar, Silvana está sempre atuando em saraus literários e em projetos que visam o incentivo à leitura e o consumo de livros, sobretudo os direcionados ao público infantil [...].

⁴ PINHEIRO, Silvana. *Respostas de Silvana Pinheiro*. 2015. Entrevista concedida a Ivana Esteves, Vitória, 11 a 25 de maio de 2015.

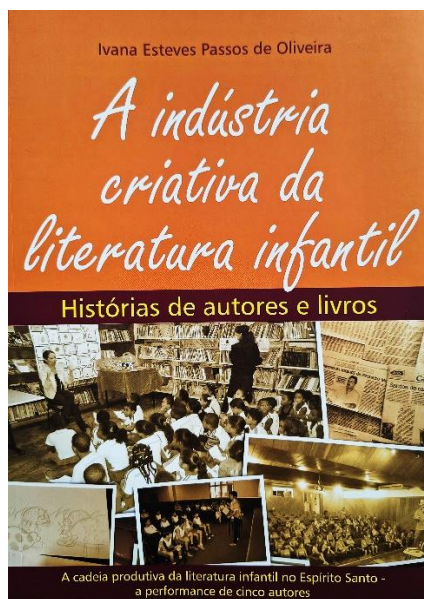
Mesmo em relação à comercialização dos livros das editoras nacionais, deve-se mencionar que Silvana tem que “arregaçar as mangas” e realizar a sua divulgação, sobretudo nas escolas: “Mesmo sendo livro de editora nacional, é o autor que, muitas vezes, tem que cavar espaço nas escolas”, lamenta a escritora (Informação verbal)⁵. No entanto, ressalta que, do ponto de vista da qualidade da produção e de seu crescimento, o cenário não é tão desolador, pois:

A literatura infantojuvenil, hoje, ocupa uma significativa parcela do mercado editorial brasileiro. Podemos ver o surgimento, a cada ano, de novas editoras, e o lançamento de um número crescente de títulos. Essa expansão quantitativa também tem sido acompanhada de uma melhoria da qualidade estética dos livros infantis, tanto no que diz respeito aos aspectos literários, como em relação aos aspectos gráfico-visuais, o que faz o Brasil despontar, no mercado mundial, como país que produz uma literatura para crianças capaz de competir com muitos países do chamado primeiro mundo (PINHEIRO, apud RIBEIRO, 1997, p. 89).

Parece haver uma dissonância no Espírito Santo em relação aos estados vizinhos – Rio de Janeiro, São Paulo, Minas Gerais e Bahia. O escritor que produz no estado começa a ficar à margem do mercado nacional de livros infantis. Silvana observa que está difícil para o escritor que produz livros aqui chegar a uma editora nacional. Por aqui, como observa Silvana, o escritor é que tem que buscar as formas de produzir, divulgar e comercializar suas obras. “O escritor de livros infantis no Espírito Santo luta para produzir, luta para publicar, luta para divulgar e luta para distribuir”, desabafa Silvana Pinheiro (Informação verbal)⁶.

⁵ PINHEIRO, Silvana. *Respostas de Silvana Pinheiro*. 2015. Entrevista concedida a Ivana Esteves, Vitória, 11 a 25 de maio de 2015.

⁶ PINHEIRO, Silvana. *Respostas de Silvana Pinheiro*. 2015. Entrevista concedida a Ivana Esteves, Vitória, 11 a 25 de maio de 2015.



4.3. Rompendo as fronteiras do Estado com Silvana Pinheiro

"O escritor de livros infantis no Espírito Santo luta
para publicar, luta para divulgar e luta para distribuir".

Silvana Pinheiro

Silvana Pinheiro é natural de Vitória, capital do Espírito Santo. Mestre em Estudos Literários pela UFES, Graduada em Letras e Pedagogia, atua como educadora na Rede Estadual de Ensino e como prestadora de serviços em palestras, cursos e oficinas ligadas à formação de mediadores de leitura, além de revisora textual. Muitos de seus livros já foram selecionados para compor o acervo de escolas públicas e particulares de todo o Brasil. Escreve também roteiros de histórias em quadrinhos e outros materiais endereçados a crianças e jovens. Ávida leitora desde nova, sua caminhada em direção a se tornar escritora não surpreendeu a ninguém. Hoje computa 9 livros publicados, com destinação a crianças e jovens.

Com suas obras infantis *História de estréia* (1994), na quinta edição, pela Editora RHJ (RJ), com ilustrações e Márcia Franco; *O jogo dos sete tempos* (1995), já esgotado, pela Editora Vindecunicações (RJ), com ilustrações de Marcos Garcia; *De bichos pequenos e grandes* (1997) pela Ultimato Editora, de Vitória, com ilustrações de Canini; *Hoje um beija-flor* (1999), já esgotado, pela Lei Rubem Braga e edição independente, com ilustração de Cléria Crema; *Uma luz no fim do beco* (2001), já esgotado, com edição do Movimento Capixaba de Voluntários, um livro sob demanda, ilustrado por Lusitônio Scopel; *A casa rosa* (2005), Editora DCL (SP), com ilustrações de Rosinha Campos e Amar o mar (2005) pela Editora DCL (SP), ilustrado por Pê, e *Vitória - uma ilha cercada de terras* (2007), pela Editora Cortez (SP), ilustrado por Joyce Brandão e *Amigos da Terra* (2012), pela Editora Nova Alexandria (SP), Silvana Pinheiro se insere no universo de poucos escritores de livros direcionados a crianças produzidos no Espírito Santo a conseguir ultrapassar as fronteiras do Estado, publicando em editoras nacionais.

A escritora integrou, na década de 1990, o PROLER-ES, projeto em prol do

106

Capa do livro *A indústria criativa da literatura infantil*, de Ivana Esteves Passos de Oliveira, e página inicial da parte que trata da obra de Silvana Pinheiro.

ORELHA DE *PRÓXIMO PASSO*

PREVIEW OF *PRÓXIMO PASSO*

Alfredo Andrade*

*P*róximo passo é o quarto livro de poemas de Silvana Pinheiro. Embora ela esteja há mais tempo produzindo títulos voltados para o público infantil, a poesia tem se tornado cada vez mais presente em sua obra.

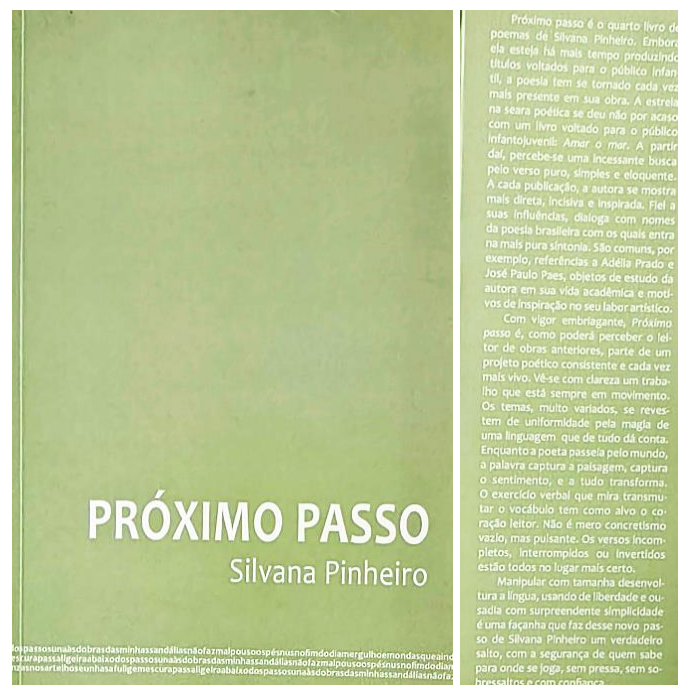
A estreia na seara poética se deu não por acaso com um livro voltado para o público infantojuvenil: *Amar o mar*. A partir daí, percebe-se uma incessante busca pelo verso puro, simples e eloquente. A cada publicação, a autora se mostra mais direta, incisiva e inspirada. Fiel a suas influências, dialoga com nomes da poesia brasileira com as quais entra na mais pura sintonia. É visível, por exemplo, a influência de Adélia Prado e José Paulo Paes, objetos de estudo da autora em sua vida acadêmica e motivos de inspiração no seu labor artístico.

¹ ANDRADE, Alfredo. Orelha de *Próximo passo*. In: PINHEIRO, Silvana. *Próximo passo*. Vitória: Cândida, 2023.

* Editor.

Com vigor embriagante, *Próximo passo* é, como poderá perceber o leitor de obras anteriores, parte de um projeto poético consistente e cada vez mais vivo. Vê-se com clareza um trabalho que está sempre em movimento. Os temas muito variados se revestem de uniformidade pela magia de uma linguagem que de tudo dá conta. Enquanto a poeta passeia pelo mundo, a palavra captura a paisagem, captura o sentimento, e a tudo transforma. O exercício verbal que mira transmutar o vocábulo tem como alvo o coração do leitor. Não é mero concretismo vazio, mas pulsante. Os versos incompletos, interrompidos ou invertidos estão todos no lugar mais certo.

Manipular com tamanha desenvoltura a língua, usando de liberdade e ousadia com surpreendente simplicidade é uma façanha que faz desse novo passo de Silvana Pinheiro um verdadeiro salto, com a segurança de quem sabe para onde se joga, sem pressa, sem sobressaltos e com confiança.



Capa de *Próximo passo*, de Silvana Pinheiro,
e orelha de Alfredo Santos Junior sobre o livro.

SILVANA PINHEIRO, ESCRITORA:
“NOVAS GERAÇÕES LIDAM
COM UMA VIDA IRREAL” —
ESTÚDIO TRIBUNA ONLINE #93¹

SILVANA PINHEIRO, WRITER:
“NEW GENERATIONS ARE DEALING
WITH AN UNREAL LIFE” —
TRIBUNA ONLINE STUDIO #93

Luciano Rangel*

Luciano Rangel (LR): Estúdio Tribuna online hoje com Silvana Pinheiro, capixaba de Vitória, escritora e orientadora familiar sistêmica com doutorado em Letras pela Ufes. É autora de diversos livros de literatura para crianças e também livros de poesia. E está completando 30 anos desse ofício de escrever. Um prazer ter você aqui, Silvana.

¹ TRIBUNA online. *Silvana Pinheiro, escritora: "Novas gerações lidam com uma vida irreal" — Estúdio Tribuna Online #93*. Entrevista a Luciano Rangel. Vitória, 21 ago. 2024. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=nRBaWKWSo2A>>. Acesso em: 28 mar. 2026.

* Bacharel em Comunicação Social pela Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes).

Silvana Pinheiro (SP): Obrigada. Muito bom, agradeço o convite, e a oportunidade também.

LR: Silvana, nunca precisamos tanto de livros como agora?

SP: É, sem dúvida alguma, nós estamos vivendo num tempo da era da informação, e se, por um lado, a gente ganhou muito com toda a questão digital, com todas as oportunidades que isso traz para a vida da gente, para a sociedade de um modo geral, isso tem roubado das novas gerações o contato com as histórias, com as narrativas que o livro possibilita, porque quando você lê, você tem contato com algo que aconteceu com alguém num determinado lugar que talvez a pessoa nunca vai acessar a não ser por meio do livro. Isso possibilita desenvolvimento da imaginação, aquisição de informações; desenvolve uma série de habilidades neurológicas, que estão se perdendo das novas gerações que não vivenciam isso. Nós temos muita gente que lê, sim, temos projetos bonitos de leitura na sociedade que disseminam isso, mas acho que mais do que nunca a gente precisa valorizar isso no contexto da família, no contexto da escola, da sociedade de um modo geral, valorizando as bibliotecas, o trabalho das escolas, principalmente para aquelas classes menos favorecidas, que não têm isso em casa. Talvez o único acesso que algumas crianças vão ter ao livro vai ser na escola, na biblioteca escolar ou na biblioteca comunitária ou na biblioteca pública de um município. Então, esses espaços precisam ser muito valorizados.



Prints da exibição do programa *Tribuna Online Studio #93*, com a entrevista de Silvana Pinheiro a Luciano Rangel.

LR: Você está nessa caminhada, que é uma vitória: são 30 anos desse ofício de

escrever. Queria que você falasse um pouco como você enveredou por esse caminho e se você percebe — você falou dessa nova era que a gente vive, do digital, e você atua também como orientadora familiar — uma transição, no comportamento das pessoas, na percepção, na cognição das pessoas, de uma era da literatura, da leitura de papel para uma era digital?

SP: Começar pela questão dos 30 anos. Quando em 1994 eu publiquei esse primeiro livro...

LR: A *História de estrela*...

SP: *História de estrela*, publicado pela editora RHJ, de Minas Gerais, com as ilustrações da Márcia Franco, foi a minha porta de entrada. Eu já escrevia, mas não tinha oportunidade de publicar.



Capa de *História de estrela*, de Silvana Pinheiro, e print da exibição do programa *Tribuna Online Studio* #93, com a entrevista de Silvana Pinheiro a Luciano Rangel.

Eu participei de um concurso da Fundação Ceciliano Abel de Almeida, a antiga Fundação Ceciliano Abel de Almeida, e o texto foi premiado com menção honrosa. Isso abriu porta para essa editora publicar. Nós nem tínhamos editoras infantis aqui na época, 30 anos atrás... Hoje nós temos várias. Que bom, não é? Muita gente publicando, muita gente escrevendo, ilustrando e fazendo coisas lindas, mas na época não tinha. E foi a porta de entrada; isso me abriu possibilidade de continuar escrevendo e de continuar publicando. A minha ligação com a literatura

infantojuvenil veio do trabalho como educadora. Na época eu trabalhava na Secretaria de Educação; eu participava das leituras dos livros para selecionar livros para a escola, e aí eu fui me encantando. Eu sempre amei ler, sempre por força até da influência da minha mãe, que gostava de escrever. Então, eu sempre amei ler. E isso foi engrenando uma coisa na outra, e há 30 anos eu comecei.

LR: A gente percebe nos seus livros também a força da ilustração, que é um casamento muito bacana entre o seu texto e o ilustrador. Como é que funciona esse casamento?

SP: A ilustração, o livro infantil, ele é um objeto que é composto por dois tipos de texto: o texto verbal e o texto não verbal, o texto imagético. São duas linguagens diferentes que têm que dialogar entre si. Uma editora que se propõe a trabalhar com o livro para crianças precisa enveredar pelo bom trabalho nas duas linguagens. Isso não é simplesmente o ilustrador ilustrar "exatinho" o que o texto diz. A boa ilustração infantil, o ilustrador, ele vai além, ele coloca um detalhezinho que não entrou no texto, ele vai criando também novas possibilidades em cima do texto. E hoje o Brasil é bastante premiado lá fora com bons ilustradores, com bons escritores de literatura infantojuvenil. Nossa literatura é de uma riqueza muito grande.



Capa da *Brazilian Book Magazine*, da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ), e página em que se reporta o livro *Houve um beija-flor*, de Silvana Pinheiro.

Nós temos um país enorme que tem uma possibilidade cultural. Nós temos coisas boas no Norte, no Sul, no Sudeste. Aqui no estado a gente hoje está já adquirindo uma maturidade grande, porque temos hoje muito bons escritores. É um trabalho de arte mesmo; são duas linguagens de arte...

LR: Que se complementam.

SP: Que se complementam, que dialogam entre si.

LR: E você tem um novo livro chamado *Notícias para Marina*, que a gente está falando aqui. É um lançamento. Você, qual é a matéria-prima e qual é a fonte de inspiração para essa sua nova obra?



Capa de *Notícias para Marina*, de Silvana Pinheiro, e print da exibição do programa *Tribuna Online Studio #93*, com a entrevista de Silvana Pinheiro a Luciano Rangel.

SP: Nesse caso aí, de *Notícias*... Em cada livro a fonte de inspiração vem de uma palavra, de uma música, de um fato que eu... Nesse caso, foi uma matéria de jornal: é sobre a história de um menino marroquino que há dois anos atrás, todo mundo acompanhou nas mídias, ele tentava atravessar o mediterrâneo para chegar à costa da Espanha. E aquela notícia me impactou muito, mexeu muito comigo, ficou muito... E o texto nasce daí. Mas eu vou enveredando para outras coisas, e o texto acaba falando mais especificamente, abordando como tema

principal, a questão da reciclagem de materiais. É bem baseado nisso, porque é a história de uma menina que é filha de uma catadora de materiais reciclados.

LR: A gente falava aqui, Silvana, antes, sobre essa mudança. Como é que você avalia esses novos tempos do digital e esse confronto que tem, que existe, entre o analógico, entre a escrita, entre o papel e essas novas gerações tão dominadas pelo “hábito digital”, vamos dizer assim?

SP: É, isso tem pesquisas que já começam a mostrar que a gente caminha para mudanças neurológicas...

LR: Cognitivas.

SP: Cognitivas mesmo. A memória, por exemplo, é um fato bastante focado nesse sentido, porque a gente exercita pouco a memória agora, a gente tem tudo à mão nessa caixinha que é o celular. Então, eu há 30 anos atrás — e até hoje — sei de cor o telefone fixo dos meus pais.

LR: No tempo que havia o telefone fixo.

SP: No tempo que havia o telefone fixo. Hoje eu não sei de cor o telefone do meu filho do celular, porque eu não preciso, na medida em que a nossa vida vai não demandando o exercício da memória... Essa semana eu estava conversando com um senhor de 81 anos; eu fiquei impressionada com a memória dele. Eu falei: Gente, as novas gerações não vão ter isso mais! Porque ele traz tudo na cabeça. O impacto, além desse, são outros: a questão do movimento do corpo também: como as crianças ficam muito paralisadas diante das telas boa parte dos seus dias e hoje elas não têm às vezes tanto espaço para brincar, a não ser na escola, então, isso vai afetando também as condições corporais, as nossas habilidades corporais e a retenção de energia corporal, porque uma criança precisa gastar energia, não é? Se ela não tem muito espaço disso e se boa parte

do tempo dela ela fica diante das telas, isso tem uma forte influência no desenvolvimento dela. Uma outra questão que me preocupa: eu me lembro de um rapaz, que eu atendi na minha escola, onde eu trabalhei, que ele tinha uma série de questões familiares, e um dia eu perguntei para ele: Você não tem amigos? E ele falou para mim: “Não, eu tenho na internet”. A questão relacional também é muito séria. A gente está vendo uma geração que, diante das telas, sabe se relacionar, fala tudo o que quer, às vezes, até o que não precisa, porque como não aparece pessoalmente, ela tem coragem de falar coisas que às vezes não falaria [sem estar] frente à tela, mas na relação pessoal tem pouquíssimas habilidades. Então, a vida digital vai trazendo uma série de modificações que a gente precisa atentar para isso.

LR: Sem falar na própria ansiedade. É um tema que o jornal da *Tribuna*, que a gente sempre aborda muito aqui nas reportagens que a gente ouve dos especialistas. Inclusive, eu conversava, ontem, esses dias, com o especialista em inteligência artificial; a gente brincava que nunca os psicólogos tiveram tanto trabalho como hoje. Você percebe essa ansiedade nessas gerações novas?

SP: Sim, percebo. Um dos fatores, eu vejo, é associado ao contato com as telas e as redes sociais, porque as redes sociais às vezes mostram uma parte da vida das pessoas, que é a vida que funciona. É a vida que dá certo; ninguém vai para a rede social falar: “Ah, eu estou deprimida...”, “Eu estou com uma doença séria...”. Raríssimas as situações em que isso acontece; então, as novas gerações vão lidando com uma vida que é irreal, porque a vida não é só sucesso; a vida não é só coisa boa; a vida não é a “família de margarina”, de propaganda de margarina. A vida é diferente; a vida, a realidade da vida, é complexa e cheia de desafios. E, às vezes, isso traz um senso de comparação: “Eu não vivo isso, mas eu vejo uma porção de gente que vive. O que que tem de errado comigo?”. Isso traz, isso se traduz num percentual de ansiedade e depressão também.

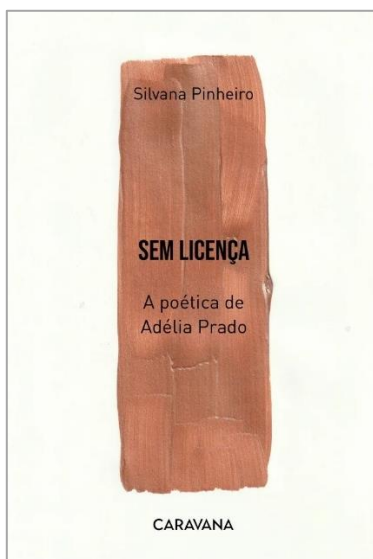
LR: Uma das suas áreas de atuação, Silvana: você é orientadora familiar. Como está a saúde das famílias, a saúde mental das famílias, a saúde comportamental das famílias?

SP: Nós vivemos um tempo muito desafiador. É um conjunto de coisas que influencia essa condição de saúde mental. Uma delas é essa questão digital das redes sociais; o grande tempo que os membros da família passam diante da tela e não passam entre si; você, cada um tem — as famílias que têm condição —, cada uma delas tem o seu televisor no seu quarto, já não assiste nem televisão junto, não almoçam juntos, não jantam juntos. Isso é uma realidade que afeta o relacionamento, o tempo de qualidade de um relacionamento. Além disso, as próprias condições de trabalho, de pouco tempo, de muito trabalho dos pais fora de casa; as crianças ficarem mais sem contato com outras crianças também por uma questão de segurança; as pessoas não podem muitas vezes sair das suas casas para brincar porque não têm segurança para isso. Um conjunto de coisas vai se somando, não é? Toda essa condição também de informação a que a gente tem acesso hoje: uma coisa que acontece lá na Ucrânia com a Rússia você já sabe imediatamente que está acontecendo... Isso vai gerando um senso de fragilidade diante de tanta coisa que acontece no mundo e que a gente sabe como avalanche de coisas que vão chegando. Isso tudo vai afetando as relações, vai afetando a qualidade do sono das pessoas, vai afetando a condição de bom estado de saúde mental. A gente percebe um grande aumento do nível de ansiedade, de depressão, de procuras por tratamentos, por terapias em larga escala mesmo.

LR: Se as crianças, se o mundo futuro pertence às crianças, quando você escreve e está se comunicando com elas, qual é a grande mensagem que você acha que, de alguma forma, você gostaria que as crianças desenvolvessem para esse futuro que será delas?

SP: Uma tônica que, eu acho que está sempre presente nos meus textos, tem a ver com a questão relacional, com a questão do olhar para o outro, de perceber o outro, de sair de uma ótica de competição — tão presente na nossa sociedade — para uma ótica de mais cooperação. Acho que são valores que estão muito presentes na minha busca pessoal como pessoa, como profissional, como mulher, e eu acho que isso acaba saindo com muita força nos meus textos: a valorização da vida, a valorização do outro. Eu acho que a gente está precisando um pouco mais disso.

LR: Você enveredou pela poesia, você faz esse trabalho... Além disso, é importante citar que a sua tese de doutorado foi a respeito da poesia de Adélia Prado. Você publicou inclusive *Sem licença: a poética de Adélia Prado*, pela editora Caravana...

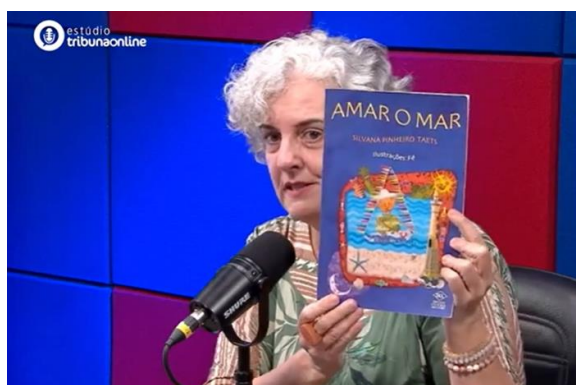
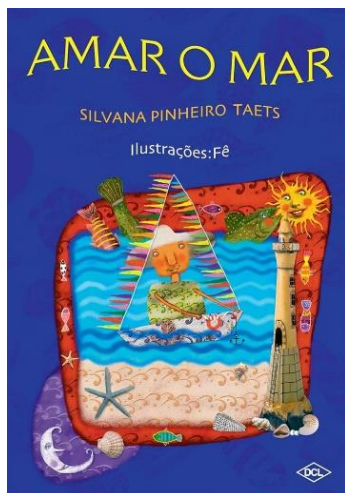


Capa do ensaio *Sem licença: a poética de Adélia Prado*, de Silvana Pinheiro, e Adélia Prado (Foto sem crédito).

SP: Isso.

LR: Como é que é esse transitar, agora, pela poesia, saindo do livro infantil, e a poesia?

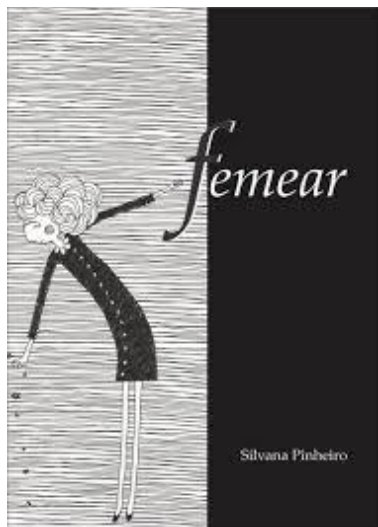
SP: Então, eu comecei mesmo com o livro infantil. Em 2005, eu publiquei esse livro aqui, que foi o meu primeiro livro de poemas, mas foi para criança, que se chama *Amar o mar*.



Capa de *Amar o mar*, de Silvana Pinheiro, e print da exibição do programa *Tribuna Online Studio #93*, com a entrevista de Silvana Pinheiro a Luciano Rangel. Abaixo, lançamento do livro (Acervo da autora).



E aí eu continuei produzindo poesia, que é algo de que eu gosto muito, e mesmo nos meus textos narrativos a poesia está muito presente também. Em 2014, quando eu completei 20 anos do meu trabalho literário, eu publiquei, eu me dei de presente esse livro aqui, *femear*...



Capa de *femear*, de Silvana Pinheiro, e print da exibição do programa *Tribuna Online Studio* #93, com a entrevista de Silvana Pinheiro a Luciano Rangel.

LR: Sim, nós falamos desse livro aqui no jornal da Tribuna na época.



EM "FEMEAR", SILVANA PINHEIRO aborda diferentes assuntos, de relacionamentos a conflitos

Livro de poesias com olhar feminino

A escritora Silvana Pinheiro lança hoje "Femear" e comemora 20 anos do seu primeiro livro, na Biblioteca Pública Estadual

Rafael Moura

A análise humana respaldada por um viés feminino é tema do 10º livro que a escritora capixaba Silvana Pinheiro, de 49 anos, lança hoje, às 19 horas, na Biblioteca Pública Estadual, em Vitória. Trata-se da obra "Femear". Embora a palavra já exista como verbo (no sentido de "andar com as fêmeas"), a autora, que é Mestre em Estudos Literários, estabeleceu que o título seria um neologismo a partir da ideia da mistura de semente com feminilidade. "A palavra semente, na sua ori-

gem, tem sua ligação com o masculino. Eu quis trazer esse novo significado para o olhar feminino. Falo sobre diferentes temas, de relacionamentos a conflitos. Antes de ser feminino, o livro aborda o humano", ponderou.

O novo trabalho da escritora traz 35 poesias curtas dispostas em 108 páginas. Silvana, que já havia trilhado um caminho na literatura infantojuvenil — seus outros trabalhos foram basicamente destinados a esse público —, celebra o livro inédito como um marco.

"Nos últimos anos, venho fazendo mais livros para jovens adultos. Cusnei a publicar: O 'Femear' é a síntese dos últimos anos de produção. Eu já vinha produzindo, mas a publicação demarca. É algo que quero enveredar", frisou.

A escolha por textos em formato de poesia foi algo natural à escritora. Sua formação literária teve o empurrãozinho do pai, que era músico, e da mãe, que também es-

crevia poesias. "A preferência está na vivência, de ter um olhar, uma sensibilidade com a palavra".

Além de lançar "Femear", Silvana comemora, hoje à noite, os 20 anos de sua primeira obra, "História de Estrela". "Num País que é tão difícil publicar, me considero muito vitoriosa", finalizou.

SERVIÇO

"Femear"
» O QUE: Lançamento do livro "Femear", da escritora Silvana Pinheiro, e comemoração de 20 anos da obra "História de Estrela". Cada exemplar da obra será vendido pelo valor de R\$ 25,00.

» QUANDO: Hoje, às 19 horas
» ONDE: Biblioteca Pública Estadual, Rua João Batista Parras, 165, Praia do Suã, Vitória

» ENTRADA: Gratuita

» INFORMAÇÕES: 3137-9349

Página do jornal *A Tribuna* com reportagem sobre *femear*, de Silvana Pinheiro.

SP: Exato. Vocês me fizeram uma boa divulgação dele. Esse foi efetivamente meu primeiro livro de poemas para adultos. E, agora, esse ano — Dá licença, deixa eu pegar aqui —, esse ano eu tenho publicado também pela Editora Cândida, que é também aqui do estado, esse livro que se chama *Próximo passo*, que é uma seleção de poemas que eu fiz dos quatro últimos anos da minha produção; nem todos entraram, e eu selecionei aqueles que eu acho que cabiam dentro da proposta de edição desse livro.



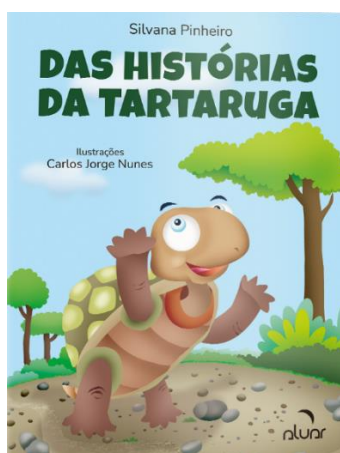


Lançamento de *Próximo passo*, de Silvana Pinheiro (Acervo da autora), capa do livro e print da exibição do programa *Tribuna Online Studio #93*, com a entrevista de Silvana Pinheiro a Luciano Rangel.

Este ano que eu tô completando 30 anos, eu estou tendo a graça de publicar esse livro de poemas, o livro *Notícias para Marina*, que você já mostrou, e também estou publicando esse livro aqui, *Das histórias da tartaruga*, que já é um texto antigo, mais antigo, escrito já há mais tempo, mas de que eu gosto muito... eu coleciono histórias de tartaruga, sabe?

LR: É mesmo?

SP: Acho que eu tenho uma identificação... Eu fui colecionando histórias e aí eu publiquei esse livro *Das histórias da tartaruga* também.





Capa de *Das histórias da tartaruga*, de Silvana Pinheiro, print da exibição do programa *Tribuna Online Studio* #93, com a entrevista de Silvana Pinheiro a Luciano Rangel, e registro do lançamento do livro (Acervo da autora).

Esse ano eu estou com esses três novos projetos.

LR: A poesia: vem uma inspiração, qualquer momento, ou você é uma escultora de poemas?

SP: É, não, eu não tenho essa facilidade, essa disciplina: Eu vou sentar e vou escrever todo dia; eu tenho um horário para escrever. Quando “eu crescer” eu acho que eu vou chegar a isso, mas atualmente ainda não. Vem [a poesia] mesmo do meu dia a dia, do meu cotidiano, das coisas que me acontecem, de uma situação que eu vejo, de uma matéria que eu leio, de uma música, às vezes, de uma palavra que me chama a atenção. Eu preciso desse *start* inspiracional para poder escrever, entendeu? Se não...

LR: Não funciona.

SP: Não funciona.

LR: Silvana, eu queria encerrar nossa conversa; queria que você escolhesse um poema, alguma coisa que você achasse significativo de deixar registrado, e que lesse pra gente alguma coisa.

SP: Ah, joia. Sim, vou escolher então aqui um do *Próximo passo*.

LR: Te peguei de surpresa, não é?

SP: É, pois é!

LR: Ah, mas agora vai ter que escolher um aí.

SP: Eu vou ler então um poema, que também dialoga com a questão ambiental, que é uma questão que me chama muita atenção e está muito presente nos meus textos. É uma preocupação minha; eu acho que deve ser uma preocupação de todo mundo. Nós estamos vivendo num tempo que a gente precisa abrir o olhar para isso; a gente está vivendo com desafios muito grandes nessa área. Eu escrevi um poema dedicado até a Sebastião Salgado, que é um grande...

LR: Grande Sebastião Salgado.

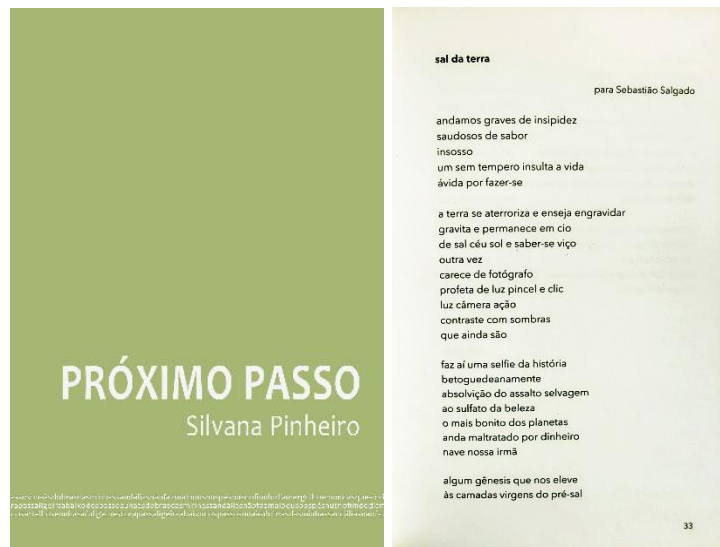
SP: Fotógrafo, e que tem um trabalho ambiental importante aqui também no Espírito Santo. Esse texto se chama "Sal da terra":



Print da exibição do programa *Tribuna Online Studio* #93,
com a entrevista de Silvana Pinheiro a Luciano Rangel.



Imagens de Sebastião Salgado
utilizadas pelo Programa, para acompanhar a leitura de Silvana Pinheiro
de seu poema dedicado ao fotógrafo, "Sal da terra".



Capa de *Próximo passo*, de Silvana Pinheiro,
e página inicial do poema "sal da terra".

sal da terra

para Sebastião Salgado

andamos graves de insipidez
saudosos de sabor
insosso
um sem tempero insulta vida
ávida por fazer-se

a terra se aterroriza e enseja engravidar
gravita e permanece em cio
de sal céu sol e saber-se viço
outra vez
carece de fotógrafo
profeta de luz pincel e clic
luz câmera ação
contraste com sombras
que ainda são

faz aí uma selfie da história
betoguedeanamente
absolvição do assalto selvagem
ao sulfato da beleza
o mais bonito dos planetas
anda maltratado por dinheiro
nave nossa irmã

algum gênese que nos eleve
às camadas virgens do pré-sal
sem desejo de ouro
dourado cinza ou outro
que subjuguie gente

novo êxodus por entre paredes
de um mar azul
sobrepasto a fuzil e carros loucos
nossa história de sangue sem fim
alguma imagem salvadora da escravidão
de nós mesmos

desate o quilombo guanduense no peito
refúgio símile de novas planta-ações
um salto salgado
sobre nossa suspeita insistente
de pessimismos²

LR: Muito lindo! Inclusive, você falou de Beto Guedes; ouvi ele essa semana. Linda essa parte do “sal da terra”, dessa música dele, o nome do disco dele... Eu estava ouvindo recentemente... Muito lindo esse poema! Já vai ficar convidado você vir uma vez por semana ler um poema para a gente aqui, nos trazer paz e nos trazer um caminho...

SP: Precisamos, não é?

² PINHEIRO, Silvana. Sal da terra. In: _____. *Próximo passo*. Vitória: Cândida, 2023. p. 33-34.

LR: Olha, muito obrigado pela sua presença, Silvana. É nossa intenção ouvir escritores capixabas. Você nos honrou com essa sua presença.

SP: Obrigada.

LR: Agradeço muito você aqui hoje.

SP: Obrigada, Luciano. Obrigada, Tribuna, pelo apoio que vocês sempre deram ao meu trabalho.

LR: Muito bom. Esse foi o Estúdio Tribuna Online com Silvana Pinheiro. Obrigado pela audiência.



Prints da exibição do programa *Tribuna Online Studio #93*, com a entrevista de Silvana Pinheiro a Luciano Rangel.

SAÚDE&LIVROS NA JANELA DA PAULISTA: SILVANA PINHEIRO¹

HEALTH&BOOKS IN THE PAULISTA WINDOW: SILVANA PINHEIRO

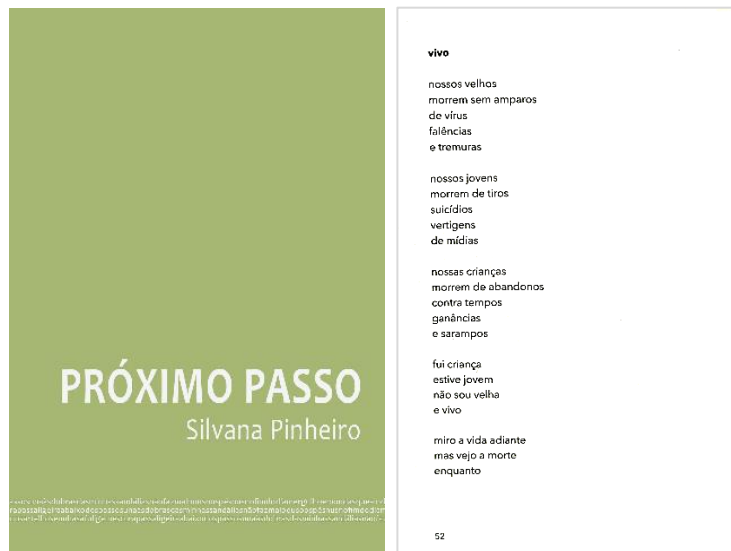
Isabel Fomm*

Isabel Fomm (IF): Poeta, autora de 11 livros infantis, capixaba de Vitória do Espírito Santo. Seu programa *Só Livros* recebe hoje, com muita alegria, Silvana Pinheiro. Silvana, um prazer ter você aqui, viu? Um prazer te conhecer pessoalmente. E eu estou aqui com esse livro: *Próximo passo* é o teu último livro de poemas, não é? Eu devorei.

Silvana Pinheiro (SP): [Leitura do poema “Vivo”]:

¹ FOMM, Isabel. *Saúde&Livros na janela da Paulista — Silvana Pinheiro*. Entrevista a Isabel Fomm. São Paulo, 13 mar. 2026. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Di6Oci2B13s&t=159s>>. Acesso em: 28 mar. 2026.

* Escritora, editora e apresentadora.



Capa de *Próximo passo*, de Silvana Pinheiro, e página com o poema "vivo".

vivo

nossos velhos
morrem sem amparos
de vírus
falências e tremuras

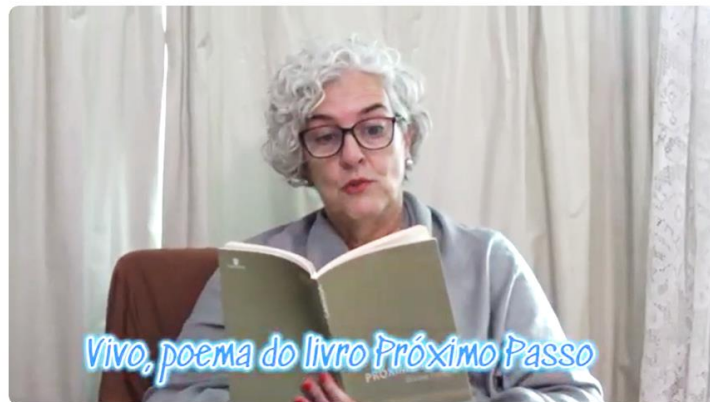
nossos jovens
morrem de tiros
suicídios
vertigens
de mídias

nossas crianças
morrem de abandonos
contra tempos
ganâncias
e sarampos

fui criança
estive jovem
não sou velha
e vivo

miro a vida adiante
mas vejo a morte

enquanto²



Silvana Pinheiro Livro Próximo Passo FMTV SóLivros 152 20260319

Print do programa de Isabel Fomm com Silvana Pinheiro.

IF: Então, eu quero que você me fale um pouco de onde surgiu esta inspiração para escrever livros infantojuvenis.

SP: Primeiro, obrigada pela oportunidade de estar aqui com você também. Muito bom.

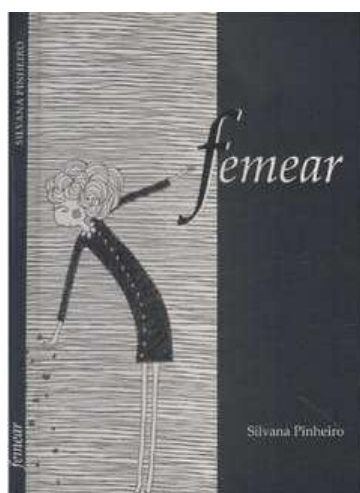
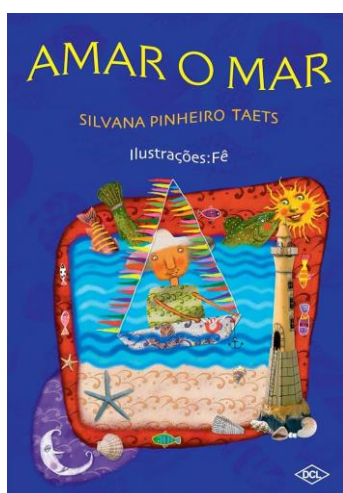
IF: Que isso! É um grande prazer!

SP: Eu venho também de um trabalho como educadora durante muitos anos. E na Secretaria de Educação Estadual, onde eu trabalhei, lá eu trabalhava também com seleção de livros para as escolas. Eu recebia muitos livros infantis, e eu já escrevia, mas com o contato com os livros infantis — e também foi na época do nascimento dos meus dois filhos — isso despertou em mim um interesse pela infância. Então, minha entrada na produção de literatura foi via livros para crianças; depois que a poesia apareceu.

IF: É? E como apareceu a poesia?

² PINHEIRO, Silvana. Vivo. In: _____. *Próximo passo*. Vitória: Cândida, 2023. p. 52.

SP: De alguma forma ela estava sempre presente nos outros livros. Eu escrevi um livro de poemas para criança chamado *Amar o mar*. E eu tenho uma vocação, um interesse pela música muito grande, que vem da minha família, que é muito musical. Os poemas nasceram muito por essa coisa do som, da palavra, e produzi esse primeiro livro de poesias. Quando eu já estava mais madura como escritora, aí começaram a aparecer os poemas mesmo. Publiquei um primeiro livro de poema chamado *femear*, que é um livro que fala do lugar da mulher de muitas formas. E depois eu fiz um livro artesanal de um poema chamado *Feita em casa*, [livro] que eu mesma aprendi a encadernar para fazer a produção. E agora, no ano retrasado, quando eu completei 30 anos de publicação do meu primeiro livro infantil, eu tive oportunidade de publicar esse aí, *Próximo passo*.





Capas dos livros de poesia de Silvana Pinheiro.

IF: Que é muito lindo. Eu devorei, já falei, fui falar de novo. E é muito interessante como você trabalha com as palavras, você combina palavras, dá novos sentidos aos termos, aos, enfim, às palavras. E isso é encantador na poesia. É muito, muito bonito.

SP: É algo que realmente me atrai na palavra, essa possibilidade de você manejar com significados, com sons, com recomposições, decomposições.

IF: E é aí que entra a música, não é?

SP: É aí que entra muito a música.

IF: E porque tem ritmo, não é? Os poemas têm um ritmo. Incrível.

SP: Sim.

IF: Incrível. Muito legal.

SP: A musicalidade — embora não esteja muito em voga na poesia contemporânea — é uma coisa muito presente no meu texto, tanto para criança quanto para esses textos mais para adultos, porque no texto narrativo infantil

também ele é meio em prosa poética, ele tem uma poesia também, sabe? Ele não é só a narrativa.

IF: É, quer dizer, a poesia sempre esteve presente na tua obra. De uma maneira ou de outra, não é? Ou embutida na narrativa infantojuvenil ou, clara e linda, como aqui na minha dica de livro para você hoje. O *Próximo passo*, não, *Próximo passo* sem o. *Próximo passo*, de Silvana Pinheiro. Fácil de achar?

SP: Fácil de achar; foi publicado por uma editora de Vitória, Cândida, editora Cândida, que publicou esse livro; publica muitos outros capixabas muito bons escritores, tem o site da editora que você pode achar com facilidade.

IF: Então, aí, para você, *Próximo passo*, de Silvana Pinheiro. E eu, eu sou Isabel Fomm Vasconcelos Caetane. Também sou escritora, graças a Deus, tenho 24 livros publicados e estou sempre aqui com você na sua FMTV, te dando aquela dica de livro que eu li, gostei e que fez diferença na minha vida. Muito obrigada, Silvana.

SP: Obrigada você, Isabel. Um prazer grande estar aqui com você.

IF: Então, com o *Próximo passo* de Silvana Pinheiro. Até a próxima.



20260319 FMTV 152 Silvana Pinheiro



20260319 FMTV 152 Silvana Pinheiro

Marcar como "Gostei"

Prints do programa de Isabel Fomm com Silvana Pinheiro.

ENCRUZILHADAS DE POESIA E PROSA EM HUDSON RIBEIRO: SELETA AFRO-CAPIXABA

CROSSROADS OF POETRY AND PROSE IN HUDSON RIBEIRO: *AFRO-CAPIXABA* SELECTED WORKS

Luana Gabriela Paslawski*
Vitor Cei*

Hudson Ribeiro nasceu em 1961, em Vitória, no Espírito Santo, terra de contradições e tensões raciais. Conforme aponta Cleber Maciel (2016), o estado, com registros de negros escravizados desde 1550, foi uma das capitanias hereditárias que mais praticou o tráfico negreiro. Não por acaso, o Espírito Santo também foi pioneiro na promoção de uma política de embranquecimento populacional: a primeira colônia açoriana, em Viana (1812); a primeira colônia alemã, em Santa Isabel (1847); e o primeiro

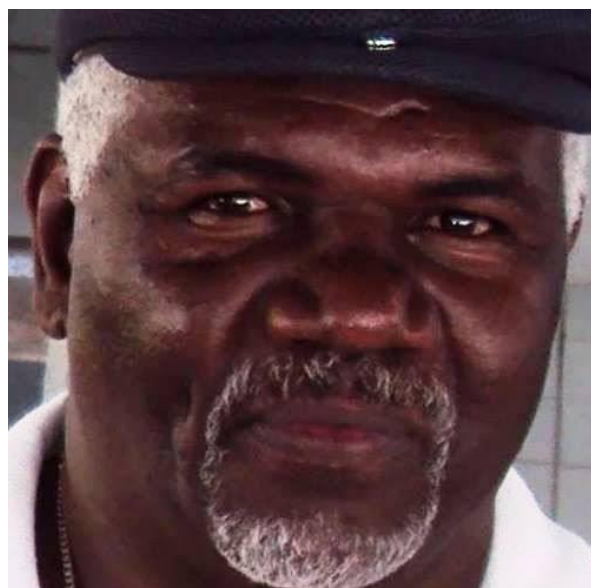
* Doutoranda em Letras na Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes).

* Doutor em Estudos Literários pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

contingente de imigrantes italianos a chegar ao Brasil, que desembarcou no porto de Vitória, em 1874, rumo à fundação de Santa Teresa — efeméride celebrada e estudada em seu 150º aniversário (Fontes; Zidaric; Padilha, 2024).

Paradoxalmente, nesse contexto regional em que a maioria da população é afrodescendente e remanescente de diversas culturas e etnias africanas e indígenas (Maciel, 2016), durante muito tempo a historiografia capixaba obliterou a presença negra e os confrontos entre indígenas e imigrantes europeus. De acordo com Leonardo Nascimento Bourguignon (2024), priorizou-se a promoção de falácias como a do “vazio demográfico”, que falsamente declara que os imigrantes europeus teriam se estabelecido em território desabitado, quando, na verdade, ocorreram deslocamentos forçados das populações que aqui residiam. A essa perspectiva racista acrescentaram-se outras representações, como a que atrela o desenvolvimento econômico exclusivamente ao empreendedorismo do imigrante europeu. Como resultado, os trabalhos acadêmicos e culturais têm se dedicado majoritariamente à presença real e simbólica dos imigrantes europeus, sobretudo italianos e germânicos (Maciel, 2016; Gualberto, 2016).

Nesse contexto racista, Hudson Ribeiro passou a infância durante a ditadura civil-militar — tema do conto “Chaga”, incluído nesta seleta —, período que coincidiu com o fortalecimento do Movimento Negro brasileiro. Conforme aponta Conceição Evaristo (2009), a partir da década de 1970, esse movimento incentivou os afro-brasileiros a voltar seus olhares para a África. Tal direcionamento aumentou a visibilidade de uma linguagem literária focada na realidade do negro no Brasil e na recuperação das culturas africanas e afro-brasileiras em diáspora.





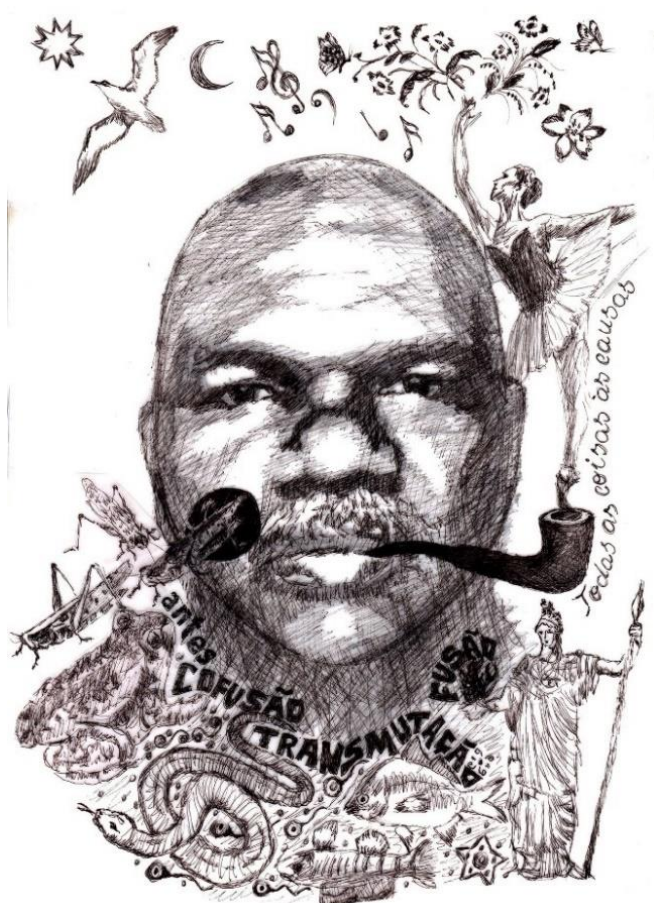
O escritor Hudson Ribeiro (Fotos sem crédito).

Essa literatura afrobrasileira se articula pela junção de cinco componentes: “[...] a temática, autoria, ponto de vista, linguagem e público” (Duarte, 2014, p. 277). Em contrapartida, essa posição do escritor ou intelectual negro engajado ainda hoje é “mal vista pela academia e pelos espaços institucionalizados, como se pudéssemos ainda omitir todas as posições de poder e saber já institucionalizadas” (Silva, 2016, p. 32).

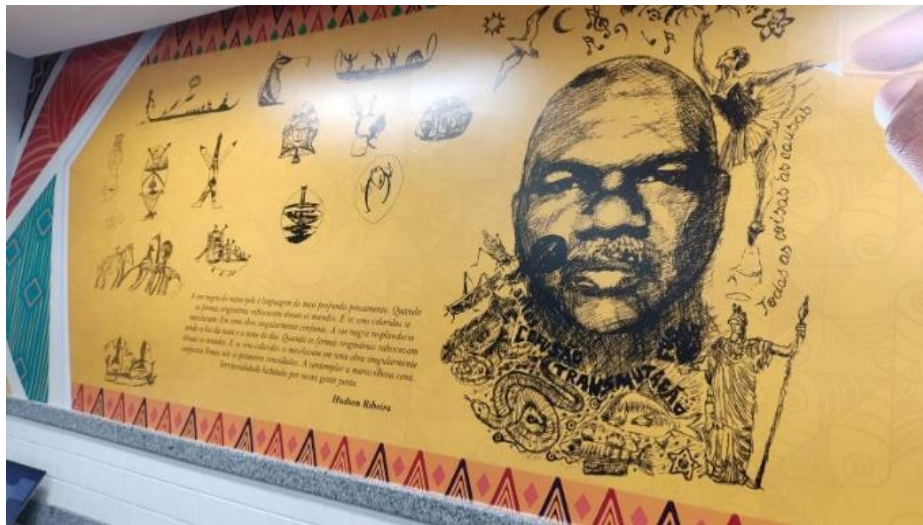
Essa escrita, seja de uma escritora reconhecida, como Conceição Evaristo, ou de um escritor capixaba menos conhecido, como Hudson Ribeiro, faz-se necessária, pois evidencia questões antes ignoradas ou silenciadas, cujo espaço vem sendo construído ainda muito recentemente. Reescrever aquilo que foi mal contado faz

parte do esforço de questionar determinadas representações caricatas que perduraram, legitimando ou até conduzindo a compactuar com visões preconceituosas sobre os grupos chamados de minorias.

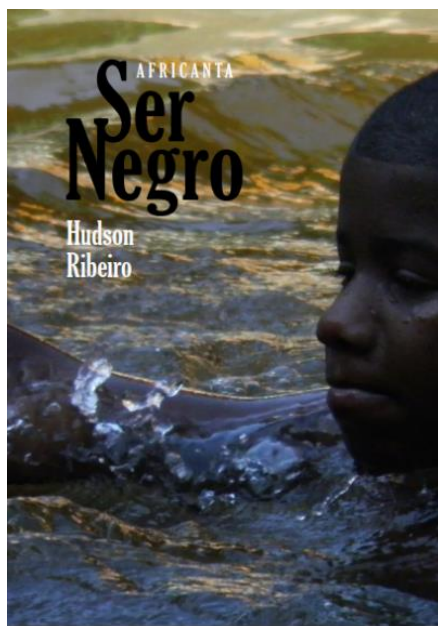
Esta seleta apresenta uma amostra da poesia e da narrativa ficcional contra-hegemônica de Ribeiro, com protagonismo negro, que evidencia questões da realidade de vozes historicamente silenciadas e estereotipadas. Sua voz autoral, mesmo quando trata de temas não explicitamente relacionados à questão racial, tem consciência de que “os homens negros suportam as piores imposições da identidade patriarcal masculina de gênero” (Hooks, 2022, p. 33).

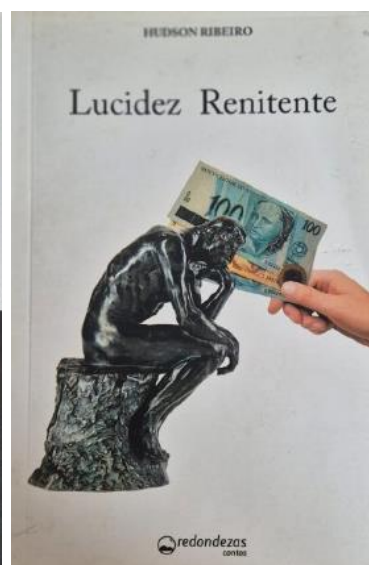
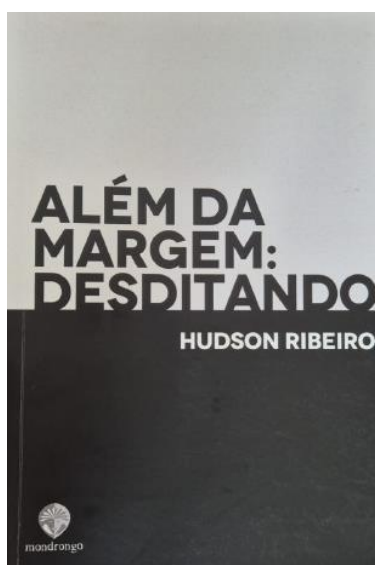


Hudson Ribeiro por Anaise Perrone. Abaixo, o desenho reproduzido na parede da Biblioteca Hudson Ribeiro, na EEEM Colégio Estadual de Vitória.



Hudson Ribeiro publicou poemas em *Momento exato* (Edição do Autor, 1988), *Africanta: ser negro* (Edição do Autor, 2015; 2ª edição, Pedro & João, 2020), *Círculo poetizado* (Pedro & João, 2020) e *Além da margem: desditando* (Mondrongo, 2020); contos em *Lucidez renitente* (Multifoco, 2013), *Algumas pessoas sem palavras* (Viseu, 2019) e no livro póstumo *Antes de o galo cantar* (Cândida, 2022). Também deixou um romance inédito, com o título *Vó Nkomba*.

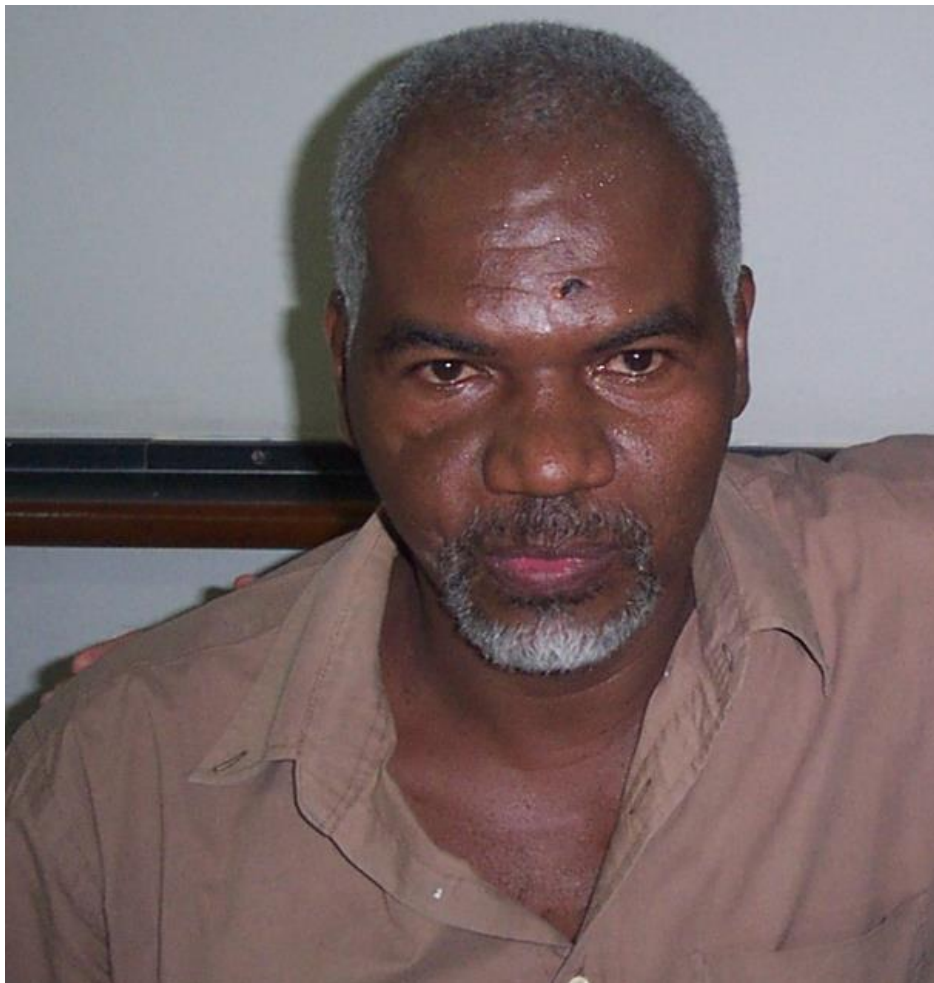






Capas dos livros de Hudson Ribeiro.

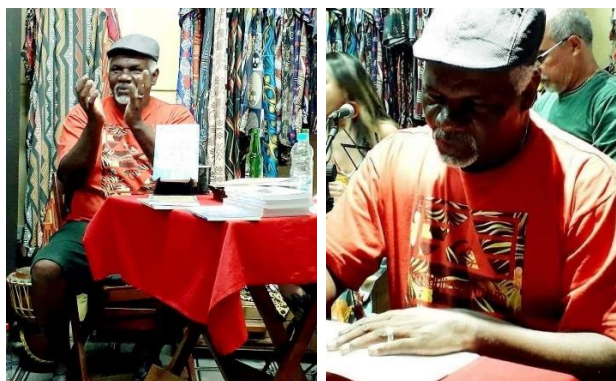
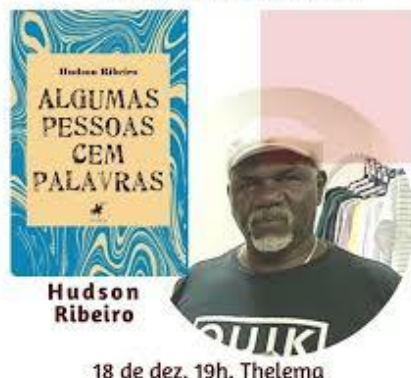
A trajetória plural desse polímata “que traz o debate social e a diversidade temática presente no cotidiano brasileiro” (Carvalho, 2019, n.p.), corrobora que os claustros disciplinares ocidentais, que “excluem, separam, cindem, criam limites e fronteiras, restringem o pensamento e provocam cisões” (Martins, 2022, p. 7), são limitados para responder à diversidade de escritas e linguagens de um autor afro-brasileiro. Nesse sentido, a ideia africana de encruzilhada — “encruzilhadas de pensamentos, de vidas, de experiências culturais, de teorias” (p. 40) — é mais adequada para pensar os “modos diversos de concepção, de experiência, de manifestação, de tradução de todo e qualquer encontro” (p. 40).



Hudson Ribeiro em foto (sem crédito) de 2004, na Ufes.

Em suas encruzilhadas, apesar de ter sido publicado por editoras dos estados do Rio de Janeiro, São Paulo, Bahia e Paraná, Hudson sempre viveu na dupla marginalidade periférica de ser capixaba e negro, padecendo com a dificuldade de distribuição e divulgação de seus livros — dificuldade agravada por ter sido um homem introspectivo, pouco afeito ao *networking* do campo acadêmico e do circuito autor-obra-público, além de avesso às negociações dos círculos literários e do campo midiático. Nessa perspectiva, esperamos que esta seleta seja um convite à leitura de sua obra.

Prosas Literárias



Convite para o evento Prosas literárias, da Thelema, em Vitória, em 2019, para lançamento e palestra sobre o livro de Hudson Ribeiro.



Vitor Cei (à esquerda) e Adolfo Oleare (à direita), debatedores da obra de Hudson Ribeiro (ao centro) (Acervo pessoal de Vitor Cei).

Esta seleta começa com os poemas de *Além da margem: desditando* (2020), livro que estava pronto desde 2002, e cujo título atiga os polêmicos debates éticos e estéticos sobre conservadorismo e marginalidade, centro e periferia, cânones e margens — almejando ir além dessas dicotomias. Desditando, o poeta desestabiliza os parâmetros que sustentam tanto o cânone quanto o multiculturalismo e permanece à margem dos movimentos sociais que têm sido unificados sob o controverso rótulo de “identitários” (Ceí, 2020, n.p.).

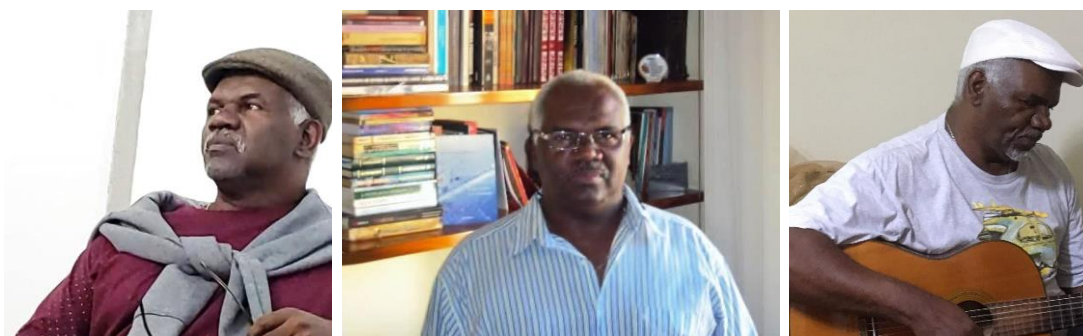
Os três poemas do livro incluídos nesta seleta articulam lirismo e crítica social ao internalizar o social na própria forma poética, transformando a experiência do

sofrimento — individual, coletivo e histórico — em expressão estética de alta densidade simbólica. Ao reconfigurar a dor como linguagem, Hudson Ribeiro confere unidade e ritmo ao protesto, convertendo a poesia em gesto de resistência.

Em seguida, os poemas de *Africanta: ser negro* (2015) representam uma virada para a exaltação do pertencimento étnico-afrodescendente e dos valores culturais da ancestralidade negra, na perspectiva de consolidação de uma vertente negra na literatura brasileira produzida no Espírito Santo.

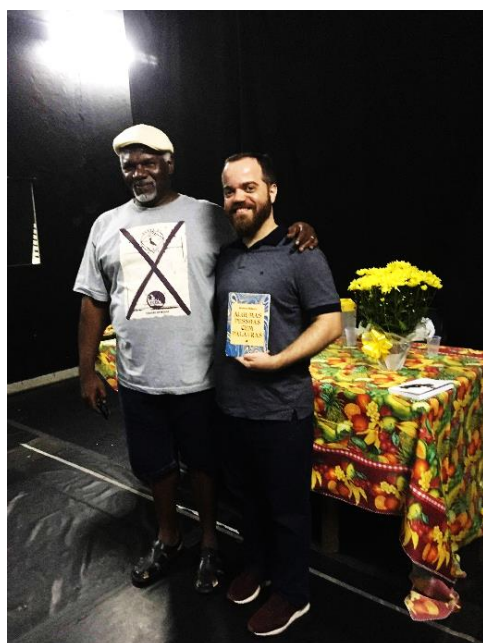
A obra, seja lida como “uma poesia épica dividida em subtítulos”, porque “não há uma ruptura ou mudança de tema entre um poema e outro” (Ceij; Coelho, 2016, p. 2), seja lida em ritmo de manifesto, com ironia dirigida ao mito da igualdade racial, contrapõe-se à estética branca, na contramão do imaginário social — constantemente reforçado pela mídia e pelo espaço escolar — construído sobre a exaltação do branco e a subalternização do negro. Assim, o sujeito negro que aprendeu a sobreviver recriando as próprias formas de percepção “mostramos que possuir a Negritude é ouvir, ver, sentir e viver, aprendendo com a Ancestralidade a cumplicidade e a solidariedade entre os povos” (Cardoso, 2020, p. 11).

Ribeiro, interseccionado pelas opressões de raça e de classe, sabia que a tentativa de se adequar ao pensamento patriarcal racista era a verdadeira responsável pelas mazelas enfrentadas pelos negros (Hooks, 2022). Por isso, revaloriza a pele negra como símbolo cosmogônico e origem da criação. Nesse sentido, recusou a norma mítica que, segundo Lorde (2019), levou homens negros a acreditarem que, ao adotarem os mesmos modelos dos brancos após alcançada a liberdade da escravidão, assumiriam a posição de patriarcas e cuidariam de suas famílias.



Hudson Ribeiro (Fotos sem crédito – Acervo de Vitor Cei).

Ainda que *Africanta* seja o único livro publicado por Ribeiro integralmente engajado nas discussões de cunho racial, valorizando a origem africana e reavaliando a diversidade brasileira, fruto do processo violento de miscigenação, seus outros livros também tratam de raça, racismo e intersecção de opressões de gênero, raça e classe, divergindo da perspectiva capitalista e eurocêntrica que se impõe como universal.



Hudson Ribeiro, com Vitor Cei, no lançamento de *Algumas pessoas cem palavras* (Acervo de Vitor Cei).

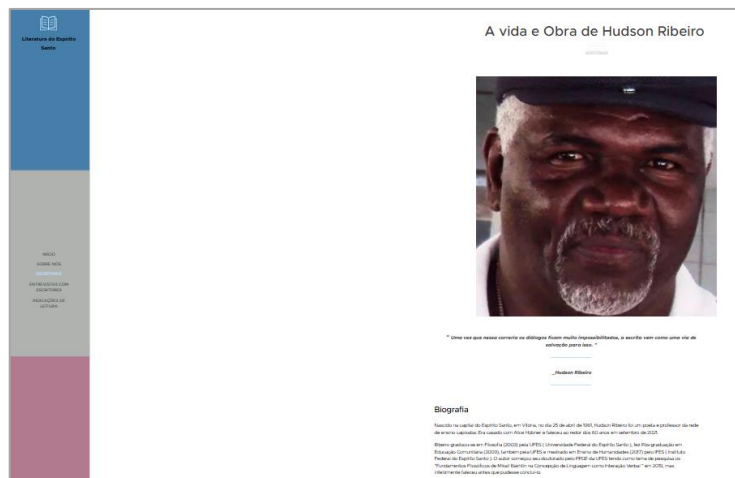
Os microcontos “Branquela” e “Banco”, de *Algumas pessoas sem palavras* (2019), são “estórias cirurgicamente construídas com exatas sem palavras” (Oleare, 2019) e “textos provocadores e idiossincráticos” (Queiroz, 1999, n.p.). O primeiro destaca a presença do racismo estrutural (Almeida, 2021) e do patriarcado articulados às tensões e conflitos impostos à população negra. O segundo ironiza tanto a ideia de que, nas relações construídas em sociedades capitalistas, o ganho de um está necessariamente atrelado à perda de outro quanto o fato de que coube à mulher negra arcar com a posição de viga mestra de sua comunidade, sendo responsável pelo sustento moral e por garantir a subsistência dos demais membros da família (Gonzalez, 2020).

O irônico “Chaga”, do mesmo livro, contrasta economia verbal e excesso de violência, tragédia política e simbologia religiosa, com um corpo torturado que se torna metáfora do país dilacerado pela repressão da ditadura civil-militar, e apresenta um desfecho kafkiano que faz do suplício um erro burocrático.

O microconto “Churrasquinho”, do livro supracitado, e o conto “Dia de prova”, de *Lucidez renitente* (2013), reverberam as experiências de Ribeiro como professor da rede estadual de ensino capixaba. Ele se dedicou à profissão desde 1988 — ano do centenário da abolição da escravidão — até sua morte, em 27 de setembro de 2021.



Convite para lançamento *In memoriam* do livro *Ser negro*, de Hudson Ribeiro.



Postagem do blog *Literatura do Espírito Santo*, do Curso de Letras da Ufes, orientado por Andressa Zoi Nathanailidis, com verbete dedicado à obra de Hudson Ribeiro.



Postagem de Henrique Pariz, organizador do *Palavras MarginaES*, em homenagem a Hudson Ribeiro.

Essa dedicação era a de alguém que não apenas sofreu com o racismo — uma barreira à ascensão socioeducacional da população negra —, mas que também compreendia a “educação como uma bandeira prioritária” do movimento negro, em prol tanto da conscientização e fortalecimento da identidade cultural negra quanto da superação do racismo e promoção da integração social (Forde, 2016, p. 247).

Sua longa carreira docente teve início em uma década marcada por “uma efervescência política negra com a criação de um conjunto de organizações que constituem hoje o chamado movimento negro contemporâneo capixaba”, promovendo “ações nos espaços escolares e nos espaços não escolares” (Forde, 2016, p. 248-249).

A atuação docente de Hudson Ribeiro foi fundamentada em uma graduação em Filosofia e uma especialização em Educação Comunitária pela Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes), um mestrado em Ensino de Humanidades pelo Instituto Federal do Espírito Santo (Ifes) e um doutorado no Programa de Pós-Graduação em Educação da Ufes, que a finitude o impediu de concluir.



Inauguração da Biblioteca Hudson Ribeiro, em 2024,
no Colégio Estadual do Espírito Santo, em Vitória (Fotos sem crédito).

Referências:

- BOURGUIGNON, Leonardo Nascimento. Indígenas, migrantes e imigrantes no interior da província do Espírito Santo. *Contexto*, Vitória, v. 2, n. 46, p. 184-202, 2024. Disponível em: <<https://periodicos.ufes.br/contexto/article/view/44969>>. Acesso em: 15 out. 2025.
- CARDOSO, Miriam. Prefácio. In: RIBEIRO, Hudson. *Africanta: ser negro*. São Carlos: Pedro & João, 2020.
- CARVALHO, Leticia Queiroz de. [Sem título]. In: RIBEIRO, Hudson. *Algumas pessoas cem palavras*. São Paulo: Viseu, 2019. n.p.
- CEI, Vitor. Um livro esperado. In: RIBEIRO, Hudson. *Além da margem: desditando*. Itabuna: Mondrongo, 2020. n.p.
- CEI, Vitor; COELHO, Wilson. *Africanta*, de Hudson Ribeiro: traços de uma herança cultural africana. *Fênix – Revista de História e Estudos Culturais*, v. 13, n. 2, p. 1-5, 2016. Disponível em: <<https://www.revistafenix.pro.br/revistafenix/article/view/622/592>>. Acesso em: 15 out. 2025.
- DUARTE, Eduardo de Assis. Por um conceito de literatura afro-brasileira. *Rassegna Iberistica*, Veneza, n. 102, p. 259-280, 2014. Disponível em: <<https://edizionicafoscari.it/it/edizioni4/riviste/rassegna-iberistica/2014/102/por-um-conceito-de-literatura-afro-brasileira/>>. Acesso em: 15 out. 2025.
- EVARISTO, Conceição. Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade. *Scripta*, Belo Horizonte, v. 13, n. 25, p. 17-31, 2009.
- FONTES, Maria Aparecida; ZIDARIC, Walter; PADILHA, Fabíola (Org.). Dossiê 150 anos da imigração italiana no Brasil: produção e circulação dos saberes. *Contexto*, Vitória, v. 2, n. 46, p. 4-8, 2024. Disponível em: <<https://periodicos.ufes.br/contexto/issue/view/1645>>. Acesso em: 15 out. 2025.
- FORDE, Gustavo Henrique Araújo. Movimento negro e educação no Espírito Santo. In: MACIEL, Cleber. *Negros no Espírito Santo*. 2. ed. Organização de Osvaldo Martins de Oliveira. Vitória: Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, 2016. p. 247-252.
- GUALBERTO, João. A construção afro-capixaba. In: MACIEL, Cleber. *Negros no Espírito Santo*. 2. ed. Organização de Osvaldo Martins de Oliveira. Vitória: Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, 2016. p. 15-18.
- HOOKS, bell. *A gente é da hora: homens negros e masculinidade*. Tradução de Vinícius da Silva. São Paulo: Elefante, 2022.
- LORDE, Audre. Idade, raça, classe e gênero: mulheres redefinindo a diferença. Tradução de Léa Sússekind Viveiros de Castro. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque

de (Org.). *Pensamento feminista hoje: conceitos fundamentais*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019. p. 145-157.

MACIEL, Cleber. *Negros no Espírito Santo*. 2. ed. Organização de Osvaldo Martins de Oliveira. Vitória: Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, 2016.

MARTINS, Leda Maria. *Leda Maria Martins: entrevista a Pedro Kalil*. Belo Horizonte: Relicário, 2022.

OLEARE, Adolfo. [Sem título]. In: RIBEIRO, Hudson. *Algumas pessoas cem palavras*. São Paulo: Viseu, 2019. n.p.

RIBEIRO, Hudson. *Momento exato*. Vitória: Edição do Autor, 1988.

RIBEIRO, Hudson. *Lucidez renitente*. Rio de Janeiro: Multifoco, 2013.

RIBEIRO, Hudson. *Africanta: ser negro*. Vitória: Edição do Autor, 2015.

RIBEIRO, Hudson. *Algumas pessoas cem palavras*. Maringá: Viseu, 2019.

RIBEIRO, Hudson. *Africanta: ser negro*. 2. ed. São Carlos: Pedro & João, 2020.

RIBEIRO, Hudson. *Círculo poetizado*. São Carlos: Pedro & João, 2020.

RIBEIRO, Hudson. *Além da margem: desditando*. Itabuna: Mondrongo, 2020.

RIBEIRO, Hudson. *Antes de o galo cantar*. Vitória: Cândida, 2022.

SILVA, Sandro José. É preciso gritar a liberdade! In: MACIEL, Cleber. *Negros no Espírito Santo*. 2. ed. Organização de Osvaldo Martins de Oliveira. Vitória: Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, 2016. p. 29-43.

Recebida em: 11 de setembro de 2025.

Aprovada em: 3 de outubro de 2025.

SELETA

Além da margem: desditando (2020)

Oferenda

Ao ontem, nosso pai,
sonhador e esmagado.

Ao hoje, nosso irmão,
inseguro e aflito.

Ao amanhã, nosso filho,
mais frio e metálico.

Lobo solidário

Lobo Solidário
Preços altos a pagar.
Coisas de lembranças
Esquecidas no lembrar.
Quarto canto escuro
Cheio de mágoas
Vazio de esperanças
Claro que se encontra lá.
Nem todas as preces reunidas
Podem a um Lobo Solidário salvar.

Arame farpado

Arame farpado/ suplício safado
Nas costas encurvadas/ dos tornados fracos
Como esparadrapo/ em ferida estampada
Como estampido/ pá! Pá! Pá! Pá!
Sem comida o bastante/ Sem ideias suficientes
Navegam a vida/ sempre à deriva
E os corações/ ausentes.

Arame farpado/ nos tornam ferrados
E muito mal pagos
Por todos os pecados
Que sequer cometemos
O fio afiado nas costas
Dos tornados fracos
Tornam os nossos corpos e mentes
Domesticados.

Arame farpado/ erguido e solidificado
Como altar ensanguentado
Quando o homem aprumado
Desceu dos galhos
E foi morar nas cavernas
Multiplicando as misérias.

Arame farpado/ algoz afiado
Retalha sádico/ os condenados da terra
Na labuta diária/ sob os gritos latidos
Do patrão possuído
Cifrão nos olhos/ máquina de calcular
No coração cromado.

Arame farpado/ é treva acesa
No ventre da mente
De toda essa gente/ cansada de sofrer
O retalho do corte/ inverso da sorte
Semeia agonia/ entristece o viver.

Arame farpado afiado
Nas longas e esguias/ palavras premeditadas
A etiqueta pseudonobreza
Ditando autoritária/ as regras
E o povo excluído/ despossuído
Do mínimo para bem viver.

Arame farpado fantasiado
De boas ações/ e intenções altruístas
De mamãe carinhosa/ bonita e charmosa
De religioso piedoso/ pecador inconfesso
Distribui suas farpas/ tridentes de ouro
Quilates de sangue/ multiplica trapaças
Saqueia tesouros.

***Africanta: ser negro* (2015)**

Filho da África

Quem é filho da mãe África
Sabe na cor negra da pele
A enorme dor da trapaça
De trabalhar duro de graça
De sol a sol e de lua a lua
E mesmo com a mudança dos tempos
Para nós a luta contra a escravidão continua
Agora ainda mais necessária e renhida
Pois as inúmeras telas alienantes coloridas
Propagam muito célere ideia consumista
De que tudo e todos se encontram
Em seus devidos lugares
Quem é filho da mãe África
Sabe na cor negra da pele
A dor enorme da trapaça
Cada macaco em seu galho
O camarote luxuoso nos céus
É reservado apenas
Para os brancos racistas
Que em discursos dissimulados
Logicamente articulados
Dizem até que acreditam
Na igualdade dos povos
Enquanto em transações escabrosas
Promovem mortes diversas
Disfarçadas de bem feitorias
Quem é filho da mãe África
Sabe na cor negra da pele
A dor enorme da trapaça.

Enxergar com a audição

O jogo de sombra e luz já não nos seduz
Aprendemos a enxergar com a audição
O nosso punho levantado em protesto
Contra o punhal fincado bem no fundo coração...
Aprendemos apalavrar com o gesto
Sons das savanas africanas...
Aprendemos auscultar com a visão
Ao contar as ovelhas negras

Que se embranquecem em prontidão
Nosso olfato apurado não se engana
Aprendemos a refletir com os poros
Abertos, alertas que esperançosos soletram
Os sussurros da alienada multidão
Aprendemos a enxergar com a audição
Contra o punhal fincado bem no fundo coração.

Nossa pele é linguagem

A cor negra da nossa pele é linguagem
Do mais profundo pensamento
Quando as formas originárias
Rabiscavam tênues os mundos
E os sons coloridos se mesclavam
Em uma obra singularmente conjunta
A cor negra resplandecia
Sendo a luz da noite e a noite do dia
Quando as formas originárias
Rabiscavam tênues os mundos
E os sons coloridos se mesclavam
Em uma obra singularmente conjunta
Fomos nós os primeiros convidados
A contemplar a maravilhosa cena
Territorialidade habitada por nossa gente junta.

Criança negra

A criança negra aprende desde cedo
O valor de se embranquecer
A democracia racial brasileira
Propaga o racismo
De modo tão insidioso
Que muitos acreditam ser lenda
A exclusão dos afrodescendentes
Jazendo em cruel flagelo
As telas coloridas sorridentes
Com louras oxigenadas
E mostrando os dentes
Confirmam a tese
De que o negro é negro
Por ser negro até não poder
A criança negra
Aprende desde cedo
O valor de se embranquecer.

Todo esplendor

Orí... Orí... Orí...
 Direcione a minha flecha
 Em sua trilha correta
 Faz de Osóssi seu condutor
 Com todo o seu esplendor.
 Orí... Orí... Orí...
 Torna-me guerreiro valente
 Para enfrentar essa gente
 Que tem o mal como semente
 De frutos ruins.
 Orí... Orí... Orí...
 Faça dos meus braços
 Machados sagrados
 Milenarmente consagrados
 Irmanados com Sangô.
 Orí... Orí... Orí...
 Quando tudo ficar nublado
 E eu for injuriado
 Seja acesa bem no alto
 Para me guiar e proteger.
 Orí... Orí... Orí...
 Cavalgue o cavalo de Ogun
 Esgrima sua espada dourada
 Livrai-me de toda trapaça
 Sendo mais que mil em um.

Vista a nossa pele, professora

Vem cordata professora
 E vista a nossa pele
 E sentirá então
 O quanto nos repelem
 Por sermos filhos da noite
 Forjados nos açoites
 E conhecer os segredos
 Das sombras da escuridão.
 Vem serena professora
 E vista o nosso corpo
 Indelevelmente tatuado
 Da maneira mais cruel
 Sentirá então nossos músculos
 Como arco retesado

Pronto para cumprir a ação.
Vem amorosa professora
E vista o nosso coração
Bem maior do que seu céu
Balançando como barca
Amainando mar revolto
Sentirá então professora
O quanto amamos
Que até nos agigantamos
De tanto querer o bem.
Vem furiosa professora
E vista a nossa secular ira
Talvez você mesma não possa
Possuir a raiva nossa
Gerada nas sinistras senzalas
E perpetuadas
Nas planificadas favelas.

***Algumas pessoas cem palavras* (2019)**

Churrasquinho

Oberdan era um fanático pela leitura. Aprendera a ler e a escrever aos quatro anos de idade; aos sete, já havia lido toda a coleção das *Histórias do Oriente*. Aos oito, ganhou *O Pequeno Príncipe*; aos doze, já lia Dostoiévski e Machado de Assis. Na escola, vivia sendo encaminhado para o serviço de orientação pedagógica, não por mau comportamento, mas por conta da sua curiosidade furiosa. Abandonou os estudos ao concluir que as escolas mais o emburrecem do que o plenificavam. Atualmente, vende churrasquinho e batida de limão, enquanto brinda os seus fregueses com passagens dos clássicos da literatura universal.

Branquela

A cena ocorreu no shopping mais luxuoso daquela cidade banhada pelo mar e protegida por montanhas. Um afrodescendente enorme e musculoso expressava toda a sua indignação com uma senhora sofisticadamente vestida: "Negão é seu passado, sua branquela racista, cuidado com esse sol, pois já queimou as suas vistas. Neginho é cachorro de madame, vê se dobra essa língua, sua

branquela egoísta. Se você não sabe meu nome, nem precisa me chamar, sou filho de todas as fomes, que ergueu esse lugar.” Quando me aproximei, foi que reconheci o nego Dito, desditando preconceitos da pele da madame. Era um mestre nisso.

Banco

Noêmia Lima Machado encontrava-se no banco do estado para retirar o seu fundo de garantia quando os assaltantes chegaram tocando o maior terror. Noêmia tremia mais que vara verde sob vendaval intenso. Em sua cabeça passavam cenas horríveis de sonhos desfeitos e pesadelos solidificados. Para sua surpresa, o homem que parecia ser o chefe ordenou ao grupo para que a deixasse em paz, pois era irmã de cor. E de nada adiantaram os seus protestos, pois o grupo, preocupado com a fuga, nem mesmo a ouviu. O coração de Noêmia saltava pela boca. Quando a polícia chegou, enquadrou-a como cúmplice.

Chaga

Genildon Trindade Corisco encontrava-se nu, pendurado de cabeça para baixo, sendo vítima da tortura mais conhecida como pau de arara. Já tomara choques nos testículos, as suas unhas haviam sido arrancadas com alicate enferrujado, já sofrera simulações de afogamento. Todo o seu corpo era uma chaga imensa, aberta e infeccionada. Encontrava-se naquele estado lastimável por ironia do destino e incompetência dos órgãos de segurança. De nada adiantara afirmar ser um pacato funcionário público, contribuinte da LBV, torcedor do Flamengo de carteirinha e tudo. Quando capturaram o seu homônimo, já havia perdido todos os dentes, toda a pele e a razão.

***Lucidez Renitente* (2013)**

Dia de prova

Caramba! Hoje é dia de prova e eu não sei nada, tô igual àquele filósofo, xará do ex-jogador que faleceu com problemas no fígado. Nada sei da matéria que vai cair.

Gozada a expressão “cair na prova”, e de fato é assim mesmo, vai cair bem sobre a minha cabeça; e mesmo se eu tivesse estudado, daria no

mesmo — não sei como é que alguém pode guardar tantas datas e tantas fórmulas.

Certa estava aquela professora do primário ao dizer que eu era burro de pai e mãe — coitada da minha mãe, semelhante a um burro no trabalho pesado; do meu pai nunca soube de quem se tratava. Chego a ficar tonto e tão ansioso que preciso urgentemente ir ao banheiro, o nervosismo alagando a bexiga.

Gozado que guardo com facilidade os nomes das garotas que já peguei e as que pretendo pegar, e olhe que não são poucas; memorizei com facilidade todas as letras dos Racionais MC's.

Quando o assunto é futebol, me chamam até de enciclopédia ambulante, pois sei escalasções completas, os nomes dos técnicos dos times e até os nomes dos jogadores que estavam no banco de reserva; mas, quando o assunto é matéria de escola, sei lá, dá um branco. Quando consigo entender o exemplo, chega a prova, cai uma exceção à regra e aí me quebra — isso já é perseguição! No fundo, não acredito naquela professora primária.

Como me lembro dela! Ah, dona Gertrudes... O comentário na escola era que ela era assim, toda ranzinza, por ter sido abandonada no altar pelo noivo. Quantas Gertrudes ainda existem na educação!

Melhor volto aos meus problemas, que não são poucos nem fáceis. Pior que eu não posso dar mole: reta final e tô cheio de notas vermelhas. Tudo bem que o sistema dá uma forcinha com tantas notas de recuperação e notas de projetos, mas não sei o que acontece comigo na hora da explicação — o meu pensamento fica voando alto.

Hoje, por exemplo, vai ter uma rodada quente pelo Brasileirão. Antes tem o capítulo da novela, êta novelinha sinistra! A galera nem desconfia que eu curto uma TV. Escondo direitinho, até critico publicamente a Nádia por só ler o jornal atrás de notícias das novelas, pois não sou besta e não quero ser alvo de zoação praquele bando de manés...

O professor de Física está tentando falar a respeito de uma descoberta recente — um negócio de uma partícula, um tal de neutrino que consegue se locomover mais rápido que a luz. Caramba, é brincadeira, né? Parece que essa nova revelação nos para... paradigmas! Acho que é essa a palavra. Esses caras descobrem cada coisa... o elixir da juventude e a pedra filosofal, pelo jeito, foram definitivamente esquecidos, né?

De repente, o meu pensamento fica planando sobre umas nuvens de formas indefinidas e de cores que eu nunca vi. Ouço os sons e até reconheço alguns, mas é como se nada me dissesse respeito. O meu próprio corpo me aparece estranho, todo desengonçado.

A Nádia, a minha ficante atual, diz que quando fico assim chego até a babar e também fico como se fosse vesgo. Credo! Ela precisa me beliscar com força pra eu voltar pra sala.

Veja só... Todo enrolado e ainda querendo ficar viajando. E aquela mina, será que vai ao baile sábado? Pelo sim, pelo não, vou dar-me um trato, ficar nos conformes da beleza, que tá assim, cheio de marmanjos de olho grande.

Domingo vou ao estádio. Semana passada, maior clássico do Capixabão, e eu lá também, durinho, durinho igual a um coco. Dessa vez não posso dar mole, vou arrebentar nessa prova — vocês vão ver! Pois, aliás, o que se passa aqui neste exato momento?

Assisti já demais, professor! Professor! O senhor tem certeza de que deu...? Porque eu então não recebi!

SOUZA, ALINE PRÚCOLI. *[in]porta:nte*. VITÓRIA: COUSA, 2021.



(Selfie)

Aline Prúcoli Souza*

* É escritora-visual e photo-grafista, autora das obras literárias: *pustulâncias: menina bruta* (2017); *temporária* (Prêmio Edital Secult-ES de Literatura de 2017); *anatomia* (2017); *[in]porta:nte* (Prêmio Edital Secult-ES de Literatura de 2021); e *resto de jan[ela]: um tratado de esteganografia - volume 1: a nigredo* (Prêmio Edital Secult-ES de Literatura de 2022). É professora de Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Espírito Santo (Ifes – Campus de Alegre), além de atuar como professora permanente da Pós-Graduação *Lato Sensu* em Educação em Humanidades do Ifes – Campus de Alegre. É doutora em Letras pela Universidade Federal do Espírito Santo. Realizou estágio pós-doutoral em Artes junto ao PPGA-Ufes (2017-2020); e estágio pós-doutoral em Artes junto à Universidade Regional do Cariri – Ceará (2024).

[Alines]: [escrevo como quem chega depois. antes da escrita, há sempre uma experiência q me atravessa, 1 vivido q me marca & arremessa os pensamentos p/ longe & p/ dentro. ã escrevo por encomenda, nem por antecipação: a escrita, p/ mim, ã antecede o mundo, ela o encontra sempre muito visceralmente. há, também, uma recusa d controle no q faço. cada 1 d meus livros é, d alg'1 modo, 1 impossível — ã pq ã c realize, mas pq c constrói justo enquanto estratégia p/ tornar-c possível. lido diariamente c/ a falha, os intervalos, c/ coisas q ã c resolvem & q demandam alg'1 tipo d resolução, ainda q provisória & silenciosa. paradoxalmente, suspeito q, c tivesse todo o tempo do mundo, nenh'1 d meus livros existiria. é a necessidade & o medo d ã conseguir q movem a minha escrita & q a arrancam d sua inércia. escrevo p/ experimentar. ã no sentido d testar algo já sabido, mas d me colocar em risco diante da linguagem. interessa-me reunir o q é diverso & juntar cacos s/ a promessa d compor uma unidade. escrever, então, torna-c 1 exercício d olhar por entre frestas, ã p/ ver melhor, mas p/ ver mais do mundo. o outro, nesse processo, nunca é exterior. é sempre espelho, superfície d projeção & d retorno. ã escrevo sobre o outro, mas a partir dele & através dele, como c toda alteridade carregasse também uma dobra íntima. *[in]porta:nte*, realizado antes d eu me tornar mãe dos gêmeos nino & nilo, marca 1 limiar nesse percurso. há nele ainda a deriva solitária, o tempo dilatado da observação, o corpo disponível p/ errar pela cidade. depois, a experiência da maternidade reconfigura ã apenas o tempo, mas o próprio gesto d escrever, embora talvez mantenha intacto o seu motor: essa tentativa contínua d dar forma ao q escapa. no fim, ã escrevo p/ afirmar algo definitivo, p/ fixar 1 estilo ou uma assinatura q me estabilize. escrevo p/ duvidar — sobretudo d mim mesma —, p/ vacilar, p/ errar. c há afinidades entre meus livros — uma insistência na plasticidade verbal, uma atenção à gramática do visível —, elas ã garantem identidade autoral. cada livro é atravessado por uma outra q fui, ou q deixei d ser. as “alines” q escreveram esses trabalhos ã coincidem entre si: diferem no modo d ver, d habitar, d suportar o mundo.

escrever, nesse sentido, ã revela uma unidade, mas expõe uma deriva — uma sucessão d deslocamentos onde o q persiste não é quem escreve, mas a própria necessidade d escrever. escrever é meu maior gesto d liberdade.]

[álbum]:[

[in]porta:nte é um álbum d photo|grafias q c fez ao longo d dois anos. escrevo “se fez” p/ sustentar a ideia d processo, d algo q persiste enquanto experiência inacabada, + do q enquanto gesto q c conclui. evito também a expressão “foi escrito” pq a escrita aqui não c organiza como centro, mas como uma entre várias matérias q c entrelaçam & c tensionam: imagem, intervalo, ritmo, silêncio. tampouco basta nomeá-lo livro, ainda q o seja; há nele uma recusa discreta, apesar d insistente, d caber inteiramente nessa forma. trata-c, antes, d 1 objeto híbrido, indisciplinado, onde o ver & o ler deixam d ser gestos dissociados & c assumem enquanto espelhamento mútuo. a linguagem, nesse espaço, já ã c limita a dizer: ela c expõe, c movimenta, & c contradiz, tornando-c menos 1 meio e + 1 campo d forças.]

[título]:[

a começar pelo título, *[in]porta:nte* — q surge depois, como acúmulo gráfico, culminação verbal d uma série d portas vistas & capturadas —, o álbum recusa a promessa d narrativa. ã há aqui uma história a ser seguida, nem 1 fio q costure linearmente uma porta à outra. o q c apresenta é antes uma deriva: cada imagem insiste em sua própria suspensão, expondo particularidades q fazem romper, d seu óbvio sentido acabado de porta, sua identidade, sua exclusividade. o agrupamento de cartões faz vacilar o sentido estável d “porta”. Já ã c trata de uma identidade assegurada, nem d uma forma exclusiva q c repete, mas d variações q a desarmam por dentro. cada porta deixa d ser “a” porta & passa a ser intervalo, desvio, acontecimento mínimo. o excesso d ver dissolve a evidência. & o q resta não é mais a porta como categoria, mas como campo aberto, onde o olhar hesita, reaprende, & talvez já ã reconheça tão facilmente aquilo q julgava saber. p/ além disso, o título *[in]porta:nte* c abre como 1 pequeno dispositivo d desvio, 1 guia p/ a errância. ele c diz “importante”, sim, mas logo desfaz a

estabilidade do adjetivo ao fraturá-lo, expondo nele uma farsa & o seu verdadeiro endereçamento semântico enquanto gesto: [in]portar. a palavra empregada p/ qualificar 1 sujeito assume, neste título-montagem, a capacidade d agir. já ñ c trata do q é importante, mas daquele que [in]porta, isto é, daquele q c move em direção ao dentro, q atravessa a superfície & busca, em cada porta, ñ 1 sentido dado, mas a possibilidade mesma d uma entrada. há, então, nesse título, uma espécie d torção: o valor c converte em prática, & a palavra, ao c desdobrar, age enquanto abertura & exposição p/ revelar.]

[coreografia]: [

ainda assim, algo c organiza, quase à revelia, como uma espécie d simetria discreta, 1 jogo d espelhamentos q c articula a partir d 1 centro, como c o álbum, ou o q dele escapa, c dobrasse sobre si mesmo. & é nesse gesto d dobra, mais do q em qualquer continuidade, q o trabalho confirma sua forma essencialmente provisória, caótica, desobediente. o álbum pode ser lido, atravessado, como resultado d uma experiência em tudo sinestésica: 1 arquivo onde ver já é quase tocar, onde a memória c deposita ñ apenas como imagem, mas como flagrante d 1 corpo em deslocamento. há nele algo d álbum, no sentido + ordinário, claro, mas trata-c d 1 álbum completamente infiel à ideia d estabilidade. afinal, há nele 1 registro do q foi, mas também do q insiste em c refazer a cada novo giro d cartões. ao mesmo tempo, trata-c d 1 gesto q dança, q anda & q erra: uma “andança” q deixa rastros, uma coreo/grafia nunca ensaiada. [in]porta:nte pode ser entendido como o vestígio d uma performance solitária: 1 corpo em deslocamento q percorre, q mede o espaço c/ os pés, q experimenta o chão como quem lê, enquanto recolhe, c/ os olhos, sinais d passagem, marcos d entrada p/ interiores q só podem ser imaginação.]

[flânerie]: [

como numa *flânerie*, em q os passos já ñ obedecem a 1 destino, mas ao desejo errante dos olhos, o corpo c deixa conduzir por aquilo q o chama visualmente. caminha-c em direção a algo q queira ser visto, ainda q nunca plenamente. a *flâneuse*, nesse gesto, ñ busca o encontro c/ o outro em sua presença direta, frontal; ela não acredita aqui em qualquer promessa d reconhecimento. o q a

convoca são os vestígios: marcas d 1 espaço vivido até o limite d sua banalidade & q, justamente por isso, está saturado de sentido. superfícies gastas, limiares, frágeis fechaduras, restos d cor, sinais d uma presença q ã c oferece, mas q tampouco desaparece. são indícios d 1 tempo q ã cessou, q ainda faz sua contagem em silêncio, inscrito nas coisas, encarnado. há, então, uma atenção ao quase-imperceptível, ao q resiste à evidência. a *flâneuse* recolhe fragmentos, ã p/ recompor uma totalidade, mas p/ permanecer nos intervalos em q a cidade c desenha p/ fora d qualquer mapa.]

[solidão]:[

caminhar, aqui, ã é apenas deslocar-c no espaço, mas produzir uma escuta do visível. cada porta torna-c 1 enigma mínimo, uma promessa suspensa, 1 ponto d inflexão entre o fora & 1 dentro q ã c deixa capturar. & é justamente nessa distância, 1 tipo d não-acesso, q a experiência c intensifica: tocar & escutar passam a ser sinônimos gestuais do olhar. todo o processo d construção do álbum c deu em regime d solidão, e d 1 silêncio q não é ausência, mas escolha, método, condição. ã houve diálogo c/ quem habita ou atravessa essas portas; nenh'1 encontro, nenhuma troca direta. ainda assim, algo c diz — ou melhor, c imagina e c revela — a partir dessa recusa do contato imediato. porque os textos, embora nasçam desse isolamento, ã são neutros. eles c deixam atravessar pela experiência situada d 1 corpo específico: o d uma mulher q percorre uma cidade marcada (estatisticamente & concretamente) pela misoginia & pela violência dirigida a grupos socialmente vulneráveis. caminhar, aqui, ã é apenas deslocar-c; é também medir riscos, recalcular trajetórias, habitar o espaço c/ uma atenção q é, ao mesmo tempo, sensível e defensiva.]

[silêncio]:[

desse modo, o silêncio do processo ã apaga o mundo, mas o condensa. & o q emerge ã é 1 relato ou registro objetivo dessa realidade, mas 1 conjunto d vozes [portais | postais] q c fazem ouvir imagetivamente em sua aparente estaticidade.]

[plasticidade]:[

considerando a estrutura explicitamente imagética do álbum, a escrita também precisava performar-c visualmente. neste álbum ela também c deixa ver, isto é, ela c revela enquanto matéria, adquire corpo, peso & movimento, como c passasse a ocupar o mesmo regime das imagens. já ã é apenas suporte ou comentário: é grafia, inscrição.】

[dobra]:[

no avesso dos cartões, reproduz-c o interior dos espaços q cada porta abriga. ali, como c fossem ecos ou infiltrações, instalam-c blocos d prosa poética: ã exatamente descrições, tampouco traduções do q c vê, mas tentativas d revelar o invisível e avesso do silêncio. o verso torna-c, assim, uma espécie d dentro imaginado, photo|grafado. há, nesse jogo d frente & verso, uma dobra: o fora q c oferece ao olhar & o dentro q só se deixa imaginar pela escrita. & é nessa passagem sempre incompleta q o álbum c estrutura. a palavra ã é apenas aquilo q diz, mas aquilo q c mostra enquanto forma: ritmo, corte, disposição, sonoridade. talvez seja a 1ª vez, entre os três livros q o precedem, em q essa dimensão plástica da linguagem c impõe c/ tamanha nitidez, como c as palavras, até então mais contidas, passassem agora a expor desavergonhadamente sua visibilidade, uma espécie d nudez.】

[espelhamento]:[

ã c trata, portanto, d escrever sobre as imagens, nem d acompanhá-las como legenda ou explicação. há, antes, 1 tenso embate entre duas ordens q c atravessam s/ coincidir. d 1 lado, o q a imagem sustenta em sua opacidade silenciosa; d outro, o q a palavra tenta encarnar, sabendo-c sempre insuficiente. ambas operam como superfícies d inscrição & d desvio: dizem, mas também ocultam; mostram, mas também calam. é nesse intervalo q o trabalho c constrói. as palavras ã traduzem as imagens, assim como as imagens ã ilustram as palavras. o q c produz é 1 campo d fricção, onde cada uma tensiona a outra, abrindo zonas d indeterminação. ler torna-c, então, 1 gesto próximo d ver; ver, por sua vez, aproxima-se d uma leitura q ã c resolve.

[photo | grafias]:[

[in]porta:nte, nesse sentido, insiste em sua própria fratura: ã apenas “fotografias”, mas “photo|grafias”. em outras palavras, uma escrita c/ luz. uma luz q escreve, q risca, q inscreve o visível como linguagem & a linguagem como imagem. a ideia é lançar o leitor numa experiência q c faz c/ as mãos, c/ os olhos, c/ o corpo. ao manusear os cartões, algo c desloca: a ordem inicial dos postais c desfaz no instante mesmo em q são manuseados. retirar do envelope]revelar[, embaralhar, inverter, cada ação reinscreve o percurso. & é nesse gesto mínimo q o leitor c vê implicado: já ã há sequência a seguir, mas uma geografia a atravessar. & c perder c torna uma possibilidade metodológica. 1 labirinto d portas c abre, ã como arquitetura fixa, mas como variação incessante, onde cada combinação engendra 1 outro caminho, uma outra deriva. ã há entrada ou saída, início ou fim. há apenas o intervalo entre uma imagem & outra, entre 1 verso & outro, entre aquilo q c vê & aquilo q c cala. nesse movimento, o leitor empresta aos olhos os gestos dos pés: ele vê caminhando. & percorre c/ os olhos como quem tateia uma cidade desconhecida. ruas sem promessa d chegada, portas q ã c abrem, ou q c abrem apenas como hipótese. uma *flânerie* em q o pensamento c movimenta, onde o sentido ã precede o percurso, mas c produz nele, sempre provisório, sempre à beira d c perder outra vez.]

Recebida em: 31 de março de 2026.
 Aprovada em: 10 de abril de 2026.

AMORIM, ANAXIMANDRO. *MARIPOSA NOTURNA EM VERANICO DE MAIO*. VITÓRIA: PEDREGULHO, 2024.



(Foto de Matheus Andreatta)

Anaximandro Amorim*

* Escritor, doutorando e Mestre em Letras pelo Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes), membro da Academia Espírito-santense de Letras (AEL), da Academia de Letras de Vila Velha (ALVV) e do Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo (IHGES), titular da Câmara de Literatura do Conselho Estadual de Cultura (2025-2027). Autor de *Brasil de ontem, hoje e sempre* (poemas, 1994); *Asas de cera* (infantojuvenil, 1995); *Concupiscência* (romance, 2003); *A história de um sobrevivente* (memórias, 2010); *O livro dos poemas* (poesia, 2013); *A máquina do tempo e outras histórias* (contos e crônicas, 2014); *A vida depois da luz* (memórias, 2015); *O breviário do silêncio* (poemas, 2018); *A obscuridade* (romance, 2018); *A euforia do corpo* (poemas, 2022).

“**M**ariposa noturna em veranico de maio” foi uma frase que me saltou aos olhos!

Pedro J. Nunes, além de exímio escritor, é um amigo e confrade. Da sua lavra saíram pérolas como *Aninhanhae Menino*, mas foi lendo o seu recolhimento de contos *A última noite* (2015) que me deparei, na página 121, com um texto que tinha, exatamente, este título. A história de Albertina, jovem vinda do interior do Espírito Santo e que, uma vez estabelecida na casa de sua tia Eva, coloca todos os homens a seus pés, incluindo seu tio Guilherme, marido de Eva, não tinha como me deixar incólume. O conto, pelos meus olhos, ganhava outra perspectiva: e se a trama fosse escrita a partir do desejo pelo Tio Guilherme?

Mariposa noturna em veranico de maio, o livro, nasceu daí e de vários outros textos, alguns já publicados, outros, não, tendo, sempre, o mesmo eixo narrativo: o das histórias “secretas”, de “alcova”. Um livro sobre aquilo, segundo disse a também amiga e confreira Bernadette Lyra, em conversa para convidados, no dia do lançamento, que “a maioria quer empurrar para debaixo do tapete”: LGBTfobia; gordofobia; ageísmo; racismo; machismo, enfim, tudo aquilo que, infelizmente, campeia os noticiários de nossa sociedade contemporânea, com suas mazelas, com suas violências.

A opção pelo gênero “conto” se deu por dois motivos: primeiro, por um exercício de prosa. Tenho obras em vários gêneros literários (romance, memórias e crônicas), sendo, porém, mais conhecido pela poesia. Há quem diga que “poetas prosadores” se mostram nas primeiras linhas. A ideia, portanto, era mostrar uma outra faceta deste autor, com um mergulho profundo no texto prosaico. O segundo motivo (tão coadunado com o primeiro), foi o aventurar-me no texto curto. Um delicioso desafio, uma vez que o “conto” necessita de um remate em talhe preciso, sob pena de pôr o texto a perder.

O livro apresenta treze textos. Há contos de uma página, como há contos de quase uma vintena. A ideia, aqui, foi primar pela experimentação. Os contos “O vazio de Dante”, “O voo de Líbero” e “A gorda” trazem elementos fantásticos:

Dante não era nem bonito, nem feio, nem alto, nem baixo, nem magro, nem gordo. Na verdade, Dante não era nada. Tinha tudo para ser um cara comum, sem muitos atributos, que passaria incógnito em uma multidão. Sua história poderia ser uma história banal. Exceto por um detalhe: Dante havia nascido sem rosto (AMORIM, 2024, p. 11).

Sobre o conto “A gorda”, coleteo:

Algo, porém, estava acontecendo: Vanessa se sentiu inflar. A cada passo, a cada rodopio, ela e todos começaram a perceber que seu corpo aumentava, aumentava, aumentava... Todos pediram, então, para que ela parasse de dançar. Vanessa, no entanto, fingiu que não ouvia e, mesmo quando a música parou de tocar, ela continuou. As luzes foram ligadas às pressas, para que alguém pudesse fazer alguma coisa a fim de parar a menina. Tarde demais: Vanessa já estava quase tão grande que sua cabeça começava a bater no teto e seu corpo, tão gigante que começava a ocupar todo o espaço do recinto (AMORIM, 2024, p. 22).

“O suicida” é totalmente dialogal e “Adúltera” é escrito nos mesmos moldes de um roteiro para cinema ou tevê:

ADÚLTERA

37. INT. APTO. DIA

Josué está sentado na frente de Aurora. O gravador está ligado há algum tempo. Segue a entrevista.

JOSUÉ

Mas então, você dizia...

AURORA

Beijo até na boca!

JOSUÉ

E quantos clientes você faz, em média?

AURORA

Uns cinco. Pode ser até mais! (AMORIM, 2024, p. 37).

“Irmãos” também tem uma característica dialogal, porém, dentro da estrutura de um parágrafo, um verdadeiro bloco monolítico, sendo que a distinção das vozes, entre os dois personagens, se dá graficamente, uma delas, em itálico: “Minha mãe me pariu xingando. *Minha mãe sempre me conta a história de uma mãe que ganhou neném xingando*” (AMORIM, 2025, p. 15).

Além disso, a temática dos contos dá continuidade à de outros livros meus, como *A euforia do corpo* (2022): “Val”, “Murilinho” e “O maior amante do mundo” têm temática explicitamente LGBT:

Seu Murilo era o nome do mandachuva local, mas eu queria mesmo era falar de Murilinho, filho dele. Um menino franzino, delicado, que só nunca sofreu na mão da garotada pela origem que tinha. Nunca tive problemas com ele. Só achava engraçado aquele jeitinho que mais parecia com o das meninas que com o dos meninos (AMORIM, 2024, p. 17).

“Adúltera” e “Rodrigueana” questionam questões, digamos, do que seria o papel do homem e da mulher “comuns”, em nossa sociedade. Este texto e “A voz”, aliás, são escritos em um único parágrafo, seja como monólogo, seja como fluxo de consciência.

Há, também, a questão da violência, presente, explicitamente, nos textos “Irmãos”, “Os prisioneiros”, “O suicida”:

Devia haver algum engano para que o jovem fosse levado até aquele buraco fedorento. Naquela masmorra escura e suja, dava apenas para se ouvir os gritos desconexos das celas apinhadas de prisioneiros, que tinham como único momento de júbilo a chegada de mais um. Mas não ele. Ele não havia feito nada. Ou, ao menos, nada para que merecesse estar ali, amarrado, acompanhado do carcereiro e de dois brutamontes, em nítida desvantagem. Por isso, se debatia. Para mostrar para eles a injustiça que estava sofrendo. Mesmo que, no fundo, soubesse que era inútil (AMORIM, 2024, p. 29).

“Das relações naturais” é o conto que fecha o livro. Ele possui uma intertextualidade direta com o livro de Pedro J. Nunes, citado acima. Trata-se de

uma história com nove capítulos curtos, cujos textos, aqui e ali, vêm entremeados com passagens do livro de Nunes. Albertina é uma jovem do interior do Espírito Santo que vai se instalar na Capital, na casa dos seus tios Eva e Guilherme, um amplo apartamento no Parque Moscoso, Centro. A estada se torna, na realidade, uma forma de a moça conseguir viver seus desejos, sendo um deles o marido de sua tia.

O mote para a criação do conto, foi, portanto, a realização deste desejo. Tio Guilherme é o arquétipo do homem maduro, uma figura viril e paterna, ao mesmo tempo. A ideia, logo, foi a de criar uma trama sobre esta parte da história original. Nasce, assim, “Das relações naturais”, título que retoma o dramaturgo gaúcho Qorpo Santo (1829 – 1883), autor de *As relações naturais*, peça que, *grosso modo*, também o desejo (e a vontade de fruir o gozo) é mote principal.

Deste conto, colho esta passagem, que bem ilustra esse diálogo entre a minha narrativa e a de Nunes (referenciada entre aspas):

Albertina foi se aproximando dele, retirando as peças de vestuário do corpo. Tinha olhos de desejo, mas um desejo diferente, de quem quer dominar, de quem queria ter um homem em suas mãos. Ele não poderia resistir ficar sem o cheiro doce daquele perfume, que inebriava a pele gostosa.

E “enquanto ele descia a língua por sua geografia entregue, [ela] ouvia sua mijada forte na imaginação decantada. Quando subiu contra ela, empurrou-o com suavidade e, chegando bem perto de seu rosto, sussurrou-lhe com os olhos de onça: conheça, tio Guilhermezinho, o melhor que há de mim [...], e ofereceu-lhe o dorso. Tio Guilherme agarrou-lhe os cabelos que escorriam pelas costas. Sentiu o veludo da lâmpada insinuar-se sobre a pele arrepiada, ansiosa por pousar os dentes sobre o fruto”.

Preocupada com a festa dos vizinhos, Eva sequer imaginava a festa que acontecia em seu próprio apartamento (AMORIM, 2024, p. 84-85).

As referências ao teatro, aliás, se fazem encontrar em algumas partes do livro. No conto “Rodrigueana” e no próprio “Das relações naturais”, em que tanto o Tio Guilherme quanto Albertina assistem, em determinado momento, a uma montagem televisiva de *Álbum de família*, peça de Nelson Rodrigues (1912-1980)

que contém, dentre outros assuntos, o do incesto. Ora, não seria a relação tio/sobrinha (ainda que este tio não fosse consanguíneo) uma relação incestuosa? E o título do texto, ao conter o vocábulo “naturais”, não trataria do assunto com certa ironia?

São bastantes assuntos que poderiam caber em muitas páginas, pois a obra, ainda que curta (85 páginas) tenta radiografar muito deste nosso contemporâneo, tão caótico e fragmentado. Prefiro, no entanto, fazer como o escritor angolano Pepetela, deixando a cargo do leitor as suas conclusões. Reservo, aqui, apenas algumas chaves de entendimento e, mais precisamente, meu processo criativo, que durou uns quatro anos, ao todo, levando em consideração textos que compuseram ou não o volume final.

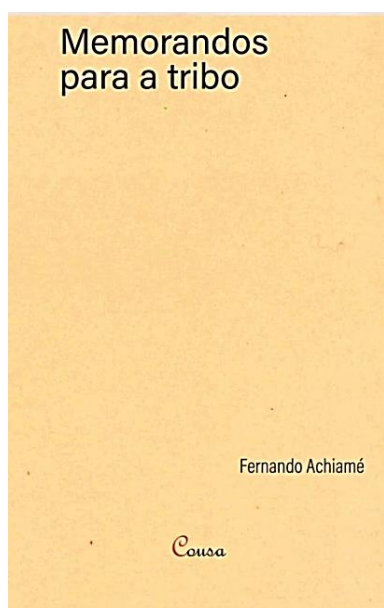
Mariposa noturna em veranico de maio é meu 11º livro, primeiro totalmente dedicado aos contos. Foi lançado quando das minhas três décadas como escritor, em 8 de maio de 2025, em um encontro intimista, no antigo Café Magá, Centro Histórico de Vitória, com amigos de dentro e fora do meio literário; colegas autores e acadêmicos; e uma linda fala da escritora Bernadette Lyra, que, na ocasião, brindou a todos nós com uma verdadeira aula sobre o gênero. Não haveria melhor forma de esta mariposa começar a voar.

Referência:

NUNES, Pedro J. *A última noite*. Vitória: Formar, 2015.

Recebida em: 28 de fevereiro de 2026.
Aprovada em: 26 de março de 2026.

ACHIAMÉ, FERNANDO. *MEMORANDOS PARA A TRIBO*. VITÓRIA: COUSA, 2025.



(Foto sem crédito)

Fernando Achiamé*

* Fernando [Antônio de Moraes] Achiamé, poeta e historiador, natural de Colatina – ES (1950), é graduado em História e Mestre em História Social das Relações Políticas pela Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes), além de possuir o Diploma Superior de Língua e Literatura Francesas pela Universidade de Nancy II – França. Sócio efetivo do Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo (IHGES) desde 1981, ocupou os cargos de professor do Centro de Artes da Ufes, por concurso público, diretor do Arquivo Público Estadual e membro do Conselho Estadual de Cultura. Integrante da Academia Espírito-Santense de Letras (AEL) com a Cadeira 17, publicou diversas obras de historiografia, como *O Espírito Santo na Era Vargas: elites políticas e reformismo autoritário – 1930-1937* (2010), e os livros de poemas: *A obra incerta* (2000); *Livro novíssimo* (2011); *Manual prático do mistério – poemas* (2018); e *Memorandos para a tribo* (2025).

Eu, hein, resenha autoral? Que bicho é esse? À minha reação de estranhamento ao receber o convite do Neples/Ufes para participar da revista *Fernão* n. 15 seguiu-se certo interesse pela novidade. Aceitei o convite gentil com um pé atrás, sempre pensando na frase de Rubem Braga que gosto de repetir: “Também falo muito de mim — o que é inevitavelmente monótono”. Frase registrada pelo Velho Urso na apresentação da sua obra *Crônicas do Espírito Santo*, 1ª edição saída em 1984, na qual preenchi as orelhas, a convite do editor Reinaldo Santos Neves, com um texto que muito agradou o autor.

Para me animar a escrever, pensei numa saída. E que logo se revelou evidente. Quem fará a resenha autoral não será a pessoa que escreveu os poemas da obra *Memorandos para a tribo*. Essa já ficou no passado, já se transformou. Assim, será um Outro de agora que voltará aos escritos para os interrogar.

De cara, constato que a trajetória do criador de *Memorandos* cultivava certa coerência em não realizar projetos para o seu fazer poético. Se desde bem jovem cultivava versos, os poemas vão surgindo, se acumulando e, em dado momento, são organizados em livro e dispostos em seções, às quais se conferem títulos. Dessa maneira ocorreu com o livro inicial tardio, *A obra incerta*, prefaciado por Reinaldo Santos Neves e publicado em 2000 pela Flor&Cultura. Reúne versos dos anos 60 a 90, alguns deles já publicados na imprensa periódica ou em coletâneas, e dispostos nas seções “Agenda vitoriense”, “Atas de passagem” e “Plano da obra”.

O trabalho seguinte, *Livro novíssimo*, impresso em 2011 pela Flor&Cultura com apresentação de Lucas dos Passos, junta a produção das duas décadas anteriores ao seu aparecimento e tem as seguintes seções: “Escala 1:1”, “Fogo amigo”, “Trilha sonora” e “Livro novíssimo”.

O terceiro livro de poesia, saído em 2018 pela editora Patuá com o título de *Manual prático do mistério – poemas* e apresentação de Eduardo Madeira, também tem as composições distribuídas em diversas partes: “Contrapontos”, “Intervalos” e “Variações”.

Esse depoimento é significativo, pois pelos títulos dos livros e de suas seções, não se percebe que o autor sempre acumula poemas à medida que são escritos e, antes de os enfeixar numa obra, os organiza em divisões que guardam alguma correlação temática, mesmo subjetiva — poemas que possuem a cidade de Vitória como musa; questionamentos existenciais; tensões amorosas; manifestações culturais, além de diversos outros assuntos.

O autor dessas obras lembra que, na convivência por décadas com muitos amigos e conhecidos que lidavam com a prosa de ficção, sempre ouvia referências a projetos literários, que eram executados com êxito, abandonados, ou retomados e concluídos. E estranhava por ele mesmo não se empenhar em algum “projeto literário e poético”, a exemplo de autores capixabas seus amigos ou de luminares da poesia como Ezra Pound ou T. S. Eliot.

A mais recente obra do poeta, *Memorandos para a tribo*, editada em 2025 pela Causa com prefácio de Wilberth Salgueiro, acompanha as precedentes no sentido de ser uma acumulação de poemas, juntados tematicamente *a posteriori*. No entanto, delas se distingue por uma particularidade — se as seções “Sinfonia inacabada”, “Segmentos” e “Passeios” resultam de poemas selecionados como nos trabalhos anteriores (continuidade), a última, intitulada “As Torres Gêmeas”, resultou do que poderia ser considerado *grosso modo* de “projeto literário” (ruptura). Porque esse extenso poema foi elaborado aos poucos, de modo eventual, esquecido e retomado ao longo de dez anos. E somente concluído por meio de um esforço concentrado. O amigo Reinaldo chegou a ler e reler o poema, distribuído em 20 partes, sugerir algumas alterações, logo acatadas, elogiar o

tour de force (expressão dele) e observar que o poeta deveria se dedicar a fazer versos épicos.

Pode-se considerar também que “As Torres Gêmeas”, última parte de *Memorandos para a tribo*, difere dos poemas anteriores por preencher inteiramente uma parte do livro. Ou seja, ele foi pensado desde o início como um conjunto distinto das outras composições, sempre distribuídas de modo até certo ponto subjetivo entre as diversas seções dos livros de Achiamé. E também pelo longo poema ter levado tanto tempo para ser concluído. Talvez a justificativa para essa ruptura esteja no fato de o 11 de Setembro ter abalado bastante o poeta. Dias depois da tragédia, ele chegou a fazer um poema sobre ela e o apresentou aos amigos da extinta confraria do Sabalogos¹. O tema permaneceu martelando sua cabeça. E, afinal, sem conseguir transformar seu poema numa obra à parte, única, terminou o trabalho fazendo pesquisas na Internet de modo a subsidiar a feitura final dos versos.

E quanto às outras seções do *Memorandos para a tribo*? A primeira, “Sinfonia inacabada”, faz referência à famosa peça musical de Schubert citada pelas admoestações maternas quando certas tarefas domésticas não eram completadas. Nela poderiam estar todos os poemas, pois eles são o lugar por excelência do inacabado, que procura atingir a completude por meio do Outro, do Leitor. Mas a subjetividade do autor inseriu naquela seção composições ligadas ao transcendental, seja uma explicação buscada da condição humana

¹ Segundo Getúlio Neves, “Desde 1989. Nasceu de um encontro casual entre João Bonino Moreira e Sérgio Bichara, ambos muito “sistemáticos”, que surpreendentemente não se estranharam naquele dia de maio em Vitória. Estavam na Livraria Logos da Praia do Suá, e o assunto entre os dois, não de forma surpreendente (porque estavam numa livraria), foi livros. Constatadas por ambos as similaridades de gostos aquele foi, então, um embrião. A eles (provavelmente porque só haveria por ali uma mesa) foram-se juntando outros: Pedro J. Nunes, Carlos Wilson Lugon, Francisco Grijó e José Neves. Depois vieram Renato Pacheco, Luis Guilherme e Reinaldo Santos Neves, Ivan e Ivantir Borgo, Henrique Herkenhoff, Miguel Depes Tallon, Vitor Biasutti, Carlos Teixeira Campos Jr., Fernando Achiamé, Michel Minassa Jr., Léa Brígida de Alvarenga Rosa, Getúlio Neves, Álvaro José Silva. [...] Falava-se e fala-se de tudo e de literatura também”. Cf. NEVES, Getúlio. Sabalogos. In: NUNES, Pedro J. *Tertúlia*: livros e autores do Espírito Santo. Vitória, 2005-. Disponível em: <https://www.tertuliacapixaba.com.br/materias_especiais/sabalogos_sabalogos.html>. Acesso em: 13 maio 2026.

(poemas como “Culinária antiga”, “Bruxuleios”, “Fragmentos” e outros), seja a musicalidade de Debussy (“Impressões”) ou dos irmãos Gershwin (“Terceira rapsódia”), seja, enfim, lamentações sobre tragédias que escapam ao nosso controle (“Nova música aquática”, “Não estava lá”).

A segunda parte de *Memorandos*, denominada “Segmentos”, reúne versos provindos de um cotidiano variado. São produções mais reflexivas (os poemas “Sons”, “Segmentos”, “Luzes”, entre outros), ou realizadas a partir de práticas comuns (“De vez em quando...”, “A partir de um e-mail”, “Na varanda”), ou ainda de temas isolados, soltos na obra (“Monoteísmo”, “Troca”, “Vida de alguém”). O poeta acredita que seu cotidiano precisa ser enriquecido com inspirações e *insights* oriundos de olhares inusitados dirigidos à realidade, de atitudes que lembram a “observação participante”, método empregado por antropólogos em suas pesquisas de campo.

Memorandos para a tribo traz em sua terceira parte poemas enfeixados sob o título de “Passeios”. Nela predomina o amor pela musa maltratada mas que continua a superar seus problemas e decepções — a cidade de Vitória. Amor expressado por meio de trabalhos como “Camadas a partir do tempo”, “Papo praieiro”, “A concha vazia”. Os “passeios” poéticos vão também a Brasília (“Plano piloto 2021”) e a lugares capixabas: Colatina (“Vozes de sempre”), Cariacica (“Epicédio em 2020”), Anchieta (“Braçadas”), Itapemirim (“Destinos Desatinos”). O amigo e grande poeta Miguel Marvilla comentou admirado que o autor de *A obra incerta*, que ele editava, era um dos poucos da sua geração que celebrava em versos lugares capixabas. Talvez essa seja uma das temáticas presentes nos quatro livros de poemas antes citados.

Referindo-se à epígrafe em *Memorandos*, e interpretando os versos de Mallarmé, aquele Fernando me informou que a missão dos poetas (os “anjos”) seria “dar um sentido mais puro às palavras da tribo”, sabendo-se que a “tribo” somos todos nós — os falantes e os leitores de qualquer nível. Disse também que já tem pronto um quinto livro de poemas, a sair pela editora Cândida ainda em 2026,

com prefácio de Francis Kurkiewicz, e o título de *Caderno temporão de haicais e tankas*. E que nessa mais recente produção também não cumpriu um “projeto poético”. Os haicais se acumularam e, na organização do livro, foram separados em duas partes com temáticas entrelaçadas — a primeira sobre o Mosteiro Zen Morro da Vargem situado em Ibirapu (ES), e a segunda acerca de um filho afetivo, ordenado no mosteiro. Sendo que os tercetos desta última parte, por sugestão do prefaciador Francis, foram transformados em septetos — tankas.

Os autores das apresentações dos quatro livros já publicados de Fernando Achiamé foram citados devido à circunstância de seus textos formarem uma espécie de “fortuna crítica” da obra do poeta. A eles, se juntam um artigo de Gilbert Chaudanne estampado no antigo caderno “Pensar” de *A Gazeta* quando do lançamento em 2011 do *Livro novíssimo*; a resenha crítica de Ester Abreu Vieira de Oliveira intitulada “Achiamé, o historiador poeta”, que aborda a produção poética com ênfase em *Memorandos*, publicada na revista *Literatura ao Máximo* (n. 45, set. 2025); e a resenha sobre *Memorandos para a tribo* elaborada por Fábio Daflon Gomes e ainda inédita. Das apresentações, a elaborada pelo escritor Wilberth Salgueiro para *Memorandos* capta muito bem uma característica que percorre os livros do poeta Achiamé, sintetizada no título “Prazer e pensar” e na frase que encerra o texto: “Cabe à tribo percorrer esses memoráveis memorandos de Fernando, no trânsito entre o prazer e o pensar”. Salgueiro refere-se ao prazer de ler os poemas e ao fato de eles provocarem o leitor a pensar. Esse o ponto de vista de quem lê, claro. Da visada do autor, ocorreu o inverso — uma ideia que foi trabalhada em versos. Sabendo-se que, certamente, ambos os enfoques se complementam.

Consultei a declaração de Achiamé no livro *Por que você escreve?*, organizado por Sérgio Blank e publicado em 2018, e dela extraí um lamento que o define bem: “Uma aspiração: teimo em me definir como poeta e historiador, mas as pessoas ignoram a primeira atividade e somente me consideram praticante da segunda, certamente por minha culpa. O que posso fazer? Quem sabe algum dia seja reconhecido e lembrado como poeta...”

O fazer poético prossegue sem nenhum projeto, ao sabor das ideias, *insights* e emoções. Já existem alguns poemas acumulados que deverão vir à luz quando Deus der bom tempo. Como este, feito em 2024:

DOIS INSTANTES

Desde pequeno ouço a frase
"Cheirar a flor soprar a vela"

Professora de educação física
Minha mãe ensinava crianças
A respirarem direito
Pelo nariz cheirar a flor
Pela boca soprar a vela

Repetia com os alunos
Falava para os filhos
"Cheirar a flor soprar a vela"

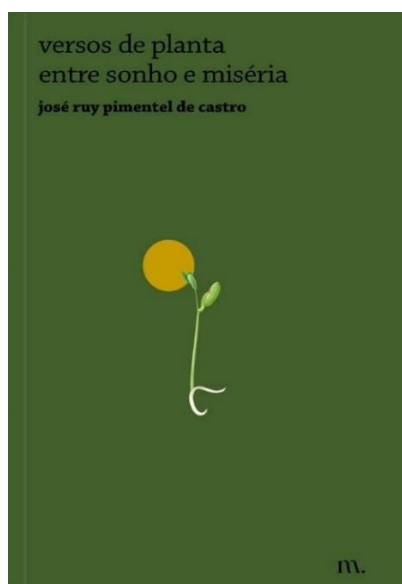
Vou pela vida descuidado
Cheiro flores sopro velas
Escutando a voz materna

Ao respirar pela primeira vez
Junto a mim havia uma Flor
Ela também estará comigo
No último sopro da Vela

Assim, entre continuidades e rupturas, o velho poeta persiste em seu ofício.

Recebida em: 4 de maio de 2026.
Aprovada em: 18 de maio de 2026.

CASTRO, JOSÉ RUY PIMENTEL DE.
*VERSOS DE PLANTA ENTRE SONHO E
MISÉRIA*. SÃO PAULO: M.INIMALISMOS,
2025.



(Selfie)

José Ruy Pimentel de Castro*

* Escritor capixaba natural de Vitória, residente em Serra/ES. Formado em Letras/Inglês pela Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes), autor dos livros *Tricótomo* (2009), *The Universe on the Tip of a Pen* (2012), *Autofagia* (2022), *Toda arrebatção que o mar não calou* (2024). Participa do coletivo Fazia Poesia, um dos maiores portais lusófonos de poesia contemporânea na plataforma Medium. Além disso, possui trabalho fonográfico autoral.



ano era o de 2022 e, naquele momento, eu, José Ruy Pimentel de Castro (ou Zé Ruy, muito prazer!) vinha de uma autopublicação no gênero poesia intitulada *Autofagia*. Era a quarta autopublicação seguida, caminho que optei por traçar até então, após a estreia como autor em editora tradicional com uma obra de não-ficção a respeito de música. Acreditava eu que a literatura, até ali, servia para não “entalar” engasgado com as muitas palavras que pediam vazão. Hoje eu não me creio errado àquela época, mas em meu conceito ainda havia limitações.

O período pandêmico catalisou a necessidade de expressão e comecei a pensar seriamente em publicar através de alguma editora, para além das publicações em redes sociais. Comecei a pensar no alcance dos versos, também por achar que pudesse haver, por parte de uma gama maior de leitores, uma identificação com as palavras surgidas de tal momento histórico. Talvez essa tentativa de voltar a circular, como poeta, para uma quantidade maior de pessoas tenha sido um retorno aos primeiros passos como tal; formado em Letras-Inglês pela Ufes e em Relações Internacionais pela UVV, iniciei o percurso, publicando em antologias da Câmara Brasileira de Jovens Escritores (CBJE), Editora Multifoco e Folheto Edições (de Leiria, Portugal), também em gêneros como conto e crônica, que se constituem até o momento em uma quantidade muito pequena de minha produção literária, mas dos quais também tenho bastante satisfação de ter publicado.

Como resultado desse novo posicionamento como autor em relação ao alcance da minha poética, e sem o sentimento de engasgo ao qual me referi — o que sempre me gerava um senso de urgência, enviei uma protoversão daquilo que posteriormente se tornaria duas obras distintas — uma divisão sabiamente exigida pela editora Marília Café, a saber: *Toda arrebenção que o mar não calou* (Pedregulho, 2024) e *Versos de planta entre sonho e miséria* (M.inimalismos, 2025). Sobre esta obra, aliás, se debruçará esta resenha.

Esse livro é a minha quinta publicação do gênero poesia. Segundo Helena Rodrigues, em reportagem de *A Tribuna*, “Nos textos, José Ruy aborda temas como existencialismo, melancolia, memória e transcendência, explorando as tensões entre o desencanto do real e o encantamento do imaginário” (RODRIGUES, 2026). É constituída de cerca de 60 poemas do período de meados e fim da pandemia de Covid-19 que se seguem cronologicamente, ou seja, em ordem crescente quanto à data da criação dos escritos (nesse sentido, aliás, o livro imediatamente anterior a ele avoluma poemas de início de pandemia).

A temática da natureza e da organicidade permeia todo o livro, servindo como plano de fundo para a criação poética. Há uma visão romântica muito comedida e madura no livro. Em sua apresentação, disse:

A planta sabe de sua miséria. Talvez por isso mesmo sonhe. E eu sigo escrevendo contra toda lógica de uma vida burocrática. É que a fotossíntese que garante a existência é o ponto de partida de qualquer sonho. Muito deste livro é a tentativa de não dar aos meios os ares dos fins; é bom não travestir essas coisas do que não são (CASTRO, 2015, p. 9).

O romantismo, que uso aqui sem qualquer ênfase ao aspecto amoroso que o termo também pode designar, vem da pertinência do sonho como enfrentamento a uma contemporaneidade para a qual ele é contraproducente. O pragmatismo de uma vida levada aos extremos da eficiência já gera danos físicos e psicológicos a uma sociedade que aprendeu a relegar seus anseios para depois. E o depois nunca chega. De certa forma, o humano retratado na obra é pós-utópico, como no poema “Toda conveniência é pós-utópica” (p. 68); um ser que assimilou, por meio de processos dialéticos como intempérie/resistência, que a ingenuidade do sonho é um luxo e que a frieza da resistência é antívida. A planta habita esse meio-termo.

Os poemas contidos no livro possuem inúmeros usos de rimas internas. Há multilinguismo que evidencia fragmentação do eu, utilizando-se de ressonâncias

das línguas como método de comunicação entre elas (veja só que ironia) em prol de determinado sentido. Os poemas não são intitulados, senão com o uso do primeiro verso quando o sumário das editoras assim exige (como é o caso aqui).

O tom pessimista (prefiro o termo “realista”) é a base das arfadas de ar com as quais o texto nos surpreende vez ou outra, como se fosse “luz escapando da copa das árvores”. É na miséria que a planta “segue, ainda que alguém da altura que sabe ter mesmo que não a tenha” (p. 9). A obra trata, *en passant* ou de maneira mais contundente, dos distanciamentos — em poemas como “Cresce o grão curvilíneo” (p. 12), “Seria esse torpor” (p. 14) ou “Em teoria o querer” (p. 17), dos desalentos — em poemas como “Drástico como o chão” (p. 18), “Qual a lógica das pretensões” (p. 19) e “*Se quedan muy lejos las ventanas*” (p. 21), das falhas morais — em poemas como “Cabe outra fábula” (p. 15) ou “Rotten roots” (p. 22).

O teor autocrítico e/ou autodepreciativo do eu lírico permeia a obra, chegando à superfície em poemas como “*Tea party* na mente” (p. 26) e “Pálpebras calam mais um dia” (p. 33). Conceitos teológicos se imiscuem na escrita, não como parte central, mesmo que estruturalmente importante; isso se vê em “Olhei a face do orvalho” (p. 28) ou “Dentre os vitrais borrados” (p. 20). Aliás, na obra, a figura divina pode ser comparada ao sol por detrás dos vitrais, iluminando em maior ou menor intensidade algum tema, a depender da angulação de incidência de seus raios.

Há intertextos importantes na obra. Com Shakespeare, por exemplo, no poema “It is what it is” (p. 29), que resolve o que se é ao invés de devanear sobre isso como na famosa frase “to be or not to be”, além de fazer alusões ao fantasma que espreita (no poema, seria o silêncio que espreita), o conflito entre as famílias reais e ao mistério entre céu e terra (que, ao contrário de Hamlet, não são mistérios que parecem passíveis de serem alcançados, mas que estão trancafiados), e com os evangelhos bíblicos, como no poema “Erijo pináculos” (p.

44). Os intertextos sempre carregam uma ressignificação das imagens emprestadas, geralmente desconstruídas e, quando desconstruídas, erigidas novamente em outro formato. Em “Erijo pináculos”, por exemplo, o eu lírico se atira, como sugerido pelo diabo na tentação de Cristo. A imagem do esgarço que cura também advém dos evangelhos numa alusão à cura da cegueira realizada por Cristo. No fim do poema, a constatação de que o anjo também é feito de barro o humaniza, ou diviniza o homem (este, na tradição judaica, feito de barro) pelo fato de o barro ter sido instrumento da cura.

Conceitos astronômicos e/ou físicos são usados em poemas como “Hoje o dia me pediu uma canção” (p. 50), “São Einstein,” (p. 59) ou “I measure my steps to the moon” (p. 60). Em “São Einstein”, endereçado como santo, também há intertexto com Drummond, mas, ao invés de uma pedra, no meio do caminho há “um cinturão de asteróides”. Nesse poema, aliás, vemos o amálgama dos conceitos teológicos, físicos e orgânicos, evidenciando minhas leituras de mundo.

Se algo se pode dizer, ao fim, é que *Versos de planta entre sonho e miséria* não pretende oferecer respostas prontas nem consolos fáceis. Antes, farfalha e persiste em meio a vitrais borrados, asteroides no caminho e raízes que sabem da própria escassez. Há uma ética silenciosa na obra: crescer, ainda que aquém; sonhar, ainda que tarde; resistir, mas sem transformar o coração em pedra. Não se trata de heroísmo, por um lado, nem resignação, por outro, pura e simplesmente; trata-se de permanecer como quem busca luz sob copas densas e de lembrar que, diante da miséria, o sonho ainda é fotossíntese.

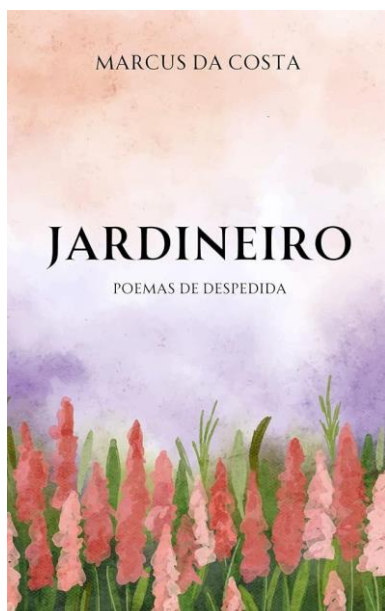
Referência:

RODRIGUES, Helena. Livro de poesias de Zé Ruy explora existencialismo. *A Tribuna Online*, Vitória, 28 out. 2025. Disponível em:

<https://tribunaonline.com.br/entretenimento/letras/livro-de-poesias-de-ze-ruy-explora-existencialismo-279839?home=espirito_santo>. Acesso em: 2 mar. 2026.

Recebida em: 2 de março de 2026
Aprovada em: 26 de março de 2026

DA COSTA, MARCUS. *JARDINEIRO*.
POEMAS DE DESPEDIDA. VENDA NOVA
DO IMIGRANTE: EDIÇÃO DO AUTOR,
2023. EDIÇÃO KINDLE.



(Foto de Grazi Gobbi)

Marcus da Costa*

* Escritor capixaba natural de Cachoeiro de Itapemirim, é graduado em Letras pelo Centro Universitário São Camilo, especialista em Linguagens, Tecnologias e Educação pela Universidade Federal de Minas Gerais e mestrando em Letras pelo Instituto Federal do Espírito Santo. *Jardineiro: poemas de despedida* é seu e-book de estreia.

Nascido e criado em Cachoeiro de Itapemirim, cidade que carrega em sua memória literária os nomes de Rubem Braga e Newton Braga, eu, Marcus da Costa, escrevo a partir de uma tradição que me atravessa, mesmo quando falo de mim.

Graduado em Letras pelo Centro Universitário São Camilo, especialista em Linguagens, Tecnologias e Educação pela Universidade Federal de Minas Gerais e mestrando em Letras pelo Instituto Federal do Espírito Santo, transito diariamente entre a sala de aula, como professor de Língua Portuguesa, e a página em branco que me convida a transformar experiência em palavra. É desse lugar de leitor, professor e sujeito afetado que olho para o pequeno conjunto de poemas de *Jardineiro: poemas de despedida*, um livro de estreia que nasce da perda, mas insiste na possibilidade de continuar.

Quando escrevi que este “livro de poemas, se é que posso chamar de livro”, foi pensando em alguém que eu nunca me imaginei sem, eu já anunciava uma dúvida dupla: a dúvida sobre o próprio objeto (É livro? É desabafo? É caderno de memórias?) e a dúvida sobre mim mesmo, esse sujeito que, sozinho, “é ninguém”, mas que ainda “segue na busca de ser”. Sinto que o conjunto se organiza como um memorial íntimo do fim de um amor e, ao mesmo tempo, como um exercício de reconstrução de identidade a partir daquilo que doeu, passando da idealização do cuidado (“Jardineiro”) à exposição da solidão, até chegar ao gesto de encerramento de “Último poema”. Escolhi uma linguagem simples, imagens do cotidiano e repetições que aproximam os textos de uma fala confessional, quase como se eu estivesse conversando comigo e com quem já teve o coração partido.

Cuidado, amor e o jardim interior

Nos dois poemas “Jardineiro”, eu organizei a metáfora do amor como cultivo, algo que me parece muito próximo da vida no interior e das imagens de terra e pomar que me acompanharam desde criança. Em “Jardineiro 1”, ofereço meu coração como terra arada: o jardineiro “planta sementes” e “sentimentos”, colhe “amores”, e dentro de mim nasce um “pomar inteiro de sentimentos florescendo dentro do meu ser”. As “mãos ásperas, porém suaves” desse jardineiro dizem muito sobre o tipo de amor que eu desejava: um amor que dá trabalho, que exige esforço, mas que é também cuidado delicado, gesto paciente.

Em “Jardineiro 2”, inverte o ângulo: já não é só o jardineiro que cuida de mim; sou eu quem precisa acolher o cansaço e o choro dele. Quando escrevo que “essas lágrimas que escorrem do seu rosto são salgadas demais para regar a plantação”, tento mostrar que a dor em excesso pode queimar aquilo que a gente quer fazer crescer. Ao lembrar que “hoje é só um dia” e que “amanhã o sol há de raiar e iluminar o seu jardim”, reafirmo a crença em ciclos, em recomeços, na mesma lógica que atravessa outras imagens sazonais do livro.

Identidade em pedaços: minha colcha de retalhos

“Colcha de retalhos” é talvez um dos textos em que mais me exponho na tentativa de pensar quem sou eu. Ao repetir tantas vezes “colcha de retalhos”, assumo que me sinto feito de pedaços de outras pessoas, de “pedacinhos e pedacinhos” e “dores e dores” que fui costurando ao longo das relações. Há uma consciência de fragmentação, de incompletude, mas também uma recusa a ver isso como defeito: mesmo sendo uma colcha incompleta, ela “cobre, esquentar e protege” aqueles que me formaram.

Quando me pergunto “se eu não fosse assim, como uma colcha de retalhos, qual seria meu propósito?”, procuro aceitar que minha identidade está sempre “em processo de costura” e que o fato de ser inacabado é justamente o que me permite servir, acolher, estar com o outro. Nesse poema, eu tento transformar o que poderia ser lido apenas como sobra em projeto de existência.

Aprender de novo o amor e suas cores

Em “Aquarela em verde e azul”, falo do menino que aprendeu verdades prontas: misturar verde e azul dá amarelo (mesmo que isso não seja a verdade, uso da liberdade poética), amor se pinta de vermelho. Trago esse aprendizado escolar e cultural para, mais tarde, na vida adulta, confrontá-lo com o que eu realmente sinto: “no entanto sei que muito disso não é certo”. Ao afirmar “vermelho pro amor? incorreto / amor pra mim é amarelo”, reviso o código: o amor deixa de ser apenas paixão intensa, sangue, ferida aberta, para se aproximar de algo luminoso, talvez mais solar, esperança e claridade.

Esse poema é, para mim, um ensaio em forma de versos sobre como a gente reaprende palavras que achava que já conhecia, como amor, a partir das próprias experiências e dores. Mais do que brincar com cores, eu tento mostrar a passagem do que me ensinaram para o que, hoje, eu escolho acreditar.

Solidão, abandono e o barulho que não silencia

“A solidão sempre me acompanhou” é, sem dúvida, um dos textos mais crus do conjunto, muito próximo de uma prosa poética em que eu abro as lembranças de perda desde a infância. Falo do coelho vermelho que “se perdeu nos milhares de túneis que cavava”, dos cachorros que “sempre viraram nuvens”, dos amigos que nunca ficaram por muito tempo, e de como, aos poucos, fui “me apagando”.

Ao mesmo tempo, relato o aprendizado de fingir, de estampar um sorriso, de oferecer a mão, enquanto por dentro ninguém de fato me enxergava.

Quando digo “aprendi a confiar só em mim, mas até eu me abandonei”, toco numa sensação de autoabandono que me atravessa e que não é simples de nomear. A imagem da solidão como “barulho inaudível que não para nunca” tenta romper com a ideia de que solidão é silêncio e paz: para mim, ela é ruído interno, pensamentos e presenças que gritam dentro da cabeça e ficam ainda mais fortes quando estou fisicamente só.

Luto amoroso e presença que não vai embora

Nos poemas “Sua presença ainda é tão forte aqui” e “Você ainda está aqui”, trabalho o luto amoroso, essa fase em que a pessoa já se foi, mas continua ocupando todos os espaços. No primeiro, sinto “todas as noites seu toque quente”, ainda que saiba que é “só ilusão”, e reconheço que a outra pessoa “seguiu seu caminho” e soltou uma mão que prometera não largar. O “frio descomunal” que fica é uma forma de nomear o vazio que o rompimento deixa.

No segundo, a presença se fragmenta em vestígios: as roupas manchadas de tinta, o cheiro de alguém na rua com o mesmo perfume, a música que eu não gostava, mas que toca no rádio e, de repente, dói. A repetição de “eu choro, porque” marca a ambivalência: eu choro porque sinto falta, porque queria contar as novidades, porque sei que foi melhor assim, mas também porque não queria deixar ir. Acabo admitindo que choro porque “você ainda está aqui”, dentro, mesmo depois de ter partido.

Tempo, espera e o desejo de recomeçar

“Um novo amanhã, amanhã” retoma o tema dos ciclos por meio das estações do ano. Descrevo “árvore seca”, “folhas no chão”, “dia nublado”, “lágrima no rosto” para sugerir um outono-inverno emocional, um momento de frio, perda e recolhimento. Mas insisto que “o outono já se vai”, que o inverno “não dura muito”, e que “o verão há de chegar e a primavera logo vem”, porque acredito que o recomeço faz parte do movimento inevitável da vida.

Em “Fiquei te esperando”, o tempo se faz sentir de outra forma: por meio da espera que não se cumpre. Enquanto eu fico “na porta da minha calçada” esperando alguém que nunca vem, tudo em volta muda: “as crianças jogando bola na rua cresceram”, “a senhora que regava as plantas todo fim de tarde, morreu”. O mundo anda, as gerações se sucedem, mas o eu lírico permanece parado, preso a um compromisso que o outro nunca honra; é uma cena de melancolia e de certo autoaprisionamento que reconheço como parte de mim.

Metapoesia e o gesto de encerrar

Em “Último poema”, eu volto o olhar para o próprio ato de escrever. Digo que “este é o último poema que te escrevo” porque já não faz sentido continuar me dirigindo a alguém que “já não me lê”. Assumo a frustração de não ser compreendido (“em metáforas, você nunca as entendeu”) e a fadiga de tentar “rimar você” em versos que não chegam mais ao destinatário.

Quando afirmo “te mato agora nos meus versos, findo a minha poesia”, enceno um assassinato simbólico dessa figura amada dentro da linguagem, como se, para seguir, eu precisasse desligar a máquina que transforma a pessoa em poema. É um fim brusco, mas coerente com o percurso que começo lá no jardineiro cuidador, passo pela colcha em costura e chego a esse ponto em que

percebo que continuar escrevendo para o mesmo tu é também uma forma de não me deixar ir.

O que enxergo hoje neste conjunto

Olhando para *Jardineiro: poemas de despedida* como autor e como leitor de mim mesmo, vejo um livro que encontra sua força na honestidade emocional, na escolha de imagens recorrentes, como jardim, colcha, estações, espera, e na tentativa de dar forma poética a experiências de perda, solidão e recomeço.

Se penso em caminhos futuros, imagino experimentar mais com ritmo, cortes de versos e silêncios graficamente marcados na página, para potencializar ainda mais essas imagens e tensões que já estão aqui. Mas, acima de tudo, reconheço neste conjunto a voz de alguém que, mesmo se sentindo ninguém, insiste, à sua maneira, em continuar buscando ser.

Recebida em: 4 de março de 2026
Aprovada em: 26 de março de 2026

DO SINAL DE ALERTA EM *AI DE TI, CAMBURI*, DE ANDRÉIA DELMASCHIO

ABOUT THE WARNING SIGN IN *AI DE TI, CAMBURI*, BY ANDRÉIA DELMASCHIO

Maria Mirtis Caser*
Telma Martins Boudou*

Quatro poemas vitorianos

I
Final feliz
Tubarão espia
corpos se bolinam.

A fuligem é manto de púrpura
abolindo a tarde.

Camburão, Camburi:
nem pm, nem sirene
espantam da pista
putas, michês, travestis.

Raimundo Carvalho

* Doutora em Letras Neolatinas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

* Doutora em Literatura Francesa pela Université de Caen (Unicaen).

Do triângulo amoroso

Ai de ti, Camburi, romance de Andréia Delmaschio (2024), retoma o clássico tema de todos os tempos, espaços e gêneros da literatura: o amor, e mais especificamente, o triângulo amoroso. Nele Dalva, uma professora brasileira, mãe de gêmeas, vive um romance retratado com tintas bastante fortes com o engenheiro peruano, Andrea, casado com Mira. O triângulo de Delmaschio conta com uma quarta personagem, Vera, confidente/ouvinte/leitora de Dalva.

Tecido por mãos famosas como as de Flaubert, Machado ou Eça, o triângulo amoroso traz até o(a) leitor(a) as figuras de Ema, Capitu e Luísa, inesquecivelmente castigadas por seus narradores homens. Mas com Delmaschio, ainda que o triângulo amoroso seja o tópico, o tom da conversa toma outros rumos, porque os eventos são narrados pelo ponto (normalmente) mais frágil da relação triangular, a amante, aquela que é apontada como a vilã, que sofre as acusações da sociedade patriarcal, da qual o homem recebe toda a benevolência, enquanto para a mulher é reservado o rigor exemplar.

O triângulo amoroso traz em seu bojo os valores, tradições, noções, que supõem família, fidelidade, respeito, moralidade, ao lado de adultério, paixão, traição, infidelidade, além de outras fantasias e, costumeiramente, o castigo da grande culpada, a sedutora, aquela que, imitando Eva, enreda o frágil rapaz, já comprometido em uma relação abençoada pela lei humana e pela lei divina. No caso da narrativa delmaschiana encontra-se um experimento de ruptura desse encadeamento, uma vez que a protagonista, Dalva, dirige a cena e traz nuances muito mais irônicas e sarcásticas do que dramáticas ao romance amoroso, que ela vai transformando, com a aprovação do(da) leitor(a), em um romance literário em prosa.

Obra escrita por uma mulher, *Ai de ti, Camburi* carrega as marcas de gênero, características da vivência feminina da modernidade, com a carga de trabalho

duplicada, já que a protagonista é mãe de gêmeas, professora e amante. A profissão é exercida por ela com grande competência e dedicação, como o comprova, entre outras passagens, o relato acerca de Sérgio, um de seus estudantes (Delmaschio, 2024, p. 86 et seq.). O rapaz lhe pede a leitura crítica de um texto que tinha escrito e, como ela não conseguiu ler no tempo adequado, sofre e tenta fugir do contato com o jovem escritor. A notícia de que o estudante já não constava da pauta da disciplina provoca-lhe um estado de angústia, que alcança um grau inimaginável com a informação da morte do talento promissor.

Dalva é mãe de gêmeas e precisa administrar a casa, embora conte, como ainda acontece em nosso país, com uma ajudante para as tarefas domésticas. Acrescente-se a isso o dispêndio de tempo e de energia com a relação amorosa vivida com Andrea, que, junto com o charme e a sedução do homem que fala um “portunhol castiço”, traz arraigado um machismo desanimador, que uma personagem com as condições de Dalva poderia não suportar. Em várias passagens, a mulher relata atitudes condenáveis do amante, mas ela se sente sempre impulsionada a “acolher o homem”.

Uma cena, no entanto, é especialmente chocante em seu chauvinismo: desconfiado de que Dalva poderia estar interessada em outro homem, Andrea pondera: “— Dime, por qué debo creer que no te gustó el húngaro, si incluso te involucras con un hombre casado” (Delmaschio, 2024, p. 105). Diante da “deplorável pérola de moralismo machista”, a amante fica furiosa e o expulsa de casa. Mas o pedido de desculpas feito no dia seguinte amaina toda a gravidade, e Dalva pensa ser uma vitória o fato de o amante não trocar selinho com a esposa, quando os três estão juntos.

Dos nomes

Acreditamos que merece atenção especial do(da) leitor(a) a escolha dos nomes das personagens do romance. Vejamos: ao triângulo amoroso composto por

Dalva, Andrea e Mira se pode juntar Vera, considerando-se, portanto, quatro as personagens principais da narrativa. Vera é a correspondente a quem Dalva, a narradora, se dirige através de e-mails, a cuja voz não temos acesso e cujas opiniões conhecemos apenas através do discurso indireto enunciado por Dalva. Andrea é o amante e Mira é a mulher de Andrea.

A ideia defendida por Saussure (1977, p. 81) de que “(o) laço que une o significante ao significado é arbitrário ou então, visto que entendemos por signo o total resultante da associação de um significante com um significado, podemos dizer mais simplesmente: o signo lingüístico é arbitrário”, não se aplica sem reservas aos nomes próprios de pessoas, que parecem ser escolhidos de acordo com crenças, augúrios e homenagens. Não há, portanto, casualidade entre “a palavra e a coisa” na escolha do nome das crianças pelas famílias.

Recorremos a fragmentos de “História dos ecos de um nome”, em que Jorge Luis Borges retoma uma passagem do Êxodos, na qual Moisés pergunta a Deus o Seu nome e Ele lhe responde: “Soy El Que Soy” (Borges, 2022, p. 100). A resposta misteriosa se justifica pela razão de que “para o pensamento mágico, ou primitivo, os nomes não são símbolos arbitrários, mas parte vital daquilo que definem”^{1 2} (p. 100). E continua o autor argentino:

Moisés, à maneira dos feiticeiros egípcios, teria perguntado a Deus qual era o Seu nome para tê-lo em seu poder; Deus lhe teria respondido, de fato; “Hoje converso contigo, mas amanhã posso assumir qualquer forma, e também as formas de pressão, da injustiça e da adversidade” (Borges, 2022, p. 101)³.

¹ “para el pensamiento mágico o primitivo los nombres no son símbolos arbitrarios sino parte vital de lo que definen”.

² Os textos citados traduzidos do espanhol para o português são de responsabilidade das autoras deste artigo.

³ “Moisés, a manera de los hechiceros egipcios, habría preguntado a Dios cómo se llamaba para tenerlo en su poder; Dio le habría contestado, de hecho; ‘Hoy converso contigo, pero mañana puedo revestir cualquier forma, y también las formas de presión, de la injusticia y de la adversidad’”.

A magia na escolha do nome próprio pode ser encontrada, de alguma maneira, também na ficção, e é possível desvendar significados na trama narrativa por meio do nome recebido pela personagem. Para sustentar a afirmação, valemos de David Lodge, que em *El arte de la ficción* defende o significado dos nomes próprios na ficção:

Em um romance os nomes nunca são neutros. Sempre significam alguma coisa, mesmo que seja somente o carácter comum e corriqueiro. Os escritores cômicos, satíricos ou didáticos podem ser exuberantemente inventivos, ou obviamente alegóricos, nos nomes de suas personagens (Thwackum, Pumblechook, Pilgrim). Os romances realistas tendem a usar nomes comuns com as conotações apropriadas (Emma Woodhouse, Adam Bede). Dar nome a suas personagens é sempre uma parte importante de sua criação [...] (Lodge, 1998, s. p.)⁴.

Yves Reuter (2002, p. 102) se manifesta sobre o tema, defendendo que o nome identifica a personagem, para lhe dar vida e, como na realidade, “fundamenta a sua identidade” e é “de algum modo a unidade de base da personagem, aquilo que a sintetiza de maneira global e constante”. Para esse autor a simples menção ao seu nome traz à mente do(da) leitor(a) os atributos que a caracterizam.

O nome da personagem contribui para a distinção de um texto literário como tal; portanto, defendemos que sua escolha não pode ser casual e deve, ao lado do aspecto estético, cumprir outras finalidades, como a de permitir que o(a) leitor(a) faça previsões e inferências sobre a trajetória que tal personagem irá seguir. Levando em conta os apontamentos vistos até aqui, buscamos identificar as personagens de acordo com os nomes a elas atribuídas pela romancista em *Ai de ti, Camburi*.

⁴ “En una novela los nombres nunca son neutros. Siempre significan algo, aunque sea sólo el carácter común y corriente. Los escritores cómicos, satíricos o didáticos pueden permitirse ser exuberantemente inventivos, u obviamente alegóricos, en los nombres de sus personajes (Thwackum, Pumblechook, Pilgrim). Las novelas realistas se inclinan por nombres corrientes con las connotaciones apropiadas (Emma Woodhouse, Adam Bede). Bautizar a los personajes es siempre una parte importante de su creación [...]”.

Começamos pelo começo, que é por onde se deve começar: Dalva é a protagonista, o que leva a pensar que, talvez, receba um nome especial. Não encontramos nos dicionários de nomes impressos, consultados por nós, informações sobre sua origem e significado. Valemo-nos, por isso, de páginas online, que julgamos merecer alguma credibilidade: no site de Gabe Hiemstra (2019) encontramos os dados seguintes:

Dalva é um nome feminino de origem incerta, mas comumente associado a uma derivação do nome Adalgisa, que significa "refém nobre" ou "lança nobre" em germânico (adal: nobre + gisa: refém, lança). Outra possível origem é uma adaptação do nome de um vale na Escócia chamado Dálvã, que significa "campo do vale". No Brasil, Dalva também pode ser associado à expressão "dádiva", denotando algo precioso e dado por Deus. O nome carrega consigo conotações de nobreza, força e preciosidade.

As características associadas ao nome Dalva soam bastante próximas às qualidades da personagem delmaschiana, como veremos no decorrer desta leitura.

Vera é a personagem/destinatário do eu narrador que inaugura a correspondência; afinal é esse um romance epistolar ou um romance de e-mail? Sem nos determos nesse detalhe, tomamos a passagem que abre o texto: "Vera querida, estou tão feliz com reatarmos o contato!" (Delmaschio, 2024, p. 21). Estamos no início, mas num início retomado, poder-se-ia falar de uma narrativa *in medias res*? Alguma coisa já aconteceu, não sabemos o quê, não sabemos quem é Vera, e de que contato se trata.

Intentando identificar a função da personagem de acordo com o nome Vera, seguimos a José Pedro Machado, que anota: Vera – "do it. *Vera*, este parece que tem origem no russo onde significará 'fé, fidelidade', ou mais provavelmente no latim *Vera* 'verdadeira'" (Machado, 1993, p. 1467), o que remete à verdade, à confiança, à confiabilidade. Vera será a confidente no decorrer de toda a narrativa, e o(a)s leitor(a)s conhecerão suas opiniões sempre indiretamente,

através dos relatos de Dalva, uma vez que Vera não tem lugar de fala, levando-nos a tomá-la como o(a) leitor(a), a quem a narradora expõe suas dúvidas, relata seus segredos mais íntimos, agradece o incentivo, confessa sonhos e esperanças.

É de se destacar a eleição do nome Andrea para o amante. Ainda de acordo com José Pedro Machado (1993, p. 134), o nome provém do grego *Andréas*, pelo latim *Andrêês*. O nome que, segundo o *Dicionário de nomes próprios* traz o sentido de “ másculo”, “viril”, parecia com o nome da autora, Andréia, que, com a mesma origem, tem o sentido de “extrema feminilidade”, mas indica mulher poderosa ao mesmo tempo, segundo esse dicionário. A personagem masculina é peruana e traz consigo toda a cultura e apegos próprios de sua gente, e não se pode considerar coincidência que entre tantos nomes masculinos o amante responda “quase” pelo nome da autora. Recorremos ainda a Gutierre Tibón, que, em seu *Diccionario etimológico comparado de nombres propios*, registra:

Andrea. Feminino de Andrés.

Andrés. Griego, ' *Ἀνδρέας*, de *ἀνδρός*, “varonil, masculino”, derivado por sua vez de *ἀνρίρ*, “homem”. [...] Latim e alemão *Andreas*; francês, André; italiano, Andrea; inglês Andrew; russo, Andrei [...] (Tibón, 1994, p. 28).

Como se pode ver na citação de Tibón, o nome Andrea é usado para os seres do sexo masculino em italiano; em espanhol, no entanto, o nome Andrea é indicado para as mulheres. Ratifica-se, portanto, a estranheza da opção do nome “feminino” para o homem que performa como amante da protagonista.

A escolha do nome da personagem recebeu a atenção de José Celso Remi Jr., que, na apresentação da obra, pergunta: “(¿com esse nome (Andrea), será ele um *alter ego* da autora? ¿um masculino que performa dentro dela?” (2024, p. 16)⁵. O entrelaçamento entre autora e personagem deságua na confusão entre

⁵ Atente-se para o uso do ponto inicial de interrogação usado em espanhol, mas mantido no texto em português pelo apresentador da obra.

as personagens Andrea e Dalva, que vai se sentir criatura do amante, a quem ela pretende ficcionalizar, num intrincado entre ficção e “realidade”:

Eu sofreria, sozinha, as consequências de todos os nossos atos, embora esse mesmo conjunto de eventos me transforme, imediatamente, numa mera personagem. De repente sou Dalva, criação de Andrea. Sou a autora que ele inventou para a personagem que ele seria. De certo modo, o Andrea que conheci sempre foi uma personagem, algo que seu discurso quase literário, na carta, faz apenas ressaltar (Delmaschio, 2024, p. 226).

O mais intrigante de todos os nomes talvez seja o nome da “outra” ou da “uma”, a depender da perspectiva pela qual se queira olhar. A mulher de Andrea se chama Mira, nome pouco comum em língua espanhola, derivado de nomes como Mireya ou Mirian, segundo sites dedicados a escolhas de nomes de bebês. Tibón não dedica um verbete ao nome *Mira*, mas faz referência a ele, ao tratar do nome *Mireya*, cuja origem é também ignorada e, segundo alguns, “procede do hebreu Miriam” (Tibón, 1994, p. 170). E segue Tibón afirmando que *Mirella* é diminutivo de *Mira*, feminino de *Mirus*, “admirável, maravilhoso” (p. 170).

E o significado do nome permite ao(à) leitor(a) fazer previsão e inferências, como afirmamos anteriormente, pois pistas vão desembocar no último capítulo, quando Dalva identifica alguma coisa escrita no pênis de Andrea: “Era o nome de Mira, gravado em traços pretos, numa fonte de estilo vitoriano. Na longitudinal, o nome dela, de quatro letras, mal cabia. O meu, com apenas uma letra a mais, resultaria ilegível” (Delmaschio, 2024, p. 257), o que leva a pensar que Dalva conclui que não caberia no pênis e na vida de Andrea. E como é sabido por toda a gente, o que está escrito é o que vale.

Como veremos no desenrolar dos acontecimentos Dalva é muitas vezes irônica, sarcástica, pungente no tocante à relação vivida por Andrea e as duas mulheres, como o comprova a passagem a seguir:

Retornando de uma viagem ao Peru, Andrea me trouxe de presente *La tía Julia y el escribidor*, romance de Vargas Llosa. Mal terminou a leitura, passou-me o volume empolgado, querendo que lêssemos juntos um mesmo livro. Quando lhe perguntei (por gosto de provocação porque não o oferecia também a Mira, de modo que o lêssemos os três, afirmou que até havia pensado nisso, mas que Mira preferia lecturas de mayor aplicación práctica. Uma dessas leituras, me disse, era *Transforme seu homem em sete dias*, verdadeiro livro de cabeceira que Mira lia com *aires de devota*, e cujos ensinamentos punha em ação na tentativa de transformar o seu homem (Delmaschio, 2024, p. 145).

Dalva faz questão de registrar que se interessa por literatura sofisticada, que exige pensamento refinado, elaboração crítica e conhecimento de diferentes áreas do saber, enquanto o interesse de Mira estaria em níveis muito mais rasteiros, limitando-se aos papéis femininos tradicionais, quais sejam, cuidar do que envolve as relações de afeto.

Não apenas os nomes próprios de pessoa, mas também os de ruas e avenidas do mapa de Vitória, Espírito Santo, são cuidadosamente escolhidos pela autora, que mantém no título do romance o nome real de Camburi, a orla da cidade. Trata-se, a nosso ver, de mais uma personagem da narrativa, tomada metonimicamente pelos que nela habitam ou que por ela transitam, já que os fatos dignos de castigos não são cometidos pelo lugar, mas por seus usuários, que precisam de cuidar-se; caso contrário, ai deles! Defendemos que o nome do lugar que dá título à obra não é casual, mas remete a acontecimentos que perturbam a ordem social, como os casos amorosos ilegais ou os crimes como o da menina Araceli, de que falaremos em seguida.

No artigo de opinião de André Kassu, “Rio que muda de lado” (2024), podemos encontrar uma possível origem para o nome: Camburi é uma palavra de origem tupi-guarani que significa rio do robalo, um peixe de fácil adaptação aos diferentes teores de sal na água. Outra versão para o significado de Camburi se refere ao fato de esse rio ser um “rio que muda”, portanto, algo de que não se

pode estar seguro, como parece acontecer nas relações humanas de que trata o romance de Delmaschio.

Mantêm seus nomes conhecidos outros pontos importantes da cidade e de seus arredores como se pode ver nos fragmentos: “No sonho, o meu romance se chamava *Andrea* e estava pronto para ser lançado. A gravura da capa era uma fotomontagem em preto e branco, num fundo vermelho, e sobrepunha Machu Pichu ao monte do Mestre Álvaro, símbolo do município da Serra, palco de parte dos acontecimentos” (Delmaschio, 2024, p. 153), ilustração que, aliás, coincide com a capa do livro real, da autoria de Willi Piske Júnior.

Outros locais são ficcionalizados e recebem nomes caricaturais, que permitem ao morador capixaba identificar de que parte da cidade se trata, como nos trechos a seguir: “Dois dias depois do meu aniversário e dois antes do seu, marcamos no bar do Proveta, Volta da Iracema, indo cada um no seu carro” (Delmaschio, 2024, p. 107), que faz reverberar a Curva da Jurema, orla da Praia do Canto e “Diante da baía, tendo ao fundo a Vila Antiga, com o convento da Pedra e a Ponte Grande [...]” (p. 158) em alusão a Vila Velha, ao Convento da Penha, mais importante monumento do município de Vila Velha, além da Ponte Castelo Mendonça, a maior ponte a ligar os municípios de Vitória e Vila Velha.

Um dos nomes fictícios utilizados revela a crítica ferina de Delmaschio: é o caso da Avenida Dante Michelini, que, como lembra Remi Junior (2024, p. 17) “[...] beira o mar de Camburi e é alvo de indignação, por homenagear o empresário que era avô e homônimo de Dante Michelini, investigado na década de 1970 pelo assassinato brutal da menina Araceli”. Delmaschio ficcionaliza a dita avenida, chamando-a “Avenida Dante Mussolini”, em clara alusão ao criador do movimento fascista, que originou o Partido Nacional Fascista, Benito Mussolini, responsável por atrocidades tais que ser nomeado Mussolini é sinônimo de ser uma pessoa totalmente desprezível (como no caso do Michelini?).

Registre-se ainda, nos nomes de lugar, a alusão a Jerusalém, que, sem ser local conhecido na cidade que serve de espaço para o desenrolar da narrativa, aparece tanto na expressão “Ai de ti, Jerusalém”, a que se reporta o título da obra, como em outro contexto, agora menos sagrado, como nas palavras de Remi Junior (2024, p. 17): “De outro lado, o ‘ai de ti’ ecoa a voz da narradora, em autocrítica (ou mea-culpa): o paradigma religioso comparece pontualmente, no nome do local de encontro predileto de Dalva e Andrea [...]”. Comprova a leitura do crítico o trecho em que a protagonista relata mais um dos encontros com o amante na ilha de Jerusalém, recanto predileto dos namorados, uma vez que se localizava em lugar distante e, portanto, presumivelmente seguro para os amores “ilegais”:

Em Jerusalém, éramos um casal como qualquer outro, subindo e descendo pelas ruelas íngremes e estreitas cercadas de mar por todos os lados, geografia que redundava numa alegoria da nossa própria condição de amantes, ilhados, por vontade do mundo autorizado, e supondo-nos transcendentemente protegidos das intempéries lá de fora (Delmaschio, 2024, p. 125).

Do sinal de alerta

Como ensina David Lodge, a escolha do ponto de vista é fundamental para a direção que se queira dar aos eventos narrativos e suas consequências:

[...] escolher o ponto ou os pontos a partir do qual ou dos quais a história vai ser contada é a decisão mais importante que o(a) romancista toma, pois influencia enormemente sobre a reação tanto emocional quanto moral, do(a)s leitores /as diante das personagens fictícias e de suas ações. A história de um adultério, por exemplo — qualquer adultério — nos afeta de maneira diferente, dependendo de ser apresentada do ponto de vista da pessoa infiel, do(a) amante, ou observada por uma quarta pessoa (Lodge, 1998, s. p.)⁶.

⁶ “[...] elegir el o los puntos de vista desde el cual o los cuales va a contarse la historia es la decisión más importante que el novelista debe tomar, pues influye enormemente sobre la reacción, tanto emocional como moral, de los lectores frente a los personajes ficticios y a sus acciones. La historia de un adulterio, por ejemplo —cualquier adulterio— nos afectará de modo

De imediato, o título do romance de Andréia Delmaschio, *Ai de ti, Camburi*, atua sobre o(a) leitor(a) como um gatilho que dispara, ao longo da leitura, uma conexão de sentidos e de vozes, longínquas vozes ecoando, pertinente e intermitentemente, nesse espaço cênico por onde circulam os atores, as atrizes que configuram o triângulo amoroso. As personagens em suas entregas e programações amorosas talvez não percebam essas vozes que as atravessam. Um alerta, entretanto, está no ar, (ai de ti), uma voz tênue, quase inaudível, mas presente, acompanha o desenrolar dos acontecimentos. Presença velada, faz-se ouvir uma primeira vez repentina e significativamente colocada entre parênteses, na página 130 (Delmaschio, 2024) em sua versão original "(ai de ti Jerusalém)". A atenção volta-se para as raízes desse título e os desdobramentos de sentido latentes no decorrer da leitura. Vinculado ao espaço textual, Camburi, o local onde se desenvolve a ação, o título do romance deita, entretanto, suas raízes no espaço bíblico, Jerusalém, num movimento que se abre nas páginas finais para um espaço extratextual, o do famoso contrerrâneo da autora, Rubem Braga, ai de ti Copacabana! Um itinerário se consolida: Ai de ti Camburi, Ai de ti Jerusalém, Ai de ti Copacabana.

Releitura e inserção da exortação bíblica no contexto da história narrada? Que se considere na passagem bíblica o teor da advertência e o ato de fala do emissor ao destinatário. "Tenho visto as tuas abominações sobre os outeiros e no campo, a saber, os teus adultérios, os teus rinchos, e a luxúria de tua prostituição. Ai de ti, Jerusalém! Até quando ainda não te purificarás?" (Jeremias, 13-27).

Salvaguardando o espaço e o tempo em que tais palavras foram proferidas, a voz bíblica, milenar, ancestral, carrega em si uma condenação a Jerusalém e, por extensão aqui, uma advertência àquela que infringe a lei, ou seja, Dalva, a

distinto según si es presentado principalmente desde el punto de vista de la persona infiel, o del cónyuge traicionado, o del amante, u observado por una cuarta persona".

adúltera do romance. Por outro lado, com essa voz bíblica se identifica aquela sobre quem pesa o adultério, a “traída”, Mira, a vítima, a que figura na ponta do triângulo amoroso. Em Mira, portanto, existe a acolhida dessa voz, a voz da reprovação e da ameaça. Em Dalva, em contrapartida, a voz bíblica ganha um novo impacto, repercute e atua na consciência de um eu solicitado pelas volúpias e desassossego da paixão e, ao mesmo tempo, pela premência de uma escrita que pulsa, revela e emite sinais de alerta: *Ai de ti, Camburi!* Ai de todas vós! Ai de todas nós!

São “ais” que aparecem na voz bíblica do Antigo Testamento (Jeremias, 13: 27/ Ezequiel 16:23) e reaparecem no Novo Testamento, em Mateus e em Lucas. No primeiro, Jesus chama veementemente a atenção da cidade de Jerusalém em sua prática abusiva e desregrada dos costumes e, ao adverti-la, chora e profetiza o trágico fim que sobre se ela dará: “Depois Jesus começou a censurar as cidades [...] por terem recusado arrepender-se: “Ai de ti, Corozaim! Ai de ti, Betsaida! [...] Por isso te digo: no dia do juízo haverá menos rigor para Sodoma do que para ti!” (Mateus, 11: 20-24). Ainda em Mateus, Jesus, dirigindo-se à multidão, adverte: “Ai de vós, escribas e fariseus hipócritas” [...]”. Tal admoestação é longa e repetitiva (são oito interpelações), dando sequência a uma série de duras recriminações, até o lamento final, quase um soluçar: “Jerusalém, Jerusalém, que matas os profetas e apedrejas aqueles que te são enviados! Quantas vezes eu quis reunir teus filhos [...] e tu não quiseste! Pois bem, a vossa casa vos é deixada deserta” (Mateus, 23: 13-29).

Em Lucas a mesma reprimenda reaparece na voz do Mestre que chora sobre Jerusalém e, com suavidade e ternura, sofre por não poder alcançá-los e protegê-los: “Virão sobre ti dias, em que os teus inimigos te cercarão de trincheiras, te sitiarão e te apertarão de todos os lados; destruir-te-ão a ti e a teus filhos [...]” (Lucas, 19: 41-44).

Subjacentes ao logo do romance esses “ais” emergem, discretamente, à superfície textual como que a apontar para a gravidade de escolhas e vivências. Ai de ti, Jerusalém seria uma metáfora da condição humana, dividida entre os anseios do coração e os imperativos da razão, entre as volúpias da paixão amorosa e a urgência da escrita que se faz cada vez mais imperiosa?

Em três aparições apenas, essa voz, inicialmente discreta, silenciada, guarda toda sua potência nas cenas finais do romance. Assim, em seu sonho/pesadelo, Dalva e o amante Andrea, caminhando na orla de Camburi, são surpreendidos pela força impiedosa e cega da contingência:

Numa terceira cena, a água da praia recua mar adentro. Um vento feroz faz tremular o outdoor em que se lê, em itálico, ‘Ai, de ti’, com o número de um salmo em uma das extremidades. Em seguida, a placa é arrancada violentamente, voando sobre os carros que passam na avenida. O céu escurece muito rápido, e as marolas desenhavam no mar grandes quadrados. Não há mais dúvida, um tsunami se aproxima – ambos, silentes, sabíamos. E sabíamos também que não havia como, para onde ou por que correr. Não éramos Peri e Ceci. O desastre era iminente, viria súbito e tão avassalador que seria inútil investir as esperanças numa possível fuga (Delmaschio, 2024, p. 228).

Submersa pelos devaneios e expectativas amorosas, a voz recua e se cala ao longo dos desejosos deleites e eufóricos encontros. Permanece calada nos sintagmas da narratividade, contida, aprisionada nas barreiras do inconsciente, para irromper caudalosa e vertiginosamente nas cenas finais, deixando-se fluir em cascatas, alcançando confluências discursivas, desaguando e se fortalecendo numa vazão avassaladora. Na sua força simbólica, o discurso se liquefaz, realizando a profecia subjacente ao longo da narração (Ai de ti); um fluxo semântico põe-se em movimento, misturando-se a outros cursos discursivos, consolidando a convergência de um movimento intertextual. A descrição, elaborando-se em torno de uma área semântica, cujo léxico remete a uma realidade aquática, descreve a força avassaladora de um dilúvio:

Alguns instantes depois, a água tomava tudo de modo violento. Andrea e eu, porém, parecíamos misteriosamente além ou aquém da grande massa líquida, imunes a sua força. [...] Brutal na sua imensidão, a água tudo arrastava. Em segundos cobria a orla, a calçada, os prédios. Invadia a área do aeroporto, carregando carros e barcos e troncos (Delmaschio, 2024, p. 229).

No movimento metafórico do texto, águas se misturam, formando uma corrente poderosa em que instâncias discursivas se reconhecem mutuamente. Não é por acaso que esse movimento intertextual, veladamente presente ao longo do texto, irrompa nas cenas finais da obra, ou seja, um itinerário semântico, alicerçando-se ao fundo da superfície textual, une o título ao epílogo: um alerta inicial, local, o presente diegético (Ai de ti, Camburi) fincado na ancestralidade de um passado bíblico (Ai de ti, Jerusalém) dirigido para uma atemporalidade, isto é, um presente que se estende ao futuro (Ai de ti, Copacabana).

O romance de Delmaschio funciona, portanto, desde o título como um sinal de alerta voltado para a evanescência dos estados existenciais. Um título enigmático, denso de significações, recobrando silenciosamente os acontecimentos narrados; presente sem estar presente, percorre as linhas do não dito, inserindo-se veladamente dentro desse intertexto bíblico, o leve e rápido aceno (Ai de ti, Jerusalém), sutil trilha sonora, evocando o temerário e arenoso terreno sobre o qual caminham os amantes, ou seja, no título reside a força perceptiva de uma consciência de vigília, de sobreaviso. Assim, a narrativa prossegue o seu fluxo diegético, deixando vir à tona o movimento dessa consciência voltada para o papel autorreflexivo da escrita entregue a sua solitária singularidade em oposição ao deambular autômato, inconsciente dos passos existenciais:

[...] não há como negar, Vera, você plantou em mim o gérmen da ficção, esse vírus que faz parecerem bonitos uns fins de semana cheios de sol passados inteiros diante da tela de um computador, enquanto lá fora, cheirando a bronzeador, as pessoas passam freneticamente, de um lado para o outro da avenida, com suas cadeiras de praia, a caminho do mar. Ou talvez a escrita seja apenas uma substituta para a vida pulsante daqueles dias vividos com Andrea, que não voltam mais (Delmaschio, 2024, p. 79).

Não é raro que em sua linearidade diegética a narrativa deixe aflorar à superfície textual o papel dessa consciência reflexiva que aponta para os sabores e dissabores das aventuras amorosas. Uma visão, portanto, escatológica, sofisticadamente o ir vir das paixões, a natureza dos relacionamentos, em suas entregas e contradições sujeitas à maré baixa do cotidiano, ao desgaste, ao desapontamento, à submissão e a traições.

É preciso esperar o desfecho, o desenvolvimento do epílogo para que essa consciência contida nas margens da discursividade se imponha e se afirme com toda a sua força.

No título subjaz a força semântica que enquadra a narratividade conduzida na sutileza de uma construção enunciativa de capital interesse para o rendimento analítico da obra. O título guarda em si esse sentido encoberto que se deixa revelar numa reflexão mais apurada da organização enunciativa do texto. A unidade de sentido que se estabelece entre o título e o corpo do romance chama a atenção. Ao(À) leitor(a) é entregue uma personagem narrada por um eu narrador (Dalva), que se propõe contar a Vera (sua amiga, leitor(a) virtual, leitor(a) ideal?) os acontecimentos que a envolvem, ela própria, Dalva (eu narrado) em um relacionamento amoroso com Andrea, casado com Mira, firmando-se, assim, o triângulo amoroso.

Tomada pela paixão que se consuma à medida em que a narrativa avança, Dalva a essa paixão se entrega, com ela se compraz, nela consente permanecer. Enredada nas malhas da paixão, Dalva submerge nas brumas do inconsciente. Nela, todavia, pulsa, latente, a consciência cuja expansão alcança sua maior expressão na experiência escritural, ou seja, em Dalva narradora.

Ao(À) leitor(a) fica a tarefa de considerar a pertinência da relação que se estabelece entre o tempo do eu narrado — o tempo cronológico dentro do qual

evoluem Dalva e os demais personagens — e o tempo do eu narrador — que é o tempo psicológico, da consciência, da narração.

Colados um ao outro, amalgamados, eu narrado e eu narrador estão arrolados na travessia existencial; no eu narrador está a palavra, o olhar exercendo-se sobre o que está sendo vivido, enxergando no entorno a euforia das paixões, os desassossegos da entrega amorosa, seus deleites, suas perdições ... o desafeto, o desapontamento, a teimosa insistência! Um olhar refinado, atento às questões sociais, às ideologias vigentes, entre tantas, que se refere à condição feminina, aos problemas a ela inerentes e dela decorrentes, o machismo, as contradições, às formas de domínio daí advindas.

Na narradora, portanto, reside o olhar reflexivo espreitando o fora e o dentro de si, voltado para a escrita, que se elabora em forma contida, em apurado estilo, em significativas passagens, como as das páginas finais em que belas imagens apocalípticas apontam para a fragilidade escatológica das relações e pulsões humanas.

O eu narrado e o eu narrador constroem em Dalva essas duas faces do eu; no primeiro age aleatoriamente a contingência, no segundo, opera pontualmente a consciência. A experiência da paixão amorosa alimenta a paixão da escrita, ou seja, o romance de A. D. se constrói a partir desse eixo que vai da paixão amorosa à paixão da escrita. Na narradora está, por conseguinte, a consciência, a força da escritura, o pensamento crítico em face da liquidez existencial, diante desse silencioso ruir-se das paixões; no ato escritural está a palavra em sua dinâmica imparcial e reflexiva acompanhando o ir e vir dos desejos em sua real e cruel pulsão de vida e morte. E, à medida em que a narrativa avança, Dalva, personagem, vai se aproximando da Dalva narradora e, fazendo corpo com ela, alcança-a no olhar distanciado sobre os acontecimentos. A escrita aí acontece. Dalva, Andrea e Mira se liquefazem, transfigurando-se no fazer-se da escritura.

Migram de uma realidade para outra. Da vida para a arte. O romance, disso, dá testemunho. Vejamos o fragmento:

¿Son mis ojos los ojos del capitán?
Não, não são, são os olhos do capitão.
¿Quién es el capitán?
É papel, agora (Delmaschio, 2024, p. 233).

Andréia Delmaschio, deixando-se entrever nas entrelinhas de seu romance, aponta, na pele de sua personagem, para a reflexão acerca da autonomia da arte. Assim, Dalva, tornando-se autora nas cenas finais, em diálogo com Andrea, toca na questão da identidade da personagem criada, que, ao ganhar contornos próprios sob o prisma da criação, torna-se única, o que a distancia do modelo que lhe dera origem.

Sensível a alguns aspectos que nos parecem pertinentes no romance em questão, a presente leitura fixou-se em determinados ângulos de visão — temáticos, configurativos — suscetíveis de configurar uma abordagem reflexiva sobre o universo de uma autora que vem se beneficiando de uma considerável fortuna crítica.

Assim sendo, a atenção voltou-se para a reconfiguração da fábula, os elementos que a constituem, ou seja, a originalidade da recriação das personagens tradicionalmente representadas dentro do que se convencionou chamar triângulo amoroso, a refinada elaboração dos conflitos, apresentados em apurada linguagem.

A instigante construção enunciativa — elaborada em torno de um enunciador bipartido, um eu narrador/Dalva, um eu narrado/Dalva, personagem, e, igualmente, um tu receptor, a quem o eu narrador se dirige, Vera, silenciosa presença desdobrando-se, por extensão, na figura de um(a) leitor(a) ideal, suscetível de alcançar a narrativa em sua plasticidade e intensa produção de

sentidos, estimulando a curiosidade, oferecendo ao(à) leitor(a) reais distintos níveis de percepção.

O alcance simbólico do título abre espaços interpretativos e associações de sentido. A relevância dos nomes das personagens (e lugares) converge com as unidades de sentido disseminadas ao longo da obra.

Esses e outros enfoques, processos e recursos da narratividade imprimem voz nova ao assunto eleito, o que vem conferir ao romance de Andréia Delmaschio uma posição de destaque na renovação da temática do adultério.

Referências:

AZEVEDO, Sebastião Laércio de. *Dicionário de nomes de pessoas*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1993.

BÍBLIA Sagrada. Tradução do Centro Bíblico Católico. 62. ed. São Paulo: Ave Maria, 1971.

BORGES, Jorge Luis. Historia de los ecos de un nombre. In: _____. *Otras inquisiciones*. Recife: Epublibre, 2022.

CARVALHO, Raimundo. *Lira a vapor*: poesia reunida – 1983-2025. São Paulo: Imensa, 2025.

DELMASCHIO, Andréia. *Ai de ti, Camburi*. Vitória: Edufes, 2024.

DICIONÁRIO de nomes próprios. Disponível em: <<https://www.dicionario de nomes proprios.com.br/>>. Acesso em: abr. de 2026.

HIEMSTRA, Gabe. Significado do nome Dalva. In: _____. *Wisdom Library*, Netherlands, 2019-. Disponível em: <<https://www.wisdomlib.org/pt/names/dalva>>. Acesso em: abr. 2026.

KASSU, André. Rio que muda de lado. *Meio&Mensagem*, São Paulo, 25 nov. 2024. Disponível em: <<https://www.meioemensagem.com.br/opiniaio/rio-que-muda-de-lado>>. Acesso em: 01 jun. 2026.

LODGE, David. Los nombres. In: _____. *El arte de la ficción: con ejemplos de textos clásicos y modernos*. Traducción de Laura Freixas. Barcelona: Península, 1998.

MACHADO, José Pedro. *Dicionário onomástico etimológico da língua portuguesa*. 2. ed. Lisboa: Horizonte, 1993.

REMI JR., José Celso. Apresentação. In: DELMASCHIO, Andréia. *Ai de ti, Camburi*. Vitória: Edufes, 2024. p. 16.

REUTER, Yves. Os designantes da personagem. In: _____. *A análise da narrativa: o texto, a ficção e a narração*. Tradução de Mário Pontes. Rio de Janeiro: Difel, 2002.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de linguística geral*. São Paulo: Cultrix, 1977.

TIBÓN, Gutierre. *Diccionario etimológico comparado de nombres propios*. 4. ed. México: Fondo de Cultura Económica, 1994.

RESUMO: O triângulo amoroso, mote recorrente na literatura universal, é retomado por Andréia Delmaschio no romance aqui apresentado. A escolha da primeira pessoa do singular permite que a autora narre os acontecimentos do ponto de vista da mulher que vive o drama de ser "a outra" e reflete sobre o papel atribuído às mulheres pela sociedade patriarcal e sua reação frente a essa imposição. Exerce função essencial a seleção dos nomes próprios, que trazem à memória do(a) leitor(a) as características das personagens a cada menção feita. Sobressaem ainda as relações estabelecidas pela narradora entre o título da obra e as passagens bíblicas nas quais Jerusalém é acusada por seus impulsos e desejos profanos e condenáveis e remetem às experiências vividas pelas personagens. O título, em seu alcance simbólico e em sua linha metafórica vinculada a um contexto de exortação bíblica atemporal, atua como sinal de alerta dentro e fora do espaço textual. A interlocução é feita com a teoria de Jorge Luis Borges (2022), David Lodge (1998), José Pedro Machado (1993), Yves Reuter (2002), Gutierre Tibón (1994), além da Bíblia Sagrada (1971, dicionários e sites online.

PALAVRAS-CHAVE: Narrativa brasileira contemporânea – Espírito Santo. Andréia Delmaschio – *Ai de ti, Camburi*. Triângulo amoroso – Tema literário. Adultério – Tema literário. Narrativa – Nomes próprios.

ABSTRACT: The love triangle, a recurring theme in the world literature, is retrieved by Andréia Delmaschio in the novel presented here. The choice of the first person singular allows the author to narrate events from the point of view of the woman who feels the drama of being "the other", reflects upon the role attributed to women by the patriarchal society, and also about her own reaction facing that imposition. The selection of proper names plays an essential function in the text, bringing back to the reader's memory the characteristics of each character every time he or she is mentioned. Also standing out are the

relations established by the narrator between the title of the book and the biblical references in which Jerusalem is accused for its profane impulses and reproachful desires, which allude to the experiences lived by the characters. The book title, both in its symbolic reach and its metaphoric line attached to a context of biblical exhortation, functions as an alert signal both within and outside the textual space. Interlocution is sought with theories by Jorge Luis Borges (2022), David Lodge (1998), José Pedro Machado (1993), Yves Reuter (2002) and Gutierre Tibón (1994), besides the Bible (1971), dictionaries and sites online.

KEYWORDS: Contemporary Brazilian Narrative. Espírito Santo. Andréia Delmaschio – *Ai de ti, Camburi*. Love Triangle – Literary Theme. Adultery – Literary Theme. Narrative – Proper names.

Recebido em: 1 de junho de 2026
Aprovado em: 3 de junho de 2026

